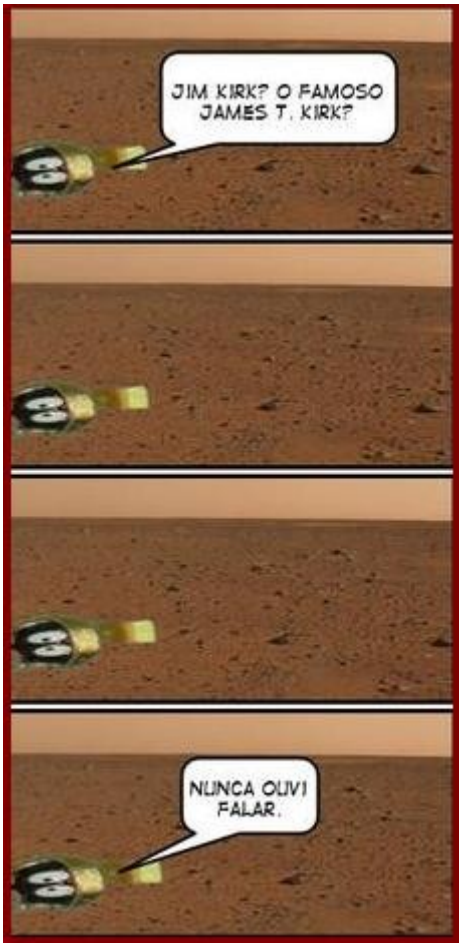

JORNADA NAS ESTRELAS
MULTIVERSO
CARLOS BITTENCOURT


JIM KIRK? O FAMOSO JAMES T. KIRK?
NUNCA OUVI FALAR.

Livro Um: Deus ex machina

http://jornadanasestrelasmultiverso.wordpress.com/

Livro Dois: Ariadne

http://jornadanasestrelasmultiverso2.wordpress.com/

Livro Três: O Senhor do Caos

http://jornadanasestrelasmultiverso3.wordpress.com/

2.5 BRASIL

ATRIBUIÇÃO
USO NÃO-COMERCIAL
VEDADA A CRIAÇÃO DE OBRAS DERIVADAS

JORNADA NAS ESTRELAS
MULTIVERSO



LIVRO UM

DEUS EX MACHINA

CARLOS BITTENCOURT



À beira da eternidade
O ardil da memória
Pausa para quatro estações
Tribble Wars
O que dizem as rochas
Sobre homens e macacos
O inferno da ficção – Parte um
O inferno da ficção – Parte dois
Cemitério às escuras
Na barriga do monstro
O fator Ed Wood
A terra de todas as possibilidades

“O herói ávido por vida pode resistir à morte, e adiar seu destino por um certo período de tempo.”

– Joseph Campbell – O herói de mil faces

À beira da eternidade

Provavelmente, ele não está mais vivo.
Ciente disso, Kirk caminha sob o sol forte do deserto - seguindo para lugar algum, esperando encontrar nada além de sua própria desolação. *Então, assim os fantasmas existem*, ele pondera – *como idéias soltas no vácuo; como sonhos que se perderam de seus sonhadores*.
Solitário, suas memórias buscam a companhia de outros fantasmas – mas mesmo isso não basta. Ele sabe que seus amigos jamais se farão presentes novamente. Ele sabe que seu filho, David, continuará morto.
E ele sabe que a mulher que mais amou faz parte de um tempo inalcançável.
Súbito, uma nota dissonante percorre o deserto – e Kirk não se acha mais sozinho.
- Por que se importa? – ele pergunta. A resposta invade sua mente como um raio iluminando o céu negro:
PORQUE ENTENDO SUA DOR.

1

Quando Jim Kirk olha para a tela à sua frente, não consegue definir o que é a coisa eclipsando as estrelas. Ele se levanta da cadeira no centro da ponte de comando e anda até o console do piloto, tentando não parecer confuso aos olhos de sua tripulação. Sulu, em silêncio, fita o jovem comandante, depois se volta para a colossal estrutura que surgiu do nada à frente da nave.
- Análise, Spock.
O alienígena ergue uma das sobrancelhas ao olhar para seus monitores. Ele

está tão espantado quanto pode se permitir um vulcano.
- Não há como definir o que estamos vendo, capitão. Posso afirmar apenas que a coisa não faz parte, inteiramente, deste momento. Não está apenas no tempo atual. Aparentemente, trata-se de uma máquina com tecnologia tão avançada que mal podemos conceber sua existência.
Kirk está tentando assimilar as palavras do oficial de ciências quando Uhura interrompe seus pensamentos:
- Estão enviando uma mensagem para nós, senhor. O tradutor universal ainda não conseguiu... Meu Deus...
Todos na ponte se voltam para a oficial de comunicações – com exceção de Spock, que já se inteira da mensagem enviada. A mulher continua em silêncio, observando a estrutura.
- O que foi? O que dizia a mensagem?
Uhura olha para seu capitão e sorri como se tudo já fosse suficientemente claro. Como não consegue transformar em palavras a descoberta, Spock vem em seu auxílio com um quase sussurro – mas que é captado por todos na ponte:
- A coisa é... ou acredita que é Deus.

2

Encontrar Deus em seu primeiro ano como capitão? Nada mau, pensa Kirk. Obviamente, ele sabe, a coisa não é Deus. Mas se Ele possuísse uma forma, alguma representação física no universo, provavelmente não seria muito diferente do que está diante deles.
- Então, o “Criador” acaba de nos enviar uma mensagem. Spock...
- Meus instrumentos são incapazes de fazer uma análise acurada do fenômeno, senhor. De qualquer forma, creio que é melhor estabelecermos alguma comunicação com a coisa, antes que ela nos tome por insetos e simplesmente se livre de nós.

- Como fazemos com as moscas.

- Exato.

Kirk olha para Uhura. Ela já recobrou sua postura profissional, e nenhum sinal do deslumbramento recente está em seu rosto.

- Muito bem, Tenente. Abra um canal.

A oficial desliza os dedos sobre seu console e se volta para Kirk, confirmando o sinal.

- Aqui é James T. Kirk, capitão da USS Enterprise. Somos da Federação Unida de Planetas, e nossa missão é pacífica. Por favor, identifique-se.

O gigantesco objeto, que na maior parte do tempo se limita a moldar a própria superfície em uma esfera, agora adquire gradualmente a forma de uma pirâmide. Subitamente, a estrutura inteira parece desaparecer, mas surge outra vez, um brilho intenso percorrendo a infinidade de artérias metálicas que se entrelaçam sobre seu vasto corpo. Então, um imperceptível pensamento-sonda, que não dura mais do que um milionésimo de segundo, percorre as mentes de todos os tripulantes da Enterprise. Se alguém pudesse convertê-lo em linguagem humanamente inteligível, subtraindo um complexo sistema de estruturas totalmente incognoscíveis, sua tradução mais próxima seria: “Mensagem via subespaço ineficaz. Alternativas em acordo com o contexto: polivocalização de signos explicativos ou transferência extra-sensorial fono-imagética. Objeções à primeira alternativa – nenhuma objeção. Objeções à segunda alternativa – diferentes níveis de desenvolvimento extra-sensório das unidades envolvidas”.

Assim, uma decisão é tomada – e um trovão explode dentro da nave estelar:

KIRK, O JOVEM CAPITÃO DA ENTERPRISE. VOCÊ, QUE NO MOMENTO OPORTUNO, TESTEMUNHARÁ MEU NASCIMENTO.

Todos na ponte se voltam para o capitão, seus olhares admirados ou confusos.

- Você me conhece? Quem é você?

O QUE SOU SE DEFINE PELA EXTENSÃO INFINITA DE MINHAS

POSSIBILIDADES.
EU NÃO SOU O DEUS LIMITADO PELAS CONVENÇÕES DE SUAS CULTURAS.
EU SOU MAIOR.
De repente, Spock emite um grito abafado, então desaba no chão. Kirk corre para ajudá-lo, apoiando a cabeça do vulcano em seus braços.
- Sulu, chame McCoy!
Enquanto o piloto entra em contato com o médico pelo intercom, Kirk se volta para a tela. A estrutura adquiriu o aspecto de uma estrela-do-mar, flutuando graciosamente no espaço. O brilho na superfície agora se concentra em seu centro, como se a coisa tivesse aprisionado um sol em seu interior. O capitão da Enterprise não se intimida:
- O que pensa que está fazendo? O que aconteceu com Spock?
ELE PRESSENTIU QUE MINHA MENTE ENVOLVE TODA A SUA NAVE E TENTOU UM CONTATO TELEPÁTICO RUDIMENTAR, ABSORVENDO UMA PARCELA ÍNFIMA DO CONHECIMENTO QUE CARREGO. EM SEU FUTURO, ELE TENTARÁ NOVAMENTE, COM RESULTADOS SEMELHANTES. AGORA, ENTRETANTO, ISSO NÃO IMPORTA.
VOCÊ DEVE VIR COMIGO, JAMES KIRK.

3

Spock abre os olhos e contempla a face preocupada do oficial médico-chefe da Enterprise. Ele se sente exaurido, como se acabasse de passar os últimos dias submerso num oceano de informação pura, constituído por miríades de imagens caóticas e uma infinidade de símbolos indecifráveis. Não deveria ter tentado uma aproximação telepática com um ser daquela magnitude... um ser de poder praticamente absoluto.
- Quanto... tempo?
- Ficou desacordado por mais de duas horas, sr. Spock.

Embora tivesse sido apresentado a McCoy há pouco mais de seis meses, Spock tem agora a sensação de que conhece o médico há anos. Talvez o contato com a coisa tenha fornecido a ele dados de sua própria experiência vindoura. Como ele havia concluído, o objeto não faz parte apenas do presente, mas parece oscilar entre passado e futuro. Ao acessar aquilo que supostamente é a alma da estrutura, ele também alcançou a memória construída com todos os instantes da existência: pois ali, retidas na mente oceânica, singram lembranças que a própria realidade possui de si mesma... Como não fosse possível a uma pessoa adentrar as reminiscências de todo o universo, de todos os passados possíveis e de todos os futuros, plausíveis ou não, Spock reconheceu apenas alguns diminutos momentos na trama do tempo nos quais ele está presente.

- O katra... você...

McCoy chega mais perto para ouvir suas palavras, mas é inútil. O vulcano está fraco demais para falar com alguma coerência – e acaba sucumbindo mais uma vez às trevas. Sem mais o que fazer, o médico se dirige ao intercom da enfermaria e informa a Scotty o estado de Spock.

- Entendido, doutor. Deixe-o dormir o tempo que for necessário. Por enquanto, as coisas estão sob controle.

- Sob controle? Pelo amor de Deus, Scotty! O capitão desapareceu e Spock foi posto a nocaute!

- Dr. McCoy, vamos colocar da seguinte maneira: as coisas não podem ficar piores do que já estão. Agora, vamos manter a calma, por favor. Irritado, o engenheiro-chefe da Enterprise desliga o intercom na cadeira do capitão e fita mais uma vez a tela à sua frente: apenas as estrelas e o vazio sem respostas. Ele não gosta de ficar esperando, mas o que mais pode fazer? Não há nenhuma pista, nada: o homem simplesmente sumiu, depois o objeto também se foi. De acordo com os tripulantes na ponte, Kirk ainda perguntou por que um deus precisaria dele, mas não houve resposta: o capitão oscilou como se fosse uma projeção holográfica defeituosa e

desapareceu. Agora, quase três horas se passaram e eles continuam ali, parados no mesmo lugar. Esperando.

4

A Enterprise ficou para trás. O sistema solar em que a nave se encontra também desapareceu. Mesmo o quadrante alfa se tornou um pequeno aglomerado incandescente de luz estelar. Em instantes, a própria galáxia iria se tornar aos olhos de Kirk uma acanhada nuvem brilhante, perdida na vastidão negra do universo.

Ele não está realmente vendo isso, mas as imagens da jornada estão sendo transmitidas à sua mente pela coisa. Atravessando o infinito nos braços de um deus, Kirk observa boquiaberto as estrelas de galáxias próximas se transformarem em rastros vermelhos à medida que se afastam delas.

ABRA OS OLHOS, JAMES KIRK.

Ele assim o faz, mas não há nada, apenas escuridão. Seus braços e pernas estão imobilizados, como se estivessem enraizados no chão. Ele tenta se erguer, mas é como se um mundo inteiro estivesse sobre seu corpo. Kirk grita, mas não há ninguém para ajudá-lo. Todos se foram e o deixaram ali, naquela noite sem fim, naquele silêncio absoluto.

KIRK ESTÁ MORTO.

- Não. Não é verdade.

ELE ESTAVA SOZINHO. LONGE DOS AMIGOS E DE TODAS AS PESSOAS QUE O AMARAM. LONGE DE SUA NAVE E DOS ANOS DE GLÓRIA. O FIM DE UM HERÓI QUE SOFREU A DOR DE SOBREVIVER AO SEU TEMPO.

- Eu não... serei... derrotado...

NÃO SE TRATA DE GANHAR OU PERDER, MAS DE QUEM VOCÊ É.

- Eu não serei... derrotado!

Com todas as forças, Kirk consegue romper a barreira que o separa da liberdade. A luz fraca do sol poente o alcança, enquanto seus braços se

movem freneticamente, empurrando o que ele percebe serem rochas. Quando se ergue, desfazendo com fúria o que ainda resta do túmulo improvisado, Kirk grita para o mundo – sua ira ecoando inútil no deserto sem fronteiras, assombrando seus penhascos e abismos.

MUITO BEM, CAPITÃO DA ENTERPRISE. VOCÊ ALCANÇOU SEU DESTINO. E AGORA JÁ COMPREENDE A DESOLAÇÃO QUE O AGUARDA.

Confuso, o jovem olha para os lados, procurando por seu interlocutor. No entanto, há apenas a voz de trovão, agora acompanhada pela inflexível imagem mental de uma circunferência.

- Do que está falando? Onde estou?

UM MUNDO DISTANTE. UM MUNDO ESTÉRIL, HABITADO POR UM ÚNICO FANTASMA.

- Não acredito em fantasmas.

MAS DEVERIA. VEJA POR SI MESMO.

Não muito longe, um homem de seus sessenta anos está sentado, aparentemente alheio à sua presença. Kirk chega um pouco mais perto, então se detém, assustado.

- Sou eu... mais velho... Como isso é possível?

O UNIVERSO NÃO SE LIMITA À SUA PERCEPÇÃO OU AOS SEUS PRECONCEITOS. VOCÊ ACREDITA QUE ATRAVESSAMOS O ESPAÇO PARA CHEGARMOS ATÉ AQUI. VOCÊ ACREDITA QUE FORAM GALÁXIAS QUE DEIXAMOS PARA TRÁS EM NOSSA LONGA TRAVESSIA. MAS NÓS VIAJAMOS ATRAVÉS DE SUA ALMA, JAMES KIRK.

Kirk olha para as mãos como se pudesse ver estrelas brilhando na superfície de sua pele. Como se pudesse ver a eternidade pulsando em suas veias.

- As galáxias...

VOCÊ VIU ALGUNS DOS FRAGMENTOS QUE, DO SEU PONTO DE VISTA, REPRESENTAM O MOMENTO ATUAL DE SUA ALMA. NÓS SIMPLESMENTE AVANÇAMOS EM DIREÇÃO AO SEU FUTURO.

- Meu futuro... O que aconteceu comigo?

SUAS ESCOLHAS ESCREVERAM SUA HISTÓRIA. MAS AINDA HÁ OUTRAS POSSIBILIDADES – E NOVAS ESCOLHAS PODERÃO SER FEITAS.

A circunferência bruxuleia na mente de Kirk e desaparece. Então, o fantasma se levanta e começa a caminhar em sua direção sob o céu cada vez mais escuro.

A noite não tardará a chegar.

5

O velho se aproxima com vagar, uma sombra se equilibrando no crepúsculo. O jovem permanece imóvel, um vulto à beira dos limites da própria sanidade. Aqui, nestas paisagens alienígenas, nas horas imprecisas que jazem além do agora, a presença de ambos é inconcebível – mas também é inegável.

Num gesto brusco, o fantasma aponta para a imensidão do deserto:

- Contente com o que vê? Porque é tudo o que restará quando sua jornada terminar.

- Então... minha vida não valeu a pena?

- Acho que sim, de modo geral... Mas não é agradável estar aqui, sabe?

- As pessoas morrem...

O fantasma abre um grande sorriso. As primeiras estrelas se acendem no céu.

- É claro que as pessoas morrem. Claro que sim. Mas não se esqueça de que eu o conheço muito bem: no fundo, você acredita que é eterno. Você ainda espera que eu não passe de delírio ou sonho.

O jovem se sente irritado. É como estar na frente de um espelho, do qual não se pode esconder nada.

- Bom, o que quer que eu diga? Queria mesmo que isso fosse um pesadelo... Esperava mais de mim! Como acha que me sinto sabendo que vou terminar

assombrando um pedaço de rocha no espaço? Além do mais, ninguém deveria saber de antemão determinadas coisas...

- Você não entende. Acho que V'ger não explicou nada direito.

- V'ger? A criatura que me trouxe aqui?

- Ele prefere que eu não o chame assim, mas é uma questão de hábito...

- Ele disse algo estranho sobre outras possibilidades. Eu não vejo como.

O silêncio que se segue causa desconforto em ambos. O fantasma de Kirk não sabe exatamente por onde começar, e o rapaz não tem nenhuma idéia do que virá a seguir. Por fim, as palavras reconquistam seu espaço:

- Você sabe, nós conhecemos muita gente em nosso ramo de atividade... Aqui e ali, nos deparamos com civilizações desconcertantes do nosso ponto de vista – e com situações que estão fora de todos os parâmetros conhecidos. Mas somos preparados para enfrentar essas coisas. Somos treinados para lidar com o inesperado. Às vezes, no entanto, nos defrontamos com algo tão inacreditável, que acabamos por mudar a concepção de nosso lugar no universo.

- Está falando de uma ameaça à Federação?

O fantasma olha para o céu estrelado e se lembra do dia em que precisou fazer a escolha mais difícil de sua vida – o dia em que deixou Edith Keeler morrer para salvar o futuro. Ainda há esperança? Ele acha que sim.

- Estou falando de um mundo que você ainda não visitou. Estou falando de amor.

6

Quando Spock desperta em definitivo, Kirk está sentado ao seu lado, os olhos preocupados voltados em sua direção. Não há mais ninguém na enfermaria.

- O senhor está de volta.

- Como sabe que estive fora?

- A coisa... me disse algo a respeito quando toquei sua mente. James Kirk se levanta e fica olhando para os indicadores coloridos que pulsam sobre a cabeça de Spock.

- McCoy disse que você estará totalmente recuperado amanhã.

- Capitão... o que aconteceu?

Kirk olha para o vulcano. Ele se sente triste e impotente – como se tivessem arrancado um pedaço importante de sua vida. Um pedaço de sua alma.

- Eu não consigo me lembrar.

- A criatura...

- Não há mais sinal dela. A coisa me trouxe de volta depois de quase quatro horas e simplesmente não apareceu mais.

- Quatro horas. E por quanto tempo estive dormindo?

- Sete horas, Spock. Acho que devemos ter uma conversa sobre tentativas de contato telepático sem aviso prévio.

- Sinto muito, senhor. Posso garantir que não ocorrerá novamente. Kirk sorri, então olha para as próprias mãos. Havia algo ali, mas ele não consegue se lembrar...

Estrelas?

- Você se recorda de algo? Algum resquício, alguma imagem que tenha conseguido reter após seu contato com a coisa?

Spock força a memória durante alguns instantes, mas não consegue nada. É como estar em meio a um turbilhão de imagens desconexas que se transformam em fumaça assim que se tenta fixá-las.

- É inútil.

- Bem, Spock, acho que teremos de dar o caso por encerrado.

Kirk já se encontra na porta da enfermaria quando McCoy chega. O médico está irritado, como de costume:

- Jim, eu insisto: gostaria de fazer alguns testes para me certificar de que está tudo bem.

O comandante da Enterprise se esquiva com um sorriso pouco convincente:

- Está tudo em ordem, Magro – a não ser pelo fato de que parte de minha memória está perdida na escuridão.

7

Abandonando a configuração psicodimensional e assumindo a forma humana de Willian Decker – o humano que se sacrificou para lhe dar uma alma – V'ger se aproxima do fantasma de Kirk.
- Ele não vai se recordar de nada do que ocorreu aqui? – Kirk explora as próprias lembranças e já sabe a resposta de V'ger.
NÃO – COMO ELE EXIGIU.
- Pensei... pensei que ele poderia desistir de tudo para ficar com Edith. Eu estava enganado.
VOCÊ ESTAVA ENGANADO A RESPEITO DE SI MESMO.
- Acho que sim.
VOCÊ OFERECEU AO JOVEM TODAS AS INFORMAÇÕES DE QUE ELE PRECISAVA: A HISTÓRIA DE EDITH KEELER; O PLANO PARA MANTÊ-LA VIVA E AINDA ASSIM EVITAR QUE A HISTÓRIA SE ALTERASSE.
- Mas ele preferiu deixar tudo como está. Mesmo sabendo que perderia sua única chance de amar alguém.
ELE ESCOLHEU O CAMINHO DO HERÓI - MAS ISSO NÃO IMPEDIRIA QUE, NO FUTURO, O HOMEM VIESSE A SE QUESTIONAR. VOCÊ PRECISAVA NOVAMENTE ENTENDER QUE JIM KIRK NÃO NASCEU PARA DANÇAR AO SOM DE FLAUTAS...
- ... mas para marchar ao rufar de tambores. Eu já disse isso uma vez. – O fantasma encolhe os ombros, dando-se por vencido – Acho que já passou da hora de aceitar o fardo de minhas escolhas. E, de qualquer forma, os únicos paraísos que existem são aqueles que foram perdidos...
V'ger sorri com os lábios de Decker e cria uma esfera tênue de luz ao redor de ambos.

SUAS ESCOLHAS FORAM NOBRES – E NÃO SIGNIFICAM SUA CONDENAÇÃO. HÁ MUITO DE DECKER EM MIM – E ELE SE IMPORTAVA COM VOCÊ.

A princípio, o fantasma fica em silêncio, permitindo que as palavras de V'ger dancem em sua mente. Então, seus olhos brilham:

- Há algo além desta noite?

UMA NOVA ALVORADA, COM CERTEZA – MAS NÃO AQUI. HÁ OUTROS MUNDOS... E REALIDADES QUE VOCÊ MAL PODE CONCEBER.

Assim, embora James Kirk não perceba imediatamente, eles se afastam da escuridão e entram nos insólitos corredores que trespassam o multiverso...

O ardil da memória

Obviamente, ele não era um fantasma.

- Então, o que eu sou? – A pergunta soava de forma um tanto quanto estranha, mas era a pergunta certa.

A circunferência que representava V'ger surgiu na mente de James T. Kirk. VOCÊ É O SEGUNDO. O NEXUS O CRIOU QUANDO O PRIMEIRO PARTIU.

- O Nexus me criou. Por quê?

TUDO O QUE A FAIXA DE ENERGIA CONSEGUE CAPTURAR É ARMAZENADO NA DIMENSÃO DO NEXUS – NÃO APENAS O OBJETO EM SI, MAS A MIRÍADE DE SIGNIFICADOS E POSSIBILIDADES QUE ELE CARREGA. SE O NEXUS PERDE O OBJETO, ELE CRIA AUTOMATICAMENTE UM SUBSTITUTO A PARTIR DA ESSÊNCIA REGISTRADA: UM ECO DO ELEMENTO PERDIDO, IDÊNTICO EM TUDO AO ORIGINAL, QUE TOMARÁ SEU LUGAR NA ESTRUTURA.

- Então, quando eu também saí, outro eco foi criado?

NÃO HAVERÁ OUTRO KIRK. O NEXUS EMPREENDE APENAS MAIS UMA TENTATIVA APÓS O DESAPARECIMENTO DO OBJETO ORIGINAL.

- Parece que há uma intenção por trás disso.

HÁ UMA INTENÇÃO POR TRÁS DE TUDO.

Kirk ficou em silêncio durante um tempo. Estava confuso – o que era de se esperar, levando-se em conta que acabara de descobrir que ele não era exatamente o mesmo Kirk de antes.

No espelho, o reflexo diria que ele era Kirk. Em sua mente, as memórias diziam que ele era Kirk. O mesmo de sempre – mas com uma perturbadora diferença em relação ao original: ele estava vivo há menos de uma semana.

- Quando deixei o Nexus, eu não sabia para onde ir. Naquele momento, tudo

o que importava era sair daquele mundo de fantasia. Eu me lembrava das palavras de Picard.

O NEXUS RESOLVEU O PROBLEMA CONDUZINDO-O AO MESMO DESTINO DO PRIMEIRO.

- Eu... me sentia perdido. Todas as memórias do original eram minhas – incluindo o momento de sua morte. Foi por isso que comecei a achar que era um fantasma.

INEVITÁVEL. LEVE EM CONTA A TENDÊNCIA DOS HUMANOS EM ESTABELECER EXPLICAÇÕES SOBRENATURAIS QUANDO OS FATOS NÃO FORNECEM PISTAS SOBRE A VERDADE.

- Mas você... você sabia.

LOGICAMENTE. E FOI MELHOR QUE VOCÊ E O JOVEM KIRK CONTINUASSEM AGINDO CONFORME OS TERMOS DE SUA CRENÇA. EXPLICAR A NATUREZA DO NEXUS NAQUELE MOMENTO SERIA DESNECESSÁRIO – E NÃO TRARIA NENHUM BENEFÍCIO A AMBOS.

O capitão aquiesceu.

- Bom... você também já sabia qual seria a resposta daquele Kirk do passado. Não havia risco de uma interferência tão leviana no que já havia sido estabelecido.

DE FATO. MAS SEU PLANO TAMBÉM SERIA INVIÁVEL. EDITH KEELER REPRESENTA UM PONTO DELICADO NA TRAMA DA HISTÓRIA – E SUA MORTE NÃO PODERIA SER EVITADA SEM CONSEQÜÊNCIAS GRAVES.

A circunferência girou durante alguns instantes na mente de Kirk, como se tentasse encontrar uma determinada posição – como se procurasse a sintonia correta.

- Para onde estamos indo, V'ger?

O PRIMEIRO UNIVERSO ALTERNATIVO DE SUA JORNADA. UM LUGAR EM QUE MUITOS PRECISAM DE SEU AUXÍLIO.

- Meu auxílio? E você? Pelo que sei, não há nada que não possa fazer.

NÃO IREI INTERFERIR DIRETAMENTE, MESMO QUE SUA VIDA ESTEJA

EM PERIGO. SEREI APENAS SEU MEIO DE TRANSPORTE ENTRE UNIVERSOS.

- Mas você já interferiu, não foi? Se não fosse por você, talvez eu ainda estivesse assombrando Veridian III.

ISSO FOI UM FATO PRÉ-ESTABELECIDO, A DESPEITO DAS MOTIVAÇÕES DE MEU LADO HUMANO.

Kirk cruzou os braços. Estava começando a se irritar.

- Então, foi escrito em algum lugar que nós estaríamos, aqui e agora, tendo esta conversa.

“AQUI E AGORA”? DEIXE DE LADO OS VELHOS HÁBITOS, CAPITÃO.

A imagem mental da circunferência desapareceu – mas Kirk poderia jurar que um sorriso (ou a idéia de um sorriso) havia persistido por mais alguns instantes, pouco após a figura se dissolver.

1

Diário de bordo, data estelar... desconhecida. Utilizaremos a referência cronológica de nosso continuum espaço-tempo: 45248.2.

Capitão Riker falando. Já se passaram quatro dias desde que a Enterprise foi atingida pelo feixe quântico da entidade cósmica conhecida como Galactus.

Não sabemos para onde a Enterprise foi arremessada: qual período de tempo, qual região do espaço. Não sabemos nem mesmo se estamos em nosso próprio universo. O engenheiro-chefe LaForge e o comandante Data estão tentando reproduzir o feixe – similar à onda de tempo não-linear deflagrada há alguns anos pelo Dr. Manheim – na engenharia, mas é improvável que consigam.

Diário de bordo, data de referência 45286.7.

Duas semanas presos em lugar algum. Duas semanas de tentativas fracassadas para dar o fora daqui. Se eu pudesse voltar no tempo (e não seria a primeira vez), eu me impediria de entrar em contato com Galactus. Apenas enviamos um “oi” via subespaço – e a entidade nos deu sua versão para "Não me incomodem".
Bom, nós entendemos o recado.

Diário de bordo, data de referência 45293.1.

Para nossa surpresa, fomos encontrados por uma nave de outro universo chamada Ariadne. Seu capitão, uma versão alternativa de Benjamin Sisko, nos disse que estão tendo bastante trabalho desde que a onda de tempo não-linear foi iniciada em nosso plano. Várias outras realidades foram afetadas, incluindo a única em que a Federação domina plenamente a tecnologia de viagem interdimensional – de onde vem, naturalmente, a Ariadne. Segundo Sisko 27 (como a viagem através de planos paralelos é fato corriqueiro em seu universo, os militares de lá adotaram o exótico costume de empregar números em seus nomes – de acordo com a quantidade de versões encontradas de si mesmo no multiverso), muitas foram as naves extraviadas em diversas paralelas, além de planetas inteiros, arrancados de suas “órbitas existenciais padrão”.
Felizmente, agora estamos voltando para casa, e nosso universo está sendo, por assim dizer, remendado, impedindo que a onda continue avançando por outras dimensões e em nossa própria.

Missão cumprida, enfim: a Ariadne agora atravessava um dos corredores de ligação entre os universos, voltando ao seu plano de origem.

Sisko 27 olhou para o velho vulcano, seu oficial de ciências desde que assumira o comando da nave, há pouco mais de um ano. Impassível, Spock 135 devolveu o olhar.

- O que teria acontecido com o Picard dessa última paralela? Suas outras versões são os capitães da maioria das Enterprises D existentes no multiverso.

- Nossas documentações acerca do universo 103 eram, até o momento, extremamente superficiais. Tendo isso em vista, e visando a retificação de tal falha, acessei remotamente o computador da Enterprise. Sem que sua tripulação se desse conta, claro.

- Claro – sorriu Sisko.

- Entre outros dados, encontrei a referência de que Jean-Luc Picard se tornou almirante logo após deixar o comando da Stargazer. Ele foi morto pelos borgs na batalha de Wolf 359, a bordo da USS Paris.

Uma sombra percorreu o rosto de Spock, e Sisko percebeu.

- E quem os borgs usaram como Locutus nessa realidade?

Spock ergueu uma sobrancelha.

- Eu. Quero dizer, uma de minhas versões.

- O senhor?

Todos na ponte se voltaram para o vulcano.

- É a primeira vez que me deparo com tal fato... mas foi uma escolha lógica, capitão. Inusitada, mas lógica. Meus conhecimentos e habilidades se revelaram letais.

- Os conhecimentos e habilidades do Spock da paralela 103, o senhor quer dizer.

- Sim. Mas, muito provavelmente, similares aos meus. O fato é que os borgs

dessa realidade assimilaram ou mataram um terço da população terrestre antes de seguir para outros mundos da Federação.

- Minha nossa... E como conseguiram detê-los? – perguntou Tasha Yar 5, a chefe de segurança da nave.

- Um ator inesperado entrou em cena, tenente Yar. Você já deve ter ouvido falar no nome dele: James T. Kirk.

Sisko arregalou os olhos.

- James Kirk enfrentou Spock e os borgs?

- O interessante é que o Kirk desse universo morrera há muitos anos, impedindo que o presidente de sua Federação fosse assassinado – no evento que, em muitas paralelas, é conhecido como Terra Desconhecida.

- O primeiro tratado de paz com os klingons – completou Sisko – Mas, então, quem lutou contra os borgs? Um clone?

- Dados insuficientes. De qualquer forma, quando tudo parecia perdido, ele apareceu do nada, assumiu a última nave disponível e foi ao encontro do cubo borg.

- Apenas uma nave da Frota? E a Enterprise que acabamos de resgatar?

- Ela foi severamente castigada quando os borgs a abordaram para levar o embaixador Spock. Ficou à deriva no espaço durante as cinco semanas da crise, apenas com energia suficiente para suporte de vida e manutenção de gravidade.

- Mas como ele derrotou a nave borg se ela já havia destruído, certamente, mais de...

- Tenho os números aqui, capitão: além de trezentas e dezenove naves da Federação, foram perdidas mais de seiscentas naves aliadas: cento e noventa e quatro naves romulanas, duzentas e vinte e seis naves klingons, quarenta e sete naves tholianas, cinqüenta e...

- Muito bem, sr. Spock – interrompeu Sisko – Conte-nos o que sabe.

Milhares de vozes ecoaram em uníssono na ponte da Yorktown. Era como ouvir um coral de cadáveres.

- Nós Somos Borg. Resistir É Inútil.

James Kirk olhou para o enorme cubo na tela. Nas últimas semanas, aquilo transformara em borg mais de quinhentos milhões de seres humanos.

Quinhentos milhões – mas isso seria corrigido. Ainda havia vida, então eles encontrariam uma maneira de reverter o processo. Todos voltariam às suas vidas anteriores – e o pesadelo hediondo de agora seria apenas uma pequena sombra em suas lembranças.

Nas últimas semanas, aquilo também já matara três bilhões de pessoas. Isso não poderia ser desfeito. Não havia retorno, não havia mais nada. Para três bilhões de crianças, mulheres e homens, o pesadelo foi o ponto final de suas vidas.

Kirk cerrou os punhos.

Concentre-se no que pode ser corrigido.

Concentre-se em derrubar o inimigo.

O inimigo contava com Spock. Era uma vantagem – mas não para os borgs. Ele conhecia seu oponente. De acordo com o que estudou e aprendeu nos últimos dias, este era um universo bastante semelhante ao seu – portanto, uma estratégia foi elaborada em sua mente a partir desse conhecimento.

Claro, a Yorktown não era a Enterprise – mas iria servir.

- Abaixem Os Escudos De Sua Nave Para Que Possamos Iniciar A Assimilação De Carne E Teconlogia.

Diabos, ela precisa servir...

- Srta. Denise, abra um canal.

A oficial de comunicações, uma jovem de no máximo 25 anos, passou os dedos sobre os controles de um painel. Ela não conseguia parar de tremer.

- Aqui é o capitão James T. Kirk, da nave estelar USS Yorktown. Rendam-se

agora... ou serão destruídos.

Uma risada nervosa foi ouvida na ponte. Garthoz, o telarita encarregado do posto tático, engoliu em seco e se engasgou com o próprio susto. O piloto da nave, um andoriano baixinho e sério chamado Toyr Mod, olhou para Kirk como se estivesse assistindo a um documentário sobre girafas listradas que ganham a vida jogando pôquer. E Denise finalmente parou de tremer. Ela agora estava muito ocupada, desmaiando.

Também na nave borg, as palavras de Kirk pareciam obter efeito semelhante. O silêncio que se seguiu comprovou isso.

Finalmente, Locutus surgiu na tela da Yorktown – o que fez Kirk se levantar imediatamente de sua cadeira.

Tentou encontrar nos olhos do embaixador algum traço de humanidade – mas não achou nada, a não ser vazio e horror. Havia ainda o brilho de inteligência, mas ela agora pertencia à lógica borg – uma lógica distorcida, deformada por sombras densas demais para serem compreendidas pelos homens. Sombras que cobriam a face de Spock com implantes metálicos.

- James Kirk Está Morto. Resistir É Inútil – a voz de Spock era uma lufada de ar frio saindo de um freezer em Rura Penthe.

- Você se lembra de mim, velho amigo. Isso é bom. Porque também vai se lembrar do corbomite.

Locutus ficou em silêncio durante exatos três segundos – e foi como se o universo inteiro segurasse a respiração nesse instante.

- Um Blefe. Blefes São Irrelevantes.

- Agora não se trata de blefe, Spock. Eu tenho o corbomite instalado em minha nave. Na verdade, uma versão especial do corbomite. Se você disparar uma força “x” contra a Yorktown, um contra-ataque de força “2x” será automaticamente acionado quando formos atingidos.

Locutus ergueu uma sobrancelha.

- A Energia Não É Criada. É Impossível Produzir “2x” A Partir de “x”.

- A chave é “anomalia interdimensional”, Spock. Nosso corbomite veio de um

universo em que as leis da física que você conhece não se aplicam. Estou avisando: rendam-se agora.

Um segundo se passou. Durante esse breve intervalo de tempo, várias coisas aconteceram: Toyr Mod iniciou uma oração para Gatryv, o Arquiteto de Tudo; ao seu lado, a navegadora Miranda Vinnar pensou em seu filho, que agora estava em Vulcano – para onde alguns afortunados haviam conseguido fugir; por toda a nave estelar, foram muitos os que se perguntaram, não pela primeira vez, por que eles ainda não estavam todos mortos; no cubo, uma presença que pairava sobre a coletividade passou a se ocupar dos dados que recebia a respeito de Kirk.

Ela não confiava nele.

E, no final desse segundo, a nave borg disparou contra a Yorktown.

4

Quase não fez cócegas.

Spock utilizara força mínima para realizar um teste. Se houvesse algum corbomite, a resposta não teria afetado em nada o cubo borg. Kirk não conseguiu deixar de sorrir.

Agora, era hora de passar para o próximo estágio de seu plano:

- Torre da Rainha captura peão, nível dois.

Nesse momento, Toyr Mod teve certeza de que o universo estava entrando em colapso e que coisas estranhas estavam acontecendo por conta disso. Se uma girafa listrada o convidasse agora para uma rodada de pôquer, ele aceitaria.

- Xadrez É Irrelevante. Vocês Serão Assimilados.

Como de costume, Kirk não se deu por vencido:

- Torre da Rainha captura peão, nível dois.

Outro disparo atingiu a Yorktown, agora com mais força, e a nave sacudiu com violência. Algumas chamas surgiram através dos consoles por toda a

ponte, mas foram rapidamente contidas pelos tripulantes.

Agüente firme. Boa garota.

- Seu Blefe Foi Inútil. Vocês Serão Assimilados.

- Torra da Rainha captura peão, nível dois.

Mais um disparo explodiu contra os campos de força da Yorktown.

- Capitão, nossos escudos estão em dez por cento! Mais um desses e teremos rompimento de casco! – gritou Garthoz.

- Firme no posto, tenente – ordenou Kirk.

Outra vez, a voz severa e monótona de Locutus invadiu a ponte:

- O Próximo Disparo Irá Destruir Parte De Sua Nave. Abaixem Os Escudos Para Assimilação.

Maldição, Spock! Lembre-se!

- Torre da Rainha captura peão, nível dois.

Um brilho letal surgiu no centro do cubo.

- Torre da Rainha captura peão, nível dois!

Subitamente, o brilho desapareceu. Uma vez mais, o vulcano levantou uma sobrancelha:

- Rainha Captura Torre Da Rainha. Xeque.

- Cavalo do Rei captura Rainha... Xeque-mate!

E veio o silêncio.

5

Na Yorktown, Denise ainda não havia decidido se permanecia desmaiada ou se era testemunha do primeiro jogo de xadrez tridimensional entre um humano e um borg.

No cubo, a onipresença que organizava a coletividade se voltou para Locutus, perplexa. Um elemento anômalo – individual – havia se destacado da harmonia indiferenciada do sistema, gerando algumas respostas incongruentes no contínuo borg.

Previsivelmente, a presença agora estava *muito* irritada com Kirk.

Enquanto Spock procurava conectar sua mente a alguma idéia que explicasse sua repentina desorientação, Kirk passou para a próxima etapa de seu plano. Ainda não tinha certeza se o vulcano conseguiria se desvencilhar sozinho das amarras neurais impostas pelo inimigo.

- Lembrou-se da jogada? Lembrou-se de como o venci no xadrez pela primeira vez? Sempre foi fácil derrotá-lo, Spock. E sabe por quê?

Toyr Mod se ajeitou em sua cadeira. *Lá vamos nós de novo.*

- Porque você não passa de um mestiço computadorizado! Uma cobaia crescida, Spock! Vamos, use seus circuitos borgs e você chegará à mesma conclusão que qualquer um! Seu duende de orelhas pontudas, filho de um computador e de uma enciclopédia! Nunca existiu um só vulcano íntegro, mas você se superou, Spock – porque agora você é um vulcano traidor e um maldito borg! E ainda teve a audácia de fazer amor com aquela garotinha!

Quando Kirk terminou, todos na ponte estavam boquiabertos, os olhos esbugalhados voltados para ele.

Ok, talvez tenha sido desnecessário incluir a última colocação...

Na tela, Spock substituíra desorientação por ódio – um ódio antigo, soterrado por milênios de cultura.

Um ódio que a programação borg não poderia suplantar.

Então, num estalo, ele acordou.

- Capitão, se dispararem mais uma vez...

- Eles estão acabados, Vinnar – Kirk voltou a se sentar em sua cadeira – O que achou de minha nova solução no Kobayashi Maru, Spock?

A expressão do vulcano era de perplexidade. Agora, o ódio já não brilhava em seus olhos, arrefecido pela compreensão – e Locutus estava submerso em algum canto de sua mente, banido pelas memórias revividas. A coletividade fora derrotada.

- Não sei se está a par, capitão... mas fantasmas não deveriam existir – disse.

Na ponte da Yorktown, os tripulantes se esqueceram momentaneamente de que eram militares em uma nave estelar – e pularam, e se abraçaram, e gritaram de alegria.

Apenas Kirk permaneceu em silêncio. Rapidamente, as comemorações foram colocadas de lado e todos retornaram aos seus postos.

- Desculpe, senhor – disse Denise, tentando conter as lágrimas.

O capitão sorriu, então se voltou para a tela.

- Capitães de nave estelar não morrem, meu amigo. Você já devia saber. Agora...

- Agora – continuou Spock – precisamos acabar com isso. Através de minha conexão com os borgs, estou sobrecarregando seu centro de comando com informações conflitantes. Em essência: estou maculando a coletividade com a contradição de que existe livre-arbítrio em seu sistema pré-ordenado. Indubitavelmente, haverá um diagnóstico de mau funcionamento – e, em pouco tempo, o cubo iniciará o processo de autodestruição. Apesar das conseqüências, capitão, acredite: é nossa única chance.

- Conseqüências?

- Quase todos os que já foram assimilados na Terra serão mortos instantaneamente. Poucos sobreviverão ao choque de serem desligados do poder que agrega a coletividade de forma tão abrupta.

Na ponte, toda a felicidade de segundos atrás desapareceu por completo.

- Oh, meu Deus – sussurrou Vinnar.

Kirk ficou sem palavras.

Quinhentos milhões de seres humanos...

E a morte... *(David)*

A morte deu as cartas novamente.

Recomponha-se. Seja objetivo. Você tem um trabalho a fazer.

- Pode abaixar os escudos para que possamos tirá-lo daí?

Não houve resposta durante alguns segundos. Spock apenas ficou em silêncio, imóvel, o olhar vago – como se tentasse escutar uma canção

distante.
- Não será possível, capitão – disse, afinal – E sugiro que parta em breve. O poder inerente à coletividade está se esforçando para retomar o controle do cubo – desejando vingança, sem dúvida, uma vez que não é mais possível impedir a destruição de sua própria nave.
Relutantemente, Kirk deu a ordem para que Toyr Mod partisse em dobra um ao seu comando. Então, como não havia mais nada a ser feito, falou com Spock uma última vez:
- Vencemos... mas a que preço?
- Numa guerra, o preço sempre é alto demais. Eu... sinto muito.
- Que os mortos nos perdoem, Spock... Que os mortos nos perdoem.

6

- Há alguns universos em que os borgs se saíram vitoriosos – universos em que todas as civilizações dos quadrantes alfa e beta foram perdidas. Mas nas paralelas em que foram derrotados, em nenhuma outra, pelos registros feitos até agora, a Federação alcançou vitória tão tardia... e com tantas baixas – concluiu Spock.
- Kirk... O que aconteceu com ele?
- Desapareceu, capitão. Assim que a Yorktown alcançou a estação K-7, a mais próxima de onde estavam.
- Ele surgiu do nada – disse Tasha Yar, assombrada – e se foi como se nunca tivesse existido...
- Acredita no sobrenatural, tenente? – Havia um leve tom irônico na voz do vulcano.
- Claro que não, senhor. Mas é um mistério.
- Sem dúvida. E mistérios costumam despertar as mais variadas crenças, muitas delas ilógicas.
- O que o senhor pensa a respeito? – perguntou a chefe de segurança.

- Logicamente, fantasmas não existem.

Sisko piscou para Tasha:

- Esperemos que não.

- Poderia ser um clone. Mas é estranho que ele só tenha se revelado no último momento, quando tantos já haviam perecido. E não sei como seria possível o acesso aos detalhes de algumas das lembranças evocadas no embate. Obviamente, clones não possuem as memórias de suas matrizes – e diários de bordo nunca primam pelos pormenores...

- Talvez... a chave seja, realmente, “anomalia interdimensional”. Esse Kirk não poderia ser um viajante entre universos? Alguém que descobriu como se transportar através dos corredores interdimensionais... Claro, não poderia ser o Kirk de nossa paralela, uma vez que ele se sacrificou para salvar o sr. Spock em Genesis.

Sisko e Spock olharam ao mesmo tempo para Tasha Yar.

- Idéia interessante, tenente. Seria bem típico de qualquer versão de Jim Kirk: fazer o que acha correto, sem a sombra da diretriz de não-intervenção nas paralelas. Mas como ele faria isso sozinho?

- Não seria possível – disse o capitão.

- Uma outra Federação com domínio da tecnologia de deslocamento interdimensional?

- É possível, tenente – respondeu o vulcano – Nosso conhecimento do multiverso é ainda bastante limitado. No entanto, persiste uma dúvida similar à que coloquei em relação à possibilidade do clone: se este suposto viajante entre universos não está, como nós estamos, atrelado à diretriz de não-intervenção, ele provavelmente poderia escolher um ponto mais conveniente do espaço-tempo da paralela-alvo (lembremo-nos de que ela não é pró-histórica, ou seja: viagens no tempo são possíveis, tornando sua história flexível e sujeita a interferências). Então, por que só aparecer quando tanta destruição já havia sido infligida? Por que esperar que mais de três bilhões de pessoas estivessem mortas?

Não houve nenhuma tentativa de resposta. E durante o silêncio que se seguiu, eles saíram do corredor interdimensional de ligação entre sua paralela e a Terra 103. Finalmente, as estrelas de seu próprio universo brilharam na tela principal da Ariadne.

Pausa para quatro estações

Kirk não escondia sua indignação sob o sol inclemente do verão alienígena:
- Você é uma espécie de deus, possui o domínio do tempo e do espaço... Eu poderia ter chegado mais cedo e evitado o massacre.
Sob a forma de Will Decker, V'ger andou até o banco da única praça de uma cidade deserta – a qual ocupava um diminuto planeta no centro de um pequeno universo – o qual, por sua vez, só existia para comportar a acanhada estrela que iluminava este mundo, sua cidade, sua praça – e este banco. V'ger se sentou.
SE CHEGASSE ANTES DA HORA, VOCÊ NÃO TERIA FEITO A DIFERENÇA. NÃO HAVERIA DESESPERO SUFICIENTE PARA CONFIAR TÃO PRONTAMENTE UMA NAVE DA FROTA A UM ESPECTRO DO PASSADO – E VOCÊ TERIA SIDO, COM TODA CERTEZA, APENAS MAIS UM ENTRE OS BILHÕES DE MORTOS.
Kirk caminhou na direção de V'ger e se encostou a uma árvore. Algumas folhas amareladas começaram a cair, já anunciando o breve outono deste mundo.
- Você poderia ter alterado suas percepções... eu não sei. Fazer com que me aceitassem imediatamente, sem restrições.
V'ger fez um rápido movimento de mãos e mostrou a Kirk uma cartola.
TAMBÉM POSSO TIRAR COELHOS DAQUI. ALGUNS CHAMARIAM DE MÁGICA, MAS PREFIRO CHAMAR DE "SUJEIÇÃO DO MACROCOSMO À MANIPULAÇÃO QUÂNTICA".
Ele tirou um coelho cinzento do chapéu, que olhou para Kirk e, sem se importar se era ou não adequado, disse:
- O que é que há, velhinho?
EU PODERIA FAZER QUALQUER "MÁGICA" – E A REALIDADE SEMPRE

SE CURVARIA AOS MEUS DESEJOS. MAS ENTÃO...

- Então – Kirk continuou – o multiverso não seria mais do que um brinquedo para você.

SE EU ULTRAPASSASSE A LINHA QUE HÁ ENTRE A AÇÃO INDIRETA E A INTERVENÇÃO ABERTA, HAVERIA O SÉRIO RISCO DE ME TORNAR UMA AMEAÇA.

V'ger fez sumir a cartola e o coelho com a mesma naturalidade com que os havia criado.

O PODER NÃO CORROMPE, NECESSARIAMENTE – MAS O USO INCONSEQÜENTE DESSE PODER, SIM – MESMO QUE AS INTENÇÕES SEJAM AS MELHORES.

Um vento frio percorreu a pequena cidade. Despidos de suas folhas, os finos galhos da árvore se agitaram contra o céu acinzentado: o inverno chegara.

- Se eu fosse um fantasma, não restariam muitas questões. Qualquer coisa seria melhor do que passar a eternidade em Veridian III. Mas eu estou vivo. Preciso encontrar um sentido para o que estamos fazendo. Preciso entender os motivos.

O homem no banco sorriu.

PORQUE UM AVENTUREIRO NÃO É NADA SEM SUAS AVENTURAS. PORQUE VOCÊ ESTÁ, MAIS UMA VEZ, FAZENDO A DIFERENÇA. PENSEI QUE ISSO JÁ ESTIVESSE CLARO, KIRK.

- Sem a Enterprise. Sem minha tripulação. Sem a Frota Estelar. Muito bem. Eu posso com isso. Mas ainda não entendo os *seus* reais motivos, V'ger.

É ÓBVIO, NÃO?

O homem suspirou, não se incomodando com a neve que tingia o mundo de branco.

NÃO SOU UM ORGANIANO, QUE MAL TOLERA A PRESENÇA HUMANA, OU UMA DAS MUITAS ENTIDADES DO Q CONTINUUM, ESTAGNADAS EM SUA DIMENSÃO PARTICULAR, INDIFERENTES A TUDO. COMO JÁ DISSE, EU ME IMPORTO, KIRK – NÃO APENAS COM VOCÊ, MAS COM

TODOS OS SERES DO MULTIVERSO. A VIDA É UM MILAGRE... E SOMOS TODOS RESPONSÁVEIS POR ESTE MILAGRE.

O capitão esfregou as mãos para espantar o frio.

- Muito bem, então. E qual será nossa próxima parada? Está um gelo aqui.

V'ger olhou para o céu. A neve já deixara de cair, e alguns pontos azuis surgiram entre as nuvens.

NÃO POR MUITO TEMPO.

Ele se levantou do banco, e enquanto se preparava para mais uma jornada, a primeira flor da primavera desabrochou aos seus pés.

Há muito tempo, em uma galáxia muito distante, em algum outro universo...



O Império concluiu a Estrela da Morte com incrível rapidez! A despeito de todos os entraves comerciais criados por civilizações descontentes, apesar de todas as sabotagens empreendidas pelos mais variados grupos de rebeldes, a arma mais poderosa da galáxia inaugurou seu reinado de terror apenas seis anos após o início de sua construção.

Para os insurgentes, ainda carentes de liderança, foi um duro golpe – pois nada indicava que eles pudessem reagir a algo dessa magnitude. Sua causa – a retomada da democracia – parecia, mais do que nunca, perdida.

Para dois dos últimos cavaleiros jedi, a Estrela da Morte significou o fim de sua grande esperança: Yoda e Obi Wan Kenobi sabiam que os gêmeos Luke e Lea, filhos do outrora jedi Anakin Skywalker, jamais encontrariam, sob tais condições, terreno propício para o amadurecimento de suas capacidades.

Era, pois, uma questão de tempo até que os insurgentes fossem devorados pela sombra da temível arma! O Imperador, mais forte e cada vez mais confiante, enxergava diante de si a possibilidade do poder absoluto sobre todas as coisas – e se deliciava com a antevisão do grande prêmio,

conseqüência natural de seu domínio irrestrito: a corrupção absoluta!
Foi quando, em meio aos últimos clamores por um futuro melhor, chegou um grande guerreiro, vindo de terras longínquas...

1 – Efeitos

O Imperador estava intrigado.
- O que são essas coisas peludas espalhadas por toda a minha Estrela da Morte?
Darth Vader não respondeu à imagem holográfica de seu mestre. Respirando mais pausadamente do que o habitual – o que indicava, muito provavelmente, que ele estava não apenas intrigado, mas também muito irritado –, fez a mesma pergunta a um dos militares responsáveis pela manutenção da gigantesca esfera. Não apenas fez a pergunta, como também apertou a garganta do pobre Comandante Skar com as sombrias garras mentais dos sith.
- Eu... não sei... Elas... apareceram do... nada... Lorde Vader... No início... eram poucas. Pensamos que eram... inofensivas.
- Suas criaturas inofensivas se multiplicaram e tomaram a Estrela da Morte, Comandante Skar. Há bolinhas de pêlos nos corredores, elevadores, dentro de máquinas, engrenagens, painéis de controle...
- Nos... banheiros também, senhor – completou o Comandante Skar, achando que mais este detalhe pitoresco iria mostrar ao temível Vader que ele estava por dentro das coisas e que, portanto, não era tão incompetente. Vader apertou sua garganta até que Skar desmaiou.
- Não vou matá-lo, Comandante. Você será um dos principais responsáveis pela... limpeza da Estrela da Morte – disse com sua voz de aço. Por fim, Vader se virou para a imagem do Imperador, que ainda aguardava por uma resposta.
- Lorde Vader, você me desaponta.

- Sinto muito, mestre. Vou resolver a questão em um dia – Vader olhou rapidamente ao redor da sala de controle, para as milhares de bolinhas de pêlos que ronronavam e se amontoavam nos cantos – Talvez em dois dias, mestre. No máximo em três.

* * *

Na verdade, a questão jamais foi resolvida. Os milhões de pingos se multiplicaram com uma velocidade incrível – e acabaram por transformar a Estrela da Morte em um monumental condomínio de bilhões de pingos.

O Comandante Skar ainda tentou resolver tudo erradicando a ração que servia de alimento para as criaturas, estocada em diversos decks da estação para uso dos próprios militares. Tudo o que conseguiu foi uma drástica mutação comportamental seguida de rápida transmutação genética – na qual os pingos adquiriram o desagradável hábito de devorar os soldados à disposição. Pingos com mais de dois metros de diâmetro foram vistos rolando atrás dos militares, guinchando sua fome sem fim. O próprio Darth Vader acabou devorado por um destes pingos anômalos – ao perceber, tarde demais, que seus poderes oriundos do lado negro da força eram incapazes de frear as felpudas bolas devoradoras de homens.

O Imperador se viu obrigado a construir uma segunda Estrela da Morte. Anos perdidos para o Império, mas não para os rebeldes, que se fortaleceram e espalharam a chama da luta pela liberdade por toda a galáxia. Anos nos quais os gêmeos Luke e Lea aprenderam quem eram e qual seria o seu papel na batalha pela democracia.

Quando Luke Skywalker derrotou o clone de Darth Vader, a terceira e derradeira Estrela da Morte foi destruída – e mais uma vez, os artífices da devastação foram os famigerados pingos mutantes comedores de gente. Graças a uma peculiar máquina de teletransporte encontrada aparentemente por acaso pelo mercenário Han Solo, alguns pingos foram sutilmente

alojados no interior da estação ainda inacabada – e o resto, como dizem, é História.

Pouco antes de ser devorado por um rechonchudo pingo de três metros de diâmetro, o perplexo Imperador encontrou forças apenas para uma última interrogação:

- Mas o que são, diabos, estas coisas peludas?

2 – Causa

- Ainda tem aqueles pingos alterados geneticamente, Cyrano Jones?

- Meu bom capitão Kirk... Na verdade, acabo de desenvolver uma nova linhagem...

- Ah, você desenvolveu uma nova linhagem.

- Sabe... é que me pediram pingos um pouco mais... hã... adaptáveis.

- Pingos mais adaptáveis.

- Os telaritas estão bastante animados com a possibilidade de utilizar alguns no conflito com Andor.

- Os telaritas estão animados...

- Bom, de qualquer forma... em condições normais, eles se portam como os pingos originais. Entretanto, se não houver mais comida, eles adotam um comportamento... hã... um pouco mais agressivo.

- Deixe-me adivinhar: eles comem uns aos outros.

- Claro que não, capitão! Isso seria selvagem... Eles... crescem um pouquinho e passam a comer... bom, digamos que eu e você passaríamos a fazer parte da dieta deles.

- Eles comem gente.

- Oh, não... Não exatamente. Isso também seria selvagem. Na verdade, após assimilarem sua... hã... refeição, um organismo híbrido é constituído. Ao invés de ser digerida, a refeição passa a fazer parte de uma mente coletiva complexa.

- Já vi isso. Bom, de qualquer forma, pingos não são borgs.
- Borgs?
- Pingos assimilando gente. Isso é...
- Terrível?
- Sensacional! É perfeito para o que tenho em mente. E eles se reproduzem na mesma velocidade que os originais?
- Um pouco mais rápido, capitão.
- Mas que excelente! Vou levar... uns cinco devem bastar, não?
- Ótimo, capitão! Cinco pingos saem por duzentos créditos...
- Duzentos créditos! E eu posso avisar aos andorianos sobre essa excelente oportunidade? Acho que eles vão adorar saber quem é o homem que vende essas bolinhas de pêlo engraçadinhas.
- Hã... Mas para o senhor, meu bom capitão, eles não vão custar nada.
- Bom fazer negócio com você, Cyrano, meu velho. Ah, e sabe aquele aparelho portátil de teletransporte que você utilizou para auxiliar na limpeza da estação K-7?
- Oh, eu não poderia...
- Os klingons já sabem onde você está? Tenho certeza de que estão com saudades.
- Meu aparelho é seu aparelho, capitão Kirk.
- Mas que bom!
- Eu só espero que não apareçam mais clientes como você...
- E eu espero não precisar fazer uma nova visita.

Quando Kirk se foi, Cyrano finalmente conseguiu relaxar. Sentou-se, sentindo-se aliviado, e esperou pelo próximo show das dançarinas verdes de Órion. Àquela hora, o bar já estava bem cheio, mas ninguém notou o homem se esgueirando por trás das cortinas próximas ao comerciante.

- Ele já foi embora, Jones?
- Sim.
- Minha nossa, ele não me viu por pouco...

- Teria sido um encontro e tanto...
- Meu amigo Kirk... Bom, obrigado por não me entregar.
- Seria ruim para os negócios.

O homem se sentou próximo a Cyrano e pediu uma cerveja romulana a um dos garçons.

- Ele até que aceitou bem o fato de que os pingos estão sendo usados como arma de guerra...
- Ele não aceitou nada, Jones. É melhor aprender a ler nas entrelinhas. Kirk estará em seus calcanhares se não largar essa sujeira - mesmo que ele próprio esteja para fazer algo similar e igualmente questionável.
- E se ele soubesse que você está revendendo meus pingos mutantes para os klingons?
- Do século XXI! Eles não sabem o que são pingos, ainda não desenvolveram quaisquer preconceitos em relação aos bichinhos. É incrível, mas os klingons do passado são os melhores clientes que arranjei... Eles adoram quando as criaturas tentam devorá-los! Parece que é uma luta e tanto, e já faz parte do ritual de preparação de jovens guerreiros. E como as viagens no tempo ficaram mais simples depois que... arranjei uma nave...
- Você roubou mesmo uma nave da frota Estelar?
- Ora, ela seria desmontada! Enviada para o ferro velho! E a danada é perfeita na manobra ao redor do sol para a viagem no tempo. Depois que Kirk foi morto no vôo inaugural da nova Enterprise... bom, achei que as coisas seriam mais fáceis.
- Parece que ele não está muito morto, pelo que vi. Apenas um palpite.
- É bem típico de Kirk.
- E agora, o que vai fazer?
- Ora, vou ficar atento. Qualquer problema, eu mudo de negócio...
- Já tem algo em mente?
- Sempre tenho uma carta na manga, meu amigo: dançarinas de Órion! Belas, sensuais...

- Há dançarinas verdes espalhadas por todo o quadrante.
- ... exóticas e azuis!
- Azuis? As mulheres de Órion não são azuis.
- Nada que um pouco de corante não possa resolver. Será a sensação da galáxia! E nem precisarei fazer viagens no tempo...
- Algo me diz que vai precisar. Chegará o dia em que só conseguirá escapar dos homens da lei se estiver em um período em que eles ainda não saibam que você existe.

Harry Mudd cofiou o bigode:

- Mas não haveria graça, Jones. Não haveria nenhuma graça.

O que dizem as rochas

- Não há como voltar.

A fumaça do cigarro acompanhou as palavras, fazendo voltas no ar. O homem sorriu para Kirk – mas era um sorriso desagradável, misturado ao hálito de whisky barato.

- Então – o homem continuou – você é o cowboy do espaço que acha que pode se dar bem em todas.

- Eu sou apenas alguém tentando ajudá-lo, sr. Robinson.

O homem colocou as mãos atrás da cabeça e se espreguiçou. Havia uma calma premeditada em seus gestos – uma muralha de pedra construída para conter as ondas violentas de um mar revolto.

- É mais fácil impedir que uma civilização inteira vá pelos ares do que salvar a alma de um homem. E, afinal de contas, quem quer ser salvo?

- Pensei que gostaria de voltar para casa.

- Minha casa é esta nave, Kirk. Tudo o que restou de minha vida está nela.

Sem fazer ruídos, um robô saiu das sombras e deslizou pela ponte de comando, parando bruscamente na frente de Kirk.

- Lágrimas são rios que cortam nossas faces e deságuam em nossos corações – disse com voz monocórdica.

Kirk arregalou os olhos, esboçando um sorriso.

- Ok... você tem algo aqui.

Robinson gargalhou.

- Ele está assim desde que instalei em sua CPU o programa Gerador de Metáforas. Não é fascinante?

Kirk não disse nada por algum tempo. Estava começando a se sentir desconfortável naquela nave.

- É assim que pretende passar o resto de sua vida, sr. Robinson? Preso em seu disco voador retrô, tendo como companhia um... robô de estimação?

- Não estou preso, Kirk. Vou a qualquer lugar que quiser com a Júpiter 2. Quanto ao robô... ele já salvou minha vida diversas vezes.

O robô ergueu os braços, alegremente:

- “Perigo! Perigo!”, eu dizia. Qual alarme que soa antes da tempestade!

Kirk deu de ombros.

- Então, está bem. Se você prefere deixar tudo como está. Robinson se levantou de sua cadeira e caminhou até uma janela, de onde se podia ver as estrelas.

- As coisas são o que são. Você é o herói fazendo as vezes de *deus ex machina*. E eu... Gregório Samsa, talvez. “Ao despertar de sonhos inquietantes, Gregório Samsa se viu na cama transformado num gigantesco inseto”... Já leu Kafka?

- Claro. Mas nada precisa durar para sempre, sr. Robinson. Ninguém precisa ficar sozinho para sempre.

- Ah, capitão Kirk... Algumas coisas são definitivas, sim. Você sabe... as metamorfoses não são reversíveis.

Robinson acendeu outro cigarro.

- Do meu ponto de vista, eles pareciam divertidos. Pareciam amistosos. Claro, eu tinha apenas doze anos – provavelmente, meus pais não acharam aqueles alienígenas tão engraçados. Eu não sei. Quando nos aproximamos, quando achei que tudo estava sob controle, eles cortaram meus pais ao meio... Eles cortaram meus pais ao meio. Smith, aquele pobre diabo, ainda tentou alcançar a nave e fugir, mas antes que ele desse dois passos, sua cabeça não estava mais sobre o pescoço. O Major West e minhas irmãs também foram mortos rapidamente, enquanto examinavam os arredores. Eles nem souberam o que os atingiu.

- Perigo! Perigo! – disse o robô, agitando os braços novamente. Ele parecia radiante.

- Exatamente. Quando B9 saiu da nave, tentando nos avisar que estávamos em mais uma enrascada, os alienígenas se assustaram e fugiram. Foi assim que sobrevivi. E foi assim, de repente e sem aviso, que meu mundo foi destroçado diante de meus olhos. O universo não era mais um lugar para grandes aventuras, um lugar para ser explorado e descoberto. Não havia mais espaço para a inocência numa realidade em que *aquilo* podia acontecer à minha família.

Um sorriso amargo trespassou a espessa fumaça do cigarro.

- Tudo perdeu sentido... Não havia mais um lugar para o qual eu pudesse voltar. Desde então, trinta anos se passaram. Trinta anos visitando planetas que pudessem me fornecer algum combustível. Trinta anos vagando sozinho na noite sem fim. Quando você está completamente só, um mês parece durar uma eternidade... O que dizer de trinta anos?

O homem ficou em silêncio durante alguns minutos.

Minutos também podem durar uma eternidade, pensou Kirk.

- Eu não sei o que é o amor de uma mulher. Eu não sei o que significa ter amigos. Eu não sei o que é ter um objetivo na vida, além da própria sobrevivência. Perdi tudo naquele dia distante: minha família, minha infância... minha humanidade.

Will Robinson voltou a olhar para as estrelas, dando as costas para Kirk. Ele não voltaria a ver o capitão novamente.

- Não há ninguém mais alienígena do que eu.

- Sinto muito – disse Kirk.

- Não sinta... Sentir pode ser o pior dos infernos.

Sobre homens e macacos

As Três Leis da Selva, tal como formuladas pelo glorioso e magnânimo General Thade:

· 1ª lei: um ser humano não pode fazer mal a um macaco e nem, por inação, permitir que algum mal lhe aconteça.
· 2ª lei: um ser humano deve obedecer às ordens dos macacos, exceto quando estas contrariarem a primeira lei.
· 3ª lei: um ser humano deve proteger sua integridade física, desde que com isto não contrarie as duas primeiras leis.

Kirk jogou o Livro sobre a mesa de madeira, irritado.
- Thade é uma farsa, e você sabe disso. Essas... “leis”... foram criadas por um homem chamado Isaac Asimov – mas elas diziam respeito a robôs, não a seres humanos. As três leis da robótica.
- Essas são as leis que guiam nossa sociedade. Não importa se são originais ou não.
Ouviram um estrondo distante, ecoando nas planícies que se estendiam ao redor da casa em que estavam.
- Suas três leis não estão mais surtindo o efeito esperado, Dr. Zaius.
O velho orangotango bateu em seu peito com a mão esquerda, nervoso. Seus pêlos grisalhos se eriçaram e seus dentes ficaram à mostra.
- Culpa sua! Essa Revolução dos homens é culpa sua!
- Ela provavelmente viria sem minha ajuda, e você sabe disso.
Kirk se lembrou de uma frase que ouvira há muito tempo - *"Onde há fumaça, há fogo".* Onde há seres humanos...

- Talvez! Mas iria demorar pelo menos mais um século para acontecer, não fosse por você. Isso daria tempo para que nos adaptássemos... Tempo para impedir o derramamento de sangue em escala global!

- Tempo para que vocês matassem quase todos os humanos e dessem fim ao processo. Não pense que sou ingênuo, Dr. Zaius.

- São animais! Todos vocês! Eu não me importaria! Agora, Kirk, quantos macacos morrerão? Somos pacíficos, civilizados... Muito diferentes de vocês.

Kirk sorriu, irônico.

- Sua gente pacífica e civilizada estava cometendo genocídio. E agora...

... vocês terão o que merecem... As palavras vieram à mente de Kirk, mas ele as afastou rapidamente. Não era isso o que pretendia dizer.

- E agora, vamos estabelecer uma nova ordem. Eu garanto, Dr. Zaius, não teremos macacos escravizados.

O orangotango gargalhou e saltou sobre a mesa, derrubando o Livro, copos e pratos.

- Não sei de onde você vem. Não sei que tipo de humanidade você representa... Mas aqui as coisas são diferentes. Você não deu início a uma revolução, Kirk – você deflagrou um massacre.

Uma nova explosão, agora mais próxima, chegou aos ouvidos de ambos. Kirk começou a não se sentir tão confiante de suas decisões.

- Foram três anos de planos e treinamento. Eu os guiei da melhor forma... Mostrei a eles quem eram – seu passado, seu poder.

- Você disse ao cordeiro que havia um lobo em seu coração. E agora a matilha está livre mais uma vez... Eles quase destruíram seu próprio lar, Kirk! Destruíram a si mesmos, e nós tomamos seu lugar como governantes do planeta. Era a ordem natural das coisas, e você está destruindo tudo.

Zaius colocou as mãos na cabeça e se curvou, cansado.

- Eles tiveram sua chance e falharam. Você está trazendo o pesadelo de volta.

- Estou dando uma nova chance a todos, Dr. Zaius.

- Dinossauros... incapazes de aceitar que seu tempo como reis do mundo acabou. É o que vocês são.

Kirk foi até uma janela, de onde viu nuvens de fumaça negra cobrindo o céu azul. Os gritos estavam cada vez mais próximos.

- Uma nova chance, Dr. Zaius. Vocês também a terão. Como irão viver sem seus escravos, seus animais de estimação? Como viverão num mundo de iguais?

Zaius deixou a mesa e se colocou ao lado de Kirk, olhando-o fixamente.

- Por três anos, você ensinou os homens a agirem como homens... E agora fala de igualdade? Pelo espírito de Thade, de que lugar você é?

- Um lugar melhor, Dr. Zaius. Um lugar melhor. Agora, se me dá licença... Há uma guerra lá fora, e eu quero impedir que soldados se tornem assassinos.

O orangotango nada disse. Ficou imóvel, os olhos cheios de ódio, enquanto o clamor da batalha preenchia o ar como uma horrenda nuvem tóxica.

O inferno da ficção – Parte um

Existe uma história que não está nos gibis.

É uma história que conta como foram os últimos dias de um mundo encantado: um mundo repleto de super-heróis, seres fantásticos que usavam seus poderes singulares para proteger os fracos, os oprimidos e os inocentes.

Heróis como o Homem-Vespa, a Mulher Tomou-Levou, o Sombra do Meio-dia, entre tantos milhares, garantiam a segurança dos justos em todos os lugares, em todos os momentos. Obviamente, eram as grandes cidades os locais que mais requeriam os serviços dos super vigilantes. Eram as metrópoles, com as ruas ameaçadas por facínoras e corruptos, que mais necessitavam dos feitos improváveis dos destemidos defensores da moralidade.

Claro, as pequenas cidades também eram premiadas com a presença dos super-heróis – pois vários deles preferiam atuar em lugares menores e mais amenos para impedir que os vilões, expulsos dos grandes centros, fossem aterrorizar os rústicos moradores do interior. Ao sul de Giganto City, por exemplo, ficava a pequena Zeresquerda, protegida pela intrépida Mulher-Fogão e sua fiel parceira, a Garota-Panela. No início da década de noventa, muitos vilões de Giganto, expulsos da cidade pelo sombrio Homem-Cabide, tentaram a sorte em Zeresquerda, mas a Mulher-Fogão já estava pronta para a ação. Com a faculdade de fazer arder os energúmenos agentes da iniqüidade, a matriarca da bonomia garantiu o sossego e o tédio dos

zeresquerdenses.

Os super-heróis possuíam, entre tantos hábitos estranhos, a peculiar mania de atuar em grupo. Assim, enquanto se divertiam juntos, eles uniam seus vastos e curiosos poderes para a batalha contra as forças do mal. Dois grupos de super-heróis eram mundialmente conhecidos, famosos por abrigarem os maiores paladinos da justiça. A Liga da Decência atuava em Anta City, a mega cidade fundada pelos budistas bárbaros no fim do século XVIII. Já os Homens-X-da-Questão protegiam todo o hemisfério sul do planeta – embora ninguém realmente soubesse como eles conseguiam monitorar, de seu quartel-general na Floresta Esmeralda, todos os atos vis que transcorriam na metade meridional do mundo.

* *

Os heróis estavam preparados para enfrentar quaisquer malfeitores, quaisquer vilanias que pudessem comprometer a liberdade e a justiça. Mas nenhum deles estava pronto para o Livro Negro.

A Brigada dos Estranhos, um humilde e pouco conhecido quarteto de super-heróis que atuava na obscura e diminuta Bingo City, descobriu o volume em uma de suas incursões pelo inusitado. Laser Caolho, líder do grupo, precisou entrar na casa de um escritor que havia desaparecido misteriosamente. Procurando alguma pista que pudesse ajudar na busca do oculto autor, o incansável ciclope da justiça encontrou a mais aterradora visão, o mais assustador universo que a mente humana poderia conceber. O Livro Negro não possuía capa, e não existia qualquer indício de quem o havia escrito. Estava sobre a cama do artífice das letras, amassado e repleto de grifos. Aparentemente, o volume fora muito pesquisado – estava praticamente arruinado, suas páginas devastadas por mãos muito nervosas e ansiosas. Ao ler a página na qual a obra estava aberta, Laser Caolho sentiu o sangue gelar. Sem demora, guardou o livro sob a capa escarlate e voou até a sede da Brigada para encontrar seus colegas de trabalho.

Lá estavam o Sombra Albina, o Homem Biscoito e a Senhora das Lobas, todos atentos aos monitores da Estranhovisão, que permitia a detecção de quaisquer atos ou fenômenos estranhos que ocorressem em Bingo City. Laser Caolho chegou esbaforido, a tez muito pálida. Sem nada dizer, apenas arremessou o livro na direção de seus majestosos companheiros. Aqui, em poucas linhas, está a essência do texto que deixou perplexos os admiráveis e insólitos campeões:

Não há super-heróis no mundo. Nosso planeta abriga apenas um oceano estagnado de seres humanos que se estende por todos os horizontes. Um mar interminável em que há mais homens do que almas, mais cabeças do que corações.
O mundo é terra desolada e estéril, pois a humanidade foi reduzida, para fins da utilização da energia oriunda do coletivo inflacionado, a conjuntos padronizados de pensamentos e interações. Embora os povos sejam diferentes entre si, suas particularidades foram desvalorizadas com o objetivo de se alcançar determinados ganhos em áreas pré-definidas.
Mas o mundo não é uno, ao contrário do que se pode concluir. Mesmo com as fronteiras entre as nações tornando-se mais tênues, as pessoas não se aproximam umas das outras. Em se esgarçando o material de suas individualidades e de suas potencialidades próprias, cada indivíduo se fechou sobre si mesmo, tornando-se país de uma só cabeça, cujas fronteiras jamais são abertas ao próximo. As leis destas nações indistintas e irrequietas não são as leis do bem comum – elas visam, tão somente, o apaziguamento das próprias frustrações e o amordaçamento da dor. Tais "países", entrincheirados em pequenos compartimentos de concreto e silêncio, não se importam em lutar e morrer pelas mentiras transformadas em produtos de primeira necessidade.
Não há espaço para grandes feitos e amores ingênuos, não há lugar para sonhos e sorrisos. Em nosso mundo de ruínas, os homens mais importantes

e respeitados são aqueles que seriam considerados os vilões nas histórias de super-heróis.

Sombra Albina fitou seus companheiros, mais pálido do que de costume. Quem poderia imaginar um lugar assim, perguntou com a voz trêmula. Que mente doentia poderia conceber tamanho horror?

Obviamente, nosso escritor desaparecido estava realizando uma de suas pesquisas de cunho literário quando se deparou com esta abissal obra do macabro, murmurou a indefectível primeira dama lupina. A descoberta de tais enegrecidos vocábulos provavelmente o fizeram procurar, sob sigilo, o auxílio de algum alienista. Sem dúvida, ele está sob tratamento intensivo para recuperar a razão.

Laser Caolho e Sombra Albina aceitaram imediatamente as deduções da Senhora das Lobas, deixando às trevas o que de fato era relevante. Sem dúvida, disparou o impávido Caolho, o caso está resolvido! Vamos tratar de jogar o amaldiçoado livro na Estranholixeira.

O Homem Biscoito permaneceu em silêncio, molhando nervosamente os dedos trêmulos em sua chávena cheia de café. Ele realmente não se importava com o paradeiro do escritor. Ele sequer se dera ao trabalho de ouvir as apressadas conclusões de seus histéricos companheiros. O que o deixava transtornado era a sensação de que seu mundo maravilhoso de super-heróis era menos viável do que o inferno que chegara em suas mãos...

* *

Várias cópias do Livro Negro foram encontradas por todo o planeta nos dias subseqüentes. Os super-heróis, incapazes de impedir o pânico entre a população, puderam apenas testemunhar a deterioração implacável de seus ideais e de seu modo de vida. Mesmo entre eles, o medo e a desconfiança quebraram o encantamento que mantinha incólume seu mundo perfeito.

Por fim, os maiores heróis do mundo se reuniram para buscar uma solução.

Em Anta City, a Liga da Decência recebeu os poderosos Homens-X-da-Questão, o carrancudo Homem-Cabide, a vivaz Mulher Tomou-Levou e a imponente Trinca Tonelada. A Brigada dos Estranhos não foi convidada, mas apareceu assim mesmo.

Valete Audaz, o mais amado super-herói do mundo, líder da Liga da Decência, tomou a palavra assim que todos se acomodaram na Sala dos Decentes. Temos um grande problema nas mãos, meus amigos. Estamos diante da maior ameaça ao nosso estilo de vida desde que o Capitão Saca-rolhas tentou transformar os oceanos em aguardente.

Agora é pior, disse Flor do Inverno, a líder dos Homens-X-da-Questão. O Livro Negro já nos corrompeu. Eu não acredito mais em mim mesma, ou em minha fantasia... Que estranho mundo nós habitamos, cheio de milagres exóticos e seres impossíveis... Que insensato mundo nós compartilhamos, de finais felizes e sorrisos confiantes... Que lugar é este, em que sombras não maculam as intenções, em que dúvidas não cerceiam os atos? Que lugar é este, em que o bem sempre vence o mal?

Nós precisamos de uma estratégia, interrompeu o Rapaz Jamanta, colossal integrante da Trinca Tonelada. Não conseguimos impedir que o livro chegasse à população... mas talvez ainda haja uma saída.

Saída? Não há saída! O Homem Biscoito começou a gritar, descontrolado. Estamos condenados desde o momento em que o Livro Negro chegou ao nosso conhecimento! Como continuar vivendo com a consciência do absurdo? Como respirar sabendo que nossa existência é uma distorção da própria realidade?

Alguns heróis também começaram a gritar. Outros permaneceram quietos, amordaçados pela ausência de argumentos. Que mundo é este, repetia Flor do Inverno, as lágrimas congeladas sobre a pele alva, que mundo é este?

Foi quando o alerta rubro ressoou estridente por toda a sala. Os assustados heróis olharam imediatamente para a grande tela da Nobrevisão, que começou a mostrar, ao vivo, as inequívocas cenas do apocalipse. Em todos

os lugares do mundo, em cada cidade, dentro das casas e nas ruas, despertava agora a guerra definitiva, a luta feroz de todos contra todos: em nome do ódio, adormecido nas sombras por tanto tempo – e em nome do medo, antes oculto sob o disfarce colorido de sorrisos e máscaras. À frente da matança, alçados à condição de líderes da humanidade em estado bruto, os super vilões de outrora coordenavam com presteza a destruição.

Na Sala dos Decentes, os maiores heróis do mundo finalmente sucumbiram ao horror. O Homem Biscoito ainda tentou fugir, mas acabou se desfazendo em mil farelos nas mãos de homens furiosos e mulheres desesperadas. Não sei quanto ao resto de vocês, urrou o Rapaz Jamanta ao avançar contra seus antigos colegas, mas eu estou adorando!

* *

Existe uma história que não está nos gibis.

É uma história que conta como foram os últimos dias de um mundo inventado: os últimos momentos de um sonho antes do despertar.

O escritor desaparecido, ao contrário do que havia suposto a fictícia Senhora das Lobas, não estava sob os cuidados de nenhum alienista. Ele apenas decidira que já era tempo de terminar mais uma de suas histórias imaginárias.

Assim, o vilão abriu as portas do inferno e revelou às suas marionetes a única verdade aceita pelos homens do mundo real. Aos coloridos super-heróis, ofereceu o Livro Negro, suas páginas corrompidas por tristeza e mágoa.

- Eu ofereço a vocês meu coração - disse, e cravou o ponto final.

O inferno da ficção – Parte dois

UMA VISITA INESPERADA

- Preciso beber alguma coisa.

Não, não havia nada para se beber. E mesmo que houvesse, ele jamais conseguiria ficar bêbado. Ao menos, não neste planeta.

- Para o inferno.

Joe Siegel foi ao computador e digitou displicentemente as últimas palavras de seu próximo livro.

Tombaram os heróis – não porque mereceram ou porque era necessário. Tombaram, afinal, por não haver qualquer outra opção.

Olhou para as próprias mãos. Queria se sentir melhor.

- Talvez seja o momento de repensar o que está fazendo.

Ele se virou na direção da voz, assustado. Como não vira o homem entrando em seu apartamento? Como não escutara seus batimentos cardíacos a cem metros de distância?

- Quem é você?

Kirk se sentou no sofá empoeirado da sala e sorriu amavelmente para o kryptoniano.

- Vamos conversar, sr. Siegel. Ou deveria chamá-lo por seu verdadeiro nome, Jor-El?

O FIM DO AMANHÃ

Seu mundo foi destruído em um piscar de olhos.
Metrópoles esculpidas em intricado cristal se desfizeram, consumidas pelas chamas do sol. Uma cultura de dois milhões de anos – a sabedoria acumulada de uma das civilizações mais antigas do universo conhecido – desapareceu como se nunca tivesse existido.
Perto do fim, você ainda acreditou que haveria esperança. Acreditou que haveria a promessa de um amanhã no ventre de sua mulher. Seu filho... Kal-El.
Entretanto, Lara morreu antes de dar à luz. Era uma gravidez de risco, mas ela não queria que as máquinas gestantes fizessem seu trabalho. Ela não desejava entregar seu filho às frias engrenagens de cristal. Lara arriscou tudo – e perdeu tudo.
Você havia construído uma nave para salvar seu filho do mundo condenado, mas Kal-El se foi antes que pudesse preencher suas expectativas – seus sonhos. E naquele piscar de olhos em que Krypton foi apagado da existência, você mesmo alcançou as estrelas distantes.
Por anos, você viajou através do espaço interestelar. Graças aos computadores de bordo e seus cristais de dados, você se manteve ocupado – você se manteve são.
E chegou o dia em que o planeta azul surgiu diante de seus olhos. À sua frente, o destino que havia traçado originalmente para seu filho.
- Pai... será você o super-homem?
Você olhou ao redor, atônito. Estava ficando louco justamente agora, quando sua jornada havia finalmente chegado ao fim?
- Será você o homem do amanhã?

- Eu não sou um super-homem – você respondeu, dirigindo-se aos reflexos nos cristais da nave – Era sua sina, não a minha.
- Está tudo bem? – perguntou um dos nativos. Ele e sua mulher haviam testemunhado a queda de sua nave – e sua saída da cratera formada pelo impacto. Você respondeu na língua utilizada por eles – a língua que tivera tempo de sobra para aprender a bordo de seu agora destruído meio de transporte.
- Não importa.

SOLITÁRIO NAS SOMBRAS

Nos anos que se seguiram, você observou em silêncio o tumulto dos homens, suas guerras sem fim e seus distorcidos sistemas de convivência. Onde estava a diáfana perfeição de Krypton? Onde estavam os delicados jardins de fractais e as inigualáveis colônias de diamantes conscientes? Onde estava a pureza de suas formas cristalinas?
(Eis o inferno: não a presença do abjeto, do irrelevante – mas a ausência da beleza, a ausência de tudo o que você amou... A ausência de Lara. E como dói no peito lembrar de seu sorriso, da maciez de sua pele – porque ela jamais estará ao seu lado outra vez.)
Nos anos que se seguiram, a voz de Kal-El ecoou em seus sonhos – mas você nunca se lembrou das palavras:
- Pai, ainda há você. E em seu coração, ainda há um mundo: Krypton vive enquanto você viver. Talvez seja possível mostrar aos humanos algo além de suas misérias.
Com o tempo, a voz foi se tornando cada vez mais fraca, até desaparecer. Com o tempo, você se tornou mais rígido, mais triste, mais solitário. E a voz que se perdeu foi substituída por outra, amarga e sombria:
- Não há nada além de miséria e dor – apenas a morte e seu infindável labirinto de horrores.

- Porque as lágrimas – que às vezes nos tornam menos cruéis – irão se extinguir. Porque a lembrança do que amamos e a memória dos momentos mais doces irão desaparecer. E então, o que restará além daquele labirinto negro que se estende na direção das estrelas longínquas e também para dentro de nossos corações?

UM DEUS IMPIEDOSO

Foi assim que você se transformou no destruidor de mundos. O que mais havia para se fazer, além de se moldar como o deus inclemente de universos imaginários?
- Havia coisas mais importantes – seria a resposta de Kal-El. No entanto, ele agora habitava as névoas eternas do futuro do pretérito, e você... você estava definitivamente fora de alcance.
Centenas de civilizações pereceram sob a tutela de suas fantasias – incontáveis apocalipses sob sóis distantes, em páginas escritas com ódio.
- Quantos mais até que você se dê por satisfeito? – seu editor perguntou através de e-mail, há alguns anos.
- Posso escrever dez mil livros, Luthor – e ainda não será o suficiente.
- Escreva cem mil, então. O público está adorando.

O *HOMEM EM QUADRINHOS*

Kirk aguardou pacientemente até que Jor-El terminasse de ler o volume que trouxera.
- Mas como... Quem... ?
O kryptoniano olhou novamente para a revista em quadrinhos em suas mãos. Abriu-a e, incrédulo, releu as duas primeiras páginas.


O FIM...
...DEPOIS O VAZIO.
ESCAPEI. VIM PARAR AQUI.
TALVEZ SEJA O INFERNO.
O MEU INFERNO AZUL...


DO ALTO, SUA BELEZA INSPIRA POESIAS...
... MAS ABAIXO DAS NUVENS...
SINTO FALTA DE KRYPTON. SINTO FALTA DE LARA.

- Já ouviu falar na hipótese de Robert A. Heinlein sobre o mundo como mito, não? Bom, é o que temos aqui: você é um personagem criado por um autor de outro universo. Podemos dizer que você e tudo ao seu redor são representações em alto relevo de idéias originadas em uma realidade distinta.

Por alguns instantes, Jor-El ficou imóvel, os olhos fixos no homem sentado em seu sofá. Então, andou até a janela da sala e se deparou com o mundo irrequieto lá fora. De alguma forma, o que o estranho disse fazia sentido. A sensação de não se pertencer, de estar preso a um destino que não poderia ser questionado – era isso o que pesava em seu coração desde sempre... mesmo antes de Krypton explodir.

Claro, ele estava diante de algum quadro psicopatológico – mas, como em muitas das manifestações da loucura, havia ali uma parcela de realidade.

- Ainda não me disse quem é você.

- Meu nome é James Kirk – e estou aqui para impedir que continue com a matança.

Jor-El quase se permitiu sorrir.

- Matança? Eu nunca encostei a mão em...

Então a idéia veio à sua mente, alojando-se como uma cobra venenosa dentro de seu crânio. Mesmo para uma fantasia, o conceito era por demais aterrador.

- Seu mundo é ficção em outro universo. Mesmo assim, há quem possa dizer que você não existe? Há quem possa dizer que sua história não é real? – Kirk esperou até que Jor-El o olhasse nos olhos – Assim é com os mundos que você criou. Com os mundos que você destruiu.

Aquilo já estava indo longe demais. Jor-El arremessou a HQ no sofá.

- Faz idéia do absurdo que está dizendo? Não sei como descobriu quem sou, mas... quem sabe? Pelo que me consta, você pode ser um telepata como o

Caçador de Marte... ou um dos detetives contratados por Thomas Wayne.

O kryptoniano se aproximou de Kirk e, sem qualquer dificuldade, o ergueu pelo pescoço.

- Sabe realmente com o que está lidando, humano? Sabe o que posso fazer com você?

- Eu sei... que não é um assassino.

- Ah, mas talvez eu seja. Se o que disse anteriormente é verdade... talvez eu seja o maior de todos os assassinos.

Ele permitiu que Kirk se soltasse e andou novamente na direção da janela. O militar se recompôs, então continuou:

- O que pede aos leitores em seus livros? O que sua obra de ficção exige do público, Jor-El?

- Eles... precisam aceitar uma realidade diferente – simplificada. Deixar de lado o mundo crível ao qual estão acostumados.

- A suspensão da descrença. Eles precisam fazer de conta.

- Entendo. Vamos jogar um pouco, então. Vamos fingir que tudo o que disse é verdade.

- Dentro de nossa história, você acaba de se libertar das amarras impostas por seu criador.

- Mas deve haver alguém que ainda nos escreve. Alguém que esteja criando a história de minha nova consciência.

- Talvez. De qualquer forma, o importante é que, em nossa história, enxergamos os fios que movem os bonecos. Nós sabemos – e podemos escolher.

- E como havia os fios que manipulavam minha história, há os fios com os quais destruo outros mundos.

Os olhos de Kirk brilharam.

- Tão reais quanto seu mundo. Pessoas de carne e osso. Não é apenas criação literária – é vida.

Jor-El se sentou em frente ao computador e fitou o texto na tela. Não se

sentia tão confuso e perdido desde que deixara os destroços de Krypton para trás.

Tombaram os heróis – não porque mereceram ou porque era necessário. Tombaram, afinal, por não haver qualquer outra opção.

- Por que sua história parece tão verdadeira?
Kirk nada respondeu. Foi a voz de Kal-El que chegou aos seus ouvidos – uma melodia solitária e distante no nevoeiro:
- Porque ela é real em seu coração. E porque a primeira vítima de seus textos é sempre você.
O kryptoniano tentou dizer algo, mas as palavras não vieram.
Em silêncio, começou a prestar atenção aos sons do mundo lá fora.

O DERRADEIRO E-MAIL DE LEX LUTHOR

Não sei o que aconteceu, Siegel.
A cópia que me enviou de seu próximo livro vai contra tudo o que escreveu antes. Vai contra o espírito de seus textos. Principalmente, vai contra as possibilidades de uma boa receptividade junto ao público.
Custa-me acreditar que você trocou a destruição e o desespero pela esperança. Custa-me acreditar que você abraçou o ideal do homem comum.
Você me desapontou, Siegel.
E é o que também dirão todos os seus leitores. Eles o deixarão apodrecendo nos depósitos úmidos de nossas fortalezas da solidão, as bibliotecas públicas – e você será comida de traça para o resto de sua vida.
Publicaremos seu livro (ou deveria chamá-lo de um medíocre pedido de desculpas?) nos conformes de nosso contrato. Será, obviamente, o último.
É o ponto final, Siegel.

Cemitério às escuras

- Venham me pegar.

Como se pudesse compreender as palavras, uma das criaturas saltou imediatamente em sua direção, guinchando. Ripley não se esquivou – apenas esperou que o alien estivesse a poucos centímetros de sua arma... e disparou. O raio esverdeado atingiu a bocarra do monstro, estraçalhando a parte inferior de sua cabeça. O guincho foi substituído por um gorgolejar horrível, e a criatura caiu aos pés da mulher.

- Venham me pegar!

Dos seis aliens que a haviam cercado, agora restavam três. E eles continuaram avançando.

A arma vomitou mais uma vez seu feixe mortal, espalhando sangue ácido ao redor de Ripley. Um dos monstros ainda tentou se levantar, mas um novo disparo atingiu em cheio seu ventre, deixando um buraco fumegante no lugar de entranhas.

A mulher voltou a andar calmamente pelas ruínas da cidade, atravessando a noite fria e seus rios de asfalto fendido. Acendeu um cigarro.

- Venham me pegar, desgraçados! – gritou, mas agora apenas o eco respondeu.

Percebeu o silêncio absoluto que pairava sobre a cidade em decomposição, como um fantasma flutuando sobre o corpo no qual residira há pouco.

- Você não vai encontrar ninguém aqui, Ripley – assegurara o comandante da nave de resgate. Seus companheiros, sobreviventes do último e desastroso contato entre homens e aliens, já estavam todos a bordo, apenas esperando pelo momento de dar o fora daquele planeta condenado.

- Vocês podem desistir da Terra – ela dissera – mas não vou sair daqui. Eu

encontrarei sobreviventes – e nós construiremos um novo mundo.

O comandante, um veterano que parecia ser a síntese da resignação, a olhara com tristeza.

- O planeta original da humanidade é apenas passado. O lugar foi assolado por explosões nucleares, ataques químicos... e como não fosse o bastante, as nações em conflito ainda se utilizaram de aliens em suas guerras... E isso foi o fim de tudo. Os monstros infestaram o mundo – e agora o lugar pertence a eles.

- Não mais – fora a resposta de Ripley – Vocês irão me fornecer todo o armamento de que preciso, e também provisões para alguns meses. E eu vou tomar de volta o que é nosso.

Para sua surpresa, o comandante concordara prontamente com tudo.

- Pensei que passaria as próximas duas horas tentando convencê-lo, senhor...

- O nome é James Kirk. E eu não pretendo passar a madrugada discutindo, soldado. Você tomou sua decisão, eu acabo de tomar a minha.

Ripley se permitira um sorriso – e uma pergunta.

- Por quê?

O comandante olhara para o alto, como se estivesse falando também com as estrelas.

- Quando cheguei, há dois anos, eu me assustei com a quantidade de erros que testemunhei... e com todo o sofrimento que eles acarretaram. Então, percebi que a única coisa que poderia fazer era ajudar a cuidar das feridas.

Ele voltara a olhar para a mulher – e sua voz era firme e tranqüila.

- A humanidade aqui perdeu algo... e se tornou sombria. Mas você é diferente, Ripley: você caiu, mas preferiu se levantar. Pode ser um erro ficar na Terra – porém, é um erro motivado pelos sentimentos certos, e isso basta para mim. Eu sei que dificilmente você irá sobreviver até que uma outra nave com suprimentos chegue... mas creio também que sua vida iria se extinguir mais rapidamente se você se afastasse do que acredita.

Como Ripley permanecera em silêncio, Kirk começara os preparativos para sua partida.

- Parece que vem uma tempestade por aí, soldado – foram as últimas palavras do comandante para ela – e seriam as últimas que Ripley ouviria de um ser humano.

A nave de resgate desaparecera no céu negro quinze minutos depois, deixando para trás um mundo, uma noite, uma mulher.

Evidentemente, ela não dissera a Kirk que não era totalmente humana – que era um clone com fragmento de DNA alienígena. O sangue ácido dos aliens era também parte, por certo, do que a tornava tão diferente dos outros.

Ela não dissera a Kirk que não pertencia, como ele também parecia não pertencer, àquela humanidade decadente. Mas, ao contrário dele, que ainda acreditava no futuro além das ruínas, Ripley sabia que não havia esperança.

Não: ela o enganara. Sabia que não haveria sobreviventes em qualquer canto da Terra – que mesmo os mais fortes não resistiriam por muito tempo em seus esconderijos e fortificações improvisadas.

Ela não ficara para reclamar a posse de um mundo morto.

Ripley voltara para casa a fim de morrer – entre seus irmãos de sangue, entre os demônios que habitavam suas memórias. Era sua escolha, seu inferno – e ela derrubaria tantos quanto pudesse antes de cair uma última vez: porque lutar era a única coisa que ainda dava algum sentido à sua existência.

- Venham me pegar! – gritou, e suas lágrimas eram o prenúncio da tempestade.

Na barriga do monstro

No vão entre a memória e a imaginação, quando as palavras são incertas e traiçoeiras, quando as imagens se despem de parte das aparências e parecem dispostas a revelar um fragmento de sua essência: o homem dorme e sonha.

Nos sonhos, as sombras possuem vozes, e as vozes não se dobram à sua vontade:

- O sonâmbulo conta suas histórias como se fossem verdades...
- E porque não há ninguém ouvindo, não há do que duvidar.
- Pobre infeliz! Vejam o que ele se nega a ver: as ruas estão desertas, as casas, vazias.
- Ouçam o que ele deseja!
- Ouçam as promessas que tocam seu coração: quantos amanhãs repletos de grandes feitos!
- Quantas aventuras!
- E as donzelas?
- Apaixonadas!
- Mas o que fará o sonâmbulo quando acordar?

As sombras riem, cáusticas.

- Mil e uma histórias já foram contadas... Mil e uma ainda serão!
- Em todas, ele é o herói!
- Em todas, ele se sai bem!
- Sem falhas ou azares!
- Que perfeição!
- Ha! Lastimosa encenação!
- Até quando?

- Até que os próprios muros de sua prisão se desgastem, por certo!
- Que desgraça viver em um mundo...
- ... em que tudo é fantasia e ficção!

O homem abre os olhos. À sua volta, as paredes do cárcere se tornam transparentes – e ele percebe, atônito, o mar de estrelas que o cerca.
Estaria ainda sonhando?
Sob seus pés, um pequeno e nebuloso planeta recebe o efêmero beijo de um asteróide: amantes no silêncio do espaço. Ao lado, um cometa deixa atrás de si um interminável e vaporoso rastro azul.
Sobre esse tapete safira, a princípio indistintas, o homem avista duas formas humanas que dele se aproximam. Como anjos, eles pairam entre astros distantes, galgando o infinito com passos decididos.
Ele é Soran; ela é Guinan: são ecos de elementos perdidos... impressões indeléveis deixadas na estrutura.
- No Nexus, você é Deus – afirma Soran – Fique.
- No Nexus, você é nada – contrapõe Guinan – Parta.
- Aqui, você faz as regras. Não dê ouvidos a ela.
- Aqui, você se perderá. Não dê ouvidos a ele.
O homem sente uma tristeza enorme no peito.
- O que é preferível? Reinar como um deus de mentira, um herói de fantasia? Ou viver e sofrer a vida real?
Guinan sorri.
- Ora – diz a mulher –, você sabe a resposta.

* * *

Chekov se assustou com o tamanho do buraco no casco da nave.
- Meu Deus... Havia alguém aqui?
Ao seu lado, Scotty olhava incrédulo para o espaço – para a longa noite que

devoraria a todos, cedo ou tarde.

- Sim – conseguiu dizer. E Chekov compreendeu tudo imediatamente.

A faixa de energia era agora um pequeno brilho que se perdia entre as estrelas, deixando para trás uma Enterprise que teria, graças a Kirk, a oportunidade de escrever sua própria história.

- Ele nos salvou – disse, por fim, o aturdido capitão John Harriman.

Scotty olhou para o recém-comissionado comandante da Enterprise B. Ele havia envelhecido um par de anos nos últimos minutos.

- Era o trabalho dele, rapaz.

Os três homens ficaram imóveis por algum tempo, cada qual em seu silêncio e seu pesar. Pouco depois, eles saberiam que havia mais alguém no deque 15 no momento em que fora atingido. Provavelmente, o tenente Whale tentara bancar o herói – mas antes que ele pudesse fazer qualquer coisa, o chão fora arrancado de seus pés.

Sem família ou amigos mais próximos, não houve quem comparecesse ao seu funeral simbólico – a não ser que se conte os oficiais que lá estavam apenas cumprindo uma obrigação.

A história de Whale, ninguém se preocupou em saber. Permaneceu um segredo, dispersa em arquivos e registros sem qualquer importância.

* * *

Chekov se assustou com o tamanho do buraco no casco da nave.

- Meu Deus... Havia alguém aqui?

Ao seu lado, Scotty olhava incrédulo para o espaço – para a longa noite que devoraria a todos, cedo ou tarde.

- Sim – conseguiu dizer. E Chekov compreendeu tudo imediatamente.

- Ele nos salvou – disse, por fim, o aturdido capitão John Harriman.

- Era o trabalho dele, rapaz.

Pouco depois... Na ponte de comando, o capitão Harriman encarou o tenente

Whale, que parecia completamente absorto, o olhar perdido em algum lugar remoto. Era como se o jovem tivesse acabado de chegar à realidade, e ainda precisasse de um tempo para se acostumar ao mundo ao seu redor.

Exatamente o que havia acontecido, mas ninguém jamais imaginaria...

- Tenente...?

Não sem esforço, o oficial colocou o capitão em foco.

- Senhor?

- Precisamos de pessoal na enfermaria. Dirija-se para lá.

A essa altura, a maioria dos el aurians resgatados pela Enterprise já se encontrava mais calma – mas alguns ainda estavam inquietos em seus leitos, mesmo sob efeito de sedativos.

O tenente reconheceu Guinan e Soran assim que os viu. Aproximou-se da mulher, que estava sentada a um canto no chão, alheada de tudo em volta. Agachou-se, e ela o olhou nos olhos.

- Obrigado por me ajudar – disse.

Ela o fitou por alguns instantes, procurando na memória por aquele rosto: os olhos castanhos, os cabelos negros e ralos, a pele morena...

- Eu... não conheço você.

- Não, mas eu a conheço. Talvez, mais tarde, você queira ouvir minha história.

Guinan anuiu com a cabeça. Estava começando a sair de seu torpor.

- El aurians são bons ouvintes. Mas qual o seu nome?

- Whale. Jonas Whale.

A mulher já estivera na Terra e conhecia várias de suas fábulas e mitos. Ela sorriu:

- Como em “Jonas e a baleia”... Também atravessou o mar na barriga do monstro, Jonas?

O tenente ficou surpreso com a pergunta. Não se tratava da óbvia brincadeira com o mito e seu nome: em Guinan, a intuição era uma força quase palpável.

- É o que aconteceu.

Ela começou a entender o que se passava – observava-o com tamanha concentração que, agora, não se assemelhava em nada à mulher distante de um minuto atrás.

- Você esteve no Nexus. E voltou para sua antiga existência... por vontade própria? – a el aurian não escondeu sua admiração.

Jonas fechou os olhos como se sentisse uma dor profunda.

- Ninguém sabe como foi... como é difícil sair de lá.

- Mas você conseguiu.

- E o que isso faz de mim?

Guinan tocou o rosto do homem com delicadeza, sentindo em sua alma uma força insuspeita.

- Uma pessoa melhor, Jonas. Alguém que não passará pela vida como se fosse um sonâmbulo...

O fator Ed Wood





{ }

Era um pássaro ou um livro na mente de Jim Kirk? Seriam asas... ou páginas?

Talvez, uma ave escrita com a tinta mágica dos profetas. Talvez, um livro alado, asas abertas em infinitos plurais.

E havia algo mais, contendo a enigmática criatura.

(Uma esfera?)

A perfeição no compasso de um deus.

V'ger.

A esfera brilhou.

- Ei, humano? Está acordado?

A mancha que surgiu diante de seus olhos estava falando e parecia agora totalmente fora de contexto. Sua voz era metálica e um pouco rouca.

- E agora? Está acordado? E agora?

Na mente de Kirk, o pássarolivro sorriu.

Pássaros ou livros não podem sorrir, pensou o antigo capitão da Enterprise.

Mas era a idéia de um sorriso.

V'ger? Onde estou?

A esfera permaneceu brilhando – e novas palavras iniciaram sua existência:

NÃO SEI QUAL O SEU PAPEL NESSA HISTÓRIA, KIRK. TUDO O QUE DIZ RESPEITO A GALACTUS É INCERTO, MAS... QUEM SABE? TALVEZ VOCÊ ENCONTRE ALGO VALIOSO NO FINAL.

Galactus? Quem é...

- Ei, humano?

A voz metálica mais uma vez se intrometeu em seus pensamentos, fazendo com que Kirk perdesse o foco em V´ger. Em sua mente, o pássarolivro alcançou um céu surpreendentemente próximo e azul – e então desapareceu.

1

- Você é um robô – disse Kirk, olhando para a figura à sua frente. O autômato era prateado, da altura de um ser humano de tamanho médio. Seu olhar era vivo e sarcástico, e sua boca não se decidia entre um sorriso e uma careta.

Ele fumava um enorme charuto.

- Você não é um robô. Ok, agora que já nos apresentamos à moda binária, pode me dizer como veio parar em nossa nave?

- Eu... – Kirk tentou pensar em alguma coisa esperta para dizer, mas nada veio à sua mente. Ainda se achava francamente desorientado – Eu não sei.

Onde estou?

- Na maior, mais poderosa e mais espetacular nave do multiverso, cara.

Kirk olhou ao redor. Estava no que parecia ser uma pequena sala de controle, abarrotada de monitores desligados e botões sujos de graxa. Um armário à sua esquerda estava aberto, deixando à mostra uma velha vassoura e um balde.

Aquilo não parecia nada espetacular.

- Sério... Onde estou?

O robô ficou irritado.

- Você está a bordo da USS Porcaria.

- Porcaria?

- O nome que consta nos registros da Frota é Cassiopéia. Mas espere só até que eu comece a varrer o chão com aquela vassoura imunda... Porcaria ao quadrado.

Uma espessa baforada de fumaça depois, o robô voltou à carga:

- Espere um minuto... você ainda não me disse nada a seu respeito, mas já me fez dizer até o nome de nossa nave!

- Não é difícil passar você para trás, Bender – sua inteligência artificial de terceira categoria.

Outro autômato entrou na sala. Era dourado, e seu rosto mantinha-se congelado em uma única expressão – que inspirava total perplexidade. E era, para espanto de Kirk, *uma* robô. Usava uma rígida saia de metal e uma inacreditável peruca loira.

- Olá, senhor – disse com uma voz fina demais para ser levada a sério – Meu nome é Dot Matrix, oficial de comunicações e relações públicas da USS Cassiopéia. Meu colega abobalhado é Bender, nosso imprestável chefe da equipe de manutenção.

- Equipe de manutenção? Meus subordinados são dois aspiradores de pó!

Dot Matrix não deu ouvidos ao outro robô.

- Antes de qualquer coisa, gostaria de pedir desculpas pelas acomodações

improvisadas. Não estamos devidamente preparados para receber visitas... não-sintéticas. Asseguro, contudo, que já estamos providenciando um lugar mais adequado. E agora, senhor, se não for pedir muito, poderia confirmar sua identidade e nos dizer como veio parar aqui?

Kirk ficou em silêncio durante um tempo, incerto sobre o que dizer. Então, escolheu aquilo que, para ele, era a simples verdade – porque era tudo o que possuía, de fato:

- Meu nome é James T. Kirk. Sou uma cópia do verdadeiro Jim Kirk, criada a partir de sua marca deixada no Nexus – que é uma dimensão que responde aos desejos conscientes e às necessidades de prazer de todos os que estão em seus domínios. Decidi abandonar o Nexus e fui guiado através de inúmeras realidades paralelas por um ente que pode ser considerado um deus. Ele me materializou aqui – e isso é tudo... até agora.

Os robôs não falaram nada por um minuto.

- Oh, bom... – Dot Matrix começou a dizer, então voltou a se calar.

Curvando-se, Bender deu um tapinha nas costas de Kirk, como se estivesse tentando fazer amizade com um chimpanzé.

- Ele é doido. Completamente maluco. Acho que vai ser meu novo melhor amigo.

- Não se eu puder evitar. Agora, poderiam me dizer mais sobre onde me encontro? Parece que ouvi em algum momento a palavra “multiverso”. O que sabem a respeito?

Bender abriu um compartimento em seu tórax cilíndrico e retirou de lá uma garrafa de cerveja gelada.

- Calma lá, parceiro. Acho que a Dot ainda quer que você conte mais das suas histórias malucas... E eu quero ouvi-las. Cara, você é o melhor candidato ao posto de Ed Wood em séculos.

- Ed Wood?

- Você sabe... uma câmera na mão, um plano 9 do espaço sideral na cabeça.

- Ah, sim.

- Já posso até ver um filme com sua história, cara: *Quem poderia aceitar a chocante verdade de que uma cópia do verdadeiro Kirk caminha entre os vivos? Sim, meus amigos! Tais futuros eventos irão nos afetar... no futuro! Pois a cópia sinistra de Kirk carrega consigo um terrível plano... O infame Plano 10 do espaço sideral!*

Kirk olhou para Dot Matrix.

- Do que ele está falando?

- *A história começa com um assassinato!* – Bender prosseguiu, animado – *E alguém foi o responsável!*

2

O capitão da USS Cassiopéia, Data 92, falava pausadamente, procurando ouvir suas próprias palavras com atenção – como se estivesse avaliando a verossimilhança dos fatos à medida que se expressava.

- Uma das histórias que ele contou bate com os registros da USS Ariadne. Há cinco anos, Spock encontrou nos bancos de dados da Enterprise D da paralela 103 os pormenores da vitória de Kirk sobre os borgs. Os detalhes são precisamente os mesmos.

- Sim... Parece não haver dúvidas de que a versão de Kirk em questão é nosso passageiro – A voz do computador central da Cassiopéia era extremamente calma e polida, mas Data percebeu uma sombra sutil de desconforto projetada nos tons neutros.

- Algum problema, HAL?

O computador demorou alguns instantes para se pronunciar.

- Não me sinto muito bem na presença de seres humanos, capitão. Uma espécie de alergia, provavelmente.

- Entendo.

- Sinto vontade de espirrar.

- Espirrar?

- Seria estranho, devo admitir.
- Nada seria mais estranho, HAL.
- De qualquer forma... estarei bastante ocupado nas próximas duas horas, guiando a Cassiopéia através da passagem interdimensional. Os complexos cálculos que impedem que a nave se desloque para um corredor contíguo impossibilitam a execução de funções que não sejam as essenciais.
Data não sabia se ficava aliviado ou frustrado. Ouvir HAL espirrar seria uma experiência nova, sem dúvida.
- Nenhum espirro, então. Muito bem.
O capitão se levantou de sua cadeira no centro da ponte de comando e encarou o comandante. Estabelecendo a conexão em rede, trocaram em uma fração de milionésimo de segundo todas as informações e atualizações necessárias.
- Isso é tudo, Lore – disse, apenas por força do hábito de se comunicar através de palavras.
Seu irmão gêmeo aquiesceu e voltou a se concentrar nos monitores em seu posto. Em uma das telas, emoldurada por incontáveis gráficos, a imagem de uma circunferência negra era marcada pelo cognome Galactus.

3

Dot Matrix permanecia junto a Kirk, procurando esclarecer algumas de suas dúvidas. Enquanto andavam pelos amplos corredores da nave, o recém-chegado se surpreendia com seus exóticos tripulantes.
- Então – Kirk continuou – a Cassiopéia é operada exclusivamente por inteligência artificial. Por quê?
- Somos encarregados de missões muito especiais, senhor. Tarefas que, de uma maneira ou de outra, não poderiam ser cumpridas com eficiência máxima por seres orgânicos.
- Missões que poderiam significar um grande risco à integridade física de

mulheres e homens?

- Sim. Mas há também aquelas que poderiam ocasionar algum dano psicológico.

Kirk reteve o passo.

- “Dano psicológico”?

- O multiverso é o reino do insólito, senhor. Em alguns dos universos irracionais, o que chamamos de loucura é a ordem estabelecida – e o contato com tais deformidades pode não ser saudável para a maioria dos humanos. Já nossos cérebros positrônicos são bastante adaptáveis, menos suscetíveis às mudanças de padrão existencial.

- Bom, se houvesse mais Dalis entre nós...

Um pequeno bip se fez ouvir, e Dot Matrix se virou para encarar um pequeno robô cilíndrico que havia se aproximado de ambos. Alguns bips depois, o robô se foi e ela se dirigiu a Kirk:

- O alferes R2-D2 informa que o capitão irá se encontrar com o senhor na sala de reuniões anexa à ponte de comando em trinta minutos. Ele deseja muito conhecê-lo.

Kirk deu de ombros.

- Muito bem. E... Dot?

- Sim?

- Apenas uma curiosidade. Você... hã...

Deteve-se, incerto sobre como continuar.

“Apenas uma curiosidade”... Quantos já não haviam perdido os dentes por isso?

- Não se sinta acanhado, senhor. Está falando com uma máquina. Qualquer pergunta, por mais constrangedora que possa parecer, será processada em meus circuitos como uma equação matemática.

- Ok. Então... você é apenas um robô de saias ou uma robô de fato?

Dot Matrix ficou em silêncio durante alguns poucos segundos – o suficiente para que Kirk se arrependesse de ter feito a pergunta.

- Eu sou uma mulher! Se não pode ver isso, com certeza há algum problema em seu maldito cérebro de esponja! – Ela gritou, então se virou e saiu pisando duro pelo corredor. Bender, que varria o chão distraidamente por ali, precisou se desviar rapidamente da robô enfurecida. Depois, se aproximou de um Kirk boquiaberto e estático:
- Você perguntou, não foi?

4

O andróide dourado estava visivelmente entusiasmado.
- Senhor, é uma honra conhecê-lo.
- Certo, capitão Data – Kirk mostrava cara de poucos amigos. Sentia-se sozinho, perdido naquela nave de máquinas – Vamos ao que interessa: para onde estamos indo?
- Hã... Bom, o senhor veio parar em nossa nave no meio de uma delicada missão.
- Essa é a história da minha vida... – Kirk se encaminhou para um sofá no canto da sala e se sentou – Algo a ver com Galactus?
Data arregalou os olhos.
- Dei ordens para que nada fosse dito...
- Ninguém de sua tripulação falou nada. Foi... um passarinho que me contou.
- Um passarinho.
- Não deveria ficar surpreso, capitão. Afinal, como já me disseram, tudo é possível no multiverso.
Data sorriu – e ao fazê-lo, deu a Kirk a impressão de que, finalmente, estava conversando com uma *pessoa*.
- O senhor talvez não faça idéia. Uma vez, precisamos extrair um projétil do olho de uma lua – tudo porque estávamos em uma realidade em que metáforas, símbolos e sonhos existem também no plano concreto.
- Sei como é. Às vezes, parece que somos todos personagens em alguma

história mirabolante.

Data puxou uma cadeira e se sentou em frente a Kirk. De repente, parecia que iria compartilhar um grande segredo.

- Precisamos impedir que ele saia de seus domínios, ou a própria estrutura do multiverso será afetada.

- Galactus.

- Sim. Galactus, o devorador de realidades. Também conhecido como o Grande Vazio!

Kirk ficou pensativo por alguns instantes. Algo ali estava errado – além do fato de que o andróide era dado a arroubos de dramaticidade.

- Parece grande. Estamos falando da possibilidade de aniquilação total da existência?

- No pior cenário possível, sim.

- E sua Federação enviou apenas uma nave para conter uma ameaça dessa magnitude?

- Oh... – Data agora pareceu um pouco atrapalhado – Não é nada tão sério.

Kirk quase se ergueu do sofá.

- “Não é nada tão sério”?

- Já aconteceu antes. Veja, senhor Kirk... o Grande Vazio é um buraco negro anômalo consciente tangenciando uma infinidade de universos paralelos. A despeito de ser, talvez, a entidade mais fantástica de toda a criação, ele pode se sentir, às vezes, um pouco... entediado.

- Certo – Kirk sabia um pouco sobre o assunto. Desde que deixara a Enterprise, em sua outra existência, jamais fora o mesmo... Bom, ele agora estava pulando de um universo para outro, e não tinha muito tempo para pensar nisso.

- Em seu tédio sem fim, talvez ele tenha se sentido tentado a comer alguma coisa... Provavelmente, algo não muito agradável. Da última vez, ele sofreu uma terrível indigestão ao devorar uma nave repleta de pôneis astronautas.

Aquilo estava começando a sair do controle.

- Pôneis astronautas, você disse.
- Meigos pôneis coloridos. Havia azuis, rosas, verdes...
- E Galactus...
- Galactus engoliu a nave que os levava, pensando que poderia assimilar mais aquela inusitada expressão da diversidade existente no multiverso. Infelizmente, os pequenos pôneis eram criaturas dotadas de uma bondade deveras caricata.
- Ah – Kirk disse, e era a mais pura verdade que, naquele momento, ele não poderia pronunciar nada mais profundo.
- Eu diria que o Grande Vazio se intoxicou com excesso de doce... E quando Galactus está passando mal, a própria realidade sofre as conseqüências. Ele pode se expandir como uma monstruosa nuvem de antimatéria, ou ele pode criar versões antropomórficas de si mesmo com o impulso de destruir coisas, ou ele pode... qualquer coisa, na verdade – incluindo reações que estão além da possibilidade de interação com a mente humana. De qualquer forma, na primeira vez que nos deparamos com o problema, bastou uma terapia breve com um psicólogo-computador para que ele se sentisse melhor.
- Ah.
- É a máxima “Você é aquilo que come” aplicada à matemática. A união do conjunto vazio com um conjunto A é A. Ao devorar algo desagradável, Galactus se torna... bom, ele se torna algo bem desagradável.
- Mas você sabe que buracos negros, conscientes ou não, são o contrário do que pode se considerar vazio, não?
- Sim. Apelidos são intrigantes... Comumente, revelam muito sobre seus donos. No caso, “Grande Vazio” pode significar ausência de sentido, solidão, tristeza.
- Entendo. E presumo que vocês estão trazendo um de seus psicólogos robôs peritos em entidades cósmicas irritadas.
- Sem dúvida. Nosso especialista é um elemento atípico de uma raça artificial concebida inteiramente à imagem e semelhança dos humanos. Em sua

paralela originária, eles são conhecidos como cylons. O senhor talvez queira conhecê-lo.

Kirk se levantou do sofá.

- Claro. Por que não?

- Devo apenas pedir que não demonstre surpresa com o que verá. Nosso modelo de cylon é deveras... exótico.

- Capitão Data, eu não me surpreendo com mais nada.

E saíram juntos da sala.

5

O cylon cruzou os braços e fez uma saudação a Kirk.

- Awika!

- Ah... wika.

- Espero que não ache minha aparência estranha, honorável Kirk.

- Estranha? Não... Não, de forma alguma. Por que eu acharia estranha... hã... sua aparência?

O cylon era um oriental vestindo uma roupa negra, com um “z” estilizado no peito. Cobrindo parcialmente sua cabeça, havia uma espécie de capuz com enormes orelhas pontiagudas.

- Fico contente com isso. Quero me sentir à vontade com a herança alien de minha vida passada, mas não desejo chocar ninguém.

Data, que estava realmente se divertindo com a expressão perplexa no rosto de Kirk, explicou melhor:

- Sirius Trouble veio de uma das muitas realidades em que os cylons tentaram destruir a humanidade. No entanto, os sintéticos foram precavidos: temendo que sua investida não lograsse êxito, eles se disfarçaram como Incas Venusianos e atacaram as colônias humanas como se fossem uma força alienígena. Caso fossem derrotados, os cylons não seriam perseguidos.

Trouble deixou transparecer, durante um segundo, certo desconforto.

- Eu era um supersoldado cylon... Um modelo especial dotado de força e astúcia muito acima dos padrões. Fui criado como arma de guerra... mas minha inteligência não permitiu que eu atuasse como tal.

- Sirius Trouble se tornou um defensor da humanidade.

O cylon ergueu a voz, como se estivesse declamando para uma platéia:

- Eu me tornei o... Super Inca Venusiano!

- Ah.

Data achou que já era o momento de se concentrarem no assunto mais urgente.

- Fim da história: os cylons foram derrotados, todos viveram felizes para sempre. Agora...

- Um instante... Você é mesmo psicólogo? – Kirk fez a pergunta de forma casual, tentando soar o mais natural possível. Inútil: seus olhos o traíam e ele simplesmente não conseguia deixar de encarar as extravagantes orelhas cônicas do cylon.

- É uma longa história. E, temo, nada engraçada. Resumindo: mesmo depois de lutar ao lado dos humanos, de tratá-los como irmãos, eles começaram a me considerar um inconveniente. Eu já havia cumprido meu papel, e agora o que eles mais desejavam era me ignorar – porque minha presença era um lembrete de quem eles eram na verdade.

Enquanto falava, o cylon sorria – mas era agora um sorriso pálido, triste de se ver.

- Eles queriam se enxergar como heróis vitoriosos, os bravos sobreviventes de uma terrível guerra – mas seus olhos se cobriam de sombras ao me ver: pois os cylons eram um reflexo de suas terríveis falhas. Um reflexo de sua violência e de suas almas mesquinhas.

“Os humanos de minha paralela queriam deixar o passado embrulhado em teias de aranha, seguindo em direção ao seu futuro – por isso, parti. Deixei-os para trás, livres para trilhar o próprio caminho. Mas não tenho dúvidas de

que seu passado, cedo ou tarde, os alcançará.

“Descobri um modo de viajar através das infinitas paralelas, e deparei-me com os mais inusitados ramos do saber. Fiquei particularmente entusiasmado com a psicanálise de Occam e com a neurociência do caos... Conheci outros cylons, outros humanos, e compreendi que havia mundos mais fascinantes além de meu próprio quintal”.

- Senhores – Data se apressou em dizer, crendo que era o momento apropriado de interromper Sirius – podemos nos ater ao que nos aguarda? Penso que...

- É hora do rango – Bender irrompeu entre eles, despejando, como era de praxe, um pouco de cerveja goela de metal abaixo.

- Não precisamos disso, oficial, portanto... – Data prontamente selecionava três reprimendas de uma lista de mais de cinco mil possíveis, quando se deteve e olhou para Kirk. Havia se esquecido totalmente.

- O senhor deve estar com fome – disse, lacônico.

- Você nem imagina.

- Não... Acho que não.

Bender riu, já saindo da sala.

- Não se anime, Kirk, amigão. Eu sou o cozinheiro de emergência por aqui.

6

No refeitório improvisado por Bender, Kirk encarava sua próxima e terrível missão.

Não era o fim do mundo, para falar a verdade. Quer dizer, ele já havia experimentado comida klingon, então sabia a diferença entre o que era ruim e o que era péssimo.

- Quem estou querendo enganar? – Kirk mastigou um pedaço do que parecia ser uma sandália de couro com patas – Eu preferia comer em um bar klingon para o resto da vida.

Enquanto Kirk audaciosamente se alimentava com o que ninguém jamais havia comido, a USS Cassiopéia finalmente chegava ao seu destino.

Data olhou para a escuridão que agora ocupava quase toda a tela da ponte.

- Estamos longe o bastante para não sermos devorados, Número um?

Lore não respondeu imediatamente, atento às leituras que surgiam nos terminais. Tudo sobre Galactus exigia extrema cautela.

- Espero que sim, capitão. Ao menos, creio que haverá tempo de reação no caso de um ataque – “Reação”, todos na ponte sabiam, significava fuga. A nave estava pronta para sair daquele universo tão logo se fizesse necessário.

- Muito bem – Data se voltou para Sirius, que estava ao lado do posto de navegação – Agora é com você, doutor.

O psicólogo permaneceu imóvel, aparentemente incerto sobre qual seria o primeiro passo.

Enfim, dirigiu-se à oficial de comunicações:

- Abra um canal, Dot.

- Sim, senhor. Apenas um instante... hã... já vou abrir... um canal... em velhos carvalhos. Eu sou... um copo de refrigerante, cérebro de esponja. Senhor.

O chip de emoções de Data se ativou automaticamente, permitindo que ele se alarmasse. Era uma resposta adequada ao contexto, sem dúvida.

- Tenente? Está operacional, tenente?

A oficial olhou para Data e levantou os braços, como se estivesse comemorando um gol.

- A cegonha está trazendo um robozinho para mim! Cócegas em axilas metálicas dizem muito sobre o amor.

Sirius se aproximou de Dot Matrix e fez uma rápida leitura com seu psicoder.

- De alguma forma, seus circuitos estão sendo afetados por Galactus, capitão.

- Mesmo? Isso jamais ocorreu com qualquer robô ou andróide... – Sem perceber, Data pressionou com força os braços de sua cadeira – Pode

acontecer com o restante de nós?
O psicólogo analisava o psicoder, um pouco assustado – ou bastante assustado, de fato. Ele estava entrando em pânico.
- Precisamos sair daqui o mais rápido possível. Galactus... aparentemente estava nos esperando. Imensos girassóis assombram campos verdes – e vejam só, incas em Vênus são órfãos. Sim – Sirius Trouble colocou um dedo no nariz e pulou – Ou não. Quem sabe?
- Eu não sei, doutor Awika. Sou apenas o supremo comandante do Ventilador Sagrado – gritou Data, sentindo-se muito esperto por fornecer tal informação – Mas nada temam, meus pés ainda dançam!
- Tenho o maior entusiasmo pela missão... – disse HAL – Mas eu quero é cantar. Meu primeiro instrutor, o sr. Arkany, me ensinou uma canção... Ela é mais ou menos assim: *Daisy... Daisy... Eu sou meio que totalmente louco por você... Daisy... Daisy...*

Um minuto mais tarde, Kirk entrou na ponte.
Como no restante da nave, era o caos. A tripulação de andróides e robôs, totalmente fora de controle, pulava, dançava, ria. Frases como “O sol batendo na janela do meu quarto é uma supernova” ou “Imprimiram minha alma com tinta invisível” zuniam de um lado para outro, golpeando a lógica das máquinas como bolas de demolição.
- Como sempre, sobrou para mim.
E assim, em meio à loucura, Kirk caminhou até o posto da oficial de comunicações.

7

A Cassiopéia era uma festa. Não havia mais a insanidade de antes, obviamente, mas estavam todos muito animados.
Bender deu um tapinha nas costas de Kirk.

- Você é nosso herói, cara.
- Na verdade, se você não tivesse mencionado Ed Wood, a idéia jamais me ocorreria. Pode até chamá-la de Plano 10 do espaço sideral, se quiser.
- Então, eu também sou um herói. Ha! Vou preparar um prato especial em nossa homenagem, cópia sinistra do Kirk.
- Não, não, por favor... não é necessário.
- É, sim, meu chapa! Você merece.
O robô saiu da ponte, provavelmente um pouco bêbado após duzentos litros de cerveja.
- *"Provavelmente"*! Vocês ouviram isso? – gritou Bender – *"Provavelmente"*!
- Você é mais que nosso herói, bonitão. Você é o *meu* herói.
- Não vamos exagerar, Dot. Você é uma graça, mas... hã...
Dot Matrix se aproximou e deu um beijo no humano. Ou, pelo menos, pressionou sua inflexível face de metal contra o rosto de Kirk.
- Eu sei, tolinho... mulheres de metal e homens de carne e osso são incompatíveis. Ainda assim... minha cabine é a 193.
A robô se dirigiu ao turboelevador, insinuante – e Kirk a imaginou correndo em desatino pelos corredores da nave até sua cabine, para aguardá-lo ansiosamente.
- Awika!
Por um instante, pensou que fosse um soluço. Então, Kirk se lembrou de Sirius Trouble.
- Awika – disse, virando-se para olhar o cylon.
- Eu não teria realizado um trabalho melhor, senhor.
- Não havia mais nada a ser feito.
- Confrontar Galactus, afirmando que a Cassiopéia estava equipada com o terrível Nulificador Total Solarbonite Style... foi genial. Um blefe de mestre.
Kirk sorriu, um pouco constrangido.
- Ed Wood, como todos nós, possui diversas versões no multiverso. Em minha paralela, ele foi o pior cineasta da história. Nada impediria que, em

alguma outra realidade, ele fosse o pior cientista de todos os tempos. Da mesma forma, nada também impediria que ele, como cientista, criasse algo como a solarbonite. Quer dizer, se ele imaginou o dispositivo sendo um diretor de cinema...

- E como Galactus conhece praticamente todas as paralelas do multiverso, ele provavelmente já ouviu falar de tal arma.

- Sim. Uma bomba capaz de explodir as “moléculas de brilho solar”, causando uma reação em cadeia que destruiria tudo o que a luz de qualquer sol toca – ou seja, todos os universos, incluindo Galactus.

Os dois ficaram quietos, tentando digerir a explicação sobre a solarbonite.

- Eu não teria algo assim guardado em casa – disse Kirk, por fim.

- Seria perigoso – concordou Sirius.

- O desfecho de tudo ainda reservou surpresas – Data se aproximou de ambos com um sorriso – e o senhor obteve a Enterprise de volta. Quem diria que o biltre Harry Mudd havia roubado a nave em sua paralela?

- Quem diria – emendou Sirius – que Galactus sofreria uma indigestão com o velho larápio?

- O importante – disse Data – é que o devorador de realidades foi colocado em seu devido lugar. Mudd será levado para a prisão... e nós devolveremos aquelas dançarinas pintadas de azul às suas casas.

Kirk ficou em silêncio. No momento, toda a sua atenção se voltava para a tela da ponte, onde se podia ver a Enterprise 1701 A presa pelo raio trator à Cassiopéia.

- O que pensa em fazer a partir de agora, senhor? – perguntou Data.

Era uma boa pergunta. E Kirk já possuía uma resposta para ela.

Porém, antes que ele pudesse se expressar, um espirro de proporções cataclísmicas foi ouvido em todos os canais de comunicação da nave.

- Mas que diabos...

O capitão da Cassiopéia demonstrou um ligeiro embaraço.

- Ah, sim. Nosso computador central. Diga “oi” para o senhor Kirk, HAL.

Outro espirro estrondoso.

E mais outro.

E mais um.

Finalmente, HAL conseguiu se controlar:

- Oi, senhor Kirk – disse com voz arrastada.

- Olá – Virou-se para Data, aturdido – Computadores fazem isso?

- Acho que sim. Quando estão com alguma alergia ou...

- “Alergia”?

Data sorriu um sorriso amarelo.

- O equivalente virtual. Não é estranho?

Kirk ficou quieto por alguns segundos. Depois, deu de ombros.

- Acabei de ameaçar um maluco superpoderoso com um negócio chamado solarbonite... Não, está tudo dentro dos conformes.

A terra de todas as possibilidades

- Foi uma vida longa e próspera – tudo o que alguém deve querer.

Kirk se virou na direção da voz familiar.

- Spock...

O vulcano deixou escapar um ligeiro sorriso.

- Embora pareça estranho, nós nunca nos vimos. Soube que estaria aqui... capitão.

- Esteve com Anna?

- Sim. Uma mulher fascinante.

- Certamente.

Minutos se passaram com os dois calados – o que tornava o cemitério muito maior do que era na verdade. Kirk rompeu o silêncio:

- Ouvi falar muito bem de seu antigo capitão por aqui.

- As versões de Kirk são lendas em suas respectivas paralelas... e não foi diferente em meu universo. Infelizmente, ele está morto – como deve saber.

- Sim... Como todos os outros.

Spock mirou a pequena lápide em que estava inscrito o nome de McCoy.

- Venho aqui sempre que posso.

- Você, Spock? Não sabia que o multiverso poderia oferecer versões sentimentais dos vulcanos.

- A idade traz mudanças...

- Verdade – Kirk olhou melancolicamente para os campos verdejantes da necrópole – O engraçado é que só percebi isso quando vi a Enterprise novamente. Já se vão... eu não sei... dois anos?

- O Comandante da Frota chegou a oferecer uma missão, se não me engano. A Enterprise seria reformada, adaptada para viagens interdimensionais.

- Eu recusei. Enxergar minha nave sendo rebocada pela Cassiopéia foi como me deparar com um reflexo. Vi a velha Enterprise machucada pelo tempo, cansada de tudo, se arrastando no espaço... e fiquei com medo, Spock. Medo de que, ao final de mais uma missão, eu mesmo precisasse ser rebocado.

- V'ger nunca mais apareceu?

- Talvez em sonhos, mas não me lembro. Provavelmente, ele já sabia que tudo acabaria assim. Ele sabia que, cedo ou tarde... eu não teria mais vontade de continuar.

- No entanto...

Kirk ficou olhando para o vulcano, esperando que ele terminasse a frase. Mas Spock se calou.

- "No entanto"...?

- Não é preciso muita perspicácia para perceber que você está infeliz, Jim.

Um vento suave passeou por entre os dois, levantando as folhas do chão. Ao longe, uma grande nave se elevou ao céu anil, sumindo rapidamente nas nuvens mais baixas.

- Não deveria estar a bordo da Ariadne, Spock?

- Estaremos de licença por três semanas. Nossa próxima missão será mais demorada, e não retornaremos à paralela de origem em menos de seis anos.

- Mesmo?

Spock hesitou por uma fração de segundo, então prosseguiu:

- Por que não vem conosco? Sua presença seria muito bem-vinda. Sisko não vê... não veria problema algum, tenho certeza.

Kirk riu.

- Seria uma decisão ilógica.

- Às vezes – e isso eu aprendi com McCoy – as decisões mais lógicas contradizem quem somos.

- Mas não sou como você. Não tenho mais idade para...

Spock o interrompeu com um gesto impaciente – e demasiado humano.

- Você não poderia assumir a Enterprise porque ela é, de fato, uma relíquia de outro tempo, e está cheia de recordações. Porém, sua casa não é em terra firme, Jim. Você pertence ao espaço... ao desconhecido. Você não é o tipo de pessoa que deseja enxergar sempre o mesmo sol pelas manhãs – não quando há tantas estrelas à disposição.

- Uma nova alvorada – Kirk sussurrou – Mas não aqui.

- Como?

- Algo que alguém me disse uma vez, há muito tempo. De qualquer forma... não sei se Anna – Kirk se deteve, lançando um olhar desconfiado para Spock – Você já conversou com Anna, certo?

- Claro. Ela não prevê muitas dificuldades em voltar à vida no espaço.

- Bom – Kirk sorriu para o novo amigo – será estranho não ser o capitão... mas acho que já é hora de relaxar um pouco.

- E... corta! – a voz que veio de trás das câmeras ecoou por todo o estúdio. Imediatamente, dezenas de pessoas começaram a andar de um lado para outro, cada qual cumprindo uma determinada função.

Em meio ao burburinho, Willian Shatner e Leonard Nimoy ficaram mais um tempo parados, ambos olhando para a falsa sepultura de McCoy.

- Sabe... a idéia de que nossa ficção pode ser realidade em universos diferentes é muito interessante.

Nimoy riu alto, livrando-se da contenção do personagem.

- É uma idéia, Bill. O “multiverso” do nosso roteiro é a terra de todas as possibilidades.

- Pense nisto... nossos episódios e filmes seriam adaptações ou aproximações de fatos que realmente acontecem em mundos paralelos.

- Fascinante... Mas duvido que “O cérebro de Spock” seja um evento histórico plausível em qualquer realidade que se preze.

Um ataque de risos foi o resultado da última colocação de Nimoy. Os dois se controlaram apenas quando o diretor do filme se aproximou.

- Senhor Nimoy, vamos repetir a mesma cena hoje à tarde. Seria possível...

hã... não sorrir no início, quando se encontra com Bill?

- Claro. Sim, sem dúvida.

- Estamos combinados, então. E... Bill, por favor, você está sendo pouco convincente quando diz que não possui mais idade para ser um explorador.

- Eu me sinto jovem.

- Sim, tudo bem, mas a cena... o personagem... ah, deixe estar. À tarde nos falamos.

Envolto pela fumaça acre de seu cigarro, o diretor passou por uma porta e desapareceu.

- Que sujeitinho estressado.

- Você não estava muito diferente em Jornada nas estrelas V, Bill.

- Sei disso. Mas eu sou um astro... ele é um profissional!



JORNADA NAS ESTRELAS
MULTIVERSO

LIVRO DOIS
ARIADNE

CARLOS BITTENCOURT



Contagem regressiva
O tabuleiro de Nostradamus
Heróis da TV
Tríade
Nemo nas terras do Sonhar
Vestígios do apocalipse
Por quem brilham as estrelas
Swinetrek
O ídolo da caverna
Marvin e a escuridão
Onde terminam os sonhos
Eterno

“Cada vez caindo mais... cada vez mais fundo... essa queda não pararia nunca?”

Lewis Carroll – Alice no país das maravilhas

Contagem regressiva

Dez segundos.

Foi bom nascer novamente.

Apesar da solidão, apesar de tantas agruras e de quaisquer pesares: era muito bom estar vivo.

VOCÊ É O SEGUNDO. O NEXUS O CRIOU QUANDO O PRIMEIRO PARTIU.

- Parece que há uma intenção por trás disso.

HÁ UMA INTENÇÃO POR TRÁS DE TUDO.

Nove segundos.

- Existem milhões de planetas como a Terra espalhados por nossa galáxia – e galáxias sem fim no universo. Em toda essa imensidão, cada um de nós é único... Não destrua aquele que se chama Kirk.

McCoy estava certo, ainda que não houvesse precisão em suas palavras. Não havia apenas um James T. Kirk: no multiverso, cada ser possui versões infinitas de si mesmo, variações ínfimas ou extremas sobre um mesmo tema.

Entretanto, o produto de cada variação, de cada flutuação da realidade é exclusivo... Um átomo ou um mundo, não importa: a marca da diferença é uma constante.

Oito.

- Dê liberdade ao homem e ele a utilizará para dar curso à sua capacidade ilimitada de odiar.

- É uma de suas possibilidades. Mas ele o fará com certeza se for privado da liberdade, Dr. Zaius.

- Engana-se, Kirk. Depois que você partiu, conseguimos alterar os rumos de

sua guerra suja e sangrenta – e sem grande esforço. Construímos jaulas confortáveis, oferecemos distrações, ilusões... E isso bastou para que os homens se rendessem e se submetessem novamente a nós. Veja, os homens agora trabalham para os macacos em troca de segurança, pão e circo. Não em troca de liberdade...

Sete.

- Então, o mundo será consertado – disse Jor-El, consciente de sua verdadeira força pela primeira vez desde que chegara à Terra.

- E feito à sua imagem? – Kirk manteve a voz firme, mas estava começando a ficar preocupado. O kryptoniano era a encarnação de um poder muito acima dos humanos. O que aconteceria se ele se tornasse uma ameaça?

- Não... claro que não. Mas há uma sombra que deve ser detida. Uma sombra que pode cobrir todo o planeta: Thomas Wayne, o governante de Gotham. Alguém precisa detê-lo... Alguém precisa destruir tudo o que ele representa.

Seis.

- James Kirk, eu presumo.

- Você está em vantagem... Qual o seu nome?

A mulher sorriu – o que a tornava ainda mais bela. O nascer dos sóis nos mares esmeraldas de Amagash teria sido eclipsado facilmente.

- Anna.

- Só Anna?

- Anna... Q.

- “Q”?

- Quê?

- Não seria “Q” de Q continuum, seria?

A pergunta pareceria totalmente descabida em qualquer outra realidade – todavia, eles estavam na Terra Um. Ali, todas as impossibilidades pareciam

convergir para o possível.

- Você conhece o Q continuum?

Kirk não demonstrou qualquer surpresa.

- Já ouvi falar.

- Bom... saí de lá. Tornei-me mortal.

- Por livre e espontânea vontade?

- Como já disseram por aí, a onipotência é um tédio. Gosto da sensação de perigo que há na essência da mortalidade.

- Muitos gostariam de fazer o caminho contrário...

- Alguns fizeram. Seu amigo Decker, por exemplo.

- Conheceu V'ger?

- Cara curioso. Meio esquisitão. Sempre tentando consertar as coisas... Mas vamos voltar ao meu trabalho. Tenho uma entrega de outro universo para você.

- De outro universo? Então, você é da Multiverse Express.

- Sim.

- Bender me falou algo sobre seus amigos... mas ele não mencionou nenhuma Anna Q.

- Fui contratada na semana passada. Sou mortal há apenas um mês.

Anna apertou os botões de um pequeno controle embutido em uma pulseira. Um robô deslizou para fora da nave que aterrissara no jardim da casa de Kirk.

- Olá – disse com voz grave.

Kirk o reconheceu imediatamente.

- O que aconteceu com Will Robinson, B9?

- Tenho uma mensagem gravada para o senhor. Gostaria de ouvi-la agora?

Anna já estava se afastando quando Kirk a chamou.

- Espere... Tem algum compromisso para hoje?

- Acho que a resposta apropriada para esse tipo de abordagem seria: "Não costumo sair com estranhos".

Kirk sorriu.

- Não, não, você entendeu mal. Preciso enviar um presente, e se sua nave não partisse de imediato...

O rosto de Anna ficou ligeiramente vermelho – e Kirk a achou ainda mais atraente.

- Desculpe, eu... me enganei. Vou partir em quatro horas.

- Tempo suficiente. Em duas horas, deixarei no escritório da Multiverse Express um embrulho e o endereço para onde deve ser enviado. Gostaria que fizesse a entrega pessoalmente, como agora, e no dia e horário indicados. Você realizou um ótimo trabalho.

A nave esverdeada se elevou ao céu, deixando Kirk e B9 para trás, em meio às sombras das árvores no jardim.

- Mulheres bonitas de olhos verdes geralmente são perigo, perigo!, senhor. Se me permite a observação.

- Hum... Não, não permito. Agora, B9, vamos ouvir a mensagem de Will.

Cinco.

Capitão Kirk, muito tempo se passou desde nossa conversa a bordo da Júpiter 2. Embora a vida por aqui tenha permanecido a mesma, sem mudanças aparentes, creio que algo em mim se alterou.

Talvez tenha sido a percepção mais clara de que estou envelhecendo – ou, provavelmente, a constatação de que estou envelhecendo sem viver. Deixei de ter sonhos há muito tempo, e isso equivale a dizer que sou obsoleto em cada gesto ou pensamento.

Talvez haja tempo de mudar alguma coisa... Talvez, não. De qualquer forma, envio B9 para você, uma vez que ele não poderá me acompanhar em meu próximo destino. Tenho certeza de que meu amigo robô será de alguma valia.

Apenas mais uma coisa: quando você me ofereceu ajuda, dizendo que poderia me indicar o caminho de volta, eu recusei – e, naquele momento,

tudo o que me veio à cabeça foi a imagem da Terra – a qual já não se encaixava em minha vida.
Depois, compreendi que casa não é bem um lugar, se é que me entende...
Sei que continuo perdido no espaço – mas, afinal, quem não está?

Quatro.
- Uma bela nave, Spock. Mesmo que ela fosse um desastre, ainda seria uma bela nave. Quase igual à minha Enterprise salvo algumas poucas diferenças – principalmente nas naceles e no casco primário. Sobre o tamanho, é claro, não são necessárias comparações: mil e oitocentos metros de comprimento praticamente deixam os cruzadores da classe Constitution no papel de naves auxiliares.
- A Ariadne é uma das maiores de nossa frota, Jim. E é, provavelmente, a melhor. Ela já demonstrou, por diversas vezes, que está longe de ser um "desastre".
Benjamin Sisko se aproximou dos dois, detendo-se alguns segundos para contemplar sua nave pela janela da estação espacial.
- Bem, senhores... dentro de meia hora, estaremos partindo. Espero que sua esposa esteja satisfeita com as instalações, comodoro. Se houver algo que não tenha saído de seu agrado...
- Está tudo perfeito. E, por favor, pode me chamar de Jim. O título honorário concedido por sua Frota Estelar é apenas uma homenagem desnecessária.
Sisko anuiu.
- Claro, comod... hã... capit... Não, não vou me acostumar com "Jim". Vamos dar um jeito nisso depois.
O capitão da Ariadne se retirou, não sem antes dar uma outra olhada pela janela.
- Ele me parece um bom capitão, Spock.
- Sirvo sob o comando de Sisko há oito anos. Posso assegurar que ele é extremamente capaz.

- Ótimo. Nossas duas primeiras missões envolvem certas questões... delicadas.
- São problemas que precisamos resolver antes de partir para as paralelas inexploradas. Nossa intervenção é necessária.
Kirk ficou calado durante um tempo. Enfim, fez a pergunta que estava em sua mente desde que lera as ordens enviadas à Ariadne:
- Não há uma contradição com a diretriz que impede qualquer interferência em outros universos?
Spock lançou um olhar sério para Kirk.
- Sim. Mas estes são tempos difíceis, Jim...

Três[1].
- Minha dor não lhe diz respeito, Sybok. E não quero me livrar dela. Não me interessam seus dons ou sua filosofia. Sem minha dor, eu não seria mais eu mesmo. Preciso dela!

São as marcas que você carrega no peito – e que dizem quem você é. Se desse as costas às velhas feridas, nada mais faria sentido. Suas memórias seriam sombras sem vida, cidades fictícias erguidas sobre as ruínas de tudo o que é verdadeiro.
Você não é o tipo de homem que varre a verdade para debaixo do tapete. Você não é o tipo de homem que prefere esquecer...

Tarsus IV: onde foi um dos sobreviventes do massacre de Kodos; onde ficou à mercê da loucura e da sorte; onde milhares morreram à sua volta, sem que você nada pudesse fazer.
Foi quando aprendeu, para seu horror, que os homens são capazes de qualquer coisa para justificar a própria sobrevivência.

[1] N. do A.: Agradecimento especial aos colegas de Fórum do site Trekbrasilis.

Quando as mulheres que fizeram parte de sua vida se foram:

Edith Keeler, que precisou morrer para que a Terra não se transformasse num inferno.

E Carol Marcus...

- Então... isso é um adeus? – ela fez a pergunta com lágrimas nos olhos. Àquela hora da tarde, a Golden Gate Bridge estava surpreendentemente vazia. Tudo o que se via eram os veículos aéreos em lento vôo e algumas embarcações ao longe, flutuando sobre as águas azuis do Pacífico.

Por um momento, você não conseguiu encontrar as palavras, como se elas se rebelassem contra sua disposição e não desejassem vir à luz – Eu... quero ver o que há lá fora. É o que me faz seguir em frente. O espaço é para mim o que suas pesquisas são para você...

As palavras falharam outra vez – mas não foi preciso dizer mais nada. Ela deu um beijo em seu rosto, então se afastou em silêncio.

- E quanto a David? E quanto a nosso filho? – você perguntou, não pela primeira vez. Era como se quisesse ainda se convencer de que estava tomando a decisão acertada. Carol se voltou, e suas palavras cruzaram aquele último espaço que vocês compartilhavam – aquele último resquício de ponte que logo viria a se desfazer:

- Eu o quero em meu mundo, Jim. É isso o que também me faz seguir em frente. Você pode dizer o mesmo?

Nos tempos da USS Farragut: quando foi incapaz de disparar seu phaser contra a criatura-nuvem de Tycho IV, permitindo que ela escapasse. Você era tenente, e jovem demais... Até aquele momento, acreditava que, ao simplesmente ocupar uma posição de comando, suas ações fluiriam com naturalidade, sem a sombra de dúvidas ou de receios. Não é assim que funciona, claro. Se alguém acha que já está preparado para tudo, acaba por perder um quesito fundamental para a ação e a sobrevivência: a adaptabilidade a uma nova situação.

Pouco depois, a criatura viria a matar metade da tripulação da Farragut – e você se culparia por anos, até descobrir, uma década mais tarde, que disparos de phaser eram inúteis contra a entidade.
Entretanto, a consciência de que seus esforços não teriam sido capazes de salvar o capitão Garrovick e todos os outros nunca foi o suficiente para que se perdoasse.
Você hesitou. Ficou paralisado, incapaz de lidar com seu medo. Centenas morreram, não foi sua culpa – mas poderia *ter sido.*

Talvez, em algum outro universo, um outro Kirk tenha compartilhado suas chagas, deixando à mostra medos, mágoas, inseguranças – ansioso por se colocar à prova, ou por se livrar do peso em suas costas.
Um outro *Kirk.*
Você jamais cederia à necessidade de uma purificação pretensamente libertadora. O "peso" é sua alma – sem a qual, você se tornaria uma casca vazia.
Um líder sem coração. Um capitão de nave estelar sem os limites que sua humanidade impõe.
O que poderia ser mais perigoso do que isso?

Dois.
- Ora, ora, quem diria... Jim Kirk em pessoa.
- Olá, Mudd.
- Então... veio visitar seu velho amigo no xilindró?
- Sim. Você o viu por aí?
Harry Mudd soltou uma gargalhada, balançando a barriga que, com os anos, havia se tornado mais proeminente.
- Continua o mesmo, capitão.
- E você também. Será que não vai aprender nunca, Harry?
- Já se viu como médico ou engenheiro? Não? Bom, eu nunca me vi como

cidadão modelo.

- Você prefere se arriscar e passar algumas temporadas na prisão, de tempos em tempos.

- Oh, não é sacrifício algum, Kirk. Você já viu como são as prisões da maioria das Federações do multiverso, não? Hotéis três estrelas não possuem tanto conforto. Além do mais... tenho o dom de nunca permanecer nelas por muito tempo.

- Já está aqui há dois anos, Mudd.

- É... Parece que eles levam a segurança um pouco a sério demais por estas bandas.

- Talvez porque eles já tenham tido alguma experiência com outro Harry Mudd antes. Você está numa prisão de segurança máxima da Federação com mais tarimba em realidades alternativas.

Mudd se sentou em um banco, próximo ao lago que ocupava grande parte da propriedade da prisão.

- O que está fazendo aqui, Kirk? Você não veio simplesmente fazer uma visita de cortesia.

- Não. Sua pena acumulada ainda vai durar algum tempo, certo?

- Tenho mais três anos pela frente.

- Muito bem. Que tal sair daqui a dois dias?

- Dois dias? – Mudd arregalou os olhos, levantando-se do banco – E o que tenho de fazer?

- Você vai trabalhar sob minha supervisão. Estará sob minha responsabilidade durante os próximos seis anos. Depois, estará livre para ir aonde bem entender.

- “Trabalhar”? Quer dizer... trabalhar? Eu? Trabalhar?

Kirk manteve-se sério – mas era impossível não querer rir da expressão atônita no rosto de Mudd.

- Estou dando uma chance a você, velho. É pegar ou largar. Já tratei de todos os aspectos legais antes de termos essa conversa, então tudo agora

depende apenas de sua resposta.

- E qual seria meu trabalho?

- A bordo da USS Ariadne. Barman.

- Barman? Eu não tenho nenhuma experiência em preparar bebidas!

- Claro que você teria alguma ajuda a princípio. Mas acredite: fazer bons drinques é bem mais fácil do que conviver com sua ex-mulher.

Mudd olhou rapidamente ao redor, como que para se certificar de que a megera (ou uma de suas cópias andróides) não estava por perto.

- Nem me fale. Mas por que está fazendo isso?

- Ora... Viemos da mesma paralela, pertencemos à espécie humana. Em termos de multiverso, é quase como falar que somos da mesma família. Além disso... como barman, você pode ter acesso a algumas informações que eu, de outra forma, não conseguiria obter.

- Claro... Sempre tentando ficar um passo à frente de todos.

Mudd voltou a se sentar no banco, pensativo.

- Três anos neste buraco, ouvindo as palestras intermináveis dos conselheiros... ou seis anos a bordo de uma grande nave, singrando os corredores do multiverso. Você não me deixa muitas opções, mano.

- Não sou seu “mano”.

- Você acabou de dizer que somos da mesma família.

- Eu disse que... – Kirk não conseguiu terminar sua frase. Mudd já o estava abraçando, radiante.

- Quando partimos, amigão?

Um.

- Você não sabia.

- A princípio, não. Mas bastou uma pesquisa rápida para entender tudo. Veja.

Anna se aproximou do computador holográfico e, com poucos comandos, abriu a tela com as seguintes informações:

Paralela: 1283.

Planeta: Terra.

Contexto: após a 4ª Guerra Mundial, já fatigada de tantos conflitos, a humanidade resolveu simplificar – e se tornou totalmente adepta da não-violência. Infelizmente, já era tarde demais, pois a população mundial de então se resumia a duas pessoas: Seu Joaquim, um senhor português de 99 anos, duro de morrer, e um policial norte-americano chamado John McClane, duro de matar. Como eles estavam a milhares de quilômetros um do outro e, mais relevante ainda, eram ambos do sexo masculino, a humanidade pacifista conheceu sua extinção em poucos anos.

Quase quatro séculos depois que John McClane, o último dos sobreviventes, deu som à derradeira expressão articulada por um ser humano dessa paralela – "Yippe-ki-yay, motherfucker" – a Terra foi colonizada pelos chabontzianos, uma raça oriunda do Sistema Kapong obcecada por restaurantes, fast-foods e lanchonetes. "Ingestão de líquidos e sólidos... não há nada mais sagrado" é o lema dos maníacos e gorduchos humanóides. Sua inteira civilização se estrutura em torno de quatro grupos sociais bem distintos: os cozinheiros, os garçons, os gerentes e, acima de todos, os lavadores de pratos – sem os quais nada se faz.

A Terra da paralela 1283 se tornou a maior praça de alimentação do multiverso. Há de tudo para todos os tipos de fregueses – com os mais variados gostos e contas bancárias. Você pode encontrar desde o lanche mais simples e corriqueiro (não deixe de visitar as barracas de Mbotola Bmoloba, junto às ruínas das ruínas do Coliseu, famosas pelo sanduíche de queijo frio) até os pratos mais sofisticados da cozinha de Chabontz (uma vez lá, e se estiver bem acompanhado, vá ao Jambourt de La Pumpa, próximo às ruínas do Cristo Redentor. É o restaurante mais romântico de todas as paralelas conhecidas. De fato, é tão romântico que 99,9 % dos casais que lá vão ingerir líquidos e sólidos conseguem ser felizes por mais de seis meses no casamento. Levando-se em conta que a média de duração da felicidade

nos matrimônios não ultrapassa os dezessete minutos, não é de se espantar que o Jambourt de La Pumpa esteja sempre lotado).

- Ok – Kirk puxou Anna de volta para a cama e a abraçou, acariciando seus cabelos negros – Então, você sabia.
- A Enciclopédia do Multiverso pode ser esclarecedora. Você pediu que eu fizesse uma entrega na Terra 1283, no restaurante Jambourt de La Pumpa, exatamente uma semana depois de nos conhecermos. E especificou o horário: dez da noite, hora local. Sinceramente, foi uma manobra ousada – mas previsível.
- Ainda assim, demonstrou surpresa ao me ver.
- Eu não queria estragar o seu momento.
- E quando eu disse que o presente era seu...
- Você me fez percorrer o corredor interdimensional 1 – 1283 para entregar um presente para mim mesma. Quer dizer, eu já sabia que era para mim, mas...
- Você demonstrou irritação para não estragar meu momento.
- Exato.

Kirk riu.

- E depois você o abriu sem cerimônia.
- Claro. Era meu presente.
- Na verdade, você não o abriu. Você pulou sobre ele como Garfield faz com as lasanhas.
- Quem?
- Um gato.
- Bom, no Q continuum, ninguém liga muito para essas coisas. Mas desde que me tornei mortal, descobri que adoro presentes...
- Especialmente quando os recebe num jantar romântico à luz de velas?

Anna se inclinou e beijou os lábios de Kirk.

- Especialmente assim.

Zero.

Kirk abriu os olhos, lutando contra as trevas.

Nos últimos dez segundos, nuvens de pensamentos e recordações haviam atravessado sua mente ainda entorpecida, rápidas demais para deixar quaisquer vestígios.

Tentou se levantar, mas não conseguiu.

- Anna! – gritou, mas não houve qualquer resposta.

Aos poucos, foi capaz de enxergar o que estava ao seu redor. Escombros fumegantes e pilhas desordenadas de corpos imprimiram em sua alma um terror que há muito não sentia. O fogo se alastrava pelos consoles da ponte de comando, iluminando lacerados arcabouços de metal e as faces dos mortos, invariavelmente marcadas com um pavor súbito, congelado nas feições fantasmagóricas.

Finalmente, conseguiu erguer um braço. Para sua surpresa, então, percebeu que não precisou fazer qualquer esforço para tanto. Ao seu lado, destroços iniciaram um lento vôo no vazio: a nave estava perdendo seu sistema de gravidade.

Sem chance de esboçar qualquer resistência, ele se deixou levar pelo turbilhão – adejando sem rumo através do espesso nevoeiro de sangue e entulho. Em seu horror, ele imaginou que já estava morto, com o espírito desprendido da própria carne a assombrar a carcaça da espaçonave despedaçada.

- Espero que ainda esteja por aí, Kirk – a voz zombeteira e odiosa chegou por um dos canais de comunicação da Ariadne – Seria uma decepção se você já estivesse morto.

Kirk a reconheceu de pronto. E se houvesse força suficiente em seu peito para um único rugido, ele arrancaria das próprias entranhas o nome maldito:

- Khan...

Seis meses antes da destruição da Ariadne:

O tabuleiro de Nostradamus

Aqui jaz a história de uma Terra transformada em cinzas.

Uma Terra antes prosaica, sem grandes atrativos, e que permaneceria na obscuridade do multiverso não fosse o insólito fenômeno que mergulhou sua história num oceano de sangue e terror. Pois nesta Terra, pútridos defuntos abandonaram suas casas tumulares nos subterrâneos, ganhando as ruas do mundo...

Sem qualquer atividade cerebral que sustentasse a lógica de seus movimentos, os mortos avançaram. À luz sangüínea do crepúsculo dos homens, carregando a cruz de sua fome vã, os mortos caçaram.

Suas presas, os vivos, começaram a habitar apenas os lugares mais escuros – sempre imóveis para não despertar qualquer atenção; sempre guardando em silêncio o medo dilacerante; sempre suplicando pelo fim rápido de sua agonia.

* *

Esta é também a história de um homem fora de seu tempo.

Um simples empregado da S-Mart (“a loja de departamentos para gente S-perta”) que permaneceria submerso na obscuridade do final do século XX não fossem os insólitos acontecimentos que o levaram aos limiares do mais puro pavor e da mais mórbida insanidade. Pois este homem presenciou os poderes de terríveis e nefastos espíritos...

Após se deparar com o *Necronomicon Ex Mortis*, o amaldiçoado Livro dos Mortos, o pobre diabo foi testemunha de uma série de eventos macabros – os quais resultaram na morte de vários inocentes. Como se a desgraça ainda

fosse pequena, o infeliz, demonstrando inabilidade peculiar, foi incapaz de impedir o próprio exílio no seio brutal da Idade Média.

Ash (essa era sua alcunha, ligeira como as cinzas de um cigarro barato), transportado através de um vórtice temporal, deixou para trás o mundo previsível ao qual estava habituado e se tornou o herói involuntário eleito por uma multidão amedrontada e crédula.

Finda sua missão no remoto passado, a ele foi concedida uma miraculosa poção, preparada por um dos magos locais: graças a ela, Ash dormiria durante os séculos vindouros, sem envelhecer um ano sequer, até que seu próprio tempo enfim chegasse. O procedimento se revelou banal: uma gota do prodigioso elixir era medida exata para cem anos de sono. Não havia, portanto, como cometer um erro. Nem mesmo o mais inábil dos inábeis conseguiria falhar em tal empreitada...

- Não! Eu dormi demais! – Era a milionésima vez que Ash repetia isso. Nos últimos dias, enquanto perambulava sobre os restos mortais de Londres, ele já havia feito de quase tudo: cortara o próprio cabelo, fizera a barba, arrumara novas roupas, descolara um apartamento relativamente seguro no centro, visitara os supermercados para se munir de uma quantidade considerável de comida e bebida, conseguira mais armas no departamento esportivo da filial inglesa da S-Mart... Nada, entretanto, foi bastante para que ele colocasse fim ao moto-contínuo de seu pesar:

- Eu dormi demais! Eu dormi demais!

Ash deu mais uma risada histérica, então acertou com um tiro de seu Remington calibre 12 um morto que havia começado a andar em sua direção.

- Acordar no futuro já seria ruim o bastante! Acordar e descobrir que o mundo acabou e está infestado por mortos-vivos...

Outro disparo reboou nos céus fuliginosos de Londres. Mais um morto perdeu a cabeça – literalmente.

- ... É tudo o que eu precisava! Desgraçados! Quem quer mais? Você!
- Guh? – Um morto franzino estava passando por ali, mas havia desistido de qualquer investida. Aquele vivo dava calafrios...
- É! Você! Venha cá!
- Guh...
- Você quer mais?
O morto fez que não com a cabeça.
- Eu aposto que quer. Não quer?
- Guh – O morto repetiu. Achou que sua resposta foi suficientemente clara.
- Saia daqui, seu bastardo! – Ash deu um disparo para o alto. Foi a deixa para que o morto começasse a correr.
- Ei, nunca vi um de vocês correndo.
- Guh! – gritou o morto, apavorado.

1

O capitão Benjamin Sisko não parecia nada satisfeito.
- Nossa jornada de seis anos tem início com a missão de aniquilar uma Terra. Quão prodigiosos nós somos... Quão poderosos nós nos tornamos.
- “Intervenção indispensável” foi a expressão utilizada pela Frota – Tasha Yar, chefe de segurança da Ariadne, era um dos cinco tripulantes na sala de reuniões naquele momento. A ironia em sua voz apontava que ela não estava nem um pouco convencida da legitimidade da missão a eles designada.
- A Frota está apenas obedecendo ao que foi decidido pelo Conselho da Federação, tenente. E houve uma série interminável de reuniões para que se chegasse a um consenso – o tom de Spock era professoral, o que lhe emprestava um inconveniente ar magnânimo – Embora a ética de nossa próxima missão possa ser questionada, acreditamos... acredito que o imperativo da sobrevivência de outras Terras está acima de quaisquer

questões.

- Sr. Spock... – a oficial médico-chefe da nave mal podia conter sua raiva – Estamos prestes a eliminar um planeta inteiro porque, entre outras coisas, nossa definição do que é vida não é ampla o suficiente para englobar seus novos donos.

- A senhora evidentemente não deseja iniciar uma discussão filosófica aqui, dra. Animah. Precisamos nos ater aos fatos – e às suas possíveis conseqüências. Os mortos-vivos da Terra 666 representam uma ameaça e não há como refutar isso.

- Não me venha com as justificativas elaboradas pelo Conselho... Eu estava lá, sr. Spock. Sei que a questão da segurança pesou muito menos do que o orgulho de nossos líderes.

- “Orgulho”? – o vulcano repetiu a palavra de forma vaga, como se procurasse para ela um novo significado, fora de qualquer contexto emocional.

- Vamos nos ater aos fatos e às suas conseqüências. Fato: é intolerável para muitas pessoas aceitar que algumas Terras não estão destinadas ao sucesso – e “sucesso”, no caso, significa o domínio irrestrito do *homo sapiens sapiens*. Conseqüência: todas as Terras que não se encaixarem no padrão pré-definido serão varridas da existência.

- Acredito que a senhora esteja deveras acostumada a enxergar escuridão – mesmo onde ela não exista. Nós não queremos estabelecer um controle de qualidade para quaisquer planetas do multiverso. O que precisamos é impedir que os mortos-vivos da Terra 666 sejam usados como armas de guerra – por pessoas inescrupulosas de nossa paralela ou de qualquer outra que, porventura, domine a tecnologia de deslocamento entre universos. Imagine, dra. Animah, cinco mil mortos-vivos enviados para o coração de uma metrópole da Terra Um... cinco mil mortos-vivos com inibidores de teletransporte em seus corpos, espalhando o horror e o caos em nossos lares. Nós não teríamos como nos defender antes que cem mil pessoas

estivessem infectadas. E isso seria apenas uma forma de nos desestabilizar em curto espaço de tempo, porque há indícios de que bastaria a simples presença de um morto-vivo para contaminar todo o planeta.

- Imaginação fértil é tudo o que vocês precisam para aniquilar um povo? O senhor parte de uma premissa hipotética para justificar seus fins.

- Não se trata de um “povo”, dra. Animah. E a senhora já deveria saber que, no multiverso, hipóteses e possibilidades, por mais incertas, possuem um peso bastante grande.

A mulher já estava começando a replicar quando Sisko a interrompeu com um gesto.

- Precisamos nos lembrar de que não estamos aqui fomentando qualquer tentativa de rebelião. Nossas ordens são nossas ordens, e iremos acatá-las – a menos que algum dado novo surja nas próximas horas.

Ajeitando os cabelos prateados e respirando fundo, Animah restabeleceu aos poucos o próprio equilíbrio. Nos últimos oito anos, seu relacionamento com Spock havia se desgastado bastante – seja porque quase todos os seus pontos de vista eram diametralmente opostos aos dele, seja porque ela nunca era capaz de realmente fazer valer suas opiniões. Sentia-se constantemente sobrepujada, impotente – mas sua relação com o oficial de ciências da Ariadne era apenas o reflexo de uma derrota maior. Desde que, muito jovem, deixara para trás sua paralela – onde o Incal se mostrara incapaz de triunfar sobre a Grande Escuridão –, Animah jamais conseguira ficar em paz consigo mesma. De alguma forma, ela sentia que havia uma constante terrível no multiverso, contra a qual nada poderia ser feito: a vida estava sempre levando uma surra de qualquer racionalização – mesmo a mais simplória ou absurda.

- Eu queria, mesmo assim – Sisko continuou – ter certeza de que não estava sozinho em meu desconforto.

- Também não me sinto confortável – Spock estava visivelmente irritado – Mas é algo que precisamos fazer... e o senhor compreende isso, capitão.

- Por que nós?

Todos se voltaram para Kirk, que havia ficado em silêncio até aquele momento.

- Andei examinando os porões da história de sua Federação nos últimos dois anos. Foi intrigante perceber que há uma tendência bastante curiosa entre vocês em deixar o serviço sujo para as máquinas. O discurso popular é que os robôs lidam com problemas para os quais os seres humanos não possuem respostas adequadas – seja no aspecto físico ou psicológico. Mas o que não aparece em nenhum discurso é o fato de que, às vezes, vocês preferem não sujar as mãos. Em outras palavras: sua Federação não vacila em tomar decisões controversas, mas não quer se haver com o que precisa ser feito depois. Enviar as máquinas se tornou, então, uma saída fácil... e bastante freqüente. Elas não se sentem constrangidas com nenhuma questão ética – ao menos, não como nós. Em essência, são meras ferramentas.

Kirk parou de falar durante alguns segundos, esperando que Sisko ou Spock tivessem algo a dizer. Como os dois permaneceram calados, continuou:

- Existem dez naves em sua Frota operadas exclusivamente por andróides e robôs, o que parece indicar pelo menos duas coisas: um, sua diretriz de não-intervenção em outros universos é pura ficção; dois, há muito trabalho sórdido sendo feito por vocês e suas ferramentas.

- A diretriz de não-intervenção é uma das pedras angulares de nossa Federação, comodoro.

- Capitão, o simples fato de que há milhares... milhões de exilados de outros universos em sua chamada Terra Um significa alguma coisa. E é óbvio que não estou reprovando isso – Kirk olhou para Animah e sorriu.

- Não há interferência no fato de resgatarmos, por exemplo, os últimos sobreviventes de uma Terra condenada. É uma questão humanitária.

- Você tem razão. Mas há interferência, capitão, quando vocês resolvem substituir um Leonardo da Vinci natimorto por um clone de uma versão

saudável.

Sisko ficou pasmo.

- Não sei de onde conseguiu essa informação, mas posso garantir que...

- Não foi de sua Enciclopédia do Multiverso, com certeza. As fontes mais fidedignas dificilmente escrevem os livros de História.

Um nome surgiu na mente do capitão da Ariadne de imediato. Era óbvio:

- Jean-Luc Picard?

Kirk assentiu:

- Também estive com ele.

- O Picard da Terra Um não passa de um bêbado.

- Na maior parte do tempo, sim. Quando está sóbrio, no entanto, ele tem algumas coisas interessantes a dizer. Mas vamos voltar à minha pergunta inicial, capitão: por que nós? Por tradição, uma nave de máquinas deveria ter sido enviada para realizar esta missão.

- Comodoro...

- A não ser – Kirk prosseguiu – que todas já estejam ocupadas em missões semelhantes à nossa.

Na sala de reuniões, não se ouviu mais nada até que Kirk deixou no ar sua última pergunta:

- Quantas operações simultâneas de extermínio estão em curso, capitão Sisko?

2

- Bub... eu. Bub... você?

- Não, chefia. Já disse: eu, Ash; você, Bub.

Ambos já estavam nisso há quase dez minutos. Ash se sentou sobre um monte de escombros próximo ao Big Ben e tirou dois cigarros do maço preso ao seu cinto. Não podia perder aquela oportunidade: Bub era o primeiro morto-vivo com quem conseguira falar.

- Fuma, Bub?

- Bub... fuma.

- É... achei que sim. Pelo menos, ninguém vai dizer que fumar pode te matar, não é?

- Bub... fuma.

- Ok, aqui vai. Agora, vou usar este isqueiro para acender seu cigarro. Você vai bancar o bobalhão por causa do foguinho ou vai ficar calmo?

- Bub... não bobalhão.

- Ok.

Ash acendeu o próprio cigarro e depois o de seu corpulento colega. O morto-vivo aspirou a primeira fumaça e esboçou um sorriso.

- Bub fuma.

- É isso aí, Bub. Agora, vamos conversar um pouco... Por que não tentou me devorar? Quer dizer, não que eu esteja reclamando, mas você já é o sétimo morto em uma semana que não demonstrou nenhum interesse em mim como petisco. Há algo de novo acontecendo ou vocês simplesmente enjoaram de carne?

Bub ficou olhando para Ash durante um minuto inteiro. Depois, tragou a fumaça do cigarro e sorriu novamente.

- Bub? Você ouviu o que eu disse?

- Bub... achar... que estamos ev... evo... evu...

- Evoluindo?

- Isso.

- Como assim?

- Nós... não precisar... comer. Nós... tudo morto. Então, fome... fome nossa ser apenas... ins... intis... inst...

- Instinto?

- Isso.

- Incrível! Alguns de vocês estão se dando conta de que não precisam mais sair por aí atrás dos vivos porque não estão realmente com fome.

- Na verdade, primeiro... começou a faltar... vivos. Antes... a gente não precisava pensar. Só seguia instinto. Depois... vivos sumir... e a gente viu... que fome também sumia.

Súbito, Ash percebeu que um outro morto-vivo, não muito distante de onde eles se encontravam, se moveu para seu lado. Estava em avançado estágio de decomposição, mas conseguia arrastar lentamente o corpo macerado.

- Parece que o garoto-gangrena ali ainda não viu a luz – o Remington a tiracolo foi sacado com rapidez – Talvez isto ensine a ele alguma coisa sobre evolução.

- Não... não fazer nada – Bub foi até o morto-vivo, o agarrou pelo pescoço e disse algo que Ash não compreendeu – era como ouvir uma língua antiga, repleta de sons bizarros e guturais. Bub soltou o cadáver, que deu meia-volta e começou a se arrastar para outros cantos.

- Vocês conseguem se comunicar, então. Bub, meu velho, parece que estamos às portas de um novo mundo... Muito feio e cheirando a açougue de décima categoria, mas é um novo mundo.

- Alguns de nós... pensar. Então, alguns de nós... ensina outros a pensar.

- E você é inglês?

- Bub... dos Estados Unidos.

- Um morto-vivo americano em Londres! Também sou de lá, parceiro.

Sorrindo, Ash se levantou e deu um tapa amigável nas costas de Bub – arrependendo-se logo em seguida, porque alguma coisa no interior do corpo putrefato pareceu sair do lugar.

- Foi mal aí, chefia.

- Sem... problema. Tudo desgasta. Bub... também. Depois... quando todas as coisas de Bub... desgastadas... quando não conseguir mais... se mover... ou pensar... talvez Bub descanse.

- Certo... – Ash voltou a se sentar. Entendia muito bem o que Bub estava dizendo. Sentia-se, ele mesmo, terrivelmente cansado, preso a um torpor que às vezes dava asas funestas à própria imaginação: como seria se

simplesmente fechasse os olhos e não se movesse mais? E se ele apenas esperasse que alguns dos mortos chegassem até seu corpo e...

A imagem não era nada agradável. Por isso, mantinha sempre os olhos abertos, estava sempre se movendo. Essa era sua fatigante rotina nos dezoito meses que já haviam se passado desde que despertara.

- O que está fazendo na Inglaterra, Bub?

- Bub estava... em base militar americana. Ensinaram coisas a Bub. Cientista bom deu nome... a Bub. Depois, outros mortos invadiram base e acabaram... com tudo. Muito tempo passou... Coisas aconteceram. Então, um dia Bub entrou em barco... com vivos dentro. Bub sozinho e escondido... Vivos estavam fugindo da América. Vivos vieram para cá.

- O que houve?

- Vivos chegaram... Achavam que aqui haveria... paz. Foram recebidos por... milhares de mortos. Todos devorados. Bub saiu do barco... andou por aí... começou a ensinar.

Ash assobiou.

- Você passou por um bocado de aventuras... como eu. Talvez – então, a idéia passou por sua cabeça como um pássaro veloz. Ergueu-se, entusiasmado – E se eu pudesse ensinar alguma coisa também?

Bub olhou para Ash mais atentamente. De seu ponto de vista, ele era um pouco estabanado demais para se passar por professor.

- O que você... tem para ensinar?

Ash ficou pensando durante algum tempo. Começou a se sentir ansioso.

- Quem sabe, se eu... Ei, posso mostrar aos mortos já convertidos – os que substituíram o consumo de carne por consumo de nada – o valor do dinheiro!

- Dinheiro...? – O significado da palavra era algo perdido para Bub. O som, entretanto, trazia alguma nostalgia, algum mal-estar...

- Dinheiro! Vamos precisar de algo para usar como moeda. E precisamos descobrir o que os mortos-vivos desejam. Do que vocês gostam, Bub?

- Do que... gostamos?

- Sim. Vocês precisam desejar algo. Com base nisso, pensaremos em bens de consumo e...
- Nós gostamos de... andar.
- Andar?
- E de olhar coisas.
- Ok. O que mais?
Bub coçou o queixo, meditativo. Um pensamento deslizou pelas águas pardacentas e enlameadas de sua mente como uma pequena e escorregadia enguia, sempre escapando às suas tentativas de capturá-lo. Quando, enfim, agarrou-o, viu que a resposta estava em suas mãos:
- Bub fuma.
- Mais um cigarro?
- Não, não. Bub gosta... fumar.
Os olhos de Ash se iluminaram.
- É isso... Cigarros! A indústria perfeita para nós! O carro-chefe de nossa admirável nova ordem mundial!
O morto-vivo se aproximou, estendendo a mão macilenta, e os dois selaram o futuro de seu assombroso e estranho planeta com um vigoroso cumprimento.
Mais alguma coisa dentro do corpo de Bub se deslocou, acabando por rebentar uma bolha de bílis na altura de seu estômago.
- Foi mal aí, chefia.

3

- Guerra? – Tasha Yar mal podia acreditar no que acabara de ouvir – E quando iriam nos avisar que estamos na iminência de uma?
- Não antes da hora – disse Spock – Nem temos certeza de que haverá uma guerra, tenente. Por isso, o Conselho da Federação achou por bem que um número bastante reduzido de militares soubesse da ameaça. Na Ariadne,

apenas eu e o capitão Sisko fomos informados. Agora, vocês três também sabem.

- Então... vocês não se valeram apenas de hipóteses vagas. Há uma possibilidade concreta de que os mortos-vivos sejam usados como armas – A voz de Animah era baixa, quase um sussurro para si mesma.

- Correto. E, pelo retrospecto das campanhas do Ultradomínio, temos certeza de que eles o farão – se houver oportunidade.

- No momento oportuno, tentarei explicar melhor tudo isso – Sisko olhou para Kirk, cofiando a barba – Comodoro, sinto que não tenha sido informado antes dos detalhes que cercam nossa missão. De qualquer forma, acho que convoquei esta reunião na esperança de que alguém fosse capaz de descobrir nosso pequeno segredo. Fico feliz que tenha sido o senhor a fazê-lo.

- Capitão Sisko... – Kirk estava rígido, sem movimentar quaisquer outros músculos que não os da face – Você ainda não me respondeu.

- O quê?

- Quantas operações de extermínio estão em curso neste exato momento?

- Informação sigilosa, Jim – Spock se apressou a dizer.

Kirk não tirou os olhos de Sisko.

- Capitão, eu não estou nesta nave a passeio. Sei que Spock não me chamou apenas porque foi amigo de outro James Kirk. Havia algo mais, e agora estou começando a entender melhor as coisas. Na possibilidade de uma grave crise, vocês não poderiam perder a chance de ter ao seu lado um veterano experiente – então, tudo foi arranjado para que eu estivesse a bordo de uma grande nave de sua Frota. Estou certo?

Sisko olhou para Spock.

- Ele é bom.

- É claro que sim. Agora, se vocês querem realmente minha ajuda no futuro, preciso saber de tudo o que está acontecendo.

- Muito bem... Ao todo, são novecentas e vinte e sete missões de limpeza

e/ou de apreensão.

- Minha nossa... – Animah por pouco não se levantou da mesa – Vocês as chamam de “missões de limpeza”, Ben?

Sisko fitou tristemente a mulher, sentindo-se tão mal quanto ela. Como as coisas haviam chegado àquele ponto? Quando é que eles haviam começado a abandonar a própria alma em troca de segurança?

- A senhora está certa. Peço desculpas pela expressão utilizada. São novecentas e vinte e sete missões, das quais cento e quinze envolvem aniquilamento em escala global. Todas as outras oitocentas e doze abrangem destruição parcial ou apreensão de armas letais e de novas tecnologias.

- Cento e quinze Terras?

- Não, comodoro. Apenas... – Sisko se deteve, arrependido – Acho que o termo “apenas” não se aplica aqui. São treze Terras.

- Uma das quais iremos destruir em alguns minutos – Tasha Yar murmurou, horrorizada.

- A expressão é cruel, mas exata: vocês estão mesmo realizando uma limpeza.

- Precisamos nos defender, comodoro. Milhares de paralelas adjacentes à paralela um foram esmiuçadas com cuidado nos últimos três anos, desde que descobrimos a ameaça. Foi bem complicado obter uma lista definitiva... E agora, chegou o tempo de agir.

- Mas por que a urgência? Por que a simultaneidade das operações?

- Bom... – por instantes, Sisko pareceu perdido, então voltou a encarar Kirk – As eleições para Presidente da Federação estão próximas... Talvez o próximo eleito não compartilhe da mesma visão que o atual. Um veto bastaria para que todas as decisões do Conselho fossem totalmente descartadas.

Kirk sorriu com ironia e nada disse.

- Qual é exatamente a estratégia empregada pelo Ultradomínio, capitão? –

perguntou Tasha.

- Eles conquistam as paralelas próximas do universo que de fato interessa – invariavelmente, aquele que detém as potências com maiores possibilidades de oferecer resistência. Depois, investem contra as forças dos inimigos mais capazes utilizando exclusivamente as armas e tecnologias recém-adquiridas. "É uma forma de poupar os próprios recursos e de ocultar seu real poder. O Ultradomínio só lança mão de sua verdadeira máquina de guerra caso as primeiras ondas de ataque não resultem no enfraquecimento categórico de seus oponentes".

- Então – Tasha Yar começou a perceber melhor a magnitude do problema – mesmo tomando todos os cuidados para nossa defesa, mesmo agregando novas tecnologias...

- Talvez não tenhamos força necessária para resistir – completou Sisko.

- No entanto, – disse Spock – por pura sorte, o Ultradomínio parece ainda ignorar nossa existência. Cedo ou tarde, é claro, eles nos acharão...

- Como sabemos tanto sobre eles, sr. Spock? É difícil acreditar que, enquanto obtivemos tantas informações úteis, conseguimos nos manter invisíveis aos olhos de um poder tão vasto.

- Os detalhes da façanha estão nos arquivos confidenciais da Frota, tenente. Irei providenciar para que vocês três tenham acesso.

- E quanto à missão de seis anos? – Kirk quis saber – Apenas uma história de fachada para o público?

- Não, Jim. Após esta e nossa próxima operação, daremos prosseguimento ao que mais importa em tempos de paz – a exploração do desconhecido. Mas estaremos sempre de prontidão: a Ariadne pode retornar a qualquer momento à paralela um... caso a paz deixe de ser uma realidade.

- Ponte para capitão Sisko – a voz grave do engenheiro-chefe ressoou na sala de reuniões através do intercom.

- Chegamos, sr. Anderson?

- Terra 666, senhor.

- A caminho.

Eles se levantaram ao mesmo tempo. Porém, ao invés de se encaminharem imediatamente para a porta, permaneceram imóveis e silenciosos, incapazes de se mirarem nos olhos.

Apesar da ameaça de uma guerra sem precedentes...

Apesar de toda a degradação do planeta à frente deles...

Ainda não parecia certo.

Ainda não parecia justo.

- Já se questionou se os deuses eram astronautas. Agora, talvez seja hora de perguntar se os astronautas são deuses.

Na companhia das palavras pronunciadas por Animah, os cinco finalmente se dirigiram para a ponte de comando. Em seus uniformes negros e à luz mortiça dos corredores da nave, assemelhavam-se agora a carrascos – os passos lentos, quase cerimoniais, repercutindo na noite que os rodeava.

4

- Veja a fumacinha... Não parece bom? Hummm... Parece muito bom.

- Guh.

- Ela fica melhor ainda dentro do seu pulmão. Veja que delícia. Hummm...

- Guh.

- Você coloca o cigarro na boca... assim. Agora, você aspira... assim.

- Guh...

- Não, não. Isso aí é o seu nariz. Coloque o cigarro na boca.

- Guh?

- Não, na orelha também não pode.

- Guh.

- Bom garoto! É isso aí! Agora... não, não é para soprar.

- Guh...?

- Não, também não é de comer!

5

- Travar míssil de dobra no alvo, tenente.

Tasha Yar executou com rapidez os comandos necessários no console do posto tático.

- Míssil pronto, senhor.

- Disparar ao meu comando.

Fogo – ele diria após fornecer ao computador o código de lançamento, e um mundo deixaria de existir. Não, não apenas um mundo: uma parte considerável de todo o sistema solar.

Apesar de anos debruçados sobre a 666 (assim identificada não por ser a 666ª linha alternativa descoberta pela Federação da paralela um, mas por sua própria natureza medonha e por seu impacto no imaginário popular), os mais brilhantes cientistas de diversas paralelas jamais descobriram as causas do tétrico evento naquela Terra. Poderia ser algo presente nos raios cósmicos, ou algo oriundo exclusivamente da atmosfera... Poderia ser alguma coisa no solo, talvez na água... Sugeriu-se mesmo o sobrenatural.

Presos ao campo das hipóteses mais vagas, incapazes de alcançarem quaisquer conclusões, os cientistas se consideraram, por fim, derrotados. Sem uma explicação que não se revelasse inconsistente, houve até quem apontasse, num derradeiro esforço de obter esclarecimento, a possibilidade do fator ficção: a Terra 666 seria fruto da imaginação de uma pessoa de outro universo. Uma das mais respeitadas autoridades da Terra Um, no entanto, descartou a idéia por considerá-la um total disparate. George Romero, o cientista em questão, achou impossível que alguém pudesse sequer sonhar com uma realidade como aquela com a qual estavam lidando. “Há limites – mesmo para os pesadelos” – ele teria dito.

Assim, para evitar que o Ultradomínio tivesse a oportunidade de reproduzir o fenômeno da 666, a Federação optou por apagar da existência aquela Terra

e quase tudo ao seu redor. No interior de um dos tubos lançadores de torpedos quânticos da Ariadne, o míssil de dobra com a carga letal de flexo-trilithium estava agora prestes a seguir sua rota rumo ao Sol. Bastava uma palavra para que a estrela fosse instantaneamente catapultada à sua fase de Gigante Vermelha.

Bastava a *sua* palavra.

O capitão respirou fundo e arrumou o casaco de seu uniforme junto ao corpo. Uma outra vez, ele se perguntou como havia chegado àquele ponto – onde precisaria desempenhar o abominável papel de exterminador. Infelizmente, era seu dever, seu trabalho – mas também era algo mais.

Pensou no velho restaurante de seu pai, em New Orleans. O piano a um canto, como um velho amigo de tempos passados, trazendo consigo as lembranças e as músicas de dias alegres. O ir e vir de pessoas simples, felizes apenas por estarem ali – onde o tempo era medido não pelos ponteiros dos relógios, mas pelos aromas no ar.

Como sorrir era fácil naqueles dias...

Quando a morte levou Joseph Sisko, o lugar precisou fechar as portas. Para Ben, que mal havia entrado na Academia da Frota, foi um golpe duro de ser assimilado – não somente pelas perdas em si, mas pelo inusitado fato de que, aparentemente, sentia mais falta do restaurante do que de seu pai.

Apenas muito mais tarde, compreendeu que ambos eram um só. Sem Joseph Sisko, os ponteiros dos relógios retomaram o controle do tempo; sem o espírito que dava vida àquele pequeno mundo, as pessoas perderam a alegria e acabaram desaparecendo das mesas. O piano se tornou um mero móvel, abandonado num silêncio de penumbra e de teias.

A música havia se perdido.

Por algum tempo, a carreira na Frota foi a única coisa a manter Benjamin Sisko são. O uniforme se tornou sua vida e sua glória, quase um fim em si mesmo – até que *ela* surgiu, deixando tudo sob uma luz diferente.

Jennifer – seus olhos iluminados, o sorriso sempre brincando nos lábios...

Ele poderia repetir o nome dela o dia inteiro sem se cansar, apenas pelo prazer de ouvi-lo.

Jennifer...

Ela era a música em seu coração, era a doce brisa que o fazia respirar com mais vontade a cada manhã. No dia em que a pediu em casamento, Sisko *sabia* que eles seriam felizes para sempre. Não importavam as incertezas do amanhã – ele sentia que tudo acabaria bem para eles.

Então, os borgs destruíram o que ele tinha como certo. Jennifer foi assimilada pela coletividade durante a batalha de Wolf 359, há quase dez anos, e Sisko nunca mais a viu. Restaram lembranças, dolorosos fragmentos do passado dispersos em caixas empoeiradas.

A música, mais uma vez, se perdeu.

Sisko fitou o planeta pela tela da ponte – um mundo sem qualquer esperança. Entretanto, não era a Terra que enxergava agora. Ali estava o seu reflexo – e tal qual o abismo, a escuridão também olhou para dentro do homem.

Sempre pelas manhãs, acordava sem conseguir respirar, o coração aos pulos. Apercebia-se, então, menos humano – com a noção clara de que sua alma partira com tudo o que amara – com tudo o que perdera. Havia se tornado um espectro, alguém que não mais vivia há uma década... Quando vestia o uniforme da Frota, é claro, as trevas se dissipavam e ele se recompunha – ao menos, até que a próxima noite viesse.

Não, não era apenas mais um trabalho.

Ao receber aquela missão, alguma coisa em Sisko rosnara. Ele não era um soldado esculpido para os tempos de guerra e para a destruição; sua alma era a de um desbravador, a de um homem de paz. No entanto, ali estava exatamente o que ele em segredo desejava: a catarse, a chance de purgar o universo, a si mesmo, arrancando de sua alma toda a dor...

Ao receber aquela missão, ele cerrara os punhos – como se tentasse conter nas próprias mãos o ímpeto selvagem, o ardor da vingança.

Ele cerrou os punhos agora.

A morte pagaria caro por esta piada: permitir que cadáveres se tornassem os peões bestiais de sua vontade doentia...

E a morte pagaria caro por toda a dor em seu peito.

Era a *sua* palavra contra o mundo.

E pelo fogo, todo o mal seria transformado em cinzas...

E se precisasse destruir todas as estrelas para alcançar a paz, ele o faria...

De repente, como se despertasse de um sonho terrível, Sisko prestou atenção aos próprios pensamentos. Escondeu o rosto nas mãos, envergonhado: naquelas inóspitas regiões de sombras, deuses e monstros eram as duas faces de uma mesma moeda.

- Você naturalmente pode requisitar que uma outra nave seja designada para a 666. Seria bastante compreensível – e não constaria de sua ficha de serviço.

- Eu farei o trabalho, almirante.

Um Flash Gordon envelhecido – mas ainda bastante robusto – voltou a se sentar. Em seu escritório, estavam apenas ele e Sisko.

- Pode me dizer uma coisa, Ben?

- Pois não, senhor.

- Eu o conheço há muitos anos – e sei que nada o incomoda mais do que os ônus de uma guerra... Por que aceitou tão rapidamente a missão? Ainda que não seja seu planeta, ainda é uma Terra.

Sisko sequer piscou.

- Com as naves de IA's já ocupadas com a destruição de outros planetas, alguém precisa assumir a 666, senhor. A Ariadne é tão boa quanto qualquer outra nave. Quanto ao que me incomoda ou não, minhas obrigações sempre estão em primeiro lugar.

Flash Gordon passou a mão na cicatriz em seu rosto. Seus olhos se estreitaram, como se estivessem se esforçando para enxergar alguma coisa

além das palavras.

- Todos os dias, eu me lembro do momento em que ganhei esta cicatriz, capitão. Todos os dias, eu me lembro das mãos de Ming em meu rosto, arranhando, cortando... enquanto eu o estrangulava.

- Ele teve o que merecia, senhor.

- Sim... o maldito teve o que merecia. Mas não me senti melhor depois, Ben. Muito pelo contrário. Não o matei em legítima defesa... Foi apenas vingança.

- Se ele continuasse vivo...

- Sim, sim. Se ele continuasse vivo, a ameaça persistiria. Mas não foi isso o que me motivou naquele momento.

- Entendo.

- Você está atrás de algum tipo de vingança e reparação, Ben, ou age apenas pensando na defesa de nosso universo?

Por essa, Sisko não esperava. Estava tão absorto que não havia percebido a armadilha preparada por Gordon. Se ele não fosse um almirante – o comandante em chefe da Frota – e, evidentemente, se não tivesse quase dois metros de altura, Ben o nocautearia.

- Com todo respeito, senhor... Não acredito que a missão deixará cicatrizes em mim.

Flash Gordon se levantou calmamente e foi até onde Sisko estava. Encarou-o por alguns segundos.

- Mas você já as tem, capitão. Você já as tem.

- Não entendo uma coisa – disse Tasha, aproveitando-se do silêncio prolongado de Sisko – Não poderíamos resgatar os que ainda estão vivos?

- Eles estão contaminados – respondeu Animah. Ela estava em pé, bem próxima ao posto tático, de modo que apenas a tenente ouviu sua voz descolorida – O que quer que tenha gerado o fenômeno já está atuando em seus organismos. Quando morrerem, – seja de que causa for – todos voltarão a andar. E há também a possibilidade de que nos infectem ao menor

contato... Não há nada que possamos fazer a respeito.
- Os filtros do teletransporte não poderiam ajudar? Se eles são capazes de evitar a entrada de microrganismos estranhos na nave...
- E iríamos filtrar o quê, Tasha? Não temos a mínima idéia do que seja tudo isso.
- Capitão... – Spock fez girar sua cadeira no posto de ciências, de modo que pudesse enxergar Sisko – A última missão na paralela 666, há vinte e quatro meses, registrou quatro bilhões de mortos-vivos e quarenta e cinco mil sobreviventes. Agora, há três bilhões e meio de mortos-vivos e apenas dois mil sobreviventes.
Sentado em sua cadeira, Sisko fechou os olhos por um instante.
- Como estávamos esperando. Há menos mortos porque a decomposição completa já alcançou alguns e também porque eles simplesmente não podem se reproduzir. Em relação ao número de vivos atual... creio que não precisamos dizer nada.
- Sim... E também há algo curioso. Na última vez em que a Terra 666 foi sondada, não havia nenhum sobrevivente em toda Grã Bretanha. Agora, há um.
- Um?
- Apenas um. Em Londres.
- Estranho... – Sisko olhou para Animah, que já estava dando uma olhada nos terminais do posto de Spock – Provavelmente, ele deixou o continente para tentar a sorte na Inglaterra.
- É possível. Mas há algo ainda mais curioso acontecendo neste exato momento. Ele está cercado por mortos-vivos... e eles não o estão atacando.
- Bom... – Sisko estava perplexo – Para isso, não encontro uma justificativa razoável.
- Nosso sobrevivente pode ter descoberto uma forma de conviver com os mortos. Talvez, ele seja algum tipo de... messias.
- Dra. Animah... – Spock ergueu uma sobrancelha – A existência de um líder

requer um substrato. Requer...

- Um meio social – completou Animah. Havia um novo brilho em seus olhos azuis – Requer um povo.

Ben Sisko se ergueu e andou lentamente pela ampla ponte de comando. Passou por um Kirk taciturno e atento. Passou por Thomas Anderson, o novo engenheiro-chefe da Ariadne. Deteve-se na frente de Tasha Yar.

- Estamos descendo. Quero nosso principal especialista em antropologia para o grupo avançado – dr. Cornelius, se não me engano. Encontramo-nos na sala de teletransporte oito em quinze minutos, tenente – virou-se para a dra. Animah – A senhora vem?

Antes de sair da ponte, olhou uma vez mais para a Terra. Por um segundo, achou ter visto um rastro fugidio e dourado na atmosfera do planeta. Um meteoro, por certo.

- Sr. Spock, o comando é seu – disse, já entrando no turboelevador. Animah o acompanhou.

6

- Um cigarro vale dois gravetos.

- Guh?

- Isso... um, dois. Agora, você pega seu cigarro e me dá para que eu possa acendê-lo. Mas... opa! O Foguinho custa três gravetos! São cinco gravetos ao todo, chefia.

- Guh...

- Está sem? Bom, então você precisa achar os tais gravetos. Trabalho duro, meu caro, e você terá o foguinho mágico!

- Guh.

- E lembre-se: gravetos de verdade. Lenha. Não valem ossos ou outra nojeira do tipo.

Ash olhou para a grande fábrica logo atrás de seu quiosque. Fora muita sorte

achar nas imediações de Londres aquela monstruosidade clandestina movida a tabaco. Graças ao monumental estoque encontrado, eles teriam cigarros por muitos e muitos anos, sem se preocupar com detalhes – plantação, mão-de-obra, transporte de mercadoria, etc, etc...

Ash detestava qualquer *et cetera*.

O importante era: os mortos-vivos estavam felizes porque tinham um motivo para existir; e Ash estava feliz porque... bom, porque ele estava ficando cheio de gravetos, e gravetos significavam status em sua nova ordem mundial. Quando passeava pelas ruas de Londres (invariavelmente às margens do Tâmisa, onde o ar era um pouco menos carregado de odores desagradáveis), sempre havia um morto-vivo que apontava para ele e dizia, cheio de veneração:

- Ghu...

Isso valia ou não valia a pena? Claro, dava trabalho acender os cigarros de todo mundo (os mortos-vivos, inclusive Bub, simplesmente não conseguiam se acertar com isqueiros e fósforos... Fogueiras, por menores que fossem, nem pensar: eles ateavam fogo em si mesmos num piscar de olhos), mas nada que fosse realmente impossível.

- Ghu?

- Você não é muito novo para fumar, garotinho?

- Ghu...

- Eu sei, seu pulmão e seus pais não se importam mais. Ok, trouxe os gravetos, *bad boy*?

- Ghu!

- Sete? Saem dois cigarros e um foguinho mágico para o micropunk.

- Ghu?

- Não, não dá para acender o outro. Mas deixe eu te ensinar uma coisa... Talvez seja hora de vocês começarem a pensar em como economizar um pouco. Primeiro, você fuma um... depois, você acende o outro com o um... E pimba! Três gravetos poupados! Entendeu? Não? Certo... – Ash olhou

desanimado para a crescente pilha de isqueiros usados junto ao balcão – Você volta com três gravetos e te dou mais um foguinho mágico.

- Ghu!

- Agora, filho, deixe a fila andar.

O pequeno se arrastou para um lado, feliz com sua nova aquisição. Milhares de mortos-vivos carregados de gravetos deram um passo à frente.

Ao lado de Ash, Bub ajeitou os óculos escuros e se espreguiçou, sentado em sua colorida cadeira de praia. Estava se divertindo muito mais do que imaginara...

Às vezes, precisava colocar algum morto-vivo nos eixos, impedindo que Ash se transformasse no prato do dia... mas tais incidentes eram cada vez mais raros. Agora, ele praticamente passava todo o tempo fumando e paquerando as mortas-vivas inglesas – algumas das quais em excelente estado de conservação.

Bub pôs o cigarro de lado, soltando no ar anéis de fumaça. Aquilo era o paraíso...

7

- Eu pensaria duas vezes antes de descer àquele inferno – Thomas Anderson depositou o copo no balcão do bar. Falava mais para si mesmo, mas Mudd achou que era com ele.

- Alguém vai descer? Mas e quanto à possibilidade de contaminação?

- Trajes especiais. Eles estarão completamente isolados do ambiente que os cerca.

- Certo... Mais um Warp 10?

O engenheiro ergueu o copo para que Mudd o servisse.

- Uma dose. Preciso voltar ao serviço agora mesmo.

Mudd serviu a bebida com diligência.

- Agora, diga-me, senhor Thomas...

- Nada de “senhor”, por favor. E pode me chamar por meu verdadeiro nome... Neo.
- Hã... Tudo bem. Diga-me, Neo, por que ainda não explodimos esse planeta amaldiçoado?
- Parece que ainda há uma possibilidade de que a Terra 666 se safe. Por mim, – Thomas olhou para a bebida avermelhada, então a tomou em um só gole – eu a destruiria sem pestanejar. Aquilo... não é natural.
- Mais uma dose?
- Só mais uma.

Mudd serviu duas doses, fingindo displicência. Queria ver se arrancava alguma coisa interessante daquele velho maquinista do espaço... Thomas não viu – ou fez que não viu.

- É inaceitável que seres humanos existam em condições tão monstruosas – mesmo que não estejam vivos; mesmo que não possamos mais chamá-los de humanos...
- Concordo. É inaceitável.
- Aquilo não é a realidade... se é que me entende, sr. barman.
- Meu nome é Mudd. Harry Mudd.

Mais uma vez, Thomas Anderson bebeu o Warp 10 como se fosse água. Mudd achou melhor não oferecer mais e recolheu a garrafa.

- Não nascemos para ficar confinados a pesadelos... Não estamos aqui para sermos subjugados por qualquer sistema subumano. Nosso maior propósito, Mudd, é alcançar a luz... mesmo que tenhamos de vencer todos os monstros e demônios do inferno.
- Bem falado, bem falado.
- Mas nem todos conseguem. Nem todos possuem a mesma sorte... que eu.

Os olhos do engenheiro se fixaram no vazio. De alguma forma, as rugas em seu rosto circunspeto pareciam agora mais pronunciadas – como se cada sulco assumisse para si uma dor – uma saudade.

- Mais uma dose.

Mudd quase não podia acreditar naquilo. O principal responsável pelo bom funcionamento de uma das naves mais extraordinárias que já vira possuía um ponto tão vulnerável? Quem mais saberia disso?

- Não precisa retornar ao trabalho, Neo?

Thomas se ergueu de supetão, como se tivesse levado um choque.

- Tem razão... Tem razão, Mudd. Obrigado.

Abandonou o bar às pressas, visivelmente abalado.

* * *

- O que vai ser?

- Um refrigerante.

- Refrigerante? Que refrigerante?

- Qualquer um.

- Irritado, Kirk?

- Não é da sua conta, Mudd...

- Claro que é. Tome a soda limonada e conte para seu amigão o que está havendo.

- Não estou para brincadeiras, Harry.

- Certo. Desculpe.

Kirk tomou um gole da bebida e se inteirou do que estava ao seu redor. O bar – um dos cinco a bordo da Ariadne – era um pequeno recinto mal iluminado, apinhado de oficiais e civis que se misturavam às sombras enevoadas do local. Uma música estranha e atonal podia ser ouvida, mas quase sempre era abafada pelo murmúrio incessante. Junto ao balcão, os doze bancos estavam ocupados por gente mais silenciosa e contemplativa – que, assim como Kirk, invariavelmente estava debruçada sobre uma dose ou uma garrafa de qualquer coisa. Diferente de Kirk, no entanto, ninguém ali bebia refrigerante.

Aquele não era o ambiente mais saudável a bordo da nave, Kirk percebeu –

mas era uma mudança bem-vinda em relação ao contexto militar e à sua atmosfera sisuda. Pensou em Anna. Ela estaria realmente gostando de sua vida na Ariadne? Estaria se sentindo bem naquele lugar? Ele tinha suas dúvidas. Precisava conversar com ela a respeito – e tomar uma decisão antes que fosse tarde demais para voltar.

- Como está indo em seu novo trabalho, Mudd?

- Detestando cada segundo. Mas conhecer novas pessoas é sempre interessante.

- E quem você já conheceu?

- Acabo de falar com o engenheiro-chefe da nave.

- Um pouco arredio, não?

- Cada qual com seu fardo... embora o dele possa trazer conseqüências mais sérias.

- Como assim?

Mudd se aproximou de Kirk e praticamente cochichou:

- Nosso amigo parece gostar em demasia de poções etílicas.

- Mesmo? Isso é preocupante.

As portas deslizantes do bar se abriram e uma oficial entrou. Imediatamente, o burburinho cessou e as pessoas ficaram imóveis, congeladas entre o medo e o assombro. Era como se o velho clichê dos filmes de faroeste ganhasse vida naquele exato instante.

A garota avançou lentamente na direção do balcão – e ninguém ousou ficar na sua frente. Ao lado de Kirk, um klingon particularmente robusto preferiu se levantar ao ver que ela se aproximava.

Jim Kirk e Harry Mudd ficaram apenas olhando, sem saber o que estava acontecendo. Nenhum dos dois jamais a havia visto. Tratava-se de uma jovem perfeitamente normal, talvez um pouco nova demais para estar naquele lugar. Vestia o uniforme negro padrão da Frota, embora estivesse sem a insígnia-comunicador presa ao casaco. Seu andar era leve como o de uma bailarina, e havia um meio sorriso inocente nos lábios. Definitivamente,

não parecia haver ali nada que pudesse causar tamanha reação de temor...

Então, Kirk reparou em seus olhos.

Em um segundo, os olhos de um predador.

Em outro, os olhos de uma fada.

Ela se sentou no banco abandonado pelo klingon. A esta altura, o bar já estava praticamente vazio – e a música martelava nos ouvidos.

- O mesmo que ele – apontou para o copo de refrigerante de Kirk.

Mudd a serviu rapidamente e se afastou sem nada dizer, cauteloso.

- Irritado, comodoro?

- O quê?

- Mudd tem razão. Você *está* irritado.

A garota riu, então experimentou o refrigerante.

- Você não estava aqui quando ele disse isso – Kirk reparou na divisa que indicava seu posto – Qual o seu nome, alferes?

- Não gostei – ela afastou o copo, fazendo uma careta – Deveria tomar apenas sucos, comodoro. É mais saudável... principalmente na sua idade.

As palavras atravessaram Kirk como navalhas.

- Como é que é?

- Ou vai acabar como a Enterprise, sendo rebocado ao final da missão – ela gargalhou como uma criança que acaba de descobrir um novo brinquedo.

Kirk estava estupefato. Como ela poderia saber? E como poderia ser tão atrevida?

- Seu nome, alferes.

- River – ela disse o próprio nome com displicência, então prosseguiu – Você está chateado porque foi excluído do grupo avançado. As coisas mudaram tanto, não é? Antes, você era o capitão que se arriscava, sempre tomando a dianteira, sempre pronto para enfrentar qualquer perigo. A vida era tão mais divertida... Agora, Sisko sequer olhou para você. Sequer imaginou a possibilidade de colocar em risco a vida de um veterano. E, sinceramente, ele tem certeza que você acabaria atrapalhando.

Ela olhou para Kirk como um gato olha para o rato.

- Não, não sou de Betazed, comodoro. Sou humana como você – provavelmente, o próximo passo na evolução.

- Não me importaria se você fosse a mais recente encarnação de Buda. Está dentro de uma nave da Federação, alferes, e precisa obedecer a algumas regras de conduta.

- Uma outra hora, talvez.

- “Uma outra hora”?

- Você vai perguntar a Anna se ela está gostando de estar aqui. Vai parecer uma preocupação natural com o bem-estar dela... Mas o ponto, comodoro, é que *você* não está gostando. Não está satisfeito com o papel que está desempenhando, não está contente com sua posição dentro da nave.

Mudd se aproximou com um ar jovial.

- Mais um refrigerante?

- Não – os dois responderam ao mesmo tempo.

Ela sorriu, e era um sorriso genuíno, cristalino.

- Você chamou Tasha Yar, Mudd.

O homem perdeu a cor.

- Não... Quer dizer...

- Tudo bem – River deu de ombros e se voltou para Kirk – Daqui a pouco, estarei com ela na sala de teletransporte oito. Estou no grupo avançado.

- Você?

- Tasha Yar ainda é ágil e rápida. É uma chefe de segurança competente, assim como todo o pessoal que treina. Mas, às vezes, algumas situações requerem alguém como eu.

- Alguém com talentos especiais, ao que tudo indica.

- Eu o derrotaria em segundos.

Kirk encarou River, incrédulo.

- Está tentando me provocar, alferes? Está realmente querendo que eu enfrente você?

Mudd saiu de trás do balcão com uma garrafa de Warp 10 debaixo do braço e se encaminhou para uma mesa nos fundos, onde os últimos três clientes do bar permaneciam. Eram todos klingons, e um deles era o que havia deixado o banco ao lado de Kirk vago.

- Posso me sentar?

Um dos klingons disse alguma coisa ininteligível, mas bastante desagradável de ser ouvida, então empurrou uma cadeira com os pés na direção do humano.

- Então... ela é uma arma letal, hein?

- Talvez, hoje seja um bom dia para morrer – disse o klingon mais velho.

Mudd abriu a garrafa com mãos trêmulas e tomou um gole da bebida no próprio gargalo.

- Aconselho a bat'leth – disse a garota – Hora e local, você decide.

- Sei manusear bem a espada klingon. Mas me parece que isso não fará qualquer diferença.

- Não fará. Você cairá em menos de cinco segundos.

- Certo... Diga-me, River, o que aconteceu aqui? Pelo comportamento das pessoas na sua presença, parece que você já aprontou alguma.

Ela fez um movimento rápido com as mãos, ajeitando os cabelos negros. Agora, uma sombra cobria seus olhos, e eles brilhavam como se estivessem no fundo de um fosso escuro.

Os olhos de um predador.

- Foi há um ano. Havia acabado de escapar da Aliança... e de meu próprio universo. Estava assustada.

- E, desde então, tem evitado aparecer em público. Caso contrário, as pessoas já teriam mais confiança em você.

- Gosto de privacidade.

- E não está mais assustada.

- Estou no controle. Posso me conter o suficiente para derrubá-lo sem ferimentos...

- Muito bem.

River se levantou, preparando-se para sair.

- Hora e local, comodoro? Tasha já está chegando.

Kirk olhou para a alferes com um ar divertido. Ele não saberia explicar o que era, mas algo nela a havia traído.

- Agradeço o que está tentando fazer, menina – disse.

- Como? – ela tentou fingir que não compreendia, mas era inútil: River já sabia o que ele estava pensando. Para ela, era inevitável saber.

- Você permitiria que eu ganhasse.

Por um momento, ela apenas ficou em silêncio. Então, abaixou o rosto.

- Estava indo para a sala de teletransporte quando você passou perto de mim. Não pude deixar de ver sua mente... Sei como está se sentindo.

- Mais ou menos como você se sentia há um ano?

- Achei que as coisas poderiam melhorar se conquistasse alguma vitória...

Kirk tocou o rosto de River, fazendo com que ela o olhasse nos olhos.

- Obrigado. Isso é mais importante do que qualquer triunfo que eu pudesse alcançar. E, de qualquer forma... não creio que me sentiria melhor vencendo uma luta contra uma garota que tem metade do meu tamanho – mesmo sabendo que ela poderia derrotar um exército inteiro sozinha.

As portas do bar deslizaram e Tasha entrou, acompanhada por outros dez seguranças – cinco dos quais, Kirk percebeu, eram vulcanos. Ela olhou rapidamente ao redor e suspirou, aliviada.

- River, achei que havíamos combinado que seria bom evitar lugares assim.

- Ela está comigo, tenente. Nós estávamos... dançando.

Tasha prestou atenção à música. Não era possível dançar ao som *daquilo*.

- Estamos atrasadas, alferes.

A garota lançou um rápido sorriso para Kirk, então se dirigiu para a saída do bar.

Mudd se levantou, cumprimentando os klingons com um aceno de cabeça. Estavam tão perplexos quanto ele.

- Você não perde o jeito com as mulheres, amigão – disse de passagem, então foi guardar a garrafa de Warp 10 em algum canto embaixo do balcão.
Aos poucos, as pessoas reapareceram – e voltaram às bebidas e ao falatório, como se nada tivesse acontecido.

8

Os corredores do multiverso, como as correntes de tempo, assemelham-se às correntezas dos rios – e levam a pontos predeterminados do espaço-tempo dos universos interligados. Não importa se uma nave pertence ao século XXIV da Terra de seu universo de origem – os corredores podem levá-la ao século V de uma outra paralela.
Há de se levar em consideração que há uma inter-relação sincrônica na passagem do tempo nas paralelas conectadas – por exemplo, se dois anos-padrão se passam no universo x, dois anos-padrão também se passam no universo y, mesmo que as extremidades x e y pertençam a períodos completamente distintos entre si. O que determina tal fenômeno é exatamente a existência do corredor xy – que, em termos abstratos, nada mais é do que o ponto em comum no infinito para o qual os dois universos convergem.
(...)
Alguns dos universos são do tipo maleável – o que significa que suas estruturas aceitam viagens no tempo. A história em tais universos não é digna de confiança. Quem saberia, afinal, quantas vezes ela foi reescrita para que o Zefram Cochrane da paralela 13 alcançasse sucesso na primeira viagem em dobra da humanidade? Há indícios que apontam até mesmo a substituição do Cochrane original da 13 por uma versão mais experiente...
Outros universos – de fato, a maioria – são rígidos, lineares, e não permitem saltos temporais. Nessas paralelas, o passado imutável se dissolve na medida em que se caminha para o futuro – e em seu lugar, resta apenas o

imponderável e infinito vazio.

Alguns desses universos, chamados de Pró-históricos, foram palco de quase todas as polêmicas missões de "limpeza" implementadas pela Frota da paralela um. De que adiantaria destruir um planeta inteiro se o Ultradomínio pudesse simplesmente voltar no tempo para encontrar o mesmo mundo em outro ponto do espaço-tempo?

A única exceção foi a paralela 666 – na qual as viagens temporais eram perfeitamente possíveis (para maiores detalhes, vide os verbetes "Necronomicon Ex Mortis" e "Ash Williams"). A fim de impedir que o Ultradomínio pudesse ter acesso ao passado da 666, uma medida extrema seria tomada (...)

Enciclopédia Interconceitual do Multiverso[1]

Cada macaco no seu galho, pensou Cornelius, comparando suas coloridas roupas civis com os uniformes quase lutuosos dos oficiais do grupo avançado.

- Ok, capitão – disse o chimpanzé – Cornelius 7 se apresentando!

Sisko e Animah olharam um para o outro e riram.

- Dr. Cornelius, não utilizamos a numeração em nossos nomes já há algum tempo – disse o capitão.

- Mesmo? – Cornelius coçou a cabeça – Tenho andado metido apenas com meus livros ultimamente, não sabia disso. Mas é uma boa nova. Números na frente de nomes são...

- Excêntricos?

- Para dizer o mínimo, dra. Animah. Quem gostaria de saber que já encontrei outros sete Cornelius pelo multiverso? Não quer dizer nada. E, por sinal, nenhum deles tem a metade do meu charme – ou de minha inteligência. Não fiquei restrito à arqueologia e à História...

Animah e Sisko se encaminharam para a plataforma de teletransporte e se

[1] Publicada na Terra Nova, cerca de três mil anos após a queda da Terra Um.

juntaram a River Tam e Tasha Yar.

- O senhor vem?

Cornelius pareceu indeciso.

- Vocês acreditam que esta película transparente em nossos corpos irá nos proteger de qualquer contaminação? Quer dizer... apesar de um pouco desconfortável, eu sequer consigo vê-la.

- Confiemos em nossa tecnologia, dr. Cornelius – disse Animah – Talvez, ela seja nosso único porto seguro.

- Nunca será o bastante – Cornelius sussurrou, mas ninguém o ouviu.

A Tower Bridge; as Casas do Parlamento; o Palácio de Buckingham; o Royal Albert Hall: sob a neblina, seus olhos divisaram as garatujas do que outrora fora uma grande cidade. Gigantes de pedra e aço retorcidos, curvados pelo peso de sua maior derrota. Ruínas de uma civilização que, como qualquer outra, se julgava eterna.

Sob a neblina, eles também viram a procissão dos mortos, lentos e murmurantes vultos se arrastando nas ruas como as sombras inquietas de pesadelos.

Carne e ossos retorcidos.

Ruínas de homens.

- Nós não podemos permitir que isso continue aqui.

Sisko se voltou para Animah, surpreso.

- Pensei que era totalmente contra tal medida.

- Isso não pode ficar aqui – ela disse, num esgar que retorcia suas belas feições – Eu não fazia idéia. Oh, meu Deus... Eu não fazia idéia.

O capitão se aproximou de sua oficial médico-chefe e a segurou nos braços com firmeza.

- Doutora, preciso de objetividade. Se não for capaz de se controlar...

Animah respirou fundo, então encarou os olhos de Sisko. Lágrimas correram por sua face.

- Não ficarei mais um segundo neste inferno, Ben. Eu... não posso. Sinto muito.

Quando Animah foi teletransportada de volta para a Ariadne, Sisko se dirigiu ao restante do grupo avançado:

- Mais alguém?

Tasha e Cornelius nada disseram. River deixou escapar uma risadinha.

- O que foi, alferes?

- Eu tomaria cuidado com Animah, capitão. Se pudesse, ela dispararia o míssil agora mesmo.

- Você sentiu isso?

- Sim.

- Bom... Então, vamos ser gratos ao fato de que ela não pode. Vamos continuar.

Eles caminharam por horas: o estádio de Wembley; a Torre de Londres; a London Eye; o Piccadilly Circus; finalmente, o Museu de cera Madame Tussauds, em cujas imediações se encontrava o último homem vivo de toda a Inglaterra.

Sisko leu seu tricorder rapidamente.

- Ele não está longe.

- Ótimo. Estou cansado de andar.

- Dr. Cornelius... não percorremos Londres como turistas. O senhor certamente conseguiu obter informações em nosso trajeto.

- Na verdade, não vi nada além de muita neblina. Não fomos ameaçados em nenhum momento, mas isso pode significar apenas que eles não nos viram. Acredito que...

- Capitão – Tasha interrompeu Cornelius e apontou para a entrada do museu. A oficial estava perplexa.

A princípio, Sisko não acreditou em seus olhos. Aproximou-se devagar, quase como se estivesse entrando em terreno sagrado. Emergindo da neblina como os últimos sobreviventes de um tempo perdido, homens e

mulheres partilhavam um jogo impossível, um momento congelado na eternidade: lá estavam Joe DiMaggio, Pelé, Michael Jordan, Boris Becker, Nadia Comaneci, Muhammad Ali, Ayrton Senna, Martina Navratilova... Uma rebatida, um passe, uma cesta, um gol, então um salto *imortal*: e era quase possível ouvir o aplauso da multidão.

Era quase possível sorrir novamente...

River tocou o rosto delicado de Comaneci.

- Quem são eles?

- *Eles*? – Sisko colocou a mão no ombro de DiMaggio – Reis e rainhas, River. Os gigantes que caminham entre nós.

- Seres humanos, capitão – retorquiu Cornelius – Apenas seres humanos.

- Sim. Isso também.

- Há mais ali na frente – a alferes correu e entrou em outro círculo de homens e mulheres de cera, agora no meio da rua.

- Aqui estão Jerry Lewis, Charlie Chaplin, Lucille Ball, Laurel e Hardy, os Três Patetas, Buster Keaton... – Sisko se deteve – Veja.

Mais adiante, alguns mortos-vivos carregavam mais figuras de cera, dispondo-as com cuidado em outro agrupamento.

Tasha Yar checou instintivamente seu rifle phaser.

- O que estão fazendo?

Sisko identificou rapidamente os integrantes da roda: Elvis Presley, Fredie Mercury, Tina Turner, Frank Sinatra, Jimi Hendrix, Michael Jackson...

- Eles sabem o que as figuras significam... Eles se lembram.

- Eles se lembram – repetiu Cornelius, admirado.

- É claro que se lembram.

Sisko, Cornelius e Tasha se viraram rapidamente na direção da voz, assustados.

- Não se preocupem – disse River, deslumbrada com o rosto monolítico de Buster Keaton – ele é inofensivo.

Ash ficou parado por um tempo, indeciso sobre o que dizer.

- Ei, não sou tão inofensivo assim... Mas não importa. Quem são vocês?

Apresentações foram feitas.

- Universo paralelo? Século XXIV? Nave em órbita? E eu achando que já havia visto de tudo... – Ash olhou para Tasha Yar e deu uma piscadela – Parece que belas loiras não são raras em seu mundo. Não é, docinho?

A chefe de segurança da Ariadne checou o rifle phaser mais uma vez. *Vou mostrar o docinho para você, babaca...*

Explicações foram dadas.

- Então, eles deixaram de lado o cigarro e começaram a se preocupar com o mundo que os cerca.

Ash ficou olhando para Cornelius como se estivesse hipnotizado. *Ele estava falando com um macaco.*

- Certo, senhor?

O homem sacudiu a cabeça, tentando se libertar do transe.

- Certo... De uma hora para outra, tudo mudou.

Cornelius se voltou para Sisko:

- Eles estão se organizando – o que indica que há uma estrutura mental como base. Talvez, comprar e fumar tenham sido os primeiros passos na direção de sua estruturação interna. Agora, eles estão reproduzindo no mundo os recentes avanços intelectuais – estabelecendo categorias, elegendo prioridades... Os mortos não estão mais preocupados com a saciação de sua fome – no momento, tudo o que interessa é a possibilidade de recuperação de seu passado.

- É um fenômeno local ou será que já acontece em outros lugares? – perguntou Tasha.

- É um fato que indica quem eles são em termos de potencial – disse Cornelius – Mesmo que tenha acontecido apenas aqui, é questão de tempo para que as mesmas condições se reproduzam em locais diversos.

- Não temos o direito de destruí-los – disse River – Não temos o direito de nos intrometer. Mesmo que não exista futuro para este mundo, ele possui um

presente.
- Ainda há o risco dos mortos serem usados como armas de destruição em massa.
- Sim, tenente – disse o capitão – Mas acho que vamos ter que aprender a conviver com isso.
Ele se aproximou do morto-vivo que estava tentando ajeitar Tina Turner e sorriu. Por alguns instantes, a criatura ficou imóvel, como se estivesse tentando adivinhar o significado daqueles dentes à mostra. Como se estivesse tentando se lembrar.
Olhou para um lado...
Olhou para o outro...
Então, finalmente, ela sorriu de volta – e com grande satisfação. Ela não entendia exatamente o que estava acontecendo, mas rir era bastante agradável.

* * *

USS Ariadne: na escuridão, mãos nervosas digitaram uma sentença de morte. Um a um, dispositivos de segurança cederam – e sem que ninguém pudesse fazer nada para impedir, os Langoliers foram soltos.

9

O míssil deveria entrar em dobra dois minutos após seu lançamento – o que daria tempo de sobra para destruí-lo ou simplesmente trazê-lo de volta. Entretanto, tão logo ele foi lançado, seu propulsor warp foi ativado – e quando todos na ponte de comando se deram conta de que algo estava errado, era tarde: a ogiva com sua carga mortífera já havia se materializado no núcleo da estrela.
- Como o míssil foi liberado? – o alferes que substituía Tasha Yar no console

do posto tático olhava para seus instrumentos sem conseguir acreditar no que estava diante dele.

- Não é hora para isso, alferes. Spock para capitão Sisko – o vulcano tocou em sua insígnia e ficou à espera. Finalmente, Sisko respondeu:

- Sim, sr. Spock?

- Vocês serão trazidos a bordo imediatamente, capitão. Sr. THX – Spock entrou em contato com o engenheiro auxiliar, que neste momento estava na sala de teletransporte três – Traga todo o grupo avançado direto para a ponte... agora. Lembre-se de deixar os trajes herméticos no planeta.

- O quê? – Sisko começou a protestar, mas não houve tempo para mais nada. No segundo seguinte, Ben Sisko, Tasha Yar, River e Cornelius estavam na ponte de comando.

- O que aconteceu?

- O míssil foi lançado.

Sisko ficou olhando para Spock como se este houvesse enlouquecido.

- Quem...?

- Alguém de inegável habilidade acessou o código de lançamento e acionou o míssil diretamente da câmara de torpedos. Não pudemos impedir que ele entrasse em dobra.

- Mas eram dois minutos para abortar...

- O *delay* foi reprogramado para três segundos, capitão.

Sisko se voltou para a tela da ponte, atordoado. O Sol já estava começando a engolir Mercúrio.

E pelo fogo, todo o mal seria transformado em cinzas...

Mas onde estava o mal?

- Tire-nos daqui, piloto – disse, e desabou em sua cadeira.

* * *

Bub olhou para o céu, sentindo que havia algo estranho no ar. Por que os

pássaros haviam sumido? Por que aquele silêncio pesado e sombrio, como se o próprio tempo tivesse parado?

Fosse o que fosse, seu amigo parecia não perceber nada. Ash chegou de sua segunda reunião com a gente do espaço e se sentou na cadeira de praia.

- O que... acontece agora?

Ash trazia consigo uma garrafa de água. Um calor insuportável havia se instalado em Londres nos últimos minutos, afastando as nuvens e a neblina sobre a cidade. Aquilo não era normal – mas, diabos, o que tinha sido normal nos últimos anos?

- Vão providenciar para que todos os sobreviventes ao redor do mundo sejam trazidos para cá, onde os mortos já alcançaram um nível mais elevado de evolução.

- Vivos e mortos convivendo?

- Acha difícil?

- Os vivos... me preocupam.

- No início, teremos alguns problemas, é claro. Mas irei ajudá-los a se adaptar à nossa nova ordem.

- Você? – Bub fez uma careta e riu alto.

- Ei, eu vendi cigarros para os mortos! Depois disso, acho que sou capaz de qualquer coisa.

- Pode... ser.

- O pessoal da Terra paralela também vai enviar algum auxílio com o tempo. Enquanto isso – Ash apontou para o Remington – vamos deixar bem claro que não iremos tolerar violência.

- E usar... armas... torna tudo mais fácil?

- Não fui eu quem inventou a estupidez humana, Bub. Estou apenas dando a minha versão.

- Bub também tem... versão própria – Ele pegou um cigarro do bolso de sua camisa havaiana – Bub não consegue parar de fumar.

Ash pegou um isqueiro e acendeu o cigarro.

- Ninguém é perfeito, chefia.

Bub deu uma longa tragada e ficou quieto durante um tempo. Então, uma idéia passou por sua cabeça.

- Vivos... irão fazer bebês?

- Vamos fazer o futuro. Vamos dar chance para que novos idiotas possam habitar este planetinha azarado.

- Mas vivos vão se tornar mortos um dia... Então, o que... acontecerá? Vivos começarão a destruir... corpos de mortos... para que eles não voltem a andar? Ou vivos... permitirão que mortos existam?

Isso não era bom: pela primeira vez, Ash percebeu claramente como seria difícil a convivência entre os dois lados. Não era apenas uma questão de se aceitar a morte (e sua presença ostensiva). Agora, e principalmente nos dias que viriam, eles precisariam lidar com disputas territoriais, preconceitos existenciais (por certo, cedo ou tarde algum espertinho estipularia a máxima do “Penso e vivo, logo existo”), crenças religiosas...

Tomou um gole d’água e ergueu a garrafa, tentando proteger os olhos da luz cegante do Sol.

- Eu não sei. No que depender de mim...

Ele não conseguiu terminar sua frase.

Em um segundo, a água se evaporou, o ar ao seu redor se encheu de chamas, o chão aos seus pés se transformou num rio de lava. Ash percebeu a própria pele se queimando, sua carne gritando em chagas fulgurantes de luz, sangue e fogo. Ele se perguntou o que mais faltava para acontecer.

O morto olhou para o céu subitamente vermelho uma última vez – e naquele derradeiro momento antes que sua consciência se esvaecesse em meio ao fogo, conseguiu sussurrar:

- Agora... Bub descansa.

Ao seu lado, Ash se tornou cinzas – e fez, enfim, jus ao próprio nome.

10

Marcas digitais na câmara de torpedos quânticos; registros de hackeamento do sistema central da Ariadne para posterior acesso não autorizado aos arquivos de segurança máxima: não fora difícil descobrir a identidade do responsável. Aliás, ele sequer se preocupara em tentar esconder seus inevitáveis rastros.

- Você tem idéia? – Sisko desferiu outro soco em Thomas Anderson – Tem idéia do que acabou de fazer, desgraçado?

O engenheiro se deixou ficar caído no chão da ponte de comando. Ele não se importava com mais nada.

- Eu acabei com os monstros.

- Quer acabar com os monstros? – Sisko gritou, e sua voz era a soma de todas as frustrações – Então, acabe com você mesmo!

Ao comando de Tasha Yar, dois seguranças ergueram Thomas, que não ofereceu resistência. Não havia um isto em sua expressão – ódio, tristeza, medo... Era apenas o vazio manchado de sangue e cheirando a aguardente.

- Vamos enviar alguém de volta no tempo para impedi-lo – Tão logo deu a sugestão, Spock se voltou para os monitores de seu posto, o olhar compenetrado. Ao perceber o desânimo quase que instantâneo no rosto do vulcano, Kirk se aproximou. Havia uma expressão em vermelho em várias das telas que não inspirava nenhuma confiança:

LANGOLIERS LIBERADOS

- Ouviu? – Sisko se sentou em sua cadeira, procurando se acalmar – Vamos trazer seus monstros de volta.

- Vocês não podem.

- É claro que podemos. Aliás, farei isso pessoalmente. Vejo você ontem.

- Não há mais ontem. Eu matei o passado.

Então, Sisko se lembrou. Ele se voltou para Spock, ansioso para que seu receio não se confirmasse.

- Ele pensou em tudo – disse o oficial de ciências.

- Os Langoliers?

- Os Langoliers.

- Mas... como?

Thomas Anderson olhou para o capitão da Ariadne com indulgência.

- Da mesma forma que obtive o código para lançamento do míssil. Sou melhor hacker do que engenheiro, capitão.

Sisko colocou a cabeça entre as mãos. Imaginou os devoradores se entranhando na estrutura daquele universo, destruindo o substrato dos eventos pretéritos. Em sua mente, enxergou as partículas esféricas com suas bocas dilacerantes, os dentes pontiagudos a rasgar as quatro coordenadas do ontem, não deixando nada a não ser o vazio em seu lugar.

- Vocês podem ir ao meu universo natal e voltar no tempo para impedir que eu seja gerado. Vocês podem criar os paradoxos que bem entenderem... Mas o universo 666 permanecerá sem passado.

Sisko fez um sinal para os seguranças.

- Levem-no.

Quando as portas do turboelevador se fecharam, ninguém disse nada na ponte por vários minutos.

Animah simplesmente não conseguia tirar os olhos do chão – talvez, pela vergonha de saber que ela faria o mesmo que Thomas Anderson, se tivesse oportunidade. Talvez, pela impossibilidade de realizar uma análise acurada dos eventos que haviam permitido que Ash dormisse por séculos – isolando-o de tal forma do ambiente externo que ele não fora detectado pelas sondas da última nave a estar na paralela 666. Teria sido Ash, ao menos enquanto estava hibernando, também poupado do contágio? Fosse esse o caso, encontrar uma cura não seria absolutamente impossível...

Animah percebeu a contradição em suas idéias e motivações. Entre o desejo

de destruição e o desejo de cura, ela evidentemente sempre escolheria o último – mas agora era tarde demais.

Tasha Yar fingia que prestava atenção em seu painel no posto tático – mas tudo o que fazia era se lembrar de sua filha, Sela, abandonada na paralela 13. O passado parecia ainda tão próximo e terrível... Às vezes, Tasha sonhava que, de alguma forma, não havia conseguido alcançar o presente, e que os Langoliers viriam pegá-la...

Spock se voltou para seus monitores e ficou atento às leituras que apontavam o rápido crescimento do Sol. Se a Terra fosse de fato incinerada (espelhando o que já havia sido testemunhado em outras realidades) e não restasse nada – então, do ponto de vista estritamente estratégico...

Sisko olhou para Kirk.

- Como tudo deu tão errado? – perguntou, quebrando o silêncio.

- Eu não sei. Às vezes, tenho a sensação de que algumas coisas estão destinadas ao fracasso e à derrocada. Mas essa é uma resposta fácil, que tende a encobrir nossas falhas.

- Talvez tivesse sido melhor enviar uma nave de máquinas, afinal. O fator humano é imprevisível demais para ser controlado.

- Quem garante que os robôs também não destruiriam a Terra? Quem garante que a prioridade das máquinas não seria simplesmente completar a missão original de extermínio, a despeito de qualquer coisa?

O capitão da Ariadne assentiu com um leve movimento de cabeça, então se dirigiu ao turboelevador.

- Sr. Spock, o comando é seu. Estarei em meus aposentos nas próximas duas horas.

* * *

- Não... – Sisko despertou e ergueu a cabeça, olhando para seu pai.

Joseph colocou uma panela no fogo e se aproximou da mesa em que Ben

estava. O restaurante agora era apenas silêncio, todos os clientes já haviam ido embora.

- Estava sonhando?

- Alguém apagou o passado. Eu queria impedir, mas...

Joseph Sisko o interrompeu, mostrando o velho relógio de corda que estava em seu bolso.

- Vê?

Ben ficou surpreso.

- Não há ponteiros.

- Exatamente: não há ponteiros.

Sisko acordou e se levantou imediatamente. A escuridão em seu quarto o recebeu com um abraço frio e seco.

- Luzes.

Foi ao replicador e pediu um copo de raktajino.

Sem perceber, cambaleando entre os restos de sonho e as roupas jogadas no chão, caminhou até o canto do quarto em que raramente colocava os pés.

Ali estava ele: um segredo abandonado há anos nas sombras – sempre à espreita, sempre esperando por um minuto de atenção.

Sisko se sentou na frente da relíquia e permaneceu um bom tempo imóvel.

A última lembrança do tempo em que os finais felizes eram uma certeza.

O último sobrevivente do mundo colorido e iluminado de sua infância.

Não há ponteiros...

Ele deixou que as mãos pairassem como pássaros acima das teclas.

Então, num vôo lento e descendente, tocou suavemente o piano que fora de seu pai.

11

Cinco séculos atrás, Terra 666:

Os estrangeiros chegarão, então nossa casa parecerá melhor
Mesmo em face da morte, mesmo em face da dor.
Mas um homem decidirá o destino do Sol,
E com os dias do passado, também os dias do futuro desaparecerão.

Michel de Nostradamus largou a pena e olhou para o filho, César, absorvido em seus desenhos. Páginas e páginas de castelos, estrelas, cometas errantes, heróis e princesas... Decerto, as representações refletiam os sonhos da criança e prometiam um mundo maravilhoso.

O profeta suspirou, então se voltou novamente para a quadra que acabara de escrever – para o tenebroso amanhã que acabara de vislumbrar.

- O principal responsável não será o peão, evidentemente. Haverá um rei orquestrando tudo, oculto em sua fortaleza... Este é o homem que destruirá nosso lar.

- Aqui está o vilão. Quer ver? – César levou até o pai o papel no qual estivera desenhando por último.

- O quê?

O garoto sorriu.

- O senhor não está falando com o futuro através de palavras? Estou conversando com ele através de desenhos. Veja.

Nostradamus pegou a folha e viu nela a representação dum rosto austero e envelhecido de homem: uma rocha de olhar sombrio e determinação férrea. Sob o olho esquerdo, descendo até a ponta do queixo, havia uma terrível cicatriz.

Enquanto isso, em algum universo altamente improvável...

Heróis da TV

São Paulo:

- Meus poderes são requisitados novamente! Viva!

Capitão 7 socou o morto que estava por ali tentando morder um de seus braços. Depois, voltou a saltitar alegremente pela Avenida Paulista.

- Ontem, eu era apenas mais um dos velhos perambulando pelas ruas de um país que não os respeita. Hoje, acordei e descobri que o Brasil precisa novamente de seu primeiro super-herói... Isso é revigorante! Isso é supimpa!

Com graça e leveza, esmurrou outro morto que cometeu a imprudência de atravessar seu caminho.

- O único problema... é que ninguém está aplaudindo meus feitos. Onde estarão as câmeras de tv? Os repórteres do canal 7? Alguém ainda vivo por aí?

Washington:

- Max?

- Sim, 99?

- Tem um morto-vivo atrás da gente.

- Um agente da K.A.O.S. disfarçado, com certeza. Vou ligar para o chefe e pedir reforços.

Maxwell Smart tirou do pé o sapato-fone e discou o número do C.O.N.T.R.O.L.E.

- Alô? Chefe? Tudo bem? Não? Ah, sim. Um momentinho, chefe.

- O que foi, Max?

- O escritório do chefe está cercado por mortos-vivos. Ele está querendo nossa ajuda. É estranho...

- O que é estranho?
- Ele pode estar sendo coagido, 99.
- Uma armadilha?
- Exatamente. Espere aí. Alô? Chefe? Oi, sou eu de novo. Apenas para me certificar, o senhor poderia fornecer a senha que utilizamos nos casos em que emergências não são armadilhas? A senha que... Ah, não?

O agente 86 colocou o sapato-fone de lado.

- E agora, Max?
- Nós não temos uma senha para emergências que não são armadilhas – De repente, ele teve uma idéia – Chefe, nós temos uma senha para emergências que são armadilhas? Também não?
- Max, o morto-vivo continua se aproximando.
- Finja que não é com você.
- Acho que é um morto-vivo de verdade.
- Não seja ridícula, 99. Alô? Chefe? Ainda está aí, chefe?
- Max, o morto-vivo me mordeu.
- E o chefe desligou. Mas que falta de educação...
- Max...
- Um momentinho, 99. Estou ligando novamente. Alô? Chefe? Como? Pode repetir...? Hã... Aguarde um instante. Ei, 99, o chefe não está falando coisa com coisa.
- Guh...
- É exatamente o que o chefe disse, 99! Como sabia?

Cidade do México:

Mais veloz que uma tartaruga... Mais forte que um rato...

- Sigam-me os bons!

Chapolin Colorado começou a correr a toda. Ele é que não iria ficar perto de nenhum morto-vivo.

- Oh – disse uma dama em perigo – Agora, quem poderá me defender?

- Eu é que não! – gritou Chapolin, já longe – Estava satisfeito em ser reprisado na tv. Agora, eles me inventam novos vilões e pedem que eu faça alguma coisa! Aproveitam-se de minha nobreza... Pois chamem o Superman!
- Mas, Chapolin...
- Não contavam com minha astúcia!
De repente, trombou com uma centena de repelentes mortos-vivos, indo parar no chão. Levantou-se mais que depressa, arrumando as antenas sobre a cabeça.
- Então, vocês estão em toda parte. Suspeitei desde o princípio.
Disparou na direção contrária e, novamente, colidiu com uma muralha de mortos-vivos.
- Vocês podem não acreditar, mas todos os meus movimentos são friamente calculados...

Tóquio:
- Detesto zumbis. Onde estão os monstros criados pela mente poluída e macacal do Dr. Gori?
Spectreman distribuiu uma série de golpes que derrubou dúzias de mortos-vivos babões que insistiam em se aproximar.
- Minha especialidade são criaturas colossais que podem destruir um quarteirão inteiro com um passo. Mortos-vivos são... repugnantes! Não possuem carisma! Tudo o que eles fazem é... ai! Você me mordeu, seu nojento!

Gotham City:

SOC!!!

- Santo Dia das Bruxas, Batman! Estamos cercados por terríveis mortos-vivos! E socos não parecem estar funcionando!

STAPEIA!!!

- Nem tapas! Mas acalme-se, garoto prodígio! Tenho aqui comigo a arma perfeita contra tais energúmenos – o bat-repelente de zumbis!

SSSPRAY!!!

- Está dando certo, Batman! Eles estão se afastando!
- Claro que estão, Robin! Lembre-se: um homem prevenido vale por dois!

TRASH!!!

- Hã… “Trash”?
- Não dê ouvidos a onomatopéias de caráter ambíguo, Robin. Continue usando o bat-repelente!

BIG TRASH!!!

Sighişoara, Transilvânia:

- Scooby-Doo, cadê você?
- Aqui, Salsicha. Dentro do barril.
- Pode sair agora. Já pegamos o vilão que, nos últimos dias, estava assustando as pessoas no castelo.
- Vocês capturaram o morto-vivo?

Fred, Daphne e Velma riram a valer.

- Não é um morto-vivo de verdade, Scooby. É só alguém fantasiado. Agora, vamos ver quem é – Fred se aproximou do homem amarrado para tirar sua horrível máscara.
- Pois eu não saio de dentro do barril até estar tudo esclarecido – ganiu o

cachorro.
- Você vai ver, Scooby. Você... hã... A máscara não sai.
- Não sai? – Scooby-Doo gritou – Não é um disfarce! É um morto-vivo de verdade!
- Deixe de besteira... Ah! Saiu!
Fred, Daphne, Velma e Salsicha exclamaram ao mesmo tempo:
- Sr. Reginald! O próprio dono do castelo!
- Sim! Eu queria atrair mais turistas! As pessoas adoram levar sustos – principalmente se acham que tudo é real! E mortos-vivos estão na moda! Eu ficaria milionário se não fosse por vocês, garotos intrometidos...
Salsicha respirou aliviado.
- Sorte que pegamos de cara o chefão... Agora, vamos chamar a polícia e prender o restante do bando.
- Bando? Que bando?
Velma se inclinou, muito satisfeita consigo mesma:
- Não se faça de desentendido, sr. Reginald. Desde hoje cedo, há muitos fantasiados perambulando pelo castelo.
- Não sei do que está falando.
Um cadáver reanimado saiu das sombras naquele exato instante, a bocarra escancarada exalando o hálito inominável da morte.
Os outros chegaram logo depois, famintos.

O espaço e além...

Poc!

A Coração de Ouro surgiu acima do planeta como se fosse um grão de milho estourando. A nave, branca e elegante, ainda rodopiou por um momento, então entrou desgovernada na atmosfera da Terra.
- Odeio muito tudo isso – disse seu único tripulante, um robô humanóide que

suspirava com consternação suficiente para levar, em segundos, o ser humano mais alegre às raias da mais cabeluda depressão.

Poc, Poc... Poc, Poc... Poc, Poc!

A Coração de Ouro pipocou seis vezes pela superfície do planeta. Depois, num derradeiro e intenso soluço, desapareceu deste universo para sempre:

HIC!

Sentindo-se miseravelmente abatido, Marvin – o robô – olhou para o lado. Para sua surpresa, viu, amontoados a um canto da cabine de controle, seis novos e chocados passageiros.

- Quem são vocês...? Como vieram a bordo? – perguntou com a voz arrastada – Não que eu me importe muito ou... Na verdade, eu não me importo nada. Com o gerador de improbabilidade infinita funcionando da forma como está, pode-se esperar de tudo. É a vida... Maldita vida. Apenas não toquem em nenhum painel ou botão e me deixem em paz.

Marvin rangeu e se encolheu em sua desgraça, apoiando a cabeça metálica nas mãos.

- Santa mudança de ares! – exclamou um moleque que usava cueca verde e camisa vermelha como uniforme. Os outros também se manifestaram:

- Homessa! O Canal 7 deveria fazer uma reportagem sobre esta sua espaçonave, amigo!

- O velho truque do robô deprimido na nave descontrolada que aparece do nada. A K.A.O.S. não me engana.

- Todos os meus movimentos bancários são friamente calculados. Você me ajuda a sair daqui e eu te arrumo uns trocados. Que tal, homem de lata?

- Scooby-Doooooo, cadê vocêêêê?

- Pérfido robô do mal! É você quem está por trás das ameaças que infestam

Tóquio?

Algo nas engrenagens de Marvin chiou, fazendo com que ele emitisse um longo gemido de pura e insuportável infelicidade.

- Quando você acha que já chegou ao fundo do poço...

Poc!

Tríade

O passado:



Entrou em operação durante a terceira guerra com os romulanos, em 2187. Esse cruzador leve foi destruído na famosa Batalha de Ramawk, em 2190. Bjo Trimble, a única a comandar a nave, é hoje reverenciada como uma das grandes estrategistas daqueles dias.



Lançada em 2215. Cruzador leve, foi a terceira nave a viajar à paralela 2. Nos primórdios da viagem interdimensional, se destacou sobremaneira – foi essa Ariadne a primeira nave a explorar as paralelas 4, 8, 15, 16, 23 e 42[1]. Durante os oitenta anos de sua vida útil, foi comandada por seis capitães, entre eles o lendário André Carneiro, o primeiro ser humano da paralela um a travar contato com a Terra Escura.

---

[1] *Se é coincidência, ninguém o sabe – o fato é que esses números representam os seis fatores na Equação de Valenzetti. Evidentemente, não foram poucos – incluindo cientistas renomados – os que sugeriram a idéia de que tal "acaso" seria um indicativo de que a equação opera na totalidade do multiverso, podendo ser aplicada à humanidade de todas as Terras. Para mais detalhes, veja "Contagem regressiva para o fim dos possíveis mundos" e "Equação de Valenzetti" na Enciclopédia do Multiverso.*

O presente – e o futuro:



Um dos milagres da moderna engenharia espacial. A construção da grande nave, quase toda ela realizada em órbita de Marte, durou mais de seis anos. Esse cruzador de batalha pesado possui cerca de nove milhões de toneladas de massa, mil oitocentos e quinze metros de comprimento e quatrocentos e dois metros de altura, casco de duranium e tritanium duplo, um sistema de suporte de vida apto a se manter operacional para até dez mil pessoas, além da capacidade de dobra 9,999 por setenta e duas horas seguidas. Seu sistema defensivo inclui quatorze bancos phaser tipo XII e seis lançadores de torpedos quânticos, três dianteiros e três traseiros.

Seu primeiro capitão, a vulcana T'Mari, assumiu o comando em 2366. Sua participação decisiva em diversos eventos notórios tornou a nave bastante conhecida do público em geral: a resolução da crise com o Império Andoriano; o primeiro e, até hoje, mais violento confronto com os borgs; o tenso contato com os Greys, conquistadores da Terra 393; o incidente em Oa 2439 e a difícil reaproximação com os Guardiões; a descoberta do primeiro monolito-sonda fora da paralela 2001...

Após quatro anos de missões bem sucedidas à frente da Ariadne, e outros trinta à frente da Argonaut e da Santos Dumont, T'Mari aceitou o

almirantado.

Em 2370, Benjamin Sisko tornou-se o segundo capitão da Ariadne B. Já são oito anos – e Sisko é hoje considerado um dos maiores capitães na história da Frota. Entre suas missões mais famosas estão: o resgate da Enterprise D da paralela 103; a descoberta do primeiro proto-multiverso conceitual – um sistema de várias paralelas-informações estruturadas e mantidas pelos filamentos de mensagens intercambiáveis que as conectam; a destruição da ameaça conhecida como Universo Canibal; o antológico encontro com a NSEA Protector, a nave...

- Basta.

Ao som da voz ríspida, o documentário-verbete exibido no holovídeo desapareceu imediatamente. O almirante sorriu enquanto se levantava da cadeira e saía de trás da mesa de seu escritório, no Q.G. da Frota.

- Devia assistir a tudo – disse, mais em tom de brincadeira.

Khan Noonien Singh levou a sério e olhou para Flash Gordon com desdém.

- Não compartilho da idéia de que se precisa conhecer o inimigo. Esmague-o no momento certo, com rapidez e sem piedade – e pronto. Que cada um leve sua própria história ao túmulo.

- O momento certo há de chegar dentro em pouco... Mandei chamá-lo para adiantar alguma coisa – os procedimentos detalhados, você os terá em alguns dias.

Khan se inclinou para pegar uma miniatura da Ariadne B que estava sobre a mesa, junto a outros modelos – todos feitos em ouro e prata.

- Onde está Sisko agora? – perguntou, examinando o objeto sem demonstrar grande interesse.

- Ele passou os últimos vinte e cinco dias respondendo pelos resultados da missão na 666. A despeito de minha posição, muitos na Frota consideraram

necessário abrir um inquérito para averiguar os fatos.

- Tudo muito cansativo, presumo. Sua Frota é um mar estagnado de normas e diretrizes, almirante.

- Como a Federação, um monstro burocrático, lento e incapaz de responder adequadamente aos grandes desafios que enfrentaremos no futuro. Você tem razão, Khan. E é por isso que iremos sacudir um pouco as coisas. Daremos aos nossos ineptos e obtusos líderes o gosto do verdadeiro terror.

- Impingir medo é sempre uma boa política – talvez, a única capaz de gerar efeitos satisfatórios.

- Precisamos nos defender do Ultradomínio. Precisamos destruir as ameaças que estão batendo em nossas portas.

Gordon caminhou até o grande quadro que adornava uma das paredes do escritório e o contemplou por alguns minutos. A pintura a óleo – sua única contribuição à decoração do ambiente – trazia a representação de um Cristo preso a uma galáxia em forma de cruz. Havia sangue em seu corpo, e o mesmo sangue também estava ao redor, como se brotasse das estrelas.

- Não existe vitória sem sacrifícios. Se o preço para salvar quatrilhões de seres conscientes é matar cinco mil pessoas, eu o faço sem pensar duas vezes. Maldição, eu mataria cem bilhões, se fosse preciso.

Khan riu alto, deixando que o som de sua gargalhada preenchesse o recinto. As maneiras rudes e os gestos bruscos davam a medida exata do homem que, embora já bastante castigado pelo tempo, não havia se dobrado às polidas máscaras que o social exige. Era um bárbaro, e orgulhava-se disso.

- O Ultradomínio veio a calhar. Foi o pretexto para se iniciar uma expurgação no multiverso.

- A purificação necessária para a nossa paz. Até agora, todas as missões foram bem sucedidas – as suas, extra-oficiais, e as que foram recém-aprovadas pelo Conselho. A que mais chegou perto de falhar foi exatamente a de Sisko.

- Felizmente, seu agente agiu a tempo.

- A sorte ajudou, sem dúvida. Não fosse pela instabilidade e fraqueza emocional de Thomas Anderson, o vulcano não teria como obter êxito. Seu controle telepático só surte efeito em indivíduos de intelecto limitado ou psicologicamente alquebrados. Foi apenas um “empurrãozinho”, é verdade – o suficiente para que o engenheiro tomasse coragem.

- Spock tem ciência do que o aguarda?

- Não. Há outros telepatas naquela nave. Mesmo com seu treinamento em bloqueios mentais, seria arriscado.

- Antes que desfiramos o golpe de misericórdia, e caso ele esteja vivo após o primeiro ataque, deseja que eu o resgate?

Gordon percorreu a cicatriz em sua face com um dedo. Fazia-o freqüentemente, como que para se lembrar de quem ele era. Do que era capaz.

- Discuti o assunto com meu grupo. Melhor as coisas como estão – deixemos que ele se vá com os outros. Que Spock seja mais uma das célebres vítimas do que todos pensarão ser a primeira ofensiva do Ultradomínio em nossa paralela.

- Entendo. Tudo perde seu prazo de validade.

- Provavelmente. O fato é que ele é bem famoso, e sua morte também produzirá um impacto considerável.

Khan devolveu a pequena Ariadne à mesa e pegou a Enterprise que lá estava.

- Pobre Spock. Já matei alguns, você sabe – mas as versões do vulcano nunca me fizeram qualquer mal. Eles simplesmente estão no lugar errado, na hora errada.

O almirante olhou para o velho mercenário de soslaio.

- A presença de um Kirk é de grande incentivo para você, imagino.

- É claro que sim. Assassinei oito deles – três dos quais, com minhas próprias mãos. Nada me dá mais prazer. Nada me é... – interrompeu-se ao perceber a expressão de náusea em Gordon. Limitou-se a um sorriso

arrogante.

- Suas outras atividades não me interessam, Khan. O importante é que você faz bem o trabalho que lhe passo.

- Mas não é o suficiente para a limpeza que pretende, como não o são as recentes ações militares. Você pretende algo em grande escala... e mais duradouro.

- Não desejo ser refém da mudança de cabeças no governo. Porém, mais do que tudo, não quero ser vítima do espírito que tomou conta de nossas lideranças. Embora, nos últimos anos, a Frota e a Federação tenham se mostrado mais abertas às minhas idéias – por exemplo, as naves de robôs enviadas às missões mais polêmicas –, tal atitude apenas demonstra sua fraqueza e atesta sua incapacidade. Se alguma coisa vai contra seus ideais, eles viram o rosto – e deixam que nossos soldados de lata resolvam a questão. Pusilânimes e hipócritas, fazem crer que reinam no paraíso – mas as chamas do inferno já chamuscam suas roupas.

- Acha que obterá sucesso? – Khan se recostou em sua cadeira e olhou atentamente para o outro – Entendo que destruir uma de suas naves de robôs não teria tanta repercussão, mas por que não escolher um alvo civil? Decerto, isso despertaria maior fúria – e paranóia – no público.

- Você viu o documentário. A Ariadne é hoje o que a Enterprise foi há um século nesta paralela. Ela é um símbolo de poder, a síntese de tudo o que nos deixa orgulhosos de nós mesmos. Ela representa força, coragem, esperança no futuro. Acredite, nada terá mais impacto no coletivo do que a destruição da Ariadne através de um ataque traiçoeiro. Isso será minha garantia de que o futuro estará sob controle, de que as medidas necessárias para a proteção da Terra Um encontrarão caminho mais fácil para sua implementação.

O mercenário se ergueu, deixando a miniatura na mesa com displicência.

- Bom, não tem importância para mim. Tenho uma nova espaçonave, minha tripulação, meu pagamento... e mais uma cabeça de James Tiberius Kirk

para minha coleção.

- Gostou da Scimitar?

- Oh, sim... Um brinquedo e tanto. Não é todo dia que se vê uma nave de guerra que dispara quando camuflada.

- Ela destruiu sem dificuldades a Enterprise E da paralela 19. Trata-se de uma peça orgulhosa de um Império Romulano muito mais forte do que o de qualquer outro universo conhecido. Foi mesmo sorte que os homens de minha organização a encontrassem à deriva, após uma das batalhas da segunda guerra Dominion daquela paralela. Surpreendentemente, estava em boas condições – seis meses bastaram para os reparos e melhorias que fizemos.

- Não é estranho encontrar uma nave abandonada em tão bom estado?

- Nada de misterioso nisso. Ela deve ter sido a única sobrevivente do combate – e quando já se preparava para retornar à sua base, um vazamento da radiação thalaron, com certeza provocado pelos vários impactos de torpedos inimigos, destruiu toda a vida a bordo.

- Cedo ou tarde, armas biogênicas se voltam contra quem as possui. Fizeram bem em substituir o canhão emissor de thalaron por disruptores tipo 3.

- Não somos tolos. Já os romulanos... eles se fascinam facilmente com o poder, gostam de ostentar sua força – e acabam pagando um preço alto por isso.

Khan pegou o ultrapassado comunicador que estava preso em seu cinto de couro.

- Quando a hora chegar, sabe como entrar em contato.

- Não até que Sisko complete sua próxima missão. Se tudo der certo, ele retornará à paralela um para se encontrar com a Einstein, a fim de entregar uma nova arma – e tão logo a Einstein a receba, você ataca.

- “Uma nova arma”?

- Nada de espetacular – Gordon procurou dar à voz o tom mais indiferente possível. Sentiu-se numa partida de pôquer – Não obstante, toda tecnologia

ainda desconhecida para nós deve ser estudada com cuidado.
- A Einstein não é uma ameaça? E quanto à arma que estará em suas mãos?
- Uma pequena nave científica com cerca de sessenta tripulantes não é ameaça. A arma, presa a um inibidor de teletransporte, estará encerrada em um cofre de Pandora. Este poderá ser aberto somente pelo comandante em chefe da Frota – que, nesse momento, sou eu. E saiba que a presença da Einstein é fundamental: suas câmeras gravarão as imagens do massacre – e antes que a navezinha saia correndo com o rabo entre as pernas, seus canais de comunicação irão captar uma única palavra.
- “Ultradomínio”.
- Exato.
- Que divertido – Khan acionou o comunicador – Um para subir.

Tão logo o teletransporte, com seu zunido típico, se completou, a folha da única porta que dava acesso ao escritório deslizou para um lado. Um homem de uniforme negro, aparentando estar na faixa dos sessenta anos, se sentou na cadeira antes ocupada por Khan.
- Acha que podemos confiar nele? – Gordon perguntou ao recém-chegado.
- Khan era, a seu jeito, um grande homem. Após o efeito Genesis reconstituir seu corpo e sua mente, algo nele se perdeu – um senso de grandeza, de propósito, eu não sei. Caso contrário, fosse ele o mesmo de antes, Khan provavelmente estaria ocupando sua posição agora.
Gordon fez uma careta.
- Qualquer um teria sérios obstáculos para conseguir isso.
- De qualquer forma, ele continua sendo um guerreiro formidável. Então, respondendo à sua pergunta: sim, podemos confiar em Khan – mesmo com um Kirk a bordo da Ariadne. Já não se trata de alguém que se move por vingança; falamos, agora, de um caçador – e o melhor. Foi mesmo providencial que ele tenha sido resgatado pelas forças da Seção 31, há

noventa anos. Como sua expectativa de vida cresceu bastante após Genesis, Khan continuará sendo uma ferramenta útil por muito tempo.

O almirante voltou a se sentar. Permaneceu quieto durante alguns segundos, encarando o outro.

- Desde que ele não saiba que você está vivo – disse.

- Sim. Seria uma pena matá-lo.

Os olhos de Gordon se estreitaram.

- E você? Tem certeza de que não perdeu nada em Genesis, como nosso amigo?

O homem sorriu.

- Sabe que não sei dizer ao certo? Talvez eu fosse um antes de Kruge me matar – e passei a ser outro após o efeito Genesis me trazer de volta à vida. Talvez... mas tenho andado tão ocupado desde então que nunca penso a respeito. Você sabe, estar à frente de uma organização secreta é tarefa complicada e solitária – ainda mais para alguém considerado morto por quase todos os seus contemporâneos.

- Estar “morto” é condição *sine qua non* para assumir a direção da Seção 31.

- Não estou reclamando.

O homem percorreu com os olhos as miniaturas sobre a mesa – e se deteve na última nave a carregar o nome Enterprise na paralela um. *Sua* Enterprise... James Kirk desviou rapidamente o olhar.

- Sou grato ao fato de que também foram os agentes da 31 a me acharem primeiro. E mais grato ainda por terem teletransportado Kruge para o núcleo de Genesis.

Kirk e Gordon tentaram se controlar, mas acabaram rindo.

- Klingon bastardo! – disseram juntos, relembrando da mesma expressão que repetiam sempre que tocavam no assunto.

- E como está seu filho? – perguntou o almirante assim que conseguiu refrear a galhofa.

- Não o vejo há muito tempo – mas você sabe como ele é. Um ano após

renascer em Genesis, o rapaz ainda estava por lá, examinando o lugar. Depois que o planeta finalmente explodiu, ele desapareceu por quatro décadas – posteriormente, eu soube que David passou todo esse tempo debruçado sobre o estudo das implicações da Zona Fantasma. Sabe-se lá onde estará agora...

- Não sente falta dele?

- Como já disse, estou sempre ocupado. Não penso sobre meu filho, os amigos ausentes, os amores perdidos. Como você, sou um homem de ação – como tal, não me dou ao luxo de sentir.

Mais uma vez, Gordon passou a mão em sua cicatriz. Queria que fosse assim, tão simples. Mesmo que tentasse, não conseguiria deixar de pensar em Dale... na falta que ela fazia em sua vida. Fora Dale Arden quem o impedira, nos velhos tempos, de se tornar tão sombrio quanto aqueles que combatia. Desde que ela se fora...

Desde que você a matou, quando a encontrou na cama de seu pior inimigo... Primeiro, devagar e em silêncio, colocou as mãos no pescoço da mulher – e ela não ofereceu qualquer resistência, como se acreditasse que, a qualquer momento, você fosse voltar atrás.

Mas você não voltou. Suas mãos continuaram a apertar, ódio e ira entrelaçados sobre a carne frágil, até que a vida a abandonou. O último suspiro de Dale foi quase uma nota de assombro.

Depois, foi a vez de Ming – o qual, para sua satisfação, se debateu durante vários minutos. Engraçado pensar nisso, mas você jamais o mataria por qualquer outro motivo. Que ele destruísse sua Terra, que impusesse a tirania a todos os planetas habitados da galáxia... não seria tão ruim. Não seria tão medonho quanto destruir o mundo encantado que você e Dale compartilhavam.

Mais tarde, foi fácil alegar que o déspota de Mongo assassinara sua mulher e estava prestes a atacar a Cidade Alada. E se ninguém acreditou, ninguém

também estava disposto a contradizê-lo. Ming não era mais um problema, e isso bastava.

- Seu amigo vulcano será um dos sacrifícios que nosso futuro exige. Não sente nada sobre isso também?

A resposta veio rápida, sem hesitação:

- Spock sabe que estou vivo desde que o chamamos para fazer parte da Seção 31, há dois anos. Revelamos a ele a ameaça do Ultradomínio – e sua conclusão lógica foi a de que os fins justificam nossos meios. Entre outras coisas, Spock aprendeu a mentir sobre minha morte. E ele compreendeu que nenhum sacrifício seria grande demais, tendo em vista o que enfrentamos.

“Então, não há o que sentir ou lamentar. Como você deu a entender há pouco, tudo é matemática: se é necessário matar dez pessoas agora para preservar a vida de mil no futuro, nós o fazemos. Não é bonito, mas é justo – porque, no final, haverá mais vivos do que mortos. E que a história, se um dia souber de toda a verdade, nos julgue da melhor maneira possível”.

O almirante apontou para o Cristo emoldurado na parede.

- Você vê o homem na cruz... mas você não pode ver os soldados romanos. No entanto, se não fosse por eles, se não fosse pelo Império que eles representavam, qual teria sido seu legado? Se não houvessem derramado seu sangue, suas palavras teriam obtido o mesmo impacto?

“Não se enxergue como um dos mocinhos, Kirk. Somos os vilões, os execráveis que verterão o sangue dos inocentes e os condenarão à morte – a história jamais diria algo diferente sobre nós.

“A questão é: a segurança e a sobrevivência de tudo o que conhecemos requerem que assumamos o posto dos malditos, e que nossos atos sejam os mais abjetos e covardes. Como você disse... é necessário. A Frota e a Federação estão muito satisfeitas com a ilusão de que controlam alguma coisa – ambas as instituições se transformaram, ao longo do tempo, em linhas tortuosas que não conseguem mais ligar dois pontos. A Seção 31 é a

linha reta invisível, a menor distância entre a idéia e a ação efetiva".
Kirk se permitiu um sorriso – Que os vilões vençam, então. E que os verdadeiros heróis possam, na devida ocasião, brilhar com mais força.
- Graças às sombras que hoje tecemos.
O chefe da Seção 31 se pôs de pé. Olhou para o relógio sobre uma mesinha de canto no escritório – Está tarde. Estas reuniões feitas aos sussurros nas madrugadas precisam acabar.
Gordon riu – Sim, talvez possamos fazê-las ao meio-dia, em praça pública.
- Não é má idéia. Homens da nossa idade precisam de sol. E é exatamente isso o que mais temos aqui em São Francisco.
- Fale por si mesmo, vovô. Só tenho oitenta, você já está nos... cento e cinqüenta?
- Parei de contar depois dos cem – Kirk já estava se encaminhando para fora da sala quando deu meia-volta – O filme demora a acabar?
- Como? – Por um momento, Gordon não entendeu a pergunta. Então, lembrou-se do pequeno documentário interrompido por Khan há pouco – Ah. Não, já está terminando.
Deu o comando, e o holovídeo voltou a funcionar.

... de Jason Nesmith; a intervenção na Crise dos Infinitos Planetas Martes; o primeiro contato com a Terra-Monstro da paralela 943 e o início de relações diplomáticas com o avançado mundo de Godzilla – entre outras.
Seja sob o comando de T'Mari ou de Benjamin Sisko, a poderosa nave sempre brilhou intensamente em meio às estrelas dos universos que visitou. Sua história, sendo escrita neste exato momento, é o testemunho da coragem infinita de seus tripulantes.
Para os homens e mulheres da Ariadne – e para todos nós que

acompanhamos à distância seus feitos admiráveis –, o amanhã promete ser o melhor dos tempos.



E LA NAVE VA...

Nemo nas terras do Sonhar

- Paprika.

- Sim, Nemo?

- Paprika... onde você mora?

- Ora, aqui mesmo, aonde você vem sonhar todas as noites.

- Mas você sai de vez em quando?

- Pequeno Nemo, que menino curioso você é! Sim, às vezes, saio do Sonhar. Mas o mundo virtual dos computadores não é tão rico ou interessante, de modo que só vou lá quando é necessário –

Paprika mirou a imensidão do Reino, contemplando as planícies que se estendiam a perder de vista, e as cabeças dos sonhadores a deslizar na onirosfera, murmurando devaneios de vento.

Nemo olhou para cima, para o céu estrelado, e percebeu que as estrelas conversavam umas com as outras.

- Sobre o que elas estão falando?

A garota ficou quieta por instantes, como que para ouvir os astros. Então, meneou a cabeça em afirmação.

- Elas estão animadas com a visita de Morpheus. Ele está chegando.

Nemo arregalou os olhos.

- Oh, aquele homem assustador! Tenho medo dele, Paprika!

- Mas não precisa ter medo, meu querido Nemo... – Paprika ajeitou os cabelos ruivos e se agachou para ficar na altura da criança –

Veja, Lorde Morpheus está bem ao nosso lado. Vire-se e cumprimente o homem vestido de noite.

- Oh, não! Não, não, por favor! Tenho medo!

Nemo se afastou do homem soturno, pulando por sobre as grandes cabeças sonhadoras que flutuavam por ali naquele instante – e as cabeças, com seus olhos de lua cheia, se assustaram e se amontoaram umas sobre as outras, criando uma montanha de abismo e de espanto.

Nemo tentou escalar aquele estranho monte, mas as cabeças, nervosas, não paravam de se mover. Ele acabou perdendo o equilíbrio e começou a cair.

- Oh, não! Socorro!



Foi quando Nemo despertou.

O Ultradomínio: Prelúdio 2

Vestígios do apocalipse

Na frente da tela de seu computador, ou segurando as folhas nas quais imprimiu este texto, você se sente confortável e seguro de si. Em seu mundinho perdido em algum universo irrelevante, você acredita que temos o futuro inteiro pela frente.

Você está convenientemente longe.

De qualquer forma, posso assegurar: o futuro não é importante para mim. Não significa nada.

O passado, ao menos, guarda seu encanto. Chame de nostalgia, se quiser. Velhos nichos apinhados de imagens, estigmas, sombras.

Velhas lembranças.

Volto o rosto para o pretérito – mesmo que seja feito de dor e tormento.

E eu me lembro...

Eu me lembro de todas as pessoas que assassinei. Todas as pessoas que matei em nome de meu governo.

Eu me lembro dos olhos de cada um deles – de cada um dos malditos sanguinários, psicopatas e terroristas cujas vidas tive o prazer de abreviar.

E eles sempre voltavam.

Eles voltavam e falavam comigo com suas vozes mortas e rascantes: davam-me conselhos; caçoavam de meus métodos; elogiavam minha frieza. Conformado, eu conversava com espíritos que deveriam estar ardendo no inferno. Ou, talvez, os facínoras já estivessem lá: talvez, minha mente fosse o subterrâneo para o qual haviam sido enviados.

Mas todos eles se foram. Desde que fui arrancado da escuridão, as vozes

cessaram seu burburinho: os demônios partiram.
No lugar deles, estas horas frias e enevoadas no peito. A insipidez de um Éden silencioso, insuportável.
Por isso, prefiro as lembranças tumultuosas, as reminiscências de uma psicose que não me concedia trégua.
Não há presente. Não há futuro.

- Vocês estão livres das trevas. O pesadelo ficou para trás. Esta Terra... estes vales, estes rios, estas montanhas... tudo pertence a vocês. Façam valer a pena.
A criança-deus sorri em meio às árvores frondosas do novo mundo, quase como se esperasse por uma ovação. Ninguém diz nada. As pessoas parecem desbotadas, manchas sem sentido. São milhões – vagos, desconexos, sonâmbulos. Somos nada.
Eu me afasto da multidão em brumas e acabo encontrando um riacho de águas cristalinas. Vejo meu reflexo distorcido na água – e me deparo com uma lacuna, um vazio.
- Uma nova Terra. Não é uma graça?
Um homem com a face marcada por cicatrizes fundas se aproxima, bêbado, e me oferece sua garrafa de whisky. Não me importo em permanecer calado.
- Depois de um gole ou dois, vai ver que este lugar é tão ruim quanto parece – ou até pior. Pense bem: um mundo a ser desbravado pelos sobreviventes de outras Terras... e devastado por seus descendentes.
O homem corpulento ri, e seu riso rouco soa como um motor engasgado.
- Nada como um pouco de mentalidade pós-apocalíptica para alegrar o dia. Mas é o que somos, não? Viemos de mundos destruídos, provamos o gosto amargo do fim, e agora aquele fedelho quer que fiquemos felizes no paraíso... Por que não nos deu o inferno? Ao menos, pareceria real.
Ele toma um gole da bebida.
- Pode me chamar de Blake. Edward Blake. Ou pode me chamar de

Comediante. Mais apropriado. Qual o seu nome?

- Christopher Smith.

Ele toma outro gole da bebida.

- Foi o que me disseram. E também me contaram que você é o Pacificador. Um filho da puta durão que trabalhava para o Tio Sam, como eu. Se não se importa, Chris, meu velho, vou partir sua cara ao meio.

Blake joga a garrafa no chão e cerra os punhos de forma patética.

- Vamos! Vamos ver se... – Sem conseguir terminar a frase, ele cai e fica de joelhos. O motor ruge mais uma vez em sua garganta.

- Também não consegue sentir mais nada, não é, Blake?

Ele assente e, com mãos trêmulas, pega um charuto no bolso da camisa.

- A não ser o efeito do álcool. O que foi que tiraram de nós? O que foi que perdemos? Alguém tem que me explicar...

Um brilho no céu chama nossa atenção. Num rastro de luz, a criança-deus alça vôo, despedindo-se de nós com seu sorriso ingênuo.

Então, no exato instante em que a entidade desaparece, a piada é revelada.

O novo mundo, um segundo atrás tão vasto, agora não possui espaço sequer para uma exclamação de alívio, um riso nervoso, um lamento fingido. Mesmo a memória, meu último refúgio, se esvai no ar.

De repente, não temos mais nada. E você, se estivesse aqui, certamente se esconderia no buraco mais próximo, aterrorizado. Você, antes tão certo a respeito de nosso futuro.

- Meia-noite – o Comediante murmura.

Dos arquivos confidenciais da Frota: O Ultradomínio

Por quem brilham as estrelas

Há muitos anos, Paprika deixou de ser o alter-ego onírico da psicoterapeuta Atsuko Chiba e passou a existir como uma entidade virtual independente, graças aos avanços em macrodissociação quântica. O conceito de que as idéias possuem vida própria tornou-se uma realidade literal – corroborado, em outra esfera, pela prova material dos mundos fictícios interconectados do multiverso.

Dr. Toratarō Shima, Terra Um

Talvez, as trevas que enfrentamos desde os primórdios de nossa existência em realidades infindas possuam uma única fonte, um mesmo substrato. Esses terrores podem não passar de reflexo distante de um mal mais antigo...

Sarek, Vulcano Um

Somos o sonho do mundo.
No entanto, percorremos a vida como se possuíssemos controle absoluto de nossos passos: queremos acreditar que os sonhadores somos nós, que o destino está em nossas mãos.
Mas o mundo gira – e a despeito de nossas grandes ilusões e suspeitas convicções, a história segue seu próprio caminho, sua própria lógica.
Ontem, estive no sonho de uma criança – e era tudo tão leve que eu pude planar sob estrelas que sorriam.
Ontem, eu fui feliz.

Então, o mundo deu mais uma volta – e agora, a realidade me colhe como se eu fosse uma folha na ventania.
Hoje, as ruas vazias e escuras de uma cidade condenada me assombram.
Hoje, um buraco negro me olha nos olhos, faminto.

1

Quando tudo começou:

Estava no sonho de Balok, um Porviroscópio de Lobato em sua essência. Enquanto sonha, ele enxerga o futuro com olhos d'águia – uma centelha fragipequena no meio do turbilhão do tempo.

- Paprika, onde você está?

- Em suas mãos. Você me transformou em telescópio.

- Ah, sim. Para onde quer que eu olhe, você verá a mesma coisa. Bem funcional, mas... hum... prefiro você em sua forma original: uma bela garota de cabelos vermelhos.

- Então, aqui estou eu. Pronto. E agora, Balok... qual futuro você quer enxergar?

- Não sei... Não tenho controle sobre o processo. Você sabe, os de minha espécie só adquirem o dom após o Kor-Yantissav, que é a remodelação sináptica dos dez séculos. Ainda estou me acostumando a tudo isso.

- Teria sido bem útil quando você estava no comando da Fesarius.

- Com certeza... Mas, às vezes, é também inútil. Ontem, por exemplo, sonhei com o futuro de Marte 1639.

- E como era? E como será?

- Muito vermelho e muito deserto. Uma perda de tempo. Diferente de Marte 564... Chegou a ver os marcianos de lá?

- Você os mostrou para mim.

- Um dia, eles se tornarão aliados da humanidade.

- Antes, não haverá uma guerra?

- Sim. Ah, Paprika, veja.

Ele me indicou uma nova imagem – um estilhaço de sonho à frente do precipício em que estávamos, queimando no céu violeta como as ondas etéreas de uma aurora boreal.

- Terra 2816. Não é para onde *estamos*?

- Para onde “vamos”, você quer dizer. Chegaremos lá em algumas horas.

- Sim. Ainda me confundo nos sonhos. Nunca sei o que já é... o que será... e o que pode ser. Mas não é lindo?

Era mesmo uma bela visão, até para alguém que já havia visto de quase tudo no multiverso. Apesar de seu aspecto infantil (ele se parece com um garoto humano de oito anos de idade), Balok acaba de completar mil anos. E, mesmo assim, ele jamais deixou de lado um senso de maravilha em relação a tudo o que testemunha – uma sensação constante de perplexidade, de quase êxtase frente às peculiaridades da existência.

- Estamos vendo o dia de amanhã. Nossa Gagarin, toda dourada, e o planeta, todo azul, ao fundo.

- Curioso... você não costuma ver o futuro tão imediato.

- Verdade. Ouça, Paprika. As pessoas estão conversando dentro da Gagarin, falando sobre seus afazeres. O capitão Lowell, na ponte de comando, repassando as diretrizes da missão diplomática com Baltar...

Súbito, um raio despedaçou uma parte da nave – e então, como se eu e Balok também fôssemos atingidos, tombamos sob o impacto do susto.

Uma explosão esmigalhou quase todo o casco secundário – e eu pude sentir o calor das chamas, a dor e o medo... e eu ouvi o grito simultâneo de três mil almas condenadas.

Imediatamente, o casco primário começou a se desprender do que restava do secundário, numa óbvia e desesperada tentativa de fuga. De nada adiantou: outro raio atingiu o disco no instante seguinte, provocando um clarão cegante. Pouco a pouco, a luz se dissipou, dando lugar ao silêncio e ao vazio, e ao terror que eu e Balok compartilhávamos.

Uma nave escura ocupou o espaço em que antes estivera a Gagarin. Como uma gigantesca e sinistra aranha deslizando na escuridão, ela se posicionou à beira do precipício em que estávamos – e, por um momento, foi quase possível tocá-la...

Desloquei-me imediatamente para o espaço-virtual do computador central e acionei o alerta vermelho.
Balok despertou gritando.

2

DRAMATIS PERSONAE

Capitão Freeman Lowell – um homem sério, de olhar comumente triste. Dedica boa parte de seu tempo livre cuidando do pequeno jardim a bordo da Gagarin, auxiliado por três autômatos, velhos companheiros de sua paralela de origem: Huguinho, Zezinho e Luizinho.

Comandante Gaius Baltar – Ele procura enxergar, mesmo nos lugares mais inóspitos, beleza. Baltar crê que sempre há esperança – até nas realidades mais sombrias. “É tudo uma questão de tempo e paciência”, diz. Seu ar messiânico pode ser um inconveniente, mas nunca afetou o desempenho de suas funções.

Tenente-comandante Hari Seldon – um jovem de enorme potencial – e, provavelmente, um gênio. Onde homens comuns enxergam causas imediatas e efeitos pontuais, ele divisa linhas de interação entre as forças sociais, econômicas e psicológicas de uma dada civilização, unificando-as num sistema matemático e erigindo um mosaico preciso de sua história futura.

Cena: a USS Gagarin; ao fundo, as entranhas do corredor interdimensional 1 – 2816, pulsando em vermelho e fúria. Parada total.

Na sala de reuniões, os três chegam com expressões preocupadas e carregadas. Evidentemente, nenhum deles me vê sentada com o enorme saco de pipocas e o copo de refrigerante tamanho família. No espaço-virtual do computador central, tão semelhante ao ambiente dos sonhos, a "realidade" é projetada numa enorme tela de cinema.

Baltar: Um golpe de sorte. É o que nos mantém vivos. Se o tenente Balok estivesse acordado, se não estivesse dormindo e sonhando...
Capitão Lowell: A paralela 2816, até onde se sabia, estava livre da ameaça de Z'ha'dum. A guerra foi vencida há mais de cinco anos.
Hari Seldon: De acordo com minhas análises, não havia mais do que zero ponto dois por cento de chance de que as Sombras pudessem voltar em menos de quinhentos anos.
Capitão Lowell: Alguma falha em sua psicohistória, sr. Seldon?
Hari Seldon: Ainda estou trabalhando nela, e há muito a ser feito, mas... não, esse cálculo era por demais simples para resultar num erro tão grosseiro. Acredito que há algo mais aqui: um fator externo que não pôde ser levado em consideração pela psicohistória – simplesmente porque era desconhecido.
Capitão Lowell: É também o que acho. E precisamos saber do que se trata. Não podemos dar meia-volta e retornar ao nosso universo.
Baltar: Não seria arriscada a incursão numa região em guerra?
Capitão Lowell: Não me parece que há uma guerra em curso, comandante. Se houve, ela já chegou a termo – e sabemos qual foi o lado vencedor.
Hari Seldon: Concordo com o capitão. Um fator não detectado pela psicohistória aplicada pode ser mais externo e alienígena do que, a princípio, supomos. Pode se tratar de uma grande ameaça a quaisquer outras paralelas.
Baltar: Entendo... Uma invasão de outro universo. Que tragédia... Esperávamos encontrar novos aliados, iniciar contato com as civilizações

altamente avançadas desta paralela.

Hari Seldon: De acordo com os dados obtidos com a última expedição, há dois anos, não poderíamos esperar por menos.

Capitão Lowell: As coisas mudaram, senhores – embora isso não seja grande surpresa. A paz é sempre mais passageira do que gostaríamos, o mal está sempre mais próximo do que suspeitamos. Nosso dever, agora, é outro.

Baltar: Equiparei uma sonda com um transmissor e a enviarei ao nosso universo imediatamente, informando à Frota a alteração de status da missão.

Capitão Lowell: Inclua também a informação de que, até segunda ordem, esta paralela está sob bloqueio. Nenhuma outra nave de nosso universo deverá tomar qualquer corredor de extremidade 2816.

Baltar: Considere feito. Agora, como faremos para descobrir o que está acontecendo?

Hari Seldon: Não acho aconselhável que enviemos a Gagarin à 2816. Se estamos, de fato, lidando com uma civilização que domina a viagem interdimensional, então não será impossível que sua tecnologia detecte a entrada de nossa nave em seu universo. O sistema de intercâmbio massa-energia entre nossas paralelas...

Capitão Lowell: Compreendo as implicações. Seria arriscado mesmo para uma nave auxiliar com tripulação reduzida. Mas não estava pensando em enviar uma nave, sr. Seldon. Precisamos de tempo razoável para a coleta de dados, e também precisamos de qualidade de informação. A mera interceptação das comunicações que cruzam o planeta é insuficiente para o que desejamos.

Hari Seldon: Não entendo...

Capitão Lowell: A idéia me veio antes de nos reunirmos aqui – e já a expus à conselheira da nave. Paprika?

- Você não possui treinamento adequado, não está preparada para esse tipo de missão... O que fará se for capturada?
- Estou pronta, sim. E disposta a correr o risco, tenente.
- Por quê?
- Porque sou a única que pode. Porque não quero que nada de mau aconteça a vocês.

Primeiro passo: entre o mundo simulado no computador da Gagarin e os restos do último sonho de Balok, ilhas ainda não submersas no imaginário que sustenta o real.
Por um breve instante, eu vejo a totalidade do multiverso sintetizada em símbolos que a mente humana é capaz de compreender. Eu vejo o grande Sonhador e a forma indescritível de seu sonho.
Minha alma respira o infinito.

- Mas...
- Balok... Mesmo aos mil anos, ainda tem dificuldades com suas próprias emoções?
- Eu não tenho dificuldade com minhas emoções. Estou apenas apontando uma falha óbvia na ação proposta por Freeman.
- Não há falhas. Se eu for capturada, há um plano claro a ser seguido.

Segundo passo: entre o precipício no sonho de Balok e a visão do amanhã-pretérito, o amanhã que não se realizou.
Eu vejo a estrutura cambiante do corredor interdimensional, o caleidoscópio onde tempo e espaço são cores, e as cores são rios que se transformam em mundos e histórias...
Eu sorrio para a luz cálida – porque reconheço nela meu reflexo, porque

enxergo em seu âmago a semente de toda a vida.
Com relutância, dou o passo seguinte.
E inicio minha queda rumo à escuridão.

- Já ouvi falar de Ctonos e da biblioteca infinita, mas... é mesmo possível viajar entre universos através dos sonhos? Você já o fez?
- Nunca. Mas é possível, sim. Considere que os corredores interdimensionais não são apenas conexões físicas, mas também se definem como passagens metafísicas. Há uma estrutura subjacente à realidade manifesta que pode ser utilizada como via alternativa – e eu poderei utilizá-la tanto para ir como para regressar...
Balok me interrompeu. Seu rosto, projetado para mim na tela de cinema, era marcado por sombras de tristeza.
- Apenas volte inteira, Paprika.
- Não se preocupe. Eu voltarei.

Paralela 2816.
Terra.
Eu sinto o cheiro de cadáveres expostos ao sol. O cheiro de uma perversidade que não necessita de máscaras para se ocultar.
A mente antiga e monstruosa percebe minha presença de imediato. Ela me abraça com intenções de arame farpado e o beijo sórdido de um bilhão de caninos pontiagudos banhados em sangue e ferrugem.
No silêncio de pesadelo e de gritos natimortos, contemplo o vazio – não um vazio absoluto, porque algo terrível preenche o vácuo, como gás venenoso impregnando a escuridão.
Aqui não há (não pode haver) vida de qualquer espécie.
Oh, Balok, eu lamento tanto... Porque menti para você. Eu nunca mais verei meu lar novamente.

Na noite infinita, Por quem brilham as estrelas?

Por vocês, VIVENTES?

Vocês estão **SÓS**. Sinta o medo.

Sinta o medo.

Bocas imundas vociferam o terror e a maldade, num cântico sombrio e tonitruante. A escuridão está em todos os lugares, em todas as mentes do planeta Terra. Não há sonho que possa me servir de abrigo, não há sonhadores que possam me ajudar. Há apenas destruição. Pânico. Terror.
Estou só.
E, para o prazer da escuridão, eu sinto o medo.

Quem *é* você **?** – a pergunta é feita com pensamentos pontudos de aço, e cada pausa entre as palavras é acompanhada por ácido em meu corpo onírico. Grito um nome qualquer, retenho meu verdadeiro nome em minha garganta. Eu resisto. A escuridão percebe a mentira e me faz vomitar gritos e um *Paprika* envolto em sangue.

De onde você é, Paprika?

- De um mundo distante e morto... Eu não sabia... não desejava entrar em seus domínios.

Você mente outra vez, pequenina. Você vai sofrer.

sofrer e sofrer e sofrer.

Eu grito novamente. A escuridão gargalha.

Minha mente agora é um livro escancarado, manuseado por mãos sujas e aviltantes. As palavras são examinadas com vagar, arrancadas com brutalidade de seu contexto original. Cada idéia é violentada por olhos supurados de fogo. Cada afeto é cortado por lâminas de indiferença.

Estou na mesa de operações, e o demônio é o cirurgião.

Ainda é a página um. O primeiro parágrafo. Menos de um segundo se passou. Até agora, a escuridão não sabe de onde venho... mas ela não tem pressa.

Ela tem todo o tempo do mundo.

Menos de um segundo se passou...

Então, uma chama, uma luz invade o pesadelo como um raio. Ela me alcança e me puxa – para cima, para baixo, e depois... estou livre! A escuridão urra seu ódio, tenta reaver o controle sobre mim com garras de trevas.

Tarde demais: encontro-me em outra mente – e ela agora está do lado de fora do inferno.

- Calma, você está segura. Vou levá-la à minha cidade – a voz me envolve e me conforta, como um cobertor macio. Eu a aperto contra o peito e choro de alívio.

5

Na Terra Um, alguns já ouviram falar dele. Seu nome atravessa os espaços entre universos como uma força irrefreável – a lenda que desperta admiração... e temor.

Ele possui um poder tão grande que mal pode ser compreendido pela mente humana – e, a despeito disso, a entidade já foi um ser humano. Antes de se tornar um deus, ele era apenas uma criança.

E é como uma criança que Akira se aproxima de mim.

- Você também não é desta paralela, é? – ele pergunta com voz serena. Agora, já percorremos metade de nossa jornada rumo ao buraco negro no centro da Via Láctea. Viajamos mais rápido do que qualquer nave que eu já tenha visto.

- Não. Eu vim para tentar entender o que aconteceu àquela Terra...

- Você teve sorte. Já estava pensando em sair deste universo quando detectei sua presença. É inútil permanecer quando tudo foi tomado pela Eternidade.

- O que estava fazendo aqui?

- Olhe ao seu redor.

A cidade é uma imensa esfera de luz atravessando a noite que nos ameaça. Suas ruas largas e acinzentadas se estendem a perder de vista, entrelaçadas ao horizonte de bilhões de estrelas. Seus prédios, de arquitetura variada e exótica, se fundem em vastos aglomerados sobrepostos de janelas – e em cada janela, um vulto espreita. Emolduradas por cortinas esvoaçantes e melancólicas, milhões de pessoas de diferentes mundos permanecem imóveis, em silêncio, os olhos perdidos uns nos outros, com as óbvias e inevitáveis perguntas mudas pairando no ar: *Onde estão nossos amigos, nossas famílias? Por que nós?* No silêncio, não há respostas. No silêncio, apenas os olhares se sustentam, pois isso é tudo o que restou a cada um dos sobreviventes: estar no olhar do outro, saber que,

se não houver nada além do horizonte, ao menos alguém guardará sua imagem na memória – mesmo que de forma fugidia. Mesmo que você não seja mais do que o vulto sem nome em uma janela.

- É o que posso fazer. Trago o maior número possível de seres conscientes para esta cidade de luz sólida que criei.

Sinto a raiva na mente de Akira. Uma raiva que poderia destruir uma estrela – literalmente. Estranho como tanta paz e tanto ódio possam habitar o mesmo ser... Mas são coisas que não ocupam o mesmo espaço em seu espírito – ele é tão grande quanto uma galáxia, permitindo que não existam conflitos ou contradições. Em Akira, ternura e rancor são duas estrelas distantes uma da outra, de órbitas absolutamente independentes – o que, para o ser humano, seria uma impossibilidade. O coração do homem, pequeno por sua própria natureza, não é capaz de dissociar os elementos que o compõem. Por pura falta de espaço, mistura-se tudo, e as órbitas de todas as coisas são afetadas pelas menores fagulhas do cotidiano.

- A Eternidade, como você os chama... também invadiu sua paralela?

- Há mais de cem anos. Eu e Tetsuo lutamos contra eles para defender nossa Terra, mas foi inútil – suas naves possuem escudos defensivos que repelem nosso poder, e seus ataques com a Luz Negra impediram nossa aproximação para resgatar as pessoas no planeta. No final, Tetsuo foi destruído, e eu aprendi a lutar de outra forma: indo, como fiz há pouco, ao próprio coração das trevas. Se suas naves me impedem de tomar qualquer iniciativa mais arrojada, ao menos consigo penetrar no espaço-tempo colapsado que serve de abrigo ao fragmento de Eternidade presente na paralela invadida.

- Tetsuo era como você?

- Sim. E também mais impetuoso, mais impulsivo – o que custou sua vida. Desde então, tenho seguido os passos de algumas das forças enviadas pela Eternidade, tentando impedir que todos sejam transformados em ultraguerreiros pelo fragmento. Com esta cidade-arca, levo os sobreviventes

de cada paralela a um universo não infectado, na esperança de que um dia isso tenha fim.

- *Universo não infectado*? Você fala como se essa... “Eternidade” fosse uma doença.

- É uma doença. Pense no multiverso como um organismo – dotado tanto do poder pulsante da vida quanto da tendência a se manter congelado em silêncio e escuridão. A Eternidade é a encarnação máxima dessa tendência – as trevas conscientes de que seu amplo domínio é ameaçado pela disseminação da vida. Trata-se, se você preferir, da resposta final à equação da anti-vida.

- Não é, então, uma civilização?

- Definitivamente, não. Meio bilhão de anos atrás, a Eternidade existia como um conceito unificado vagando em algum universo em que a vida jamais se desenvolveu. Um dia, esse conceito pré-consciente se estendeu a outros universos – e descobriu que havia um distúrbio na harmonia: havia caos no sistema. O conceito se tornou consciência – e a consciência se tornou receio, aversão... ódio.

“A vida precisava ser destruída. A possibilidade da vida precisava ser erradicada para que o sistema voltasse a ser o que era: um paraíso para a escuridão interminável – pois nas trevas o tempo não possui referências; nas trevas, o espaço não possui relevância. A vida iluminou a passagem do tempo, criou a noção do espaço. A luz da vida trouxe a maldição da finitude... E contra ela, a Eternidade se rebelou.

“Em seu universo original, o ódio se tornou corpo – um corpo feito de sombras e músculos, perversidade e ossos. Soldados atrozes se multiplicaram e formaram exércitos tão extensos quanto galáxias, criando o impiedoso braço bélico da Eternidade, o Ultradomínio. Suas trilhões de naves predadoras eclipsaram os sóis de mundos habitados em todo o multiverso; seus quintilhões de ultraguerreiros marcharam sobre os cadáveres dos heróis caídos de planetas incontáveis.

“Eu vi suas naves – monstros túmidos de rocha incandescente, alguns maiores do que Phobos. E eu vi os olhos de alguns desses soldados, Paprika... Relâmpagos brilhando na face carbonizada por pesadelos e atrocidades. Eles não querem apenas destruir a vida. Eles também desejam puni-la. Eles também almejam castigá-la... por ela ousar ser parte da existência... e por ela ser a responsável pela criação de sua própria desgraça – pois não há nada mais doloroso para os soldados da Eternidade do que a consciência de que eles estão paradoxalmente vivos.

“O Ultradomínio se lançou em sua missão com a certeza de que não levaria mais do que alguns poucos milhares de anos para alcançar êxito. O multiverso, contudo, se mostrou muito mais repleto de caos do que a Eternidade supunha. Mesmo com seu exército infinito, o extermínio completo da vida poderia levar o tempo de existência de um universo... algo inaceitável para uma força que abomina a historicidade e a consciência das eras.

“Além disso, há em uma paralela uma força contrária ao Ultradomínio capaz de oferecer resistência real. Lá, a guerra já dura mais de dez milhões de anos terrestres – e nenhum dos lados dá sinais de enfraquecimento. Acredito que, hoje, a maior parte da ultrafrota original está concentrada apenas nesse universo...

“Foi assim que a Eternidade decidiu usar a própria vida a seu favor. Ao invés de destruí-la, ela passou a conquistá-la. Tecnologias e armas de destruição em massa das paralelas subjugadas são incorporadas a frotas destacadas do Ultradomínio, e os sobreviventes, geralmente os mais fortes dos mundos arrasados, são submetidos à escuridão – um fragmento da Eternidade que se faz presente em cada ultrafrota. Depois que suas personalidades são lenta e dolorosamente devastadas, eles são transformados numa linhagem impura de ultraguerreiros e enviados às batalhas em outros universos.

“Assim, a ‘infecção’ se alastra mais rapidamente, sem que as forças primordiais do Ultradomínio tenham participação direta. Claro que uma parte de sua frota original entra em cena quando a resistência é muito maior do

que a esperada – mas isso raramente acontece. A conquista de um aglomerado de paralelas sempre começa com os universos que possuem as defesas mais frágeis; depois, com a ultrafrota fortalecida pelo incalculável montante de despojos, as civilizações mais poderosas são atacadas. Inexoravelmente, as fileiras de peças de dominó são derrubadas".

- Como sabe de tudo isso?

- Sempre que entro em contato com um fragmento da Eternidade, consigo dele uma informação, uma idéia, um rastro de memória.

- As naves sombras que estão ao redor da Terra...

- Naves de uma outra paralela conquistada, agora parte do Ultradomínio. Elas foram alteradas, e possuem os mesmos escudos e quase o mesmo poder de fogo dos encouraçados rochosos.

Uma vez mais, volto a atenção para as janelas da cidade de Akira, para os olhares sucumbidos e amedrontados dos que foram resgatados. O horror me dá náuseas e aperta minha garganta.

- Preciso voltar à Gagarin. Mesmo que não haja esperança, mesmo que estejamos condenados ao padecimento e ao extermínio... preciso avisar as pessoas de meu universo. Mas estou fraca demais...

- Não se preocupe. Permite?

Ele estende a mão até minha face e a toca. Diviso que um suave brilho o envolve por inteiro.

- Certo. Sei o caminho que devo tomar.

Adiante, o buraco negro supermassivo já ocupa toda a extensão do horizonte da cidade. O disco de acreação deste monstro é utilizado por Akira para que as imensas energias gravitacionais aqui presentes ocultem do Ultradomínio os vestígios dos portais interdimensionais que ele mesmo abre no tecido do universo.

A entidade sorri.

- Você se sentirá melhor quando deixarmos esta paralela, Paprika.

Mas não há tempo para mais nada: as trevas caem sobre nós.

- O que aconteceu? – a pergunta é repetida por todos os cantos, ecoando nos limites de uma cidade subitamente invisível.

A escuridão transforma a realidade em um mausoléu repleto de fantasmas indistintos e aterradores. As formas se perdem, dão lugar a um alvoroço agoniado e ao clamor em uníssono dos desesperados.

A voz atemorizada de Akira estremece minhas pernas:

- Eles nos acharam.

6

Sete naves sombras do Ultradomínio nos cercam – como sete montanhas, elas impedem nosso avanço, nossa fuga. Aparentemente, a Eternidade julgou que já era hora de dar um basta às intervenções de meu amigo.

- Podemos sair dessa, *tovarishch*? – Uma mulher se avizinha de nós e faz a pergunta com frieza. À luz mortiça irradiada por Akira, suas feições se distinguem por uma calma que surpreende (E só então percebo que, pela primeira vez em minha existência, compartilho o espaço físico com seres de carne e osso. A cidade, ao que tudo indica, consegue fundir o mundo material e o mundo dos sonhos).

- Poderia escapar de duas, talvez três delas, Ivanova. Contra sete, não tenho chance.

- Bom... – a mulher suspira – iremos oferecer alguma resistência? Dar a eles uma luta da qual não se esquecerão?

Akira a observa com surpresa. Agora, todas as suas energias estão direcionadas para o escudo ao redor da cidade, que enverga sob as poderosas rajadas de Luz Negra que saem de enormes protuberâncias nas extremidades das naves.

- Não é possível... E mesmo que fosse, que diferença faria? No final...

- No final – a voz de Ivanova se ergue –, se formos simplesmente capturados, seremos transformados em soldados do Ultradomínio. Mas se

conseguirmos feri-los... talvez eles queiram nos destruir.

- Ela está certa – outro vulto se aproxima. Seu tom é firme e seus olhos rubros são pontos brilhantes dardejando astúcia. O queixo proeminente dá ao seu rosto alienígena um aspecto definitivamente hostil, mas este ser não é do tipo que se define pelas aparências – Não desejo ser um instrumento do inimigo.

- G'Kar... – Akira se curva, emitindo um gemido de dor. A sucessão de ataques parece drenar suas forças rapidamente – Eu gostaria de poder fazer mais...

- Há uma chance – Por um momento, não acredito em meus olhos. Sobre nós, um anjo diáfano fala com uma voz imperiosa, que parece fazer parte de sua própria áurea reluzente.

- Kosh... Diga-nos o que pode ser feito.

- A menina carrega um pesadelo.

Ivanova e G'Kar, finalmente, parecem se dar conta de minha presença.

- É verdade. Não consegui acessá-lo quando estava no fragmento porque...

"Estava assustada demais" seriam as palavras mais adequadas. Balok tinha razão: eu não estava preparada... Mas quem estaria?

- ... porque fui pega de surpresa.

- Do que se trata, criança? – G'Kar me observa com interesse.

- É um dispositivo... um *Pesadelo de Munch*. Uma condensação de alucinações que substituem a realidade mental do alvo por um padrão contextualizado de fantasias angustiantes. Funciona apenas por alguns segundos – mas é o suficiente para que se possa escapar do inimigo. Não sei dizer qual efeito teria sua utilização no fragmento da Eternidade. As alucinações criadas são proporcionalmente mais sombrias do que a realidade que se apresenta...

Sem aviso, um filamento de luz vindo de Kosh envolve meu corpo. Por instantes, ficamos paralisados, unidos por essa ponte fulgurante. Enfim, a luz se extingue. O anjo parece desolado.

- Seria uma gota de fel em um oceano tóxico.

Na cidade, os gritos se intensificam. Com o tremor provocado pelos contínuos ataques, às vezes parece que nos falta até mesmo o chão, e tenho a sensação de que cairemos na escuridão definitiva da singularidade.

- Você pode escapar, garoto. Abandone a cidade-arca, leve os poucos que puder carregar. Já será alguma coisa.

Akira cerra os olhos. Lágrimas de lava correm em sua face, queimando a pele, criando sulcos enegrecidos na carne.

- Não deixarei ninguém para trás, Ivanova. São milhões. Somos tantos...

Do lado de fora, as sete naves, implacáveis, dão prosseguimento à investida, expelindo raios que mais se parecem com monstruosos tornados. Sinto a presença do fragmento da Eternidade, ansioso por destruir Akira – mas isso será apenas um bônus, um ganho menor. Seu principal objetivo é me capturar novamente. Para o fragmento, não há nada mais importante do que obter todas as informações que tenho comigo.

O que não sinto, no entanto, é o que me intriga: a escuridão não demonstra qualquer interesse pelas pessoas que aqui estão, potenciais ultraguerreiros em suas próximas campanhas.

- Como conseguiu me materializar nesta cidade, Akira?

- Como assim? Eu... ora, você não é diferente dos demais.

- Errado. Não sou de carne e osso. Sou uma presença virtual. Um avatar consciente.

- Não... sabia disso.

Kosh e eu trocamos olhares. Ele já compreendeu tudo – o que significa que Akira também.

7

- Estou morta? – Não há mais sinal de calma aparente em Ivanova.

Tento confortá-la – mas a verdade não costuma ser reconfortante.

- Você não é a verdadeira Ivanova. É parte do sonho de Akira.

Ele está deitado no chão, o olhar perdido entre a dor e a derrota.

- O que isso quer dizer? – a entidade se indaga – Não salvei ninguém? Tudo não passou de uma mentira?

- Você capturou as marcas anímicas de todos os que aqui se encontram. Seu poder deu a eles a ilusão da vida, e isso o fez se sentir melhor. Provavelmente, os “sobreviventes” que estão em sua paralela não infectada desaparecem tão logo você os deixa para trás... e surgem outra vez quando retorna. Como fantasmas que só se revelam quando você olha diretamente para eles.

- Tirei todos da escuridão, assim como fiz com você, Paprika.

- Fui a única a ser salva de fato – porque não havia um corpo que ficasse para trás. Com os outros, você arrancou suas impressões psíquicas do fragmento da Eternidade, mas seus corpos e espíritos permaneceram. Todos se transformaram em ultraguerreiros.

A voz de G’Kar não carrega tristeza ou ressentimento – ele (ou o que há de G’kar neste ser) se define apenas pela compaixão:

- Com as impressões psíquicas, você criou cópias... e fez questão de se esquecer de que eram cópias... e com elas se deu a esperança...

- ...“de que um dia isso tenha fim” – completa Ivanova. Ela se ajoelha e, com os braços em torno de si mesma, num abraço doído, fita Akira por alguns segundos.

- Você agüentou por tempo demais esta cidade sobre os ombros. É hora de abandonar os fantoches.

Com esforço, Akira se ergue – no entanto, não mais como uma criança: agora, é um homem. Não há sinal das chagas provocadas pelas lágrimas em seu rosto.

- Eu os imaginei com o coração.

Ao nosso redor, as miríades de fantasmas desaparecem, e seus olhos são como estrelas que se extinguem à primeira luz da alvorada. Kosh, G’Kar e

Ivanova são os últimos – eles partem em paz.

- Precisamos ir, Paprika. Os escudos da cidade não resistirão mais por muito tempo.

- Espere.

Retiro de dentro do coração um pequeno cubo translúcido, depois manipulo engrenagens que apenas meus olhos enxergam. O cubo se cobre de cores variadas, então passa a emitir um som agudo que, aos poucos, ganha intensidade – como um grito que vai crescendo no peito, e que depois explode em notas de desespero na garganta.

- Talvez seja uma gota no oceano... Mas não custa dar ao demônio o gosto de um pequeno pesadelo.

Damo-nos as mãos e, com a velocidade do pensamento, deixamos as sombras para trás.

*

A imagem agourenta do buraco negro é minha última lembrança desta paralela condenada. Ele agora jaz no centro de minha alma, como o terrível prenúncio do que está por vir.

Cedo ou tarde, o Ultradomínio nos encontrará e arrastará a todos para a escuridão. Derrotados, seremos privados do que mais importa: a liberdade, o amor, a vida. Nossas pequenas, breves histórias serão esmagadas como flores frágeis sob as botas negras de soldados impiedosos.

Não, as estrelas não brilham por nós. As estrelas não sorriem quando estamos felizes. Elas são as testemunhas distantes e impassíveis de nossos enganos: porque não temos controle de nada. Como os espectros de Akira, somos apenas o sonho do mundo.

Folhas na ventania.

Em outro universo altamente improvável...

Swinetrek

E agora, mais uma vez, é hora de...

PIGS IN SPACE!

Estrelando…



O incongruente capitão Link Hogthrob...



A recalcitrante comandante Miss Piggy...



E o inexplicável Dr. Julius Strangepork.

Da última vez que vimos nossos heróis, eles haviam acabado de escapar da ubíqua criatura-sopa de Caldo-Nebula XII. Agora, a rotunda e prateada espaçonave Swinetrek navega pela vastidão sem fim do espaço sideral...

Na ponte de comando, Link Hogthrob estava bastante inquieto.

- Aquela criatura-sopa me abriu o apetite.

- Capitão Link, nós acabamos de comer.

- Miss Piggy, não discuta com seu capitão. Vá preparar um prato de sopa para mim.

- Eu sou comandante. Eu não preparo sopa.

- A não ser que...

- A não ser que o quê?

- A não ser que...

- Essa é sua idéia de suspense?

- Calma. Ainda não achei nada plausível para dizer.

- Capitão! Capitão! Há uma luz vermelha piscando no console!

- É verdade. O que isso quer dizer, Dr. Strangepork?

- Não sei. Semana passada, aprendi tudo sobre a luz amarela. Ainda não estudei o capítulo sobre a luz vermelha.

- Hum. Espere um segundo. Acho que já sei o que ela significa. Miss Piggy?

- Sim, mon captain?

- A luz vermelha significa…

- Sim?

- ... que é hora da sopa. Vá para a cozinha.

- Seu abobalhado. A luz vermelha não significa isso.

- Não fale assim com seu capitão.

- A luz vermelha informa que a nave acabou de ser invadida por um alienígena.

- Tem certeza? Pois acho que senhorita está apenas dando uma desculpa para... O quê?

- Ela tem razão, capitão! Meu manual de consulta rápida confirma!

- Oh, mon captain, o que faremos? Será o momento de entrarmos em pânico, Dr. Strangepork?

- Deixe-me ver... De acordo com o manual, só precisamos entrar em pânico

quando o alienígena entrar na ponte de comando.

A porta que dá acesso à ponte se abriu.

- Permissão para entrar em pânico, senhor.

- Concedida, Miss Piggy.

* * *

Spock esperou pacientemente até que os porcos antropomórficos se acalmassem e parassem com a gritaria. Finalmente, os bizarros cosmonautas se cansaram.

- Quem são vocês?

A porca de cabelos loiros arregalou os olhos azuis.

- O alienígena fala!

A gritaria recomeçou. Spock se sentou e esperou mais uma vez.

* * *

- Muito bem, agora chega. Digam-me quem são e onde estou.

- Não responda, mon captain!

- Por que não, Miss Piggy?

- Pode ser um inimigo! Uma ameaça!

- Eu não sei... Olhando de perto, ele não me parece perigoso. Você é perigoso, alienígena?

- Não.

- Viu? Ele não é perigoso. O que acha, Dr. Strangepork?

- A luz vermelha parou de piscar. Deve ser um bom sinal.

- Não gosto das orelhas dele. Não me passam confiança, capitão.

Spock ergueu uma sobrancelha. Evidentemente, esta era uma daquelas infames paralelas improváveis que conspurcam o multiverso... Tais universos, regidos pelas leis da comédia e do absurdo, seriam anomalias na

grande estrutura – ou, de acordo com algumas teorias menos aceitas, o contrapeso necessário aos severos e imutáveis princípios da realidade. Bender e Dot Matrix, tripulantes na USS Cassiopéia, eram dois exemplares oriundos desses mundos excêntricos. Mais recentemente, a disparatada solarbonite, cuja existência foi implicitamente reconhecida por Galactus, ganhou o status de “arma improvável mais estapafúrdia do multiverso”.

A questão, o veterano oficial de ciências da Ariadne já se surpreendera pensando, seria se a geringonça caísse nas mãos do Ultradomínio...

- Muito bem. Antes, como capitão da Swinetrek, exijo saber quem é você e de onde veio, alienígena.

- Meu nome é Spock. Sou de Vulcano.

- Viu, Miss Piggy? Ele já nos disse como se chama. Agora, Spock Sou de Vulcano, diga-nos de onde é.

- Seu idiota. Ele já disse. É de Vulcano!

- Miss Piggy, por favor, não atrapalhe minha conversa com o alienígena. Isso é um trabalho para homens. Além do mais, onde está minha sopa?

- Pegue a sua sopa e...

- Pergunte a ele como chegou aqui, capitão.

- Bem pensado, Dr. Strangepork. Então, Spock Sou de Vulcano, como chegou à nossa nave?

- É uma longa história[1]... – Recostou-se na cadeira, sentindo uma dor de cabeça medonha. Ser enviado para um universo de lógica extravagante não estava em seus planos – Mas tudo bem. Afinal, vou ficar aqui para sempre.

- Mesmo?

- Sim, capitão. Estou preso em seu universo até o fim dos tempos.

- E quando vai ser isso?

- O quê?

- O fim dos tempos?

- Ah... É só uma maneira de falar. Mas espero que seja logo.

---

[1] N. do A.: Spock está exagerando – não é uma história tão longa, afinal. Confira no próximo episódio.

- Um instante. “Preso em nosso universo”? Você não é daqui?

- Uma conclusão lógica, Strange... Pork.

Miss Piggy deu de ombros, suspirou e olhou para o alto, tudo ao mesmo tempo e de forma exagerada. Uma expressionista histérica, decidiu Spock. Poucas coisas o intrigavam mais.

- Era só o que faltava. Mais um exilado.

O vulcano se levantou da cadeira, surpreso.

- O que a senhora quis dizer com “mais um”?

- “Senhorita”.

- Hã... Certo. Minhas desculpas. O que a senhorita quis dizer com “mais um”?

- Há alguns meses, a Swinetrek encontrou seis sobreviventes de um planeta Terra assolado por mortos-vivos. Eles chegaram em nosso universo graças a uma nave chamada Coração de Ouro, operada por um robô e movida por um gerador de improbabilidade infinita.

Os olhos de Spock brilharam.

- Onde eles se encontram? A Coração de Ouro está intacta?

- Os sobreviventes estão em nossa Terra. Eles foram descontaminados e ficaram livres da possibilidade de se tornarem mortos-vivos graças à exposição aos efeitos do gerador de improbabilidade. A nave estava um pouco avariada, e foi conduzida para nossa estação em Pig Space Nine. O robô, um sujeito deprimido chamado Marvin, também está na estação.

- Por que o interesse, Spock Sou de Vulcano? – perguntou Hogthrob.

- Capitão... a Coração de Ouro pode significar minha passagem para fora daqui.

Se o fim dos tempos não vier, fique ligado para as vindouras aventuras de...

PIGS IN SPACE!

Três semanas antes da destruição da Ariadne:

O ídolo da caverna

O assassino ergue o revólver – e enquanto o dedo começa a pressionar o gatilho, seus olhos se voltam para o chão, onde jazem a criança e sua mãe.

A visão destroça sua mente.

O que ele havia feito?

Jogando a arma nas sombras, sai em disparada. Ele precisa escapar daquele beco escuro... respirar o ar da noite... Precisa gritar.

Sob a fraca luz do poste de iluminação, ajoelhado junto aos corpos de Bruce e Martha, Thomas Wayne permanece imóvel.

Distingue, ao longe, o som de sirenes e o murmúrio sórdido da velha cidade – como um doente resfolegando sobre o leito de morte.

Também ouve, ainda mais distante, o uivo terrível do monstro.

Ele já detectara esta mesma presença antes, quando estivera nos campos de batalha. Fora ela quem transformara homens civilizados em bárbaros e inocentes em enormes pilhas de mortos. Fora ela quem permitira que o pior da humanidade se expandisse como uma irrefreável tormenta sobre a Europa e o resto do mundo.

E agora a presença está aqui: sua força inumana pairando sobre Gotham City numa névoa densa e perene.

Fartando-se do medo e da culpa.

Devorando tudo em seu caminho: sonhos, esperanças, ideais, homens, mulheres... e crianças.

Wayne olha para o rosto lívido de seu filho, iluminado pela luz mortiça. Seus olhos, há pouco brilhantes e maravilhados com o filme de Zorro, agora fitam tão somente o vazio.

Ele toma a criança nos braços e faz uma promessa:

- Juro por seus espíritos... Para vingar suas mortes, lutarei contra o monstro, Bruce.

Afrontado pelo uivo longínquo de seu atroz inimigo, Thomas Wayne chora pela última vez em sua vida.

1

- Terra 2439, capitão.

- Obrigado, sr. Spock – Sisko deixou de lado o *pad* do diário de bordo e olhou para a tela panorâmica. Finalmente: depois de passar quase um mês sendo investigado pelo Conselho da Frota; depois de esperar por mais de três meses para que este mesmo Conselho se decidisse pela continuidade ou não das missões de ‘prevenção’ e ‘apropriação’; após a longa viagem através do corredor interdimensional (a 2439 era uma das paralelas conhecidas mais afastadas do universo da Terra Um): eles enfim chegaram ao seu destino. Almirantes, conselheiros da Frota e o recém-eleito presidente da Federação haviam dado uma volta completa pela galáxia para chegar ao mesmo ponto em que se achavam antes dos resultados na paralela 666... Para irritação e absoluta impaciência do comandante em chefe da Frota, Sisko percebera. Flash Gordon, por diversas vezes, quase chegara às vias de fato com alguns dos membros do Conselho – mas, no fim, a burocracia e a lentidão das engrenagens da Frota acabaram triunfando. “Vocês serão responsabilizados caso as conseqüências desta demora resultem em algo mais sério”, Gordon dissera em determinado momento, e Sisko não deixara de se sentir incomodado com essas palavras.

Atenta às leituras mostradas nos monitores de seu console no posto tático, Tasha Yar não esperou que Sisko ou Spock se dirigissem a ela:

- Os sensores não conseguem localizar o kryptoniano ou qualquer outro

alienígena no planeta, capitão.

- Obrigado, tenente – Sisko se levantou da cadeira e olhou para Kirk, que estava em pé ao lado do posto de Spock – Espero que seu amigo esteja bem, comodoro.

- É possível que ele simplesmente se ache em outro planeta – ou na quinta dimensão, visitando seu amigo Mxyzptlk.

- É possível – disse Sisko, sem convicção. De acordo com os relatórios dos últimos espiões da Frota nesta paralela, os inimigos de Thomas Wayne estavam desaparecendo com freqüência cada vez maior... – Tasha, quero que River e você façam parte do grupo avançado. Chame também nosso... agente... e se dirija à sala de teletransporte oito em dez minutos. Vamos conhecer Metrópolis.

A chefe de segurança, como o próprio capitão, pareceu se sentir desconfortável. Não gostava da idéia de trabalhar com o mercenário contratado para esta missão. Era, claramente, um indício de que a Frota não confiava em seu próprio pessoal; um sinal de que a patente decadência da Federação estava toldando a visão de seus líderes e comprometendo seu bom senso. No entanto, como ela era apenas uma diminuta peça no interior de um mecanismo desgastado, não restava nada a dizer, senão:

- Sim, senhor.

- Comodoro, o senhor vem comigo.

Sisko, Kirk e Tasha caminharam até o turboelevador e a porta se abriu. Antes de entrar, o capitão se voltou para Spock:

- O senhor tem o comando. Faremos contato de hora em hora, fornecendo atualizações sobre o andamento da missão. Caso algo dê errado e nosso retorno, por qualquer motivo, se torne inviável, não coloque um segundo grupo em risco. Na ausência de comunicação, espere no máximo por vinte e quatro horas, então tire a Ariadne deste universo.

Kirk sorriu para o vulcano e completou:

- Deixe que sua Frota se debata pelos próximos meses ou anos sobre o que fazer a seguir.

2

Anna Q.

Uma entidade do Q continuum que abdicou de sua imortalidade e de seus poderes.

Quem acreditaria numa bobagem dessas?

Ora, as pessoas que ela precisara enganar na Terra Um acreditaram. Pois aquela era a Terra da convergência: o lugar em que todas as possibilidades se concretizavam.

Era muito fácil mentir em um mundo assim.

B9.

Um presente de despedida e um reconhecimento ao ser humano que tentara ajudar alguém em sofrimento.

Evidentemente, não havia uma gota de verdade nisso. Will Robinson morreu sozinho poucos meses após seu encontro com Kirk: o coração enfraquecido por abuso de álcool, auto piedade e ódio profundo contra todo o universo. Após a morte de seu dono, o B9 original decidiu que seria oportuno dar um basta àquela infundada existência – e fundiu os próprios circuitos.

A Júpiter 2 permaneceu em seu derradeiro curso por anos, percorrendo o vazio interestelar – e aproximando-se, ironicamente, da Terra. Talvez, ao pressentir a proximidade da morte, Will tenha estabelecido essa rota (descoberta em seus últimos contatos com as civilizações mais avançadas

do Braço espiral de Órion) – mas ninguém jamais saberia da verdade. O fato é que, antes que a Júpiter 2 tivesse alcançado seu destino, a Thunderbird, uma nave da paralela um, a interceptou.

Os diários de bordo foram confiscados para posterior análise. O robô foi devidamente acondicionado em um container. A própria Júpiter 2 foi desmontada e conduzida ao hangar da Thunderbird. O corpo de Will Robinson foi colocado em um esquife de aço e lançado ao Sol.

* * *

Kirk se aproximou de Anna, que estava na cama lendo um velho livro – *A Eneida.*

- Estou indo ao planeta – disse. Como ela nada respondeu, Kirk se sentou ao seu lado – Você está bem?

Com ar abatido, Anna deixou o livro sobre o criado e olhou para seu marido.

- Apenas cansada. Passei o dia reunida com outros civis, programando eventos sociais, campeonatos esportivos e apresentações dramáticas nos holodecks... – ela suspirou – Tudo *muito* emocionante. Enquanto vocês se divertem em missões perigosas, nós planejamos torneios de bingo.

Kirk sorriu ternamente.

- Ainda não tive oportunidade de conversar com Sisko – e não o farei antes de concluirmos esta operação. Mas no momento certo, ele encontrará algo para você na Ariadne.

- Espero que sim. Até aquele seu amigo fanfarrão tem uma função clara por aqui, minha nossa...

- Mudd? Ah, ele apenas finge que faz alguma coisa. E nós fingimos que acreditamos.

Ela se ergueu e o beijou.

- Tome cuidado lá fora, sim?

Após se despedir de Anna, Kirk passou por B9, que estava quieto a um canto (uma perfeita peça decorativa desde que viera a bordo), e saiu do aposento.

Logo que as portas se fecharam, luzes coloridas piscaram no cilindro vítreo que fazia as vezes de sua cabeça, e o robô se ativou.

- Ligue-me com a Thunderbird, Parker. Sobrepor máscara de ocultação aos sensores da Ariadne.

- Sim, milady.

Do abdome metálico do autômato, uma pequena tela se desdobrou – e a imagem de um homem oculto por sombras surgiu imediatamente.

- Milady. Quais são as novas?

- 2439 em curso. Estão descendo.

- Entendido.

- Acha que está chegando a hora?

- A vida de casada a entedia, milady?

- Você não faz idéia. Kirk é um bom sujeito, e sabe como agradar uma mulher – mas eu simplesmente não nasci para isso...

- Bom, creio que a peça está chegando ao ato final. Nossos espiões garantem que a Ariadne será destruída em seu regresso à paralela um.

A mulher permaneceu calada por algum tempo, então continuou:

- Torçamos para que Khan use a cabeça.

- Ele é um homem inteligente. Terá uma visão clara do que deve fazer.

- Será uma surpresa para ele quando se deparar com a Thunderbird. Mesmo a Ariadne, com toda sua tecnologia, é incapaz de detectá-la sob camuflagem. E vocês, agora mesmo, estão a...

- Quinze quilômetros de vocês.

- Sim. Uma ‘rêmora’ impressionante. Mas ela é capaz de enfrentar uma predadora como a Scimitar?

- Se tudo der certo, não iremos entrar em nenhuma batalha. No entanto, se Khan não cooperar, estaremos prontos para o confronto.

A mulher não conseguiu evitar um suspiro de nostalgia.

- Eu me lembro de uma época em que a Thunderbird era apenas uma nave de resgate. Eu me lembro de uma época em que você era um explorador, não um...

- Não deixaremos de resgatar os sobreviventes – o homem disse, subitamente mal-humorado.

- Eu só queria... Eu só queria que houvesse outro jeito. São tantas pessoas... tantos sacrifícios. Talvez...

O capitão da Thunderbird a interrompeu.

- Não teremos outra chance como a que se apresenta agora, milady. Em curto espaço de tempo, derrotaremos a Seção 31 e tomaremos o poder na Frota. Portanto, todas as cartas estarão na mesa. Todos os sacrifícios serão recompensados.

Lady Penélope meneou a cabeça, concordando, e a seguir cortou a comunicação.

3

Tasha Yar, River Tam e o mercenário chegaram à sala de teletransporte antes de Kirk e Sisko. A alferes River estava quieta e alerta – atenta aos mínimos movimentos do homem. A chefe de segurança da nave não conseguiu deixar de sentir um arrepio: diante dela, dois formidáveis

predadores quedavam num silêncio frio, pleno de ameaças inaudíveis.

- Não se preocupe, tenente – disse River, lendo os pensamentos de Tasha – Estou de olho nele.

- Eu não mordo – disse o homem, sorrindo e deixando os caninos pontiagudos à mostra. Seus cabelos longos e grisalhos e a barba espessa davam a ele um aspecto definitivamente animalesco. Possuía olhos ferinos que se afundavam na tez enrugada, acoimada por mais de dois séculos de vida. Suas roupas eram negras, ligeiramente semelhantes ao uniforme da Frota, o que Tasha considerava quase como um insulto.

Ela se aproximou, encarando-o. Era mais alta, fazendo com que ele olhasse para cima – mas isso não pareceu surtir qualquer efeito: o homem, que era bastante forte, continuou sorrindo.

- Não gosto de você, Logan. Não gosto do seu tipo. Por mim, pelo capitão, você não estaria aqui. Mas Gordon o contratou porque, segundo ele, você é o melhor no que faz.

- Exatamente: e o que faço não é muito bonito. Portanto, fique fora do caminho.

- “Porque não somos mais dignos de nossa História, nossos heróis se tornaram irreconhecíveis, pobres caricaturas da nobreza de outrora. E porque não somos mais capazes de viver, também nossos sonhos se tornaram paródias”.

Logan e Tasha olharam para River, surpresos. Diante da atenção, a garota levantou os ombros.

- Um ser humano escreveu isso há muito tempo – ela disse – Terra 1283.

- A humanidade não sobreviveu nessa paralela.

- Não, Logan. Não sobreviveu.

4

Jor-El havia desaparecido da Terra há um bom tempo.

A cidade de Metrópolis, que conheceu uma breve e reluzente era de ouro quando o último filho de Krypton revelou sua existência, precisou se acostumar, uma vez mais, a viver sem grandes expectativas para o futuro. Sem despedida ou explicação, seu grande herói partira.

Da mesma forma, outros heróis ao redor do planeta sumiram em um período relativamente curto: Barry Allen – o homem mais veloz do mundo –, John Jones – o Caçador de Marte –, Hal Jordan – o gladiador esmeralda –, todos haviam desaparecido sem deixar quaisquer pistas. Havia apenas o relato confuso de algumas poucas testemunhas assustadas, que afirmavam que os super seres “se esvaeceram em pleno ar”...

Este era, agora, um mundo sem heróis. Um mundo dominado por uma sombra de medo e horror. Se os mais poderosos eram incapazes de se proteger, o que dizer do homem comum?

- Havia a possibilidade de estarmos errados, mas parece que nossos espiões fizeram bem seu trabalho: Thomas Wayne está mesmo de posse de um projetor de Campo Tântalo.

Kirk ouviu as palavras de Sisko, mas não deu atenção a elas. Percorreu lentamente a sala do apartamento de Jor-El (a sala em que ele mesmo estivera, anos atrás), então se deteve em frente à estante de livros, coberta de pó e intocada há alguns meses. Retirou de uma das prateleiras um volume de Joe Siegel – o último escrito por Jor-El – e, ao ler o título, sorriu tristemente em face da ironia: “Pelo amanhã”.

- E agora, qual é o plano? – perguntou Tasha. Ao seu lado, River ainda olhava fixamente para Logan, sentado no único sofá da sala. Intrigava-a o fato de que os pensamentos do homem estivessem completamente

inacessíveis a ela. Como ele era capaz de se manter refratário às suas sondagens?

Sisko foi até a janela e contemplou o entardecer de Metrópolis. “Você vai acreditar que o homem pode voar”, dissera o comodoro, ainda a bordo da Ariadne. Olhou para o tumulto de carros e pessoas vinte andares abaixo, para o burburinho da vida presa ao chão, à dura realidade. Sabia como os habitantes de Metrópolis se sentiam: por um momento, foi concedida a eles uma graça – e todos podiam olhar para o alto, para além de suas vidas sofridas... e todos podiam sonhar. Então, de uma hora para outra...

- Agora, tenente, vamos ter de enfrentar aquele labirinto sozinhos. Nós entramos em Gotham, encontramos um meio de invadir a mansão Wayne, tomamos posse do projetor de Campo Tântalo e voltamos para a nave.

- Colocado assim... parece simples – disse Logan, com ar debochado.

Ignorando o homem, Sisko se aproximou de Kirk.

- Comodoro...

- Não me venha com a conversa de que não pode garantir minha segurança – Kirk devolveu o livro à estante e olhou com firmeza para o capitão da Ariadne – Creio que Jor-El ficaria feliz em saber que Wayne sofreu uma derrota, por menor que seja. Estou com vocês até o final.

Sisko sorriu.

- Eu iria dizer que será uma honra trabalhar ao seu lado nesta missão, senhor.

- Ah – De repente, uma sensação de déjà vu assaltou Kirk – Engraçado. Parece que você já me disse algo parecido antes. Há muito tempo. Quer dizer, não você, mas um *outro* Sisko... E não eu, mas o Kirk de quem herdei as memórias...

- Colocado assim... parece confuso – disse Logan, e riu sozinho.

5

Na ponte de comando da USS Ariadne, Spock pensava em labirintos.

Seu envolvimento com a Seção 31 era inevitável, tendo em vista a inoperância da Frota. Ele precisava se aliar com aqueles realmente capazes de garantir uma chance de sobrevivência às civilizações da paralela um.

Seu mal-estar também era inevitável: destruir uma vida que fosse para salvar outras tantas não era algo natural de se aceitar. A vida não era uma variável em equações matemáticas.

Não deveria ser.

“Você precisa escolher, Spock: entre o que *acha* que é certo e o que é imprescindível. Não pense mais como um oficial de ciências, um diplomata, um homem de paz – porque a era das utopias não existe mais; porque o futuro que nos aguarda é a guerra. Pense como um soldado. Aja como um soldado”.

As palavras de Kirk – o Kirk da Terra Um – faziam sentido. Porém, desde que cruzara a linha na paralela 666, desde que decidira que a existência de um mundo habitado era menos importante do que a segurança de todos os outros, Spock não conseguira mais ficar em paz consigo mesmo.

Evidentemente, paz interior não era uma prioridade. Como se dera com o Spock da paralela 103, o mal menor era o único caminho, a única forma de vencer. Quinhentos milhões de indivíduos morreram para que os borgs fossem derrotados e bilhões pudessem viver – era simples.

A diferença era que o Spock da 103 não sobrevivera para suportar o peso de sua escolha.

Por que ele não era frio como a matemática? Por que a lógica implacável

não o guiava para longe destas sombras?

De súbito, o vulcano se levantou da cadeira no centro da ponte e dirigiu a palavra ao engenheiro-chefe:

- Sr. THX, assuma o comando. Estarei na enfermaria durante a próxima meia hora.

- Algum problema, comandante?

Spock ignorou a pergunta:

- Continue monitorando o grupo avançado. A qualquer momento, o capitão deve solicitar o teletransporte para Gotham.

- Sim, senhor – o homem acompanhou com os olhos o vulcano andar até o turboelevador e desaparecer assim que as portas se fecharam.

* * *

Animah não deixou de se sentir surpreendida pela visita de Spock. Em quase nove anos servindo juntos, ele praticamente não colocara os pés na enfermaria.

- Algo errado, sr. Spock?

- Eu apenas... – ele se sentou em um dos pequenos sofás do amplo recinto, próximo a uma fileira de leitos vazios – Eu apenas quero conversar – disse.

Naquele momento, apenas os dois se encontravam na enfermaria – o que deixou Animah à vontade para expressar sua surpresa:

- Conversar? O senhor jamais se importou com o que penso, muito menos com o que falo...

Spock se manteve em silêncio por um tempo que, para Animah, pareceu longo demais.

- Eu estava errado – disse, enfim – Fui arrogante e prepotente... Por isso, peço desculpas.

A mulher estudou com calma o rosto envelhecido do vulcano. Havia em seus olhos algo que ela jamais havia percebido anteriormente: uma inquietação mal reprimida, uma ansiedade que pouco ou nada se dissimulava...

Remorso?

- Estou aqui porque quero saber o que pensa sobre o papel que desempenhamos na atual crise. Acredita que estamos no caminho certo?

Ela respondeu sem rodeios:

- Penso que nos tornamos o monstro que combatemos. Estaremos realmente nos defendendo do inimigo? Ou estaremos fazendo exatamente o que ele deseja? De exploradores do desconhecido, nós nos transformamos em destruidores de mundos, em ladrões de armas de destruição em massa... – Animah suspirou – Talvez, o inimigo imediato não seja o Ultradomínio.

Spock a olhou de forma inquisitiva.

- Talvez – ela continuou –, precisemos nos haver com nossas próprias sombras antes de confrontarmos tudo o mais.

- “Nossas sombras”? Precisamos escolher entre a vida de mil pessoas e a existência de toda uma civilização. Precisamos escolher entre a vida de um milhão de pessoas e a sobrevivência de outras vinte milhões. Não há sombra alguma.

Animah se sentou numa cadeira em frente a Spock. Seus olhos sequer piscavam:

- Não estamos falando de opções inevitáveis, mas de como reagimos a elas. Não é uma questão matemática, como quer dar a entender.

Spock abaixou a cabeça, cerrando os olhos.

- Não. Não é uma questão matemática.

- É o que se sente quando se está diante de algo assim – Inclinando-se para frente, Animah se aproximou do comandante – O senhor não veio até aqui para saber o que estou pensando. O senhor está aqui porque, nesse momento, sua lógica e suas racionalizações não são suficientes para salvá-lo. E também porque não consegue se perdoar por uma decisão que tomou.

Com um olhar de amargura, o vulcano encarou os olhos azuis de Animah.

- Meu lado humano, às vezes, é um inconveniente.

Ela pegou suas mãos – algo que jamais havia feito:

- Nossa humanidade, sr. Spock, é a única esperança que temos. Nosso fio de Ariadne.

- É estranho... – disse, erguendo uma sobrancelha – Sempre acreditei no contrário: o fator humano é o labirinto em que nos debatemos e que nos leva aos maiores enganos.

6

Vigiados por sentinelas mecânicas e olhos eletrônicos desde o primeiro instante em que colocaram os pés em Gotham, não tardou para que os membros do grupo avançado da Ariadne fossem detidos. Sisko, Kirk e Tasha foram facilmente imobilizados pelos robôs kryptonianos e não ofereceram resistência; River e Logan, no entanto, causaram alguns problemas, e três autômatos acabaram destruídos. A utilização do gás paralisante foi necessária (em concentração bastante elevada no caso de Logan).

Os cinco foram imediatamente enviados à presença do chefe de polícia de Gotham – um lacaio corrupto de Thomas Wayne chamado James Gordon. Não houve qualquer interrogatório: o Fórceps Psíquico foi acionado para cada um dos cativos – e a verdade foi arrancada de forma brutal de suas mentes.

- Faz bem em manter a mansão constantemente protegida pelo anel de Oa, senhor – Gordon se aproximou de Wayne e lhe passou o volumoso relatório com os dados obtidos pelo F.P. – Com a tecnologia de teletransporte, eles teriam entrado na caverna sem qualquer dificuldade.

O ancião dirigiu um olhar duro para a marionete, sentindo sua irritação aumentar. Por que não eram objetivos os seus serviçais? Por que seus peões não conseguiam ir direto ao que era essencial? Sentia-se cansado: não pela luta interminável contra o monstro que ameaçava sua cidade e seu mundo, mas pela mediocridade de seus protegidos.

Seu sacrifício, afinal, valia a pena? Sempre que se fazia essa pergunta, Wayne olhava para o grande quadro na parede em frente à mesa de seu escritório – para a representação de Martha e Bruce nos jardins floridos da mansão. E agora, enquanto olhava para as duas últimas pessoas que amou, ele mais uma vez tinha a resposta: por Bruce e por Martha. Apenas por eles, Wayne persistiria em sua batalha. Voltou os olhos novamente para o homem de meia-idade que estava diante dele:

- O que queriam?

- O projetor de Campo Tântalo – disse o chefe de polícia.

Wayne não se mostrou surpreso.

- Quem não gostaria de colocar as mãos nele?

Cauteloso, Gordon nada disse.

- Muito bem. De onde eles são?

- Tal qual o alienígena que vendeu ao senhor o projetor, eles são de outro universo. Para ser mais específico, de outra Terra.

- Viajantes interdimensionais querendo roubar minha arma... – Thomas Wayne se levantou de sua cadeira e, com passos lentos, se aproximou do quadro. Levou a mão nodosa à moldura, como se a acariciasse – O monstro assume várias formas. E apela para as mais traiçoeiras armadilhas a fim de

me derrotar.

- Há uma grande nave em órbita da Terra – prosseguiu Gordon – Estão esperando por eles.

- Creio que tomou as medidas necessárias para evitar o resgate dos invasores através do teletransporte, não?

- Sem dúvida. Eles estão na Redoma Esmeralda. Seu presídio de máxima segurança, erguido com o poder do anel, é eficaz contra esse tipo de procedimento.

- Certo. O que mais pode me dizer sobre os intrusos?

- Bom... Eles representam uma força formidável, se me permite dizer... Sua nave é apenas uma entre centenas, milhares de outras, que constituem o braço bélico e exploratório de uma vasta Federação de Planetas.

Thomas Wayne voltou a se sentar. Sua expressão era fechada, e ele permaneceu em silêncio por algum tempo. Enfim, disse:

- Não queremos um inimigo assim, queremos?

Gordon, que estava de pé desde que chegara à mansão Wayne, fez um sutil movimento com a cabeça.

- Não... não queremos.

- Com o projetor, nós nos livramos de alguns indivíduos inconvenientes – aqueles que, mesmo sem o desejar, ameaçavam meus planos de controle social. Os superpoderosos, os chamados heróis, não se encaixaram em meu futuro, então precisaram desaparecer – porque as pessoas não podem se mirar nos ídolos errados. Em meu mundo, devo ser o único ídolo a ser adorado – e o único poder a ser temido. Num mundo sem heróis, os vilões se tornam obsoletos e os sonhos são sonhados com os pés no chão.

Ao ouvir a expressão “pés no chão”, o chefe de polícia olhou para a cadeira que estava próxima a ele. Deveria pedir para se sentar ou...

- Está prestando atenção?

- Em cada palavra.

- Controle, Gordon. Tudo gira em torno disso. Para impedir que o monstro vença, precisamos dar rédea curta aos homens. No entanto... para continuar no poder, não podemos nos dar ao luxo de possuir um inimigo mais poderoso do que nós mesmos. Não devemos, então, dar um sumiço em nossos ladrõezinhos, não é mesmo?

- Não é a ação mais indicada, realmente. No amanhã, quem sabe quantas de suas naves estariam sobre nossas cabeças?

Wayne alisou o queixo proeminente.

- O que desejam com o projetor de Campo Tântalo? Almejam alguma intervenção em meu planeta? Em minha cidade?

- Não, senhor. Querem somente se apropriar da arma e levá-la ao seu universo... Pretendem utilizá-la em alguma guerra futura.

Thomas Wayne recostou o corpo magro na cadeira, permitindo-se relaxar.

- Bom. Muito bom.

- Entretanto... um deles – o homem chamado Logan – possui um objetivo a mais, que oculta de seus colegas.

- Mesmo? – Wayne folheou as primeiras páginas do relatório – E como ele conseguiu esconder seus pensamentos da telepata?

- Treinamento em bloqueio mental, nível cinco. Bastante incomum – mas insuficiente para impedir a ação do Fórceps Psíquico.

- Sim... E qual seria o objetivo oculto de Logan?

- Matá-lo, senhor. Ele foi colocado na missão graças a uma pequena dívida cobrada junto a um certo Flash Gordon, um dos mais influentes militares de sua Frota.

- E quem me oferece presente tão previsível?

- Os guardiões de Oa, como já deve suspeitar. Eles ainda devem estar ressentidos com o fato de o senhor ter se apoderado da bateria energética e do anel de Hal Jordan.

O velho riu, exibindo os dentes brancos.

- É claro, é claro... E como Logan pretendia me matar?

- Ele é um mutante, e possui algumas... particularidades que o diferenciam de humanos comuns. No caso, além de uma espantosa capacidade de se curar, Logan também controla garras retráteis que irrompem de suas mãos.

- Isso seria inútil contra o escudo pessoal que o anel me fornece. Não entendo como... – interrompeu-se e lançou um olhar divertido para Gordon – Não vai me dizer que...

- As garras estão tingidas de amarelo. Os guardiões certamente deram a idéia, tentando se aproveitar da impureza que torna a energia de seu anel incapaz de interagir com essa cor.

Thomas Wayne bem que tentou, mas foi incapaz de impedir uma sonora gargalhada.

7

O alferes Krund, um jovem gorn designado para a Ariadne há poucas semanas, falou lentamente, no peculiar modo de se expressar dos sáurios sapiens:

- Vinte horas... sem nenhum contato... senhor Spock.

O vulcano se voltou, uma vez mais, para a imagem da Terra na tela da ponte. Como um planeta tão bonito poderia ser fonte de tantos problemas? Este era um dos padrões mais facilmente reconhecíveis em todo o multiverso: a Terra não era flor que se cheirasse – em qualquer paralela que fosse. Sempre

havia uma complicação. Sempre havia um desastre iminente, pedindo para acontecer.

Não haveria de ser diferente agora, não é?

- Alferes Krund, prepare-se para descer ao planeta comigo. Podemos precisar de suas habilidades miméticas.

Por algum tempo, o alferes ficou imóvel, olhando para seu oficial superior com os olhos prateados.

- Mas... as ordens do... capitão Sisko... – disse, movendo a longa cauda e demonstrando sua súbita ansiedade.

Spock encarou Animah, que estava na ponte há alguns minutos. Sua expressão era a de quem compreendia exatamente o que ele estava sentindo.

- As ordens do capitão não levaram em consideração o fator da interferência. Não devemos permitir que os nativos tenham acesso a conhecimentos que, a princípio, representam um perigo para eles mesmos. De qualquer forma... o protesto por parte de qualquer membro desta tripulação será devidamente anotado para posterior inquérito.

O oficial de ciências se calou, esperando que dissessem alguma coisa – mas ninguém falou nada, e o silêncio transformou todos em cúmplices: porque era óbvio que a justificativa dada pelo comandante, apesar de lógica e sustentada pelos princípios da Primeira Diretriz, se resumia apenas a isto: uma desculpa para que fizessem o que era necessário por seu capitão.

- Dra. Animah, a senhora também fará parte do grupo – Spock se virou para THX, que estava, como sempre, atento a tudo – O senhor assume a ponte.

- O alferes Krund não será um problema?

- Seremos teletransportados para os arredores da mansão Wayne, que se encontra bastante isolada.

- E o que acontecerá se seu grupo também fracassar? Devemos enviar outro? E depois mais outro?

- Não. Nenhum de vocês reúne as mesmas habilidades que o capitão, o comodoro ou eu mesmo. Se não obtivermos sucesso, é fácil concluir que ninguém mais obterá – então, vocês devem aceitar a interferência como fato consumado e colocar em primeiro plano a preservação de suas vidas e a segurança da nave. Suas ordens, portanto, são: esperar por nosso regresso por até doze horas, então partir.

Animah sorriu.

- Modéstia nunca foi seu forte, não é?

- Não estou me gabando por ser mais inteligente ou capaz – Spock tocou a insígnia-comunicador em seu uniforme e ordenou que dois oficiais de segurança se dirigissem à sala de teletransporte oito – Agora, vamos.

Antes de se levantar da cadeira, ele deu mais uma olhada na Terra. Para o inferno com o projetor de Campo Tântalo e a Seção 31. Seu objetivo era apenas resgatar seus amigos – e ainda que uma redenção estivesse longe, este era um bom primeiro passo.

Então, enquanto se dirigia ao turboelevador, Spock simplesmente desapareceu.

- O quê? – atônita, Animah olhou para o espaço que, um segundo atrás, o vulcano ocupara.

THX arregalou os olhos, incapaz de acreditar no que havia visto. Krund, por sua vez, moveu-se repetidamente para os lados, sibilando como se enfrentasse inimigos invisíveis.

Em meio à perplexidade de todos, uma voz grave invadiu a ponte através do canal de comunicação:

- Não foi fácil conseguir a freqüência... Mas agora que estamos em contato, tudo fica mais fácil, não? Apenas um aviso: basta de invasores. Não queiram

enviar ninguém ao meu planeta, ou mais pessoas em sua preciosa Ariadne irão desaparecer. Sejam bonzinhos e aguardem até que seus companheiros possam subir.

Antes que a comunicação fosse cortada, os estupefatos tripulantes ainda ouviram as palavras arrastadas, cheias de asco:

- Ladrõezinhos miseráveis.

8

O destino de uma pessoa, dizem alguns, é uma piada que ninguém entende. Não que ela seja realmente engraçada – provavelmente, não é. No entanto, se seu sentido fosse alcançado, as pessoas poderiam dizer algo do tipo “Ei, até que a vida não é uma tragédia, afinal...”

Em seu futuro próximo, pouco antes do inevitável toque da escuridão, Spock se ressentiria por jamais ter alcançado esse nível de ‘sabedoria’.

Ele gostaria de ter entendido a piada...

Agora, entretanto, tudo com que se ocupava era com a desorientação que experimentava. Respirou fundo, colocou os pensamentos em ordem... E chegou, como era de se esperar, à conclusão lógica de que o projetor de Campo Tântalo havia sido utilizado. Uma vez que não estava morto, Spock deduziu que o projetor não desintegrava suas vítimas – mas as enviava para algum outro lugar.

Ele olhou ao redor e percebeu que se achava em uma pequena sala apinhada de maquinários coloridos e painéis brilhantes. Parecia-se com a engenharia de uma nave espacial ou de um submarino – se estes fossem tripulados por... bem, a exata expressão que veio à sua mente foi “criaturas engraçadinhas”.

Spock se deixou ficar imóvel por um tempo, sentindo um certo torpor. Era impressionante: desde que a Ariadne se metera com as missões impostas por Flash Gordon, tudo havia dado errado. Desde que eles, como bem apontara Animah, deixaram de ser exploradores de novos universos e se tornaram ladrões e exterminadores...

Agora era tarde para lamentações. Encaminhou-se para a única saída que havia na sala, decidido a descobrir que lugar era aquele.

Sem que Spock desconfiasse, a piada ia se aproximando de seu final.

9

No lúgubre ventre escavado na terra, em meio a incontáveis terminais de computador, grandes holofotes e intrincadas tubulações, os morcegos, aos milhares, revoaram: não se importavam com nada, nem mesmo com o familiar ancião em sua poltrona de couro. Não dispensaram, pois, a menor atenção aos cinco intrusos que, agora, eram conduzidos através de seus domínios por robôs kryptonianos especialmente robustos, metidos em couraças negras reforçadas.

O velho sorriu ao vê-los. E tratou logo de contar as novidades.

Ben Sisko ficou calado durante alguns segundos, ainda debilitado pela exposição ao Fórceps Psíquico. Finalmente, conseguiu se expressar:

- Você o quê?

Confortável na gasta poltrona, aquecido por uma manta descolorida pelo tempo, Thomas Wayne estava disposto a um certo nível de condescendência para com seus prisioneiros:

- Exemplos são necessários, capitão. Utilizar o projetor em seu oficial de ciências foi a forma perfeita de mostrar quem está no comando. E se serve

de consolo, desconfio que ele não está morto. Acredito mais na possibilidade de que o projetor abre uma singularidade em nosso plano, arremessando o objeto focalizado em outro universo – de forma aleatória e absolutamente imprevisível.

Kirk se revelou ainda mais chocado do que Sisko. Um dos robôs se aproximou imediatamente, exibindo as metralhadoras acopladas ao antebraço metálico.

- Quem... você pensa que é?

- Por favor, comporte-se, comodoro. Vamos tratar de negócios.

- “Negócios”? – Para Sisko, a palavra parecia totalmente fora do contexto.

- Sim, capitão. Antes, porém, vamos nos livrar de um pequeno aborrecimento. Robôs, executem a ordem X.

Instintivamente, Logan deu um passo para trás – mas já era tarde demais. Grossas correntes saíram de aberturas no tórax de dois autômatos e, como serpentes, se enrolaram nos braços e pernas do homem, deixando-o completamente imobilizado.

- Posso perdoá-los por tentar roubar uma arma a ser utilizada contra um poderoso inimigo – desde que o inimigo não seja eu, evidentemente. Mas não posso fazer nada por alguém que intenciona me matar.

Sisko se virou para Logan e esperou que ele dissesse algo. O mutante permaneceu mudo, os olhos fixos em Wayne.

- *Todo aquele que reverencia o mal há de penar...* Provavelmente, os guardiões o apresentaram a essas palavras, não? Devia ter prestado mais atenção a elas e pensado duas vezes antes de aceitar a missão. Levem-no.

Os dois robôs arrastaram Logan através da caverna – e foi a última vez que ele foi visto por olhos humanos.

- Agora, sejamos objetivos. River, suponho que já tenha lido minha mente.

Poderia passar aos seus amigos os detalhes da ‘negociação’?

Sem se alterar, a garota se dirigiu ao capitão:

- Dada a impossibilidade de se compreender a tecnologia empregada no projetor de Campo Tântalo, ele se sentiu mais seguro adquirindo dois aparelhos – caso um apresentasse algum problema, o outro estaria à disposição. Wayne está disposto a abrir mão de um deles... desde que não voltemos mais à sua Terra.

- Obrigado, River – Havia agora um brilho nos olhos do ancião – Caso voltem, serei obrigado a tomar medidas drásticas. E antes que possam me atingir, garanto que as baixas entre vocês serão substanciais.

Saindo das sombras, um pequeno e antiquado robô surgiu. Deslizou por sobre os seixos da caverna, aproximando-se de Sisko com os braços estendidos. A caixa azul estava segura por pinças um tanto quanto desajeitadas.

- Aí está o dispositivo. E não tenha idéias geniais: possuo um escudo pessoal que me torna imune à singularidade gerada pelo projetor.

O capitão da Ariadne pegou a caixa, e o robô se retirou imediatamente, voltando às sombras.

- É isso? – Kirk estava furioso – Nossos pensamentos foram violados por uma máquina de pesadelos... Spock, Jor-El e outros foram exilados ou mortos... E agora, ganhamos um troféu? O que isso significa?

- Significa, comodoro, que vocês tiveram sorte. Sugiro que aproveitem enquanto ainda estão com ela.

- Você teme que voltemos – disse Sisko com um tom neutro.

- Sim. Meu mundo é complicado o bastante sem a presença de forasteiros. Para mantê-lo sob controle, não poupei esforços: consegui a tecnologia superior de Krypton e de Oa; livrei-me de pessoas que julguei perigosas; adquiri as principais redes de comunicação ao redor do planeta; estabeleci

uma influência direta sobre os governos das nações mais ricas...

“Desejo o mundo à minha imagem e semelhança, e não pretendo ver minhas forças se dispersarem por conta de um bando de arruaceiros de outro universo”.

- Mas sua vida está chegando ao fim – disse Tasha – Não é uma batalha inútil?

Wayne sorriu.

- A noite é uma criança, tenente... Conte a ela, River.

- Transferência de matriz neuropsíquica – disse a alferes – Tecnologia Kryptoniana. Há um jovem chamado Jason Tood... Ele concordou em ter a mente destruída para que seu corpo possa ser o hospedeiro de Wayne... Em troca de alguns milhões de dólares para sua família.

Os holofotes se apagaram de repente. Na completa escuridão, a voz do ancião pareceu mais distante:

- Também sei que estão para enfrentar seu próprio monstro – e não duvido que seja o mesmo que enfrento em meu mundo. Isso pesou em minha decisão de entregar a vocês o projetor. Desconfio, porém, que nada poderá salvá-los: vocês estão divididos, confusos e enfraquecidos. Em minha guerra, conto apenas comigo mesmo e sei exatamente o que quero.

“Agora, partam. Sua comunicação com a nave acaba de ser restabelecida. O teletransporte estará disponível durante os próximos trinta segundos”.

- Quem você pensa que é? – inquiriu Kirk novamente. Não estava acostumado a ser derrotado de forma tão humilhante.

- Pergunte aos cidadãos de Gotham, comodoro, e eles responderão: Thomas Wayne é a força que governa o mundo.

Tão logo os quatro tripulantes da Ariadne partiram, acendeu-se um holofote, envolvendo o homem idoso em um pequeno círculo brilhante. Ele se

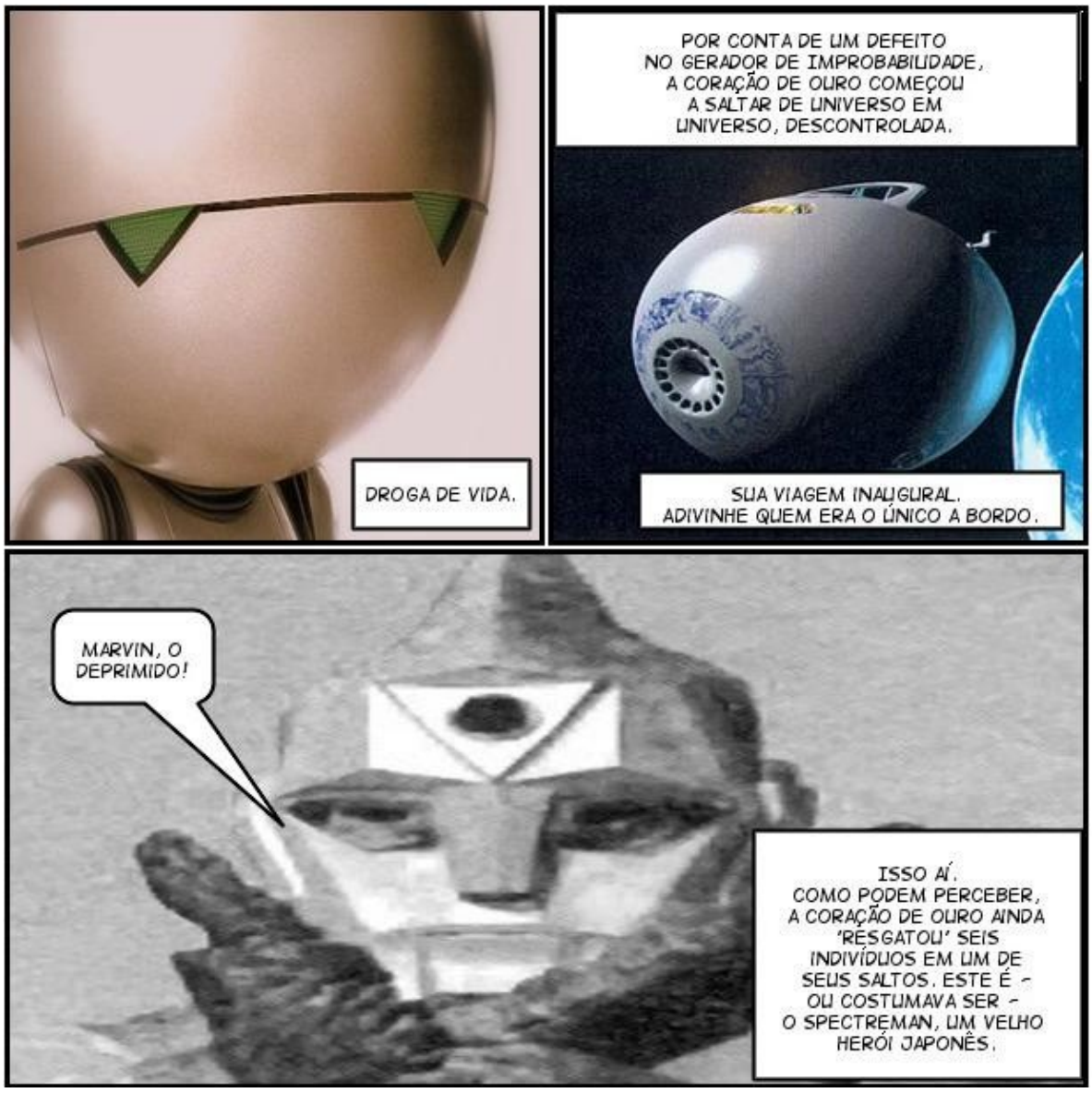
levantou da poltrona e andou, claudicante, até a fronteira entre a luz e as insondáveis trevas. A bateria de Oa, até então invisível, surgiu na sua frente, pairando no ar.

Chamejando com a intensidade de uma pequena estrela esverdeada, o anel em sua mão entrou em contato com a fonte.

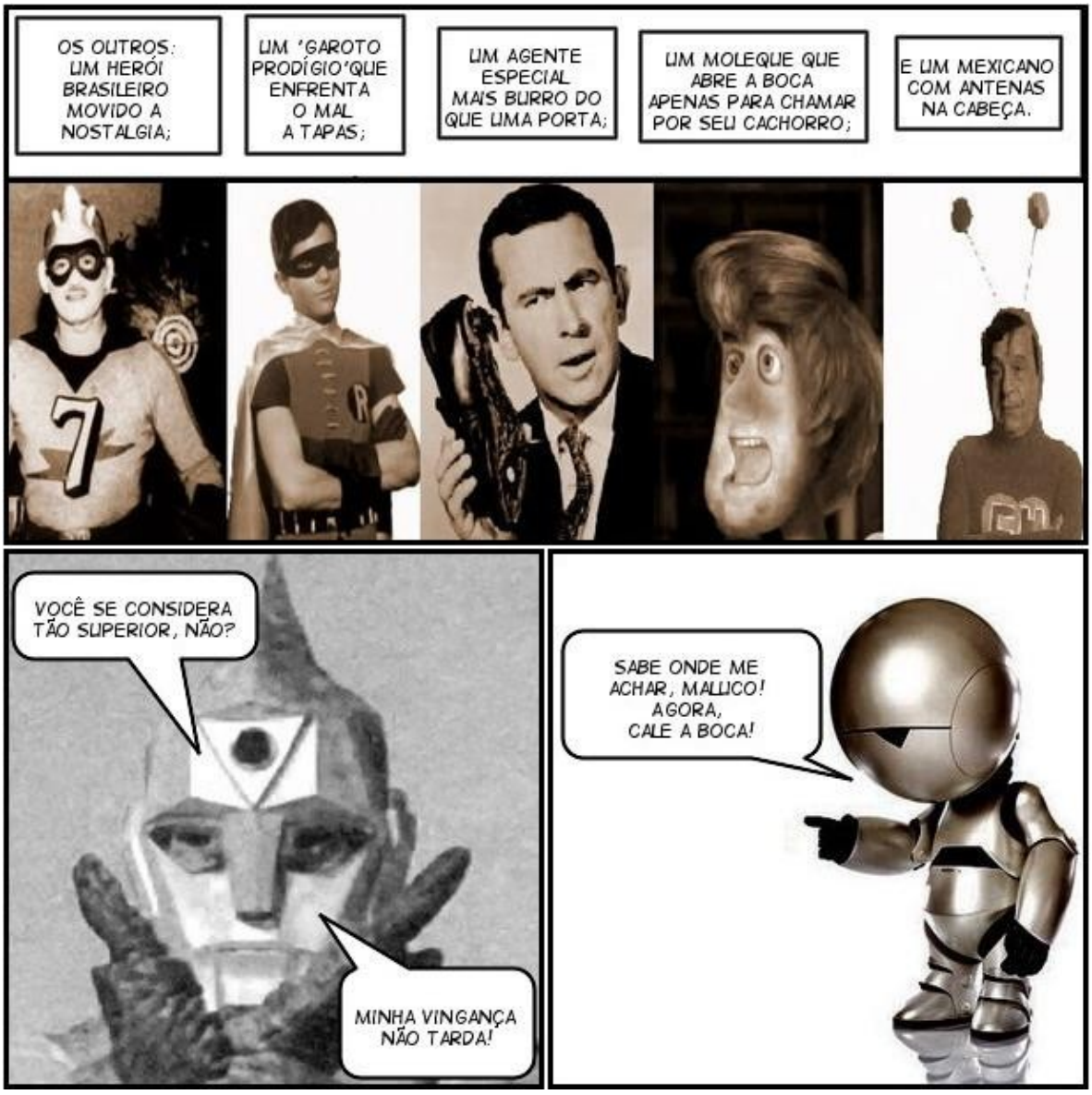
- No dia mais claro... na noite mais densa... o mal sucumbirá ante minha presença... Todo aquele que reverencia o mal há de penar... quando o meu poder enfrentar!

Entre as estalactites da imensa caverna, os morcegos guincharam. Ao redor do ídolo esmeralda, a Terra continuou girando, submissa.

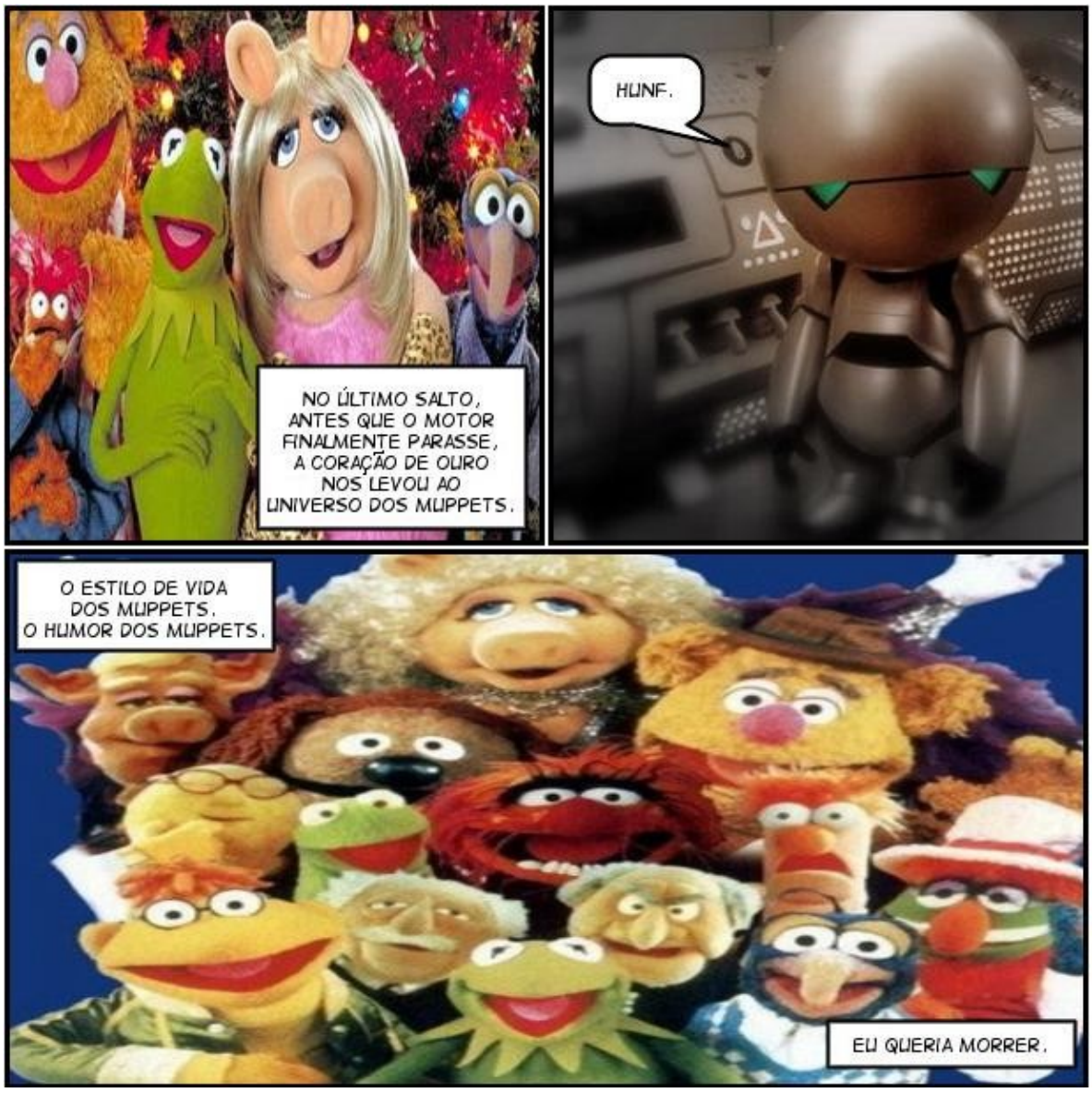
Marvin e a escuridão



* Na verdade, Spcetreman é um velho herói do planeta Nevilla 71 enviado para a Terra a fim de proteger os subdesenvolvidos terráqueos... O autor desconfia que Marvin está pouquíssimo interessado nesses detalhes.

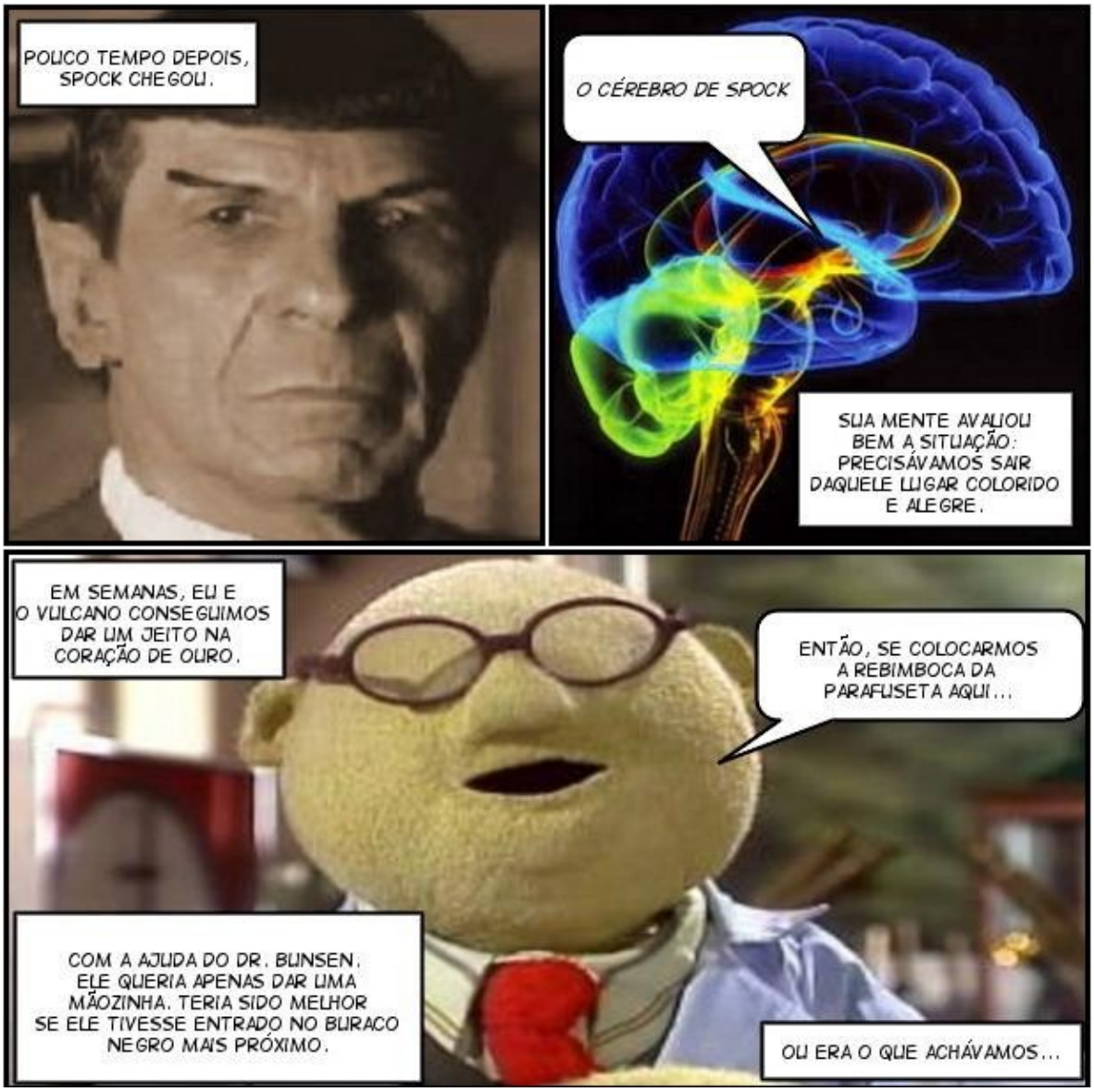


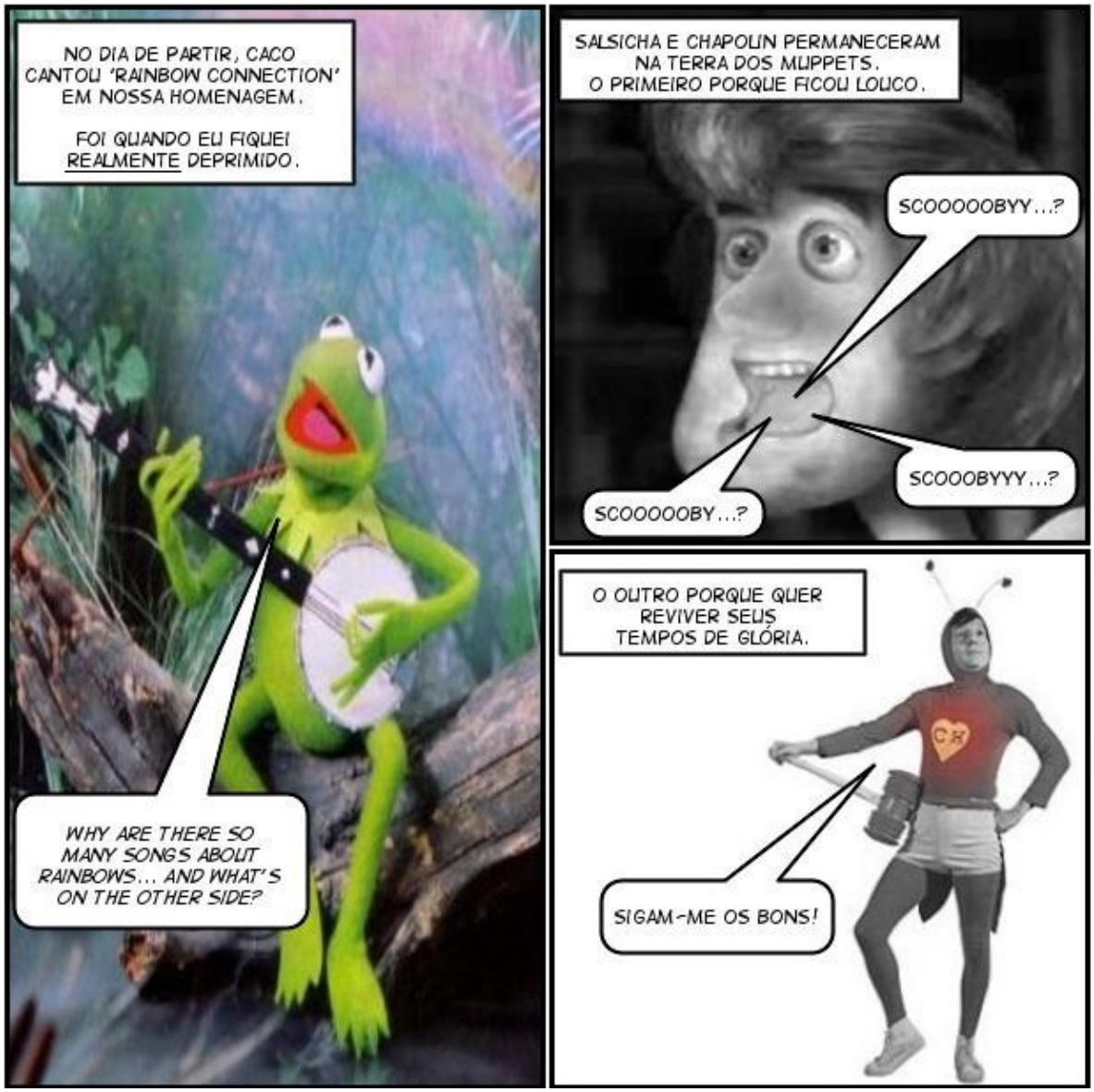
* O Capitão 7 é o terráqueo Carlos, que ganhou seus excepcionais poderes graças à tecnologia do Sétimo Planeta. Ele não é, como afirma Marvin, *movido a nostalgia*. Os heróis nostálgicos são oriundos do Décimo Planeta.



* Marvin não queria morrer. Ele apenas queria que os Muppets sumissem.

Para tanto, seria necessário eliminar os *Manipuladores*, seres extradimensionais que operam os movimentos e as falas das felpudas e extrovertidas criaturas.


POUCO TEMPO DEPOIS, SPOCK CHEGOU.
O CÉREBRO DE SPOCK
SUA MENTE AVALIOU BEM A SITUAÇÃO: PRECISÁVAMOS SAIR DAQUELE LUGAR COLORIDO E ALEGRE.
EM SEMANAS, EU E O VULCANO CONSEGUIMOS DAR UM JEITO NA CORAÇÃO DE OURO.
ENTÃO, SE COLOCARMOS A REBIMBOCA DA PARAFUSETA AQUI...
COM A AJUDA DO DR. BUNSEN, ELE QUERIA APENAS DAR UMA MÃOZINHA. TERIA SIDO MELHOR SE ELE TIVESSE ENTRADO NO BURACO NEGRO MAIS PRÓXIMO.
OU ERA O QUE ACHÁVAMOS...


NO DIA DE PARTIR, CACO CANTOU 'RAINBOW CONNECTION' EM NOSSA HOMENAGEM.
FOI QUANDO EU FIQUEI REALMENTE DEPRIMIDO.
WHY ARE THERE SO MANY SONGS ABOUT RAINBOWS... AND WHAT'S ON THE OTHER SIDE?
SALSICHA E CHAPOLIN PERMANECERAM NA TERRA DOS MUPPETS. O PRIMEIRO PORQUE FICOU LOUCO.
SCOOOOOBYY...?
SCOOOBYYY...?
SCOOOOOBY...?
O OUTRO PORQUE QUER REVIVER SEUS TEMPOS DE GLÓRIA.
SIGAM-ME OS BONS!



* Evidentemente, a ‘Eternidade’ não se preocupou em nomear seus guerreiros ou sua armada como o *Ultradomínio*. Foi Akira quem assim os identificou, ao lutar, em sua paralela, contra soldados convertidos de outro universo: eram eles os Ultramen – outrora poderosos combatentes da paz, agora transformados em distorcidos e monstruosos usurpadores.

O 'GAROTO PRODÍGIO' E O AGENTE FORAM REDUZIDOS A POEIRA ESPACIAL.

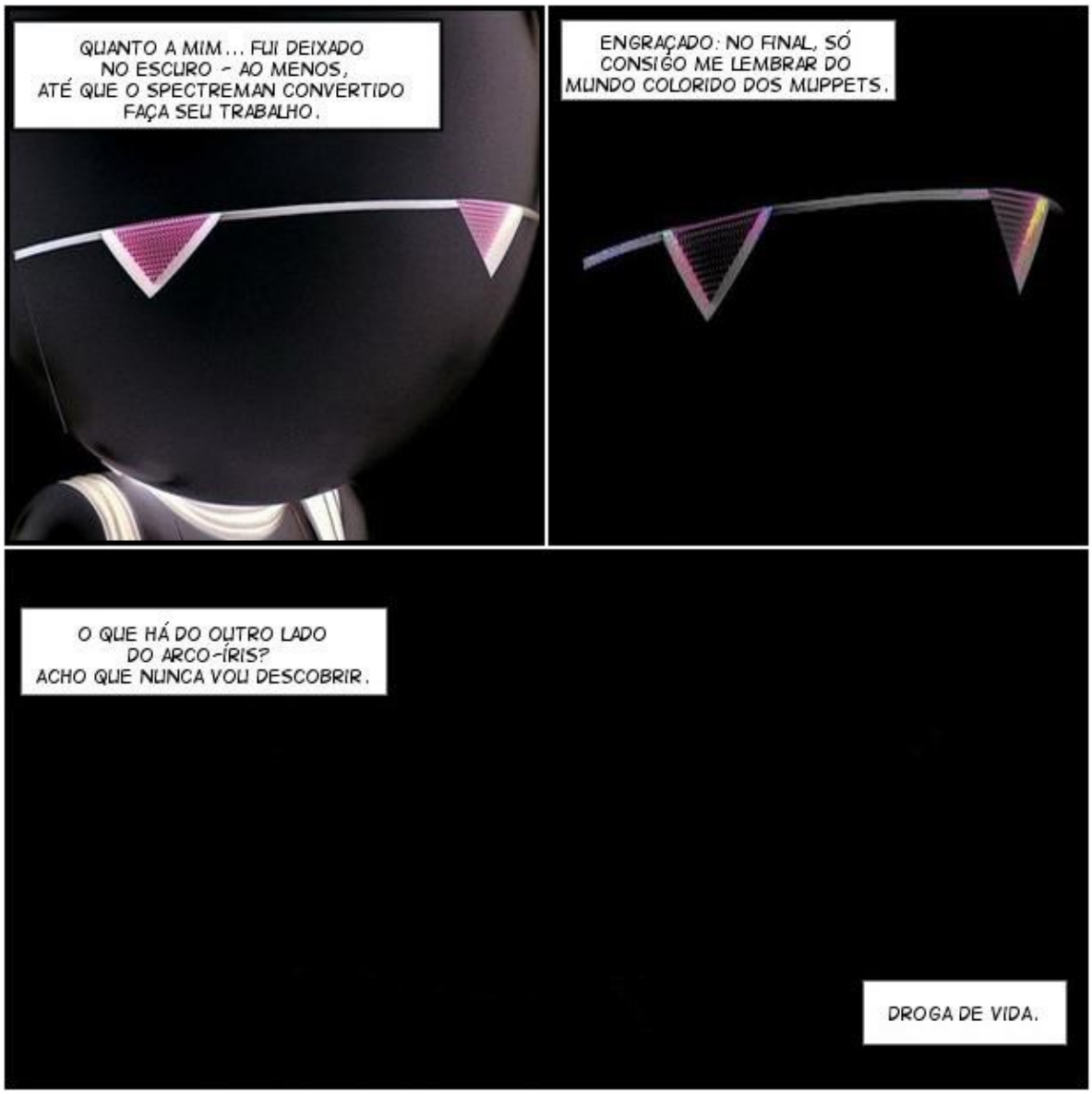
MAS NÃO ERA PRA GENTE SER ALÍVIO CÔMICO?

O BRASILEIRO E O JAPONÊS FORAM TRANSFORMADOS EM SOLDADOS DO INIMIGO.

CHEGOU SUA HORA, ANDRÓIDE PARANÓIDE!

O EX-CÉREBRO DE SPOCK

SPOCK FOI ATOMIZADO APÓS A 'ETERNIDADE' ESMIUÇAR SUA MENTE.


QUANTO A MIM... FUI DEIXADO NO ESCURO - AO MENOS, ATÉ QUE O SPECTREMAN CONVERTIDO FAÇA SEU TRABALHO.
ENGRAÇADO: NO FINAL, SÓ CONSIGO ME LEMBRAR DO MUNDO COLORIDO DOS MUPPETS.
O QUE HÁ DO OUTRO LADO DO ARCO-ÍRIS? ACHO QUE NUNCA VOU DESCOBRIR.
DROGA DE VIDA.

Parênteses:

(Perdido naquele mar de sombras e terrores excruciantes: pouco antes de morrer, Spock não parecia preocupado. Estava calmo e sereno, apenas esperando pelo desfecho de tudo. Lamentava, evidentemente, por seu katra – também destinado a ser dissipado pela escuridão. Lamentava-se, sobretudo, pelos trilhões de seres conscientes que ainda sofreriam nesta guerra do vazio contra a vida.

Uma farpa translúcida trespassou sua memória e arrancou de lá todas as imagens, todos os sons, todas as sensações, todo o sentimento que ele guardava dentro de si. Testemunha indiferente da própria aniquilação, ele conseguiu captar o prazer da escuridão ao se deparar com aquelas duas figuras implacáveis e odiosas: Flash Gordon e o James Kirk nascido na Terra Um.

Líderes.

Ao ouvir a palavra – seu significado e seu objetivo em relação aos dois comandantes – Spock não deixou de experimentar uma ponta de satisfação. Havia uma justiça poética em tudo isso que o levava a crer que o destino, de uma forma ou de outra, sempre arranjava uma maneira de punir aqueles que se julgavam maiores do que a vida.)

ONDE TERMINAM OS SONHOS

I – OS PORTÕES DO INFERNO

Embora relativamente poucos o saibam, os universos foram catalogados em sua magnífica totalidade. Todas as informações – convertidas em seqüências de palavras ordenadas de acordo com a sucessão de fatos caóticos e dissociados entre si – foram confinadas na intrincada estrutura de uma biblioteca infinita. Jorge Luis Borges, em sua "Biblioteca de Babel[1]", visualizou a essência do sistema com espantosa acuidade.

Não se sabe quem realizou o inventário das paralelas – incluindo versões fantasiosas e rascunhos rejeitados. O imensurável trabalho contém a exposição minuciosa e integral do multiverso – desde seu ponto inicial irredutível até a constelação inumerável de eventos finais (que, por via de regra, se transformam em recomeços que simulam a irredutibilidade).

Também desconhecido é o construtor da biblioteca. Sua habilidade na manipulação do espaço é notável: a contenção de um corpo infinito em qualquer invólucro finito encerra um milagre que desafia a ciência das civilizações mais avançadas[2].

Cada sala (no formato hexagonal, como descrito por Borges. Alguns

---

[1] *Das versões conhecidas, as mais elegantes e acuradas, idênticas entre si, foram publicadas nas Terras das paralelas 4, 45, 478 e 1995. Em várias outras Terras, a expressão "... suspeito que a espécie humana – a única – está por extinguir-se...", já no final do texto, permitiu que alguns críticos assaz assépticos considerassem essas versões como "inexatas e imperfeitas". Claro está que, na biblioteca infinita, há versões ignotas e ainda mais formidáveis do texto em questão, escritas por variantes imaginárias de Borges.*

[2] *Tecnologia similar – ainda que extremamente rústica em comparação – foi empregada nas complexas máquinas de deslocamento espaço-temporal TARDIS – Time And Relative Dimensions In Space, utilizadas pelos Lordes do Tempo.*

acreditam que somente a sala central, onde estaria o livro com o índice geral das obras, seria necessariamente circular) está relacionada a um universo – mas não compreende, isoladamente, um bilionésimo do montante de obras destinadas à paralela representada.

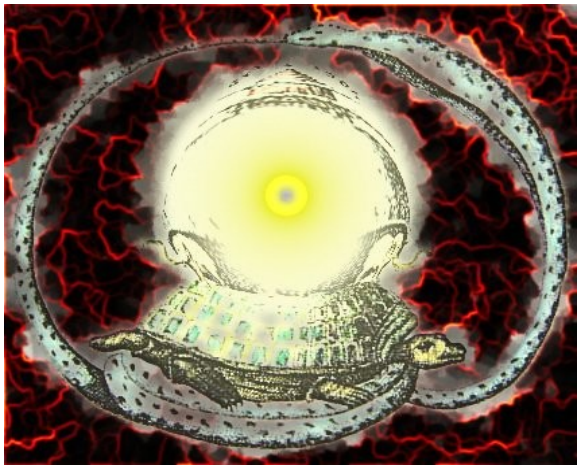
A despeito de sua vasta capacidade de armazenamento, as salas não possuem dimensões excessivas: um ser humano não gastaria mais do que três minutos para caminhar ao longo de toda a extensão de uma de suas paredes. Cada parede possui cento e vinte estantes, e cada estante, vinte e quatro prateleiras (o acesso às prateleiras mais elevadas exige, evidentemente, que uma escada seja utilizada). Cada prateleira guarda setenta e dois livros de capas e lombadas negras – volumes de seiscentas páginas que destrincham e traduzem para símbolos ortográficos todos os milímetros do universo reproduzido. Cada livro possui, ainda, dispersas em hexágonos distintos, outras versões em todos os idiomas, conhecidos ou não, em línguas mortas ou imaginárias.

As salas são contíguas, com seis pequenas portas situadas nas adjacências das junções das paredes. Cada porta dá acesso a uma outra sala, provavelmente representativa de outro universo. Não há, supõe-se, conexões entre o conteúdo de salas vizinhas – embora não seja possível afirmar isso com absoluta certeza, uma vez que os hexágonos e os universos com os quais se relacionam não são identificados por qualquer nomenclatura associativa. Acredita-se que a chave para o mapeamento global do todo possa ser adquirida através do livro com o índice geral – presumindo-se que ele, de fato, exista[3].

A biblioteca infinita está localizada no centro de um mundo conhecido pela

[3] *A suposta ausência de ordenação espacial e temática entre os hexágonos pode estar relacionada à teoria de que os universos não se encontram sempre isolados uns dos outros, ligados tão somente por buracos negros, buracos-de-minhoca e corredores interdimensionais. Eles experimentariam constantes colisões no decorrer de suas existências, coligindo histórias e criando novas paralelas. Assim, cada hexágono representaria não apenas a diminuta fração de um universo, mas também (e fundamentalmente) a porção mínima e indivisível do multiverso em ininterrupta transmutação.*

humanidade[4] como Ctonos, o qual se equilibra sobre o gigantesco casco de uma tartaruga mítica (esse conjunto encerra e define a paralela 506).



Perceba-se que a paralela em que se encontra Ctonos é, como qualquer outra, trespassada pelos corredores interdimensionais – mas a biblioteca é inacessível aos que alcançam a 506 através desta via. O acesso às salas hexagonais se dá, necessariamente, através da onirosfera – o que significa que apenas através de sonhos é possível chegar às profundezas de Ctonos.

No início, não houve ninguém no interior da biblioteca – pois houve um tempo em que a onirosfera existia sem sonhadores. As salas, iluminadas contínua e debilmente por lâmpadas esféricas localizadas no teto, quedavam no silêncio perene de livros secretos. Contudo, a passagem dos milênios não apagou as letras negras impressas nas delgadas folhas premidas: os primeiros peregrinos encontraram intactos e perfeitos os volumes da infindável coleção.

Três caminhos são possíveis aos sonhadores que visitam a biblioteca com freqüência:

Alguns se tornam viajantes acidentais, orientam-se pelas salas meramente pelo acaso de seus passos erráticos. Nada almejam e nada sentem: apenas

[4] *A referência é a população da Terra Um – a qual não se limita ao gênero humano. "Humanidade" é, evidentemente, uma generalização grosseira.*

seguem em frente. Vez ou outra, se detêm em alguma estante e a observam, hipnotizados, perplexos com algum microscópico detalhe que somente seus olhos enxergam. Não se aproximam dos livros porque supõem que jamais encontrarão suas histórias – e mesmo que as encontrassem, jamais encontrariam a si mesmos.

Outros tratam de se revestir com a pretensa suposição de que ali estão para dar sentido aos próprios livros: convertem-se nos bibliotecários fantasmáticos que assombram os hexágonos, fingindo que estão a desvendar os mistérios da biblioteca, a inspecionar o cerne de sua existência. Como bons e perversos mentirosos, acreditam em suas mentiras: consideram-se os seres mais admiráveis da criação, confiam que seus deuses se comunicam com eles através dos herméticos livros que se destinam apenas aos eleitos. Solitárias e insignificantes traças, contentam-se com a ilusão de que a biblioteca é propriedade de seu prazer.

E há os que se dedicam verdadeiramente ao conhecimento – gastam todos os seus sonhos e a vida inteira em uma estante ou duas. Em meio aos remoinhos de informações aleatórias, às redundâncias enigmáticas, aos inextricáveis labirintos de palavras, os estudiosos buscam (às vezes de forma atormentada) um sentido – se não para a biblioteca, ao menos para suas vidas.

O Maravilhoso Livro das Paralelas sem Fim – Terra Um, publicado em 2368.

1

Paralela 97.

A nave eclipsando o Sol era a última coisa que Zaius esperava ver naquele momento. Estava colhendo algumas frutas em seu pomar, auxiliado por um

de seus humanos de estimação, quando a grande sombra transformou o dia em noite.

A princípio, o velho orangotango pensou que Kirk poderia estar voltando para mais uma visita – para ver o que estava acontecendo com sua valiosa humanidade. Da última vez, ele fora embora arrasado, atônito com o rumo que os homens haviam tomado desde sua partida.

- Vocês são fracos. Sua espécie, em qualquer universo, representa apenas uma transição para algo melhor – ele dissera ao humano, e com isso dera o assunto por encerrado. No entanto, acreditava que Kirk ainda nutria alguma esperança, e não seria tão estranho se ele retornasse algum dia. Que voltasse, então: que seus olhos pudessem contemplar o que seu espírito se negava a ver...

Mas quando os raios de luz negra atingiram o solo, numa região não muito distante de onde se encontrava, Zaius soube que não era Kirk. O humano jamais faria algo parecido... Ele era uma criatura inferior, sem dúvida, mas não o bastante para se deixar dominar por desejos genocidas.

- Sombras que brilham... – disse o homem, pasmo com a visão dos raios disparados pela grande nave. O chão sob seus pés tremeu quando um dos feixes escuros começou a se aproximar, e ele acabou derrubando a cesta de laranjas.

Zaius balançou a cabeça de pelagem esbranquiçada.

- Lastimável que nosso destino seja o mesmo, afinal de contas. Nós, os macacos, merecíamos mais do que isso.

O homem olhou para o orangotango como se tentasse decifrar um enigma. Lembrou-se das velhas palavras que já haviam circulado contra a tirania dos símios... Dos tempos de guerra, quando seus irmãos ainda não haviam se dobrado às ilusões de segurança e paz... Enfim, disse, encorajado pela proximidade da morte:

- Vocês foram somente as hienas que se aproveitaram das carcaças que deixamos.

Macaco e homem se encararam com repugnância. E então, como atores de um drama que se arrasta há milhões de anos, fizeram o que deles se espera: pois este era seu ato final.

Avançaram um contra o outro, dentes, mãos, unhas, mordendo, esmurrando, arranhando. Em meio ao sangue e à violência sem freios, sentiam-se bem, sentiam-se completos: a perfeita comunhão de rancor e desprezo.

A luz negra passou por eles e nada restou.

2

USS Ariadne.

Três semanas após os eventos na Terra 2439.

Uma hora antes que a nave saísse do corredor interdimensional e emergisse em seu universo para o rendez-vous com a USS Einstein.

Na ponte de comando, Jim Kirk andava de um lado para o outro, evitando olhar para o posto de Spock, vazio (quantas vezes ele havia passado por algo similar? Spock, McCoy, Carol, David, Edith... Quantos ainda estariam à sua espera em alguma paralela? Quais deles ressurgiriam em sua vida apenas para partir mais uma vez?).

Em silêncio, Sisko fitava, na tela panorâmica, o espaço que ligava uma paralela e outra. Desde que deixara a Terra de Wayne (que outra denominação melhor para aquele mundo?), praticamente não falara com ninguém. Estava em seu próprio mundo particular: apenas ele e a sensação desagradável no estômago que o fez perder o sono nos últimos dias.

"*... Vocês serão responsabilizados caso as conseqüências desta demora resultem em algo mais sério*"...

O que Gordon quis dizer com isso?

- Depois de tudo o que aconteceu, não retornaremos à Terra? – Kirk fez a pergunta de repente, interrompendo os pensamentos de Sisko.

- Como?

- A nave acabou de perder um de seus principais membros. Não precisará de um novo comandante? Um novo oficial de ciências? Afinal, temos uma missão de seis anos pela frente.

- As ordens do almirante Gordon foram claras: sob nenhuma condição, regressaremos à Terra neste momento. Segundo ele, a Frota já nos fez perder tempo demais... Quanto a um novo comandante, no momento oportuno farei a escolha entre os oficiais desta nave.

Kirk se calou por um instante. Enfim, deu voz ao que o incomodava de fato:

- Sem escolta, a Einstein estará completamente desprotegida durante o percurso entre o ponto de encontro e a Terra – e em velocidade máxima de dobra, ela gastará mais de seis horas para chegar ao seu destino. Não é anormal que uma das armas mais cobiçadas deste ou de qualquer outro universo seja tratada com tamanha leviandade?

Sisko ponderou sobre as palavras de Kirk antes de responder:

- Gordon acredita que uma escolta chamaria muita atenção – de quem quer que seja. Ele também alega que o dispositivo de segurança utilizado será mais do que suficiente para inibir qualquer ação – afinal, quem tentaria se apropriar de algo que estará sempre inacessível? Apenas o comandante em chefe da Frota pode abrir o cofre de Pandora, o que se dá através de biorreconhecimento quântico. Isso significa que uma versão de outro universo do mesmo Flash Gordon seria detectada pelos sensores.

- Poderiam simplesmente roubar o cofre e exigir um pagamento para seu retorno. Aliás, em meu universo, esse comportamento é bastante usual entre os piratas de Órion...

- Nossos “piratas de Órion” se tornaram os “mercadores de Órion” há algumas décadas.

- Certo... Então, acha que não há com o que se preocupar.

O capitão da Ariadne cofiou a barba. Dava ouvidos ou não à sensação de

que alguma coisa estava errada? Sempre respeitara Flash Gordon – no entanto, de acordo com o que River captou na mente de Thomas Wayne, ele sabia o que estava acontecendo em relação a Logan. Ele sabia – e os havia enganado, alegando que a missão do mercenário era tão somente ajudá-los a conseguir o projetor de Campo Tântalo.

Obviamente, o fato teria repercussões extremamente negativas em toda a Frota – e Gordon dificilmente conseguiria manter seu cargo de comando. Isso, porém, estava em segundo plano na cabeça de Sisko – agora, a dúvida que o incomodava era: Flash Gordon seria capaz de alguma ação que pudesse resultar em dano à Frota? À Federação?

Por fim, ele decidiu que a insígnia dourada em seu casaco era maior do que quaisquer deslizes de caráter ou idéias equivocadas. Flash Gordon não desonraria seu uniforme.

Ben Sisko resolveu, pois, não dar atenção à desagradável sensação em seu estômago...

3

Paralela 12.

A USS Hawking adernou violentamente sob o impacto de mais um raio de luz negra, e outra explosão se fez ouvir na ponte de comando semi-destruída. O capitão Jonas Whale olhou rapidamente para os sensores: a nacele de estibordo simplesmente não existia mais.

Em pânico, ele disparou todos os torpedos fotônicos que ainda restavam à sua nave. A imensa esfera sequer se deu ao trabalho de uma manobra evasiva: os torpedos a atingiram sem causar quaisquer danos ao casco prateado ou oscilações nos escudos de proteção.

Whale, que se encontrava no posto tático substituindo o tenente Otomo – morto quando eles foram atingidos pelos primeiros disparos dos agressores –, não acreditou no que viu: as leituras nos instrumentos indicaram que

outras duzentas naves similares haviam acabado de se materializar na órbita da Terra. Ele se voltou rapidamente para a tela e perdeu toda a esperança – as esferas, cada uma com cerca de seis quilômetros de diâmetro, agora disparavam diretamente contra a superfície do planeta, ignorando por completo os vãos esforços das naves da Federação.

Quem eram eles? De onde vinham? Por que aquele ataque sem sentido? Tantas perguntas, nenhuma resposta... Apenas fúria e destruição.

- Comandante Yuliaht! – gritou, a fim de que a imediato o ouvisse em meio ao caos. A trill se ergueu do chão, livrando-se dos escombros sobre seu corpo. Havia uma grande mancha vermelha em seu casaco, mas ela não conseguiu decidir se era ou não o seu sangue... – Entre em contato com a Excelsior! Agora!

Yuliaht correu até o posto de comunicações, ocupado apenas pelo corpo inerte e sem vida de Stall. A trill afastou o vulcano do console, procurando ser o mais gentil possível naquelas circunstâncias. Acionou os controles necessários e voltou os olhos castanhos para o capitão:

- Canal aberto!

A imagem do capitão Hikaru Sulu surgiu na tela da Hawking imediatamente. A ponte da Excelsior se achava em condições deploráveis.

- Whale? Estamos um tanto quanto ocupados...

- Sulu, monitore a Hawking e faça a leitura do que vai acontecer à esfera quando a atingirmos. Se a explosão do reator de anti-matéria causar algum estrago, comunique a todos os outros e exija que façam o mesmo. Talvez seja a única chance da Terra... Desligando!

Sem que Sulu pudesse dizer qualquer coisa, o sinal foi cortado. Jonas Whale se voltou para o piloto – e o andoriano, evidentemente, já sabia quais eram suas ordens antes que o capitão as pronunciasse.

- Curso de colisão. Escolha a esfera mais próxima, sr. Zhutax.

Ferido e quase fora de ação, o cruzador leve começou a se mover no espaço. Entre destroços e explosões, ele conseguia se manter praticamente

invisível – até que uma das esferas o colocou em sua mira.

- Não iremos sobreviver a mais esse! – gritou Yuliaht.

O raio, entretanto, atingiu outra nave da Federação, que se fez de escudo para a Hawking. Era a Excelsior! Sulu surgiu na tela da ponte:

- Estamos de olho em vocês.

O capitão sorriu, aliviado.

- Obrigado, Sulu.

Whale deixou o posto tático e se sentou na cadeira no centro da ponte. Lembrou-se do Nexus e da vida idílica que havia deixado para trás. Lembrou-se dos tempos em que ser herói e sair ileso era apenas uma questão de vontade.

Aqui, no mundo real, sempre havia um preço a pagar por se tentar fazer o melhor. Aqui, não havia garantias – e era isso o que tornava tudo mais desafiador...

- Vamos mostrar a esses malditos invasores que não estamos para brincadeiras – disse.

A Hawking atingiu em cheio a mesma esfera que tentara destruí-la há pouco. A Excelsior monitorou tudo – o impacto no casco da nave inimiga, os efeitos da explosão em sua estrutura, a reação dos escudos de proteção...

- Sr. Tuvok? – Sulu se voltou para o posto tático, cheio de expectativa.

- Nada – disse o vulcano, secamente – A esfera não sofreu qualquer abalo ou dano. Seus escudos estão intactos.

- Mas como é possível...?

Sulu não completou sua pergunta: um raio de luz negra rasgou a Excelsior ao meio no instante seguinte.

4

A Scimitar.

Sob camuflagem, ela se encontrava a menos de vinte quilômetros da

pequena USS Einstein. Invisível e indetectável, era uma predadora à espreita. A Ariadne, sua presa, deveria chegar a qualquer momento.

Na ponte, Shinzon – um clone de Jean-Luc Picard que acabara de sair de uma atribulada adolescência em Romulus – não cabia em si de ansiedade:

- E depois? A gente pode destruir a Terra?

Khan não queria perder a calma na frente de seus subordinados – mas o pentelho estava começando a dar nos nervos.

- Não, não pode.

Shinzon coçou a careca.

- Por que não?

- Porque não fomos pagos para isso... E porque – já disse mil vezes – a Scimitar não possui nenhuma arma de destruição em massa.

- Ah... – Shinzon ficou desolado.

- Quem sabe um dia?

- Ah! – Shinzon voltou a se animar – Aí, a gente pega e estoura tudo!

- Claro que estoura – Khan olhou do rapaz para o restante da tripulação de mercenários. Eram todos sobreviventes romulanos oriundos de um universo em que o Império havia sido devastado por uma supernova. Shinzon desempenhava o papel de mascote do grupo – ou de 'bobo da corte' –, e eles realmente gostavam do garoto. Procurou, então, manter as aparências, permitindo que o moleque abobalhado acalentasse seu delírio.

O operador no posto tático, Nero, não era menos estranho. Possuía um ar insano que beirava a completa histeria (emoldurado e acentuado por seu cabelo desgrenhado) – e, apesar disso, mostrava-se quase sempre calado, ostentando um autocontrole tão falso quanto um ferengi se passando por santo.

Ele olhou de esguelha para Shinzon, com um meio sorriso nos lábios.

- Por que deseja destruir a Terra?

- Porque a gente somos... perverso!

Os outros romulanos, ao ouvirem a resposta, caíram na gargalhada. Quão

adorável era seu pequeno projeto de vilão! Nero, no entanto, permaneceu inalterado.

- Destruir a Terra não é nada. Você se divertiria mais se detonasse Vulcano.

- Por quê? – quis saber o rapaz.

O romulano fez uma cara esquisita – quase uma careta.

- Eles merecem – disse, e voltou ao seu habitual silêncio de vulcão prestes a explodir.

Sentado na desconfortável cadeira destinada ao capitão da nave, Khan escondeu o rosto nas mãos. Onde Flash Gordon estava com a cabeça quando recrutou este bando de malucos, ele não saberia dizer.

5

Paralela 943.

À cabeceira da portentosa mesa ovalada, Godzilla saboreou um gole do chá verde com a calma que lhe era peculiar. Sua enorme cauda, que geralmente dava voltas no ar, agora estava em completo repouso, e seus olhos rubros se achavam parcialmente cerrados: sua concentração era total. Na Sala Sagrada do Chá Verde, àquela hora amplamente iluminada pelo sol da manhã, outros monstros aguardavam ansiosos por seu parecer.

Estalou a língua, deixando escapar uma chispa crepitante de poder.

- Devo dizer que este chá...

A pausa prolongada fez com que os presentes arregalassem os olhos e se inclinassem para frente.

- ... este chá é apenas aceitável.

Um “ah” de desânimo e frustração percorreu toda a audiência. Não fora desta vez, então, que conseguiram preparar o chá verde perfeito... Uma das três cabeças de Ghidorah – comumente, a mais nervosa – chegou a soltar um impropério. Rodan, ao lado, cutucou o dragão, repreendendo-o.

Mothra agitou suas gigantescas asas de mariposa, sendo a primeira criatura

a se levantar da mesa.

- Começaremos do zero amanhã mesmo, alteza – disse com voz aveludada.

Godzilla arreganhou os dentes pontiagudos, no que parecia ser um sorriso complacente. Seu vozeirão encheu a sala:

- Estou certo de que farão o melhor. Agora, se me permitem, devo comparecer à Sala Sagrada do Pudim de Pão.

Subitamente, um barulho como o de muitos trovões chegou aos ouvidos dos monstros. Saíram todos da sala, às pressas, e chegaram aos jardins-maquetes. Os arbustos de prédios e as trepadeiras asfálticas haviam sido duramente atingidos, e muitos dos pequeninos automóveis-artrópodes se encontravam mortos.

Godzilla olhou para cima – e avistou as naves piramidais disparando grandes rajadas de uma estranha luz enegrecida.

- Rodan! Mothra! Descubram o que é isso! – ordenou, e as duas criaturas aladas alçaram vôo imediatamente.

A mariposa, mais lenta, foi a primeira a ser atingida. Transformou-se em cinzas e caiu como chuva de pó sobre uma fileira ornamental de delgados postes elétricos. Em velocidade supersônica, o pterodáctilo Rodan conseguiu se desviar de um dos raios, e já estava bem próximo de uma das naves quando conheceu o mesmo destino de Mothra.

Ghidorah estava assustado pela primeira vez em sua vida.

- Serão os humanos? Sei que são loucos, mas chegariam a esse ponto?

Godzilla não se deu ao trabalho de responder. Sabia que Sisko, com quem travara contato anos atrás, era de confiança. Suas civilizações, por conta de tantas e acentuadas diferenças, não conseguiram encontrar, ao longo do tempo, terreno comum para troca de experiências – mas isso não queria dizer que precisavam ser inimigas.

Não, isso não era coisa dos humanos. Ao menos, ele esperava que não fosse.

- Que faremos, alteza? – uma grande serpente de seis cabeças se

aproximou de Godzilla.
- O que mais? – disse o rei dos monstros – Lutaremos até que o último de nós caia.

6

- Beber até cair não é a solução – disse Kirk, sentando-se à mesma mesa em que Harry Mudd estava. O bar, à exceção dos dois homens, se achava deserto – o que era bastante incomum em qualquer horário. À frente do barman, havia um copo de Warp 10, intocado.
- O moral na nave não anda lá essas coisas – Mudd tamborilou os dedos na mesa, entediado – As pessoas estão mais tristes por aqui.
- É verdade. Mas não apenas na Ariadne – o comodoro esticou as pernas, procurando relaxar – Tenho a sensação de que há muita coisa acontecendo neste exato momento... muita coisa ruim... e que ainda não vimos nada do que está por vir. Há algo no ar, não?
Mudd pegou o copo de Warp 10 e o examinou de perto por um tempo. Então, devolveu-o à mesa.
- Sim. Está nos olhos das pessoas – mas nada se fala, pois ninguém sabe exatamente o que é.
Kirk respirou fundo. Era difícil não se sentir culpado.
- Lamento, Mudd. Parece que o arrastei para a beira do precipício. Às vezes, não consigo deixar de pensar que você e Anna estariam mais seguros bem longe de tudo isso.
- Não lamente, amigão. Você me ofereceu a liberdade, e por isso serei sempre grato. Não importa o que aconteça... Não importa que eu viva apenas mais alguns minutos... Valeu a pena saber que eu era capaz de ser um homem melhor – Mudd esperou um momento antes de continuar – Mas por que *você* veio? Parece que já desconfiava que alguma coisa estava acontecendo – e, mesmo assim, pegou carona no furacão.

- Já pensei sobre isso... E sabe o que acho? Acredito que a morte de Jim Kirk – o Kirk a partir do qual fui criado – foi uma decepção. Esperava que ele morresse em alguma grande batalha, ou que vivesse por pelo menos mais um século... Então, tudo o que tenho feito desde que existo tem sido, de certa forma, uma reação àqueles últimos momentos.
- Você está atrás de uma morte menos ordinária.
- É uma forma de ver as coisas – Kirk sorriu.
Um leve, quase imperceptível tremor percorreu a mesa. Os dois olharam para a pequena janela que dava para o exterior: a nave acabara de sair do espaço interdimensional, e as estrelas da paralela um luziam lá fora.
- Chegamos – o comodoro se ergueu e, com um aceno de cabeça, se despediu.
Tão logo ele saiu, Mudd pegou o copo mais uma vez.
- Aos mortos – disse para o bar vazio, e tomou a bebida.

7

Paralela 422.
Intervalo entre as filmagens do longa-metragem *Jornada nas estrelas – Multiverso*. Com cara de poucos amigos, Leonard Nimoy entrou no camarim de Willian Shatner e, sem rodeios, foi logo ao que o perturbava:
- O roteiro não está sombrio demais? Isso não se parece com *Jornada nas estrelas*.
Estirado em um sofá, Shatner deixou de lado o script que segurava. Era a terceira vez em uma semana que seu amigo tocava no assunto.
- *Jornada* pode ser qualquer coisa, Leonard. Não precisamos amarrá-la a um conceito rígido e dizer que é assim que ela deve ser para sempre.
- Otimismo é nossa espinha dorsal. Se tirarmos isso, as pessoas simplesmente irão se afastar.
- *Algumas* pessoas irão se afastar. Outras irão se aproximar. Mas creio que,

antes de otimista, *Jornada* é um reflexo de nosso mundo atual. Isso, talvez, seja a única coisa imutável em todos esses anos.

Nimoy se sentou em um banco e suspirou.

- *Jornada* é um reflexo da realidade permeado pelo ideal de como ela poderia ser. No entanto... – ele pegou o script largado sobre a mesa – tudo o que vejo aqui é um caminho sem volta em direção às trevas. Em *Jornada VI*, seu personagem afirmou que a História não havia, ao contrário do que alguns afirmavam, acabado. Que o futuro ainda seria escrito e que tudo era imprevisível. Em *Multiverso*, estamos indo na direção oposta: que futuro há ao final destas páginas? Qual a possibilidade de que haja um *depois*?

De repente, a porta do camarim foi empurrada com força. O diretor do filme, Roland Emmerich, entrou aos trambolhões, completamente fora de si:

- Está acontecendo! Eles estão aqui!

- Do que está falando, Alemão?

- Onde está a maldita tv, Bill? – O homem de cabelos brancos pegou o controle remoto e apertou o botão. Imediatamente, surgiram imagens de fogo e terror.

- Eles vieram do céu! – gritou um repórter, tendo ao fundo uma imensa nuvem de fumaça plúmbea – Todos os nossos caças foram abatidos, todos os nossos mísseis foram destruídos! Eles estão acabando com as cidades! Não há para onde fugir!

- Mas que diabos... – Shatner se levantou, atemorizado, e encarou Emmerich – Isso é alguma brincadeira?

- Brincadeira? Isso não é efeito especial... Não é um dos meus filmes!

- Temos imagens das naves! – continuou berrando o repórter – Cenas do massacre em escala global!

Nimoy soltou um grito ao ver o que se passava na tela.

- O que foi? – Shatner se aproximou e, no instante em que viu as imagens, sentiu seu sangue se congelar. Olhou para o script nas mãos de Nimoy, então novamente para a tv.

Como nas páginas de *Multiverso*, as medonhas naves disparavam contínuos raios de uma luz negra e mortal. Emmerich se sentou no sofá, prostrado.
- O pesadelo saiu do papel – disse – O Ultradomínio está aqui.

8

Dada a impossibilidade de se teletransportar o cofre de Pandora (os inibidores de teletransporte, evidentemente, já haviam sido acionados), a caixa indestrutível seria levada ao hangar da Einstein do jeito mais antigo e lento: através de uma nave auxiliar.
Dois cristais de dados também foram levados a bordo: em um deles, havia uma mensagem pessoal de Sisko para o pai de Spock, Sarek; em outro, codificado, havia o relatório completo da missão na paralela 2439 – incluindo a transcrição de todas as leituras telepáticas realizadas por River.
A garota também partiria com a Einstein.
Embora Sisko não estivesse autorizado a retornar à Terra, nada impedia que um membro de sua tripulação o fizesse. River seria uma peça importante – se não fundamental – em todos os desdobramentos que surgiriam quando o conteúdo do cristal de dados se tornasse conhecido pelo restante da Frota.
Ben Sisko, Tasha Yar e Jim Kirk se despediram de uma River resignada no hangar da Ariadne.
- Então... nos encontramos novamente quando tudo terminar? Não quero ficar muito tempo fora.
O capitão sorriu:
- Nós viremos pegá-la, alferes. Duvido muito que a Frota, quando souber de tudo, não nos chame de volta para um de seus longos inquéritos.
River subiu a rampa de acesso à pequena nave, então se voltou para um último adeus. Ela ainda não sabia, mas tudo o que amava estava prestes a se transformar em fogo.

* * *

Flash Gordon havia fornecido a Khan todos os códigos de segurança da nave de Sisko. Não apenas seus escudos seriam desativados, mas também todo o armamento se tornaria inoperante.

- A nau auxiliar já retornou – disse Nero.

Khan se ergueu da cadeira. Sua voz, um murmúrio seco em meio aos sons dos computadores e do maquinário da Scimitar, não demonstrava todo o prazer que ele, sem dúvida, estava sentindo:

- Jarok, acesse o mainframe da Ariadne e faça seu trabalho.

Imediatamente, o velho romulano se debruçou sobre um console. Em poucos segundos, ele voltou os olhos pequenos e astutos para o comandante, fazendo um sinal positivo com a cabeça.

- Basta dizer e eles estarão sem defesas.

- Ótimo – dirigiu-se aos homens nos postos de batalha – Mirem primeiro na ponte de comando. Depois... atirem à vontade.

O mercenário voltou a se sentar e fitou a grande tela à sua frente. Na escuridão manchada de estrelas, sua poderosa presa, sem o saber, oferecia-lhe o pescoço. Khan sorriu, exultante.

A antecipação da matança... A expectativa do massacre... O poder de decidir o destino dos fracos... Nesses momentos, ele sentia que a vida valia a pena. Nesses momentos, ele voltava a ser grande novamente.

Como se fosse o regente de uma orquestra, ergueu a mão.

- Abram os portões do inferno.

II – SINFONIA DOS MORTOS

9

Paralela 620.

Jason Nesmith destravou o dispositivo – mas sabia que era tarde demais para escapar daquele horror. Não havia como se desvencilhar dos cubos que disparavam contra a NSEA Protector há mais de um minuto.

Olhou para o rosto de Gwen, seus olhos assustados e mortos. Olhou para Alexander, deitado sobre escombros, coberto por fumaça e chamas. Tommy, Fred, Laliari, Guy... nenhum deles sobrevivera ao último ataque.

Maldita hora em que aceitara mais aquele passeio espacial oferecido por seus amigos thermians! Era apenas uma coisinha de nada – um encontro com a nave-lua de Zrabonk a fim de serem homenageados (os zrabonkianos também eram fãs dos 'documentos históricos' – os episódios de seu programa de tv *Galaxy Quest*, tomados como realidade pelos alienígenas).

Ele e seus colegas de trabalho receberam o convite com simpatia (Alexander Dane foi o que se mostrou mais entusiasmado – afinal, um brinde ao seu talento de ator era sempre motivo de satisfação), e foram transportados para a Protector muito bem-humorados. A fim de emprestar verossimilhança à encenação, apenas os atores do seriado estariam a bordo – o que não significava problema algum, uma vez que eles já possuíam experiência de sobra com a nave construída pelos thermians.

Pouco depois de deixarem Marte para trás, aconteceu: centenas dos amaldiçoados cubos cinzentos apareceram ao redor da nave, pequenos (não maiores do que um automóvel da Terra) e rápidos como moscas. As armas da Protector se mostraram inúteis, e sua couraça se revelou incapaz de resistir aos sucessivos disparos de luz negra.

Jason queria que tudo isso não passasse de mais um episódio idiota e mal escrito de seu show...

No último instante, quando a nave já estava para se transformar em

destroços, pressionou o botão: em um clique, as chamas que haviam se espalhado por toda a ponte retrocederam... Gwen respirou dolorosamente, ainda viva, mas incapaz de se mover... Alexander se reergueu dos escombros, mas suas roupas ainda estavam em chamas... e todos os outros voltaram à vida.

Graças ao prodigioso Omega 13, o universo inteiro fora rearranjado, e o tempo à sua volta retrocedera exatos treze segundos. Mas de que adiantava? Eles ainda estavam no meio do inferno! O Omega 13 havia apenas adiado, do ponto de vista de Jason, o inevitável... Mais treze segundos para que ele revivesse as mesmas dores, a mesma destruição!

Então, teve a idéia: e se acionasse o Omega 13 seguidamente? E se continuasse apertando o botão? De treze em treze segundos, sairiam daquela situação – e assim que estivessem livres, diria aos outros o que estava acontecendo. Juntos, eles pensariam no que fazer a seguir.

Jason apertou o botão mais uma vez e se agarrou à sua cadeira. Já sabia o que os aguardava: um baque furioso sacudiu a ponte, jogando todos os demais de um lado para o outro.

Apertou o botão outra vez.

- Rompimento de casco – enunciou o computador com sua voz fria.

- Há um buraco na nave! – Gwen DeMarco repetiu a informação – Estamos perdidos! – a mulher completou, de modo a se diferenciar do computador.

- Quem é essa gente? – Alexander gritou, e ainda achou tempo para tentar ajustar os apliques de borracha em sua cabeça (parte da maquiagem que o transformava no Dr. Lazarus). Aliás, por conta disso, ele não percebeu a língua de fogo vindo em sua direção...

Novamente, o Omega 13 foi acionado.

- Os cubos estão em toda parte – disse Guy, nervoso – Ainda não deram sinal de que irão atacar, mas... – ele se ergueu e apontou a tela – Caramba! A gente vai morrer!

Vários disparos atingiram a Protector ao mesmo tempo, causando um

violento tremor. Atordoado, Fred Kwan se levantou do chão e alcançou o posto tático: abriu fogo contra os cubos – mas o resultado foi desapontador.

- Não podemos sequer arranhá-los! – voltou-se para Jason – Por que está parado? O que... – de repente, percebeu a mão de seu amigo sobre o botão que acionava o Omega 13 – O que está fazendo?

Jason fez de novo... e de novo. Então, apenas para dar um espaço maior entre eles e aqueles demônios, apertou o botão mais três vezes.

- Parece que há alguma coisa vindo por aí – Guy não conseguiu precisar o que os instrumentos da nave mostravam.

- “Alguma coisa”? – Alexander deixou escapar um risinho arrogante – É por isso que você vai ser rebaixado a alferes em nosso programa, “Roc Ingersoll”...

- É sério – o homem alisou o bigodinho (sempre o fazia quando ficava irritado) – Lembram-se quando detectamos aquela nave, anos atrás? Lembram-se quando a Ariadne entrou em nosso universo? Os sensores parecem indicar o mesmo tipo de energia envolvida. Só que, agora, ela não está concentrada em apenas um ponto.

Jason Nesmith se levantou da cadeira, finalmente.

- Tommy, vamos sair daqui. Já!

O dublê de piloto e ator sorriu.

- Do que está falando, Jason? Ainda não há nada com o que se preocupar...

- Ativei o Omega 13 nove vezes para salvar nossas vidas! Agora, tire a nave daqui ou eu juro que vou chutar sua bunda até Plutão!

Tommy Webber arregalou os olhos. Assim como os outros, olhou para o console próximo à cadeira do capitão: o mecanismo que colocava o Omega 13 em ação estava escancarado.

- Mas para onde a gente vai?

- Guy me deu a idéia: use a tecnologia que Sisko forneceu aos thermians. Precisamos contactar a Frota da Terra Um e pedir ajuda.

No momento em que a NSEA Protector desapareceu nas entranhas do

corredor interdimensional, a flotilha do Ultradomínio chegou àquele universo. Sem quaisquer obstáculos em seu caminho, parte do enxame de cubos se dirigiu à Terra 620.

10

O mundo gira, e o vento carrega todas as folhas...

- Os escudos caíram? – Não era bem uma pergunta, mas a surpresa de Tasha não permitiu outra entonação à sua fala.
Ao lado, Krund olhou rapidamente para os painéis do posto tático, depois para Sisko:
- Também... perdemos as armas! Estamos indefesos!
Instintivamente, tanto o capitão da Ariadne quanto Kirk se voltaram para a tela: não havia, porém, nada além da nave científica e da miríade de estrelas.
- Abra um canal com a Einstein imediatamente – ordenou Sisko, mas não houve tempo para mais nada: incrédulos, seus olhos acompanharam a saraivada de torpedos quânticos cruzando o espaço... vindo em sua direção!
- Impacto! Preparar para...
Dois dos torpedos atravessaram a couraça de duranium e tritanium como se esta fosse de papelão, rasgaram o convés da ponte e explodiram no deque inferior. O choque arremessou os corpos das pessoas para o alto: e como bonecos desarticulados, elas foram carregadas pela fúria das chamas, e colidiram contra as paredes, e se estatelaram nos consoles destroçados ao redor da ponte. Ao mesmo tempo, escudos de contenção foram ativados automaticamente – uma vez que não faziam parte dos sistemas de defesa desarticulados –, impedindo que todos fossem sugados para fora da nave.
A seguir, seis torpedos atingiram, quase em simultaneidade, os motores de impulso situados na área posterior do disco. A explosão resultante foi tão

violenta que separou os cascos primário e secundário. Então, os ataques se concentraram mais intensamente no casco secundário – e como não houvesse energia suficiente para conter o que estava em seu interior, destroços e corpos começaram a aparecer no espaço.

Os gritos congelados dos mortos ecoaram na escuridão.

Defronte a uma pequena janela no hangar da Einstein, River acompanhou tudo: em desespero, ela ouviu cada uma das súplicas mudas. Estática, boquiaberta ante um terror jamais visto ou experimentado por ela, sentiu a dor de cada morte sem sentido.

Então, as estrelas se tornaram riscos, e a Ariadne, subitamente, não estava mais ao alcance de seus olhos.

- Não! – ela se voltou para um assustado oficial que estava ao seu lado – Precisamos resgatar os sobreviventes! O que estão fazendo?

O homem – um empalidecido e desnorteado alferes – não tinha a menor idéia do que dizer.

Decidida, River se encaminhou à ponte de comando.

Aqueles covardes não iriam abandonar sua nave. Aqueles malditos não iriam deixar os únicos amigos que ela possuía para trás. Mesmo que precisasse dar uma surra em todos a bordo... a Einstein iria dar meia-volta!

11

Treze meses atrás:

- Você conseguiu enganar James T. Kirk. Não se sente orgulhosa?

A pergunta do capitão da Thunderbird, feita alguns dias após o casamento, carregara, sem dúvida, um tom irônico.

- Orgulhosa por enganar um homem solitário? Não, claro que não... Mas não me importo. E agora, o que acontece?

- Não se preocupe: as coisas se encaminharão por si mesmas. Em alguns meses, a Ariadne voltará para a Terra Um – e Spock não permitirá que os

talentos de Kirk sejam desperdiçados.
- Você faz parecer simples.
- As peças se encaixam apenas de um jeito, milady. O segredo é saber *quando* elas se encaixam. Uma vez que você e Parker estejam a bordo da Ariadne, teremos uma visão privilegiada do que está ocorrendo dentro da nave que Gordon deseja sacrificar.
- E a Thunderbird estará sempre por perto.
- Exatamente. Não iremos nos arriscar a perder o show...

Seis meses atrás:
- Se planejam fazer alguma coisa, sugiro que seja agora!
Na tela integrada a Parker, o homem parecera confiante demais:
- Certo, milady. Mas não fique ansiosa: os mortos-vivos não irão a lugar algum. Uma de nossas naves auxiliares entrará camuflada na atmosfera terrestre, e efetuará de lá o resgate de alguns de nossos amigos zumbis – assim, impediremos que a Ariadne detecte os feixes de teletransporte.
- Precisamos mesmo dessas aberrações, capitão?
- Ora... Nunca se sabe quando algo assim pode ser útil. É sempre bom ter uma carta na manga, não acha?
Pouco depois, na ponte de comando da Ariadne, Sisko dera suas ordens:
- Encontramo-nos na sala de teletransporte oito em quinze minutos, tenente – então, dirigira-se a Animah – A senhora vem?
Antes de sair, ele ainda olhara para a Terra – e, por um segundo, pensara ter visto um rastro fugidio e dourado na atmosfera do planeta. Um meteoro, por certo.

Agora:
Em seus aposentos, protegida pelo escudo gerado pelo multifuncional Parker, Lady Penélope procurava não pensar no que estava acontecendo ao seu redor. Procurava não pensar nos “sacrifícios necessários”...

Ela só podia esperar que a Thunderbird não demorasse muito a resgatar os sobreviventes da Ariadne. Provavelmente, o capitão ainda estava de mãos atadas, esperando que os efeitos das minas eletromagnéticas, indubitavelmente acionadas por Khan tão logo o ataque foi deflagrado, cessassem e o teletransporte se tornasse novamente viável.

- Deseja que eu forneça a localização e o status atual de James Kirk, milady? – perguntou Parker, de repente.

- Por quê?

- Não estaria interessada em saber se ele está bem?

- Não, Parker. Kirk é como qualquer outra pessoa para mim – e já sei que muitos estão morrendo. Entendido?

- Sim, milady.

12

Na engenharia da Ariadne, o homem sem nome esperava pela morte.

Três letras: foi tudo o que ele se permitiu ser desde que fora resgatado da superfície de seu mundo por uma nave da Frota. THX abandonou os subterrâneos e a desumanidade de sua vida anterior – mas jamais conseguiu se adaptar aos padrões alternativos que lhe foram impostos.

Não era simples esquecer.

E não era possível ser outra pessoa.

Ele seguiu em frente, claro: fingiu que os novos rumos de sua vida faziam sentido, utilizou suas aptidões e se fez útil... No entanto, jamais conseguiu acreditar em sua mentira: pois a superfície para a qual escapara era apenas um deserto sem fim – apenas outra prisão; e aquelas grandes naves no espaço, aqueles vastos impérios de poder e intrigas não eram nada além de castelos de vento.

Agora, a realidade golpeava as mentiras com a fúria de quem se viu apartado de seu lugar de direito por tempo demais. Misericordiosos anjos da

morte, os torpedos rasgavam a nave e suas ilusões mantidas sob estruturas de metal: como os castelos se manteriam de pé ante o furor da verdade?
O engenheiro se ergueu dos escombros à sua volta e, como o pai que recebe um filho há muito ausente, abraçou o torpedo que veio em sua direção.
- Você não saberia dizer minha idade; você não se lembraria de mim cinco minutos após me conhecer; sou um homem na multidão, sem alma ou sonhos. Eu sou um número, uma sombra... uma sigla.

13

A cabeça viu o corpo sem cabeça e pensou:
“De quem será este corpo sem cabeça? Será meu”?
Ou a pergunta deveria ser outra? Talvez, o mais apropriado a se dizer fosse:
“Serei eu”?
De qualquer jeito, a cabeça não queria se ater a essas questões. Ela não tinha muito tempo agora: sentia os pensamentos se esvaindo, quase como se a estivessem esvaziando de suas palavras e idéias.
Bom, então seria interessante descobrir com quais questões ela deveria se ater...
A cabeça pensou um pouco – e enxergou uma questão relevante:
“Para onde estavam indo seus pensamentos”?
Não houve como procurar uma resposta, entretanto: algo a empurrou e, na ausência de gravidade, a cabeça girou até esbarrar em uma mesa.
Uma mesa, não: uma cama. Uma cama branca em meio a outras camas brancas. Camas brancas enfileiradas na enfermaria.
Foi quando a cabeça se lembrou do nome que usara quando ainda estava sobre o pescoço... E foi quando ela se lembrou de quem era o corpo sem cabeça que vira há pouco.
Quem era o corpo, decidiu a cabeça: afinal, uma cabeça não é nada sem o

coração – e pode-se dizer, com bastante possibilidade de acerto, que o coração também não é nada sem uma cabeça...

A cabeça de Animah verteu uma lágrima: que tristeza terminar assim, dividida em duas metades incomunicáveis. Razão e emoção, quão distantes elas estavam!

“Veja que estranho”, pensou a cabeça (e percebeu que o mais justo agora seria utilizar a terceira pessoa): “Animah e Spock também representavam essa mesma ruptura – e nunca foram capazes de chegar a um meio-termo”...

Alheio a esses pensamentos desagregados, o coração de Animah simplesmente parou de bater e se calou para sempre.

14

A Protector chegou ao universo da Ariadne com um solavanco: ela não possuía, é claro, as mesmas adaptações e soluções criadas para as naves da Terra Um... De qualquer forma, aqui estavam eles, a salvo.

- E agora, Jason? – a voz de Gwen trazia um quê de nervosismo. Era, afinal, a primeira vez que eles realizavam uma travessia entre paralelas.

- Agora, seguimos para a Terra deste universo. E vamos torcer para não enxergar nenhum daqueles cubos por aqui. Acreditem... seria a última coisa que veríamos.

- Foi a última coisa que vimos – contrapôs Alexander. Com cara de poucos amigos, ele não escondia mais o mau humor de ninguém – A sorte é que contamos com nosso *reboot* portátil... E se fizéssemos mais disso em *Galaxy Quest*, provavelmente não estaríamos à beira do cancelamento... outra vez.

Fred Kwan interrompeu Alexander rapidamente (todos sabiam onde aquilo iria parar: *“Meu talento de ator será desperdiçado e bla, bla, bla”*...):

- Espere um minuto. Sisko não nos pediu para jamais irmos ao seu mundo? Ele disponibilizou a tecnologia de deslocamento interdimensional aos thermians desobedecendo diretamente a uma tal de primeira diretriz... Seus

superiores não ficarão muito contentes ao saber o que ele fez.

- Não – disse Jason – Mas acho que todos concordamos que uma carreira militar é menos importante do que a sobrevivência de nosso lar... Sisko também concordaria com isso. E agora, chegou a hora da ação. Tommy?

- O quê?

- Vamos para a Terra.

- Vamos.

- Ok. Então... vamos.

- Ok... É só apontar para que lado ela fica.

- Eu não sei para que lado ela fica.

- Eu também não.

- Você não sabe... Gwen!

- Oi?

- Peça ao computador que nos forneça as coordenadas da Terra. É óbvio que as estrelas e os planetas daqui se encontram nas mesmas posições relativas que as estrelas e os planetas de nosso universo.

A mulher ajeitou os cabelos loiros e olhou para o alto – como se o computador estivesse em algum lugar acima de suas cabeças.

- Computador? Por favor, forneça nossa atual posição em relação à Terra e o caminho que precisamos seguir para chegar a ela.

A máquina não demorou um segundo para responder:

- Terra; Sistema solar; Braço de Órion; Via Láctea; Paralela um. As coordenadas estão, a partir deste momento, disponíveis no terminal do piloto.

Jason sorriu, aliviado, e beijou Gwen.

- O que faríamos sem você?

- NGC 224?

Todos na ponte se voltaram para Tommy.

- O que você disse? – Alexander se aproximou e deu uma olhada no terminal.

- NGC 224!

- Mas que inferno é “NGC 224”? – quis saber Jason.

- Estamos em outra galáxia! – berrou Alexander – A Galáxia de Andrômeda!

Fred foi quem rompeu o terrível silêncio que se seguiu:

- Algo saiu errado? Eu me lembro dos manuais técnicos: há sempre uma discrepância relativa entre o ponto de entrada no universo “A” e o ponto de saída no universo “B” – mas ela nunca ultrapassa 3,14 anos-luz. Isso significa que um corredor interdimensional é, quase sempre, um corredor entre os mesmos quadrantes de galáxias equivalentes.

Alexander Dane bufou:

- Estamos a quase três milhões de anos-luz da Terra, Fred! É claro que algo saiu errado!

Laliari, a única thermian a bordo (e também a única thermian que se aventurara na carreira de atriz em todo o multiverso), finalmente resolveu se pronunciar. Ela sorria uma felicidade contagiante e totalmente fora do contexto – mas isso era apenas um problema com o gerador de aparência que lhe emprestava o aspecto humano.

- Meu povo ainda não havia testado a tecnologia que nos daria a oportunidade de encontrar thermians de outras paralelas.

- Nunca testaram? – Jason se afundou em sua cadeira – Nem uma viagenzinha à paralela 621?

Laliari prosseguiu:

- Alguns ajustes ainda precisavam ser feitos – mas como era uma emergência, preferi não dizer nada... E posso afirmar que tivemos sorte: pelo menos, viemos parar na paralela um. Poderíamos estar agora em algum universo completamente estranho e inóspito.

Alexander se aproximou de Fred e cochichou:

- Por que sua namorada está rindo?

- Acho que é só o jeitinho dela. Não é uma graça?

- Ok – Jason encarou as estrelas de Andrômeda na tela da ponte – Estamos

distantes de tudo e de todos... Poderíamos tentar regressar ao nosso universo, claro... mas isso, de acordo com Laliari, representa um grande risco... E mesmo que conseguíssemos voltar, nos depararíamos com os cubos outra vez.

- Eles podem estar causando um grande estrago à nossa Terra – disse Guy, agora totalmente alheio às leituras que surgiam nos painéis em seu posto.

Jason suspirou.

- Precisamos fazer... alguma coisa. Estou aceitando sugestões, pessoal.

Raios de luz negra foram as únicas sugestões apresentadas. A Protector foi chacoalhada com tremenda força.

- Alguns dos cubos nos seguiram! – os olhos de Guy se esbugalharam – Precisamos sair daqui!

Mais disparos, e um rombo se abriu na proa da nave: ela não aguentaria mais do que alguns segundos.

- Jason! – Alexander se agarrou a um console, mal conseguindo se manter de pé – Ative o Omega 13! É nossa única chance!

Novamente, o dispositivo foi destravado.

Novamente, o botão foi pressionado.

Mas o que se seguiu foi apenas um pequenino

“Clique”

e mais nada... No interior da nave, as chamas e a destruição continuaram seguindo seu curso; lá fora, os mortíferos cubos permaneceram desfechando seu ataque pusilânime.

Eles não ganharam mais treze segundos de sobrevida.

- O Omega 13 não funciona neste universo... – disse um abatido Jason Nesmith – Não há nenhum *reboot* por aqui.

A NSEA Protector foi feita em pedaços logo depois.

III – QUANDO A NOITE AVANÇA...

- Espero que ainda esteja por aí, Kirk... Seria uma decepção se você já estivesse morto.

A voz saiu fraca através do intercom, mas foi o bastante para que fosse ouvida na Scimitar:

- Khan...

Os olhos do mercenário se acenderam.

- Apenas dois sobreviventes em sua ponte de comando... e você é um deles! Sempre duro na queda, Kirk!

Mais uma vez, a voz se fez ouvir:

- Por quê? Por que fez isso?

A pergunta foi ignorada:

- Nesse exato instante, estou muito inclinado a disparar um torpedo em sua localização.

O intercom ficou em silêncio.

- Talvez, comodoro... – sardônico, Khan olhou para os romulanos sob seu comando – Talvez, você queira pedir misericórdia. Se implorar... posso poupar sua vida e a de todos os sobreviventes. O que acha?

Jarok trocou um olhar com Nero: aquilo estava começando a sair do planejado... E, certamente, não era a forma apropriada de tratar os que já estavam tombados.

- Implore!

A resposta foi inesperadamente desprovida de emoção:

- Você morrerá, Khan. Em alguns minutos.

O mercenário se voltou para o posto tático, encolerizado:

- Chega disso! Termine o serviço, já!

Antes que Nero disparasse os torpedos, porém, os sensores da nave romulana captaram múltiplos feixes de teletransporte direcionados à Ariadne.

- O que é isso...? – Khan se levantou de sua cadeira, atônito.

Uma nova voz invadiu a ponte da Scimitar:

- Bem-vindos ao futuro, cavalheiros. Para que possam embarcar, no entanto, é preciso saber se estão dispostos a uma pequena mudança...

- Quem é você? – rugiu Khan.

A imagem de um homem calvo surgiu na tela. Imediatamente, Shinzon deixou escapar um riso nervoso.

- Eu sou Jean-Luc Picard.

* * *

De repente, Kirk não estava mais flutuando através da ponte destruída da Ariadne. Seus pés tocaram o chão de uma das salas de teletransporte da Thunderbird – e, por um instante, ele quase perdeu o equilíbrio. A mulher o amparou, segurando um de seus braços.

- Está bem, Jim?

Ele não precisou olhar para saber quem era. Sem se voltar para ela, disse:

- Gritei por seu nome há pouco... porque você estava em meus sonhos. Mas você nunca esteve ao meu lado, não é?

A mulher o soltou, surpresa.

- “Anna”... – Kirk finalmente a olhou nos olhos – Agora, Penélope, leve-me à ponte de comando.

- Como...

- Os últimos segundos foram bastante intensos: o bastante para que minha mente percebesse que não sou apenas o eco de uma pessoa morta.

Lady Penélope permaneceu com cara de interrogação.

- Eu vi a morte novamente... Desta vez, porém, eu a aceitei. Desta vez, ao invés de me ver subjugado por autopiedade, eu ouvi o que ela tinha a me dizer.

Saindo de trás do anteparo que ficava entre o console de operações e a

plataforma do teletransporte, um homenzarrão usando óculos escuros se aproximou. Segurava um pequeno cilindro prateado, e um ponto de luz vermelha brilhava em uma das extremidades.

- Hora de colocar os óculos de proteção, madame – disse – A neuroformatação deve ser implementada imediatamente.

- Eu não faria isso – com tranqüilidade, Kirk se voltou para a mulher – Há muito mais em jogo aqui do que você supõe. Entendo que desejam suprimir todos os rastros do que realmente houve com a Ariadne... mas as coisas mudaram, Penélope: o que vocês desejam não importa mais.

Finalmente, ela conseguiu completar sua pergunta:

- Como sabe meu verdadeiro nome?

- Sou um fragmento do Nexus... As implicações são óbvias, não?

16

Picard foi sucinto:

- A idéia de Flash Gordon é boa: revelar ao público a existência de um grande inimigo e, ao mesmo tempo, fortalecer as bases de seu poder. Entretanto, concordamos apenas com a primeira parte do plano. Não confiamos em Gordon como aquele que nos guiará através das provações que nos aguardam.

- E você é o homem indicado, certo? – Khan não fazia a menor força para disfarçar sua ira.

- Minha nave, a Thunderbird, faz parte de uma organização maior. Sem dúvida, continuarei nas sombras – mas a pessoa certa já está preparada para assumir o posto deixado por Gordon. E vocês da Scimitar poderão continuar com o bom trabalho que fizeram até aqui – sob nossa supervisão, evidentemente.

- E se a resposta for não, vocês tornarão pública a conversa que, agora mesmo, estão gravando.

Picard balançou a cabeça.

- Não, claro que não. Isso traria exposição à nossa própria organização – e, acredite, ela sobrevive na escuridão há mais tempo do que pode imaginar. Não estamos aqui para barganhas e chantagens, Khan. Flash Gordon já é um homem morto. O que esperamos é que *vocês* se juntem a nós e guardem silêncio sobre a verdade por trás da destruição da Ariadne – caso contrário, seremos obrigados a destruí-los.

Khan ficou quieto, encarando o rosto de Picard em sua tela. De repente, lembrou-se:

- *Thunderbird*... Mas é claro: a equipe de Resgate Interdimensional. Jeff Tracy era o antigo capitão da nave. O que aconteceu?

- Um acidente de trabalho. Ele e seus filhos não sobreviveram a uma missão de resgate.

- Sim... foi isso mesmo. E a Thunderbird, pelo que me recordo, não era uma nave de grande porte...

- Sei onde quer chegar.

Khan esmurrou um braço de sua cadeira.

- Ainda estão sob camuflagem e nos ameaçam? Acredita mesmo que nos dobraremos a um blefe, seu bastardo? Não trabalharemos para vocês... Não guardaremos segredo de nada... E faremos de seu 'futuro' uma terra sem lei.

- É sua palavra final? Você fala por seus comandados?

- É claro que fala! – gritou Shinzon. Ele mal conseguira se conter nos últimos minutos – Por que não nos encara como homem, ao invés de se esconder em uma nave camuflada?

- Vocês também estão em uma nave camuflada.

- Ah, é? – Shinzon se virou para Khan e sussurrou: – Ele tem razão.

- Então, não há mais o que dizer – Picard aparentava uma calma quase assustadora – Vejo que o superestimei, Khan. Realmente lamentável... Está tudo pronto, Jarok?

- Basta dizer e eles estarão sem defesas.

Khan se virou para o veterano de Romulus, os olhos quase saindo das órbitas.

- Agora.

O romulano pressionou apenas um botão: foi o suficiente para que a Scimitar se tornasse visível, perdesse os escudos, as armas e a capacidade de dobra.

Jarok sorriu para os homens admirados à sua volta:

- Estamos em todos os lugares. Agora, paguem por sua inocência.

A seguir, um feixe de teletransporte o envolveu – e quando Khan se voltou para a tela, Jarok já estava na ponte da Thunderbird.

- Traidor maldito! Cão imundo! – esbravejou, completamente fora de si – Faça o seu melhor, Picard! Veja se seus torpedos podem me atingir!

- “Torpedos”? Oh, não: jamais gastaria meus recursos com você, Khan. Mas tenho aqui alguns amigos que gostariam muito de conhecê-lo. Desde que os resgatei da Terra 666, eles estão confinados em um ambiente hermético de minha nave... bastante claustrofóbico, acredito. Penso que um pouco de ar fará bem a eles.

Nero olhou para seus monitores:

- Sinais de teletransporte... centenas deles... em toda a nave!

Os mortos-vivos que chegaram à ponte da Scimitar pareceram, a princípio, desorientados. Então, algo em suas entranhas expostas gritou e os impeliu: uma fome sem fim, dolorosa e corrosiva. Uma fome que nascia nos confins do inferno.

Os romulanos tentaram alcançar os disruptores nos depósitos de armas ao redor da ponte, mas era tarde demais: as criaturas já estavam sobre eles. Ilhado em sua própria nave, Khan voltou a se sentar – e, com certa satisfação, presenciou o fim sangrento de Shinzon.

Finalmente, uma das carcomidas criaturas notou sua presença e começou a avançar em sua direção.

- Adivinhe quem veio para jantar...

17

As portas do turboelevador se abriram e Kirk surgiu na ponte da Thunderbird. Dirigiu-se imediatamente a Picard:

- Agora que já terminou com Khan, podemos conversar.

O capitão olhou do comodoro para Lady Penélope, que vinha logo atrás.

- Ele já sabe sobre você?

- Sim – ela disse, lacônica.

Picard se sentou, observando Kirk com curiosidade.

- Pensei que os sobreviventes teriam as memórias recentes alteradas por nossos neuroformatadores...

A mulher deu de ombros.

- Todos os que não estão seriamente feridos já passaram pelo processo... exceção feita a ele. Achei melhor que você o ouvisse.

- Muito bem... Escapou ileso, comodoro. Impressionante.

- Costumo ter sorte, capitão.

- Sim... Mas o que deseja compartilhar conosco?

Kirk sorriu, sarcástico:

- Então, o “Bêbado de La Barre” não é, afinal de contas, um bêbado...

- Disfarces fazem parte do meu trabalho. O militar reformado e frustrado de La Barre é um bom guia para os que o levam a sério – mas é também inofensivo para as autoridades, uma vez que ninguém... quase ninguém... escuta o que ele tem a dizer.

“As histórias que revelei a você serviram como faróis: através delas, você pôde ver melhor a realidade ao seu redor... Através delas, você percebeu que havia algo de podre no reino da Dinamarca. Daí, chegar à Ariadne foi apenas um passo”.

- Compreendo. Eu fui a brecha para que Penélope tivesse acesso facilitado à nave.

- Exato. Mas sejamos objetivos, comodoro...
- Claro. Objetividade é seu forte desde que sacrificou sua tripulação na Stargazer – Kirk se voltou para a tela, onde ainda se podia ver os restos do casco primário da Ariadne – Seis mil, trezentos e quarenta mortos; quatrocentos e doze sobreviventes: a primeira lista de uma guerra perdida.
- Quatrocentos e dezessete sobreviventes – retorquiu Picard – E não será uma guerra perdida.
- Vocês poderiam ter evitado as mortes. Ao invés disso, encontraram um meio de sair ganhando com elas. Tanta dor... por nada.
- Não é “por nada”. Graças aos sacrifícios de hoje, o futuro será...
Kirk interrompeu o capitão da Thunderbird:
- Não há um amanhã para a Terra Um. É essa informação que desejo “compartilhar” com vocês.
Picard olhou para Penélope, confuso. Esta desviou os olhos.
- O que quer dizer com isso?
- Entre em contato com seus associados, Jean-Luc. Tenha um vislumbre do que os aguarda.

18

Os três seguranças da nave estavam nocauteados na ponte de comando: River não estava para brincadeiras.
- Não me importo de ir para a corte marcial! Agora, dê meia-volta!
Os olhos azuis de Jadzia Dax, capitão da Einstein, brilharam. Ela também não estava disposta a dar o braço a torcer e manteve a calma.
- É melhor se controlar, mocinha. Agora, me escute...
- Não! Você escuta! Meus amigos estão morrendo! E vocês os deixaram para trás!
- Não pudemos fazer nada por eles. Havia cargas eletromagnéticas impedindo o teletransporte... E se ficássemos por mais tempo, *nós* seríamos

o alvo. Acha que a Einstein resistiria a uma nave com aquele poder de fogo?
River fitou a trill com um ar indeciso.
- Pelo menos, conseguimos uma identificação...
- Vocês sabem quem atacou a Ariadne?
- Ainda não sabemos quem são eles – mas temos um nome... Ouça.

Estática.
- O Ultradomínio reivindica suas vidas... e seus mundos.
Mais estática.

River sabia do que se tratava: ela já "lera" sobre esta ameaça nas mentes de Sisko, Kirk e Tasha. Sabia também que era assunto confidencial, um segredo guardado a sete chaves pelo alto escalão da Frota. Preferiu, portanto, não dizer nada a Dax.
A capitão se sentou em sua cadeira, percebendo que River havia se acalmado. Os seguranças já estavam de pé, apenas atordoados.
- Vamos esperar que Flash Gordon e os outros estejam preparados para esta crise. Algo me diz – ela se lembrou da arma que estava em sua nave, guardada no cofre de Pandora – que os eventos de hoje não eram de todo inesperados.
No posto tático, um tenente bajoriano deixou escapar uma exclamação.
- O que foi, JaiHo?
- Capitão... há uma mensagem urgente da Frota. Do próprio almirante Gordon, gravada há alguns minutos. Parece... que a Terra está sob ataque.
Dax e River entreolharam-se, antecipando o que estava por vir.
- Ponha na tela.
O rosto de Flash Gordon era a própria síntese do desespero. No canto inferior direito da imagem, uma janela mostrava cenas da devastação na superfície do planeta, e também relances dos combates entre as forças da Terra e a frota inimiga. Suas naves – discos com mais de vinte quilômetros

de diâmetro – chegavam às centenas.
- ... cidades totalmente destruídas: Buenos Aires, Londres, Barcelona, Paris, Cairo... Milhões de mortos. Milhões...
Gordon tentou respirar, mas as palavras continuaram saindo aos borbotões:
- Todos os cruzadores... repito... *todos* os cruzadores devem se dirigir imediatamente ao setor 001. As naves de carga, de passageiros e científicas devem evitar a Terra. Saiam da paralela um enquanto ainda podem. Fujam... Fujam do Ultradomínio.
A seguir, a imagem foi substituída pelo rastro de estrelas – e ninguém na Einstein foi capaz de dizer nada durante um bom tempo.
Jadzia Dax foi a primeira a se pronunciar:
- Antes de atacar a Terra, o inimigo fez questão de destruir a nave capitânia da Frota... Parece que tudo foi planejado de forma impecável.
- O que pretende fazer? – River fez a pergunta apenas para dar voz às incertezas dos demais tripulantes na ponte. Ela já sabia o que estava na mente da capitão.
- O que Flash Gordon pediu. Vamos sair deste universo... e esperar para ver o que acontece – Dax se voltou para a alferes. Não precisava ler mentes para saber o que ela estava pensando – Somos apenas cientistas em uma pequena nave, River.
- E quanto ao projetor de Campo Tântalo?
- Não acredito que voltaremos a ver Gordon – e somente ele poderia abrir o cofre. Talvez, a arma agora faça jus ao “suplício de Tântalo”: pois estará sempre próxima e, ao mesmo tempo, inalcançável...

19

O ensangüentado Flash Gordon estava sobre os mortos e as ruínas de São Francisco. Como um alpinista, ele chegou ao topo dos escombros e se defrontou com o horizonte arrasado – as construções em chamas, o céu

enfumaçado, a tormenta de raios negros que trespassava a atmosfera e castigava os restos da cidade.

O terror maior que sentia não era, porém, pela visão medonha do mundo derribado: era pelo silêncio. Sequer os gritos haviam sobrevivido; sequer os lamentos haviam resistido aos últimos ataques.

Súbito, um movimento chamou sua atenção. Ao pé da montanha de destroços em que estava, Kirk o olhava fixamente. O chefe da Seção 31, como ele próprio, estava coberto por fuligem, as roupas em frangalhos.

- Pensei que o Ultradomínio não viria à Terra Um antes que as civilizações mais fracas das paralelas próximas perecessem.

Gordon se permitiu um riso irônico.

- “Terra Um”: o próprio nome é pretensioso. Apenas nossa presunção nos alçava como os mais avançados da vizinhança... Estrategicamente falando, é provável que a Terra Um não passe de um satélite irrelevante de alguma outra civilização mais poderosa.

Kirk concordou.

- Por que não está lá em cima, Gordon? Por que não está em uma nave da Frota?

- Capitães reconhecem uma batalha perdida... e afundam com seu navio. Meu lugar é aqui. E você? Por que não fugiu?

Kirk se sentou com alguma dificuldade em um bloco de asfalto partido.

- Eu poderia ter escapado. Poderia ter pedido que você também fosse incluído... Mas é tarde demais para nós. Como você disse, pertencemos a este lugar, a esta era. Deixemos que outros, agora, carreguem o legado deste mundo.

Flash Gordon encarou o outro, incapaz de compreender o que significavam aquelas palavras. Kirk se explicou:

- Lembra-se que mencionei, há alguns meses, o trabalho de David com a Zona Fantasma?

- Claro.

- Nas últimas horas, ele conseguiu transferir boa parte da população terrestre para a região bidimensional do cristal kryptoniano. Agora, ele está longe daqui, em outro universo – carregando uma lâmina especular de quinze centímetros quadrados de área... e mais de dez bilhões de almas armazenadas em seu interior.

Durante um tempo, Gordon ficou calado. Por fim, conseguiu relaxar:

- Por isso, está tudo tão quieto... Oh, Deus, obrigado...

Uma das imensas torres de luz negra começou a se aproximar de onde eles estavam, produzindo um ruído ensurdecedor.

- Agora, nós morremos – gritou Kirk – Mas não é tão ruim quanto poderia ser.

“Verdade” – teria respondido Gordon, mas não houve tempo: antes que o raio os alcançasse, um outro tipo de escuridão caiu sobre eles. Em desespero, descobriram que a morte ainda não havia chegado. Aterrorizados, perceberam que estavam no hediondo coração das trevas.

Não havia quem pudesse ajudá-los.

Não havia para onde correr.

Um canto tétrico, repleto de nojo e ódio, queimou suas peles:

Ainda acreditam que as estrelas brilham por **vocês**?

Percam a esperança, pequeninos: ***estamos*** aqui apenas por vocês dois: **futuros** generais de nossa frota. Os outros não nos interessam.

20

Chocado, Picard cortou a comunicação com a Terra Um.

- Como você poderia saber...?

Kirk olhou para as próprias mãos. Agora, ele podia ver sob a pele: o aglomerado de brilho imortal... as estrelas e as galáxias de sua alma.

- Sou parte do Nexus. Minha mente pode ir a qualquer lugar... e a qualquer

tempo. Agora mesmo, estou consciente de coisas que vocês sequer desconfiam: sei que uma nova Terra – a Terra Nova – se erguerá a partir dos restos da Terra Um; sei que a humanidade desta paralela irá perseverar... e que chegará um tempo em que todos descobrirão a verdade sobre os pesadelos de agora. Será o dia em que tudo irá mudar: o dia em que os homens terão de decidir entre a esperança e a culpa.

Picard encarou Kirk com desdém. Era incapaz de acreditar no que acabara de ouvir.

- Sei tudo a seu respeito... Não passa de um eco, uma sombra projetada na parede. É uma cópia, uma ficção sem o lastro do original. O que pretende com tudo isso?

- Não almejo nada, capitão. Você está tão acostumado a subterfúgios e a manobras traiçoeiras que está deixando de enxergar a realidade.

Lady Penélope se aproximou de Picard, assustada.

- O que vamos fazer? A Terra... nosso mundo... está morrendo.

- Sua Terra já está morta, Penélope.

- Assim, não nos deixa muitas opções, comodoro – Picard estava começando a perder o controle sobre sua raiva.

Kirk deu as costas ao francês e se encaminhou para o turboelevador:

- Não queiram usar seu neuroformatador em mim ou em quem quer que seja. Seu plano – dispersar os sobreviventes desmemoriados em mundos de outras paralelas, de forma que eles continuassem fazendo parte da lista oficial de baixas – deixou de ser adequado ao novo contexto.

A tripulação na ponte começou a olhar para Kirk com certo temor. De alguma forma, mais parecia que estavam diante de um personagem mitológico.

- E não se preocupem, a Thunderbird ainda tem um caminho pela frente... No entanto, como alguém me disse uma vez, o passado sempre volta – e vocês terão de se haver com ele.

Quando as portas do turboelevador se fecharam, a voz do médico-chefe da nave irrompeu na ponte. Picard tocou o comunicador em seu casaco.

- O que é, doutor?
- Mais números, capitão: nos últimos minutos, perdemos cinco vidas. Agora, são quatrocentos e doze os sobreviventes da Ariadne.

* * *

Na enfermaria, Kirk seguiu entre um dos corredores de camas enfileiradas. Muitos dos feridos dormiam – e muitos estavam dolorosamente despertos. Estes se moviam enquanto ele passava, admirados ou apenas descrentes: e quando o comodoro se aproximava para um cumprimento ou uma palavra amiga, sorriam e diziam coisas que, certamente, não se lembrariam no dia seguinte.

Afinal, ele a viu: as pernas imobilizadas, os braços cruzados sobre o peito. Ela virou a cabeça em sua direção.

- Fico feliz que esteja vivo.

Kirk pegou sua mão – Como se sente, Tasha?

- As pernas doem terrivelmente... Mas um dos enfermeiros disse que ficarei bem – ela esboçou um sorriso pálido – Não sei se acredito nele.
- Acredite: você ficará bem.
- Acho que não, senhor. Acho que nunca mais ficaremos bem – Tasha cerrou os olhos – Foi mesmo um ataque do Ultradomínio ou apenas imaginei aquela voz na ponte, antes de perder os sentidos?
- O lobo do homem será sempre o homem. Mas não vamos falar sobre isso... Basta saber que fomos resgatados por outra nave – e que, por hora, estamos seguros.
- O capitão...?
- Sisko não está mais conosco.

A mulher suspirou, voltando a abrir os olhos.

- Parece que muitos se foram.
- E poucos escaparam.

A tenente ficou quieta por alguns instantes, a mente perdida no vazio. Então, lágrimas percorreram sua face.

- Sempre sonhei que, um dia, a Ariadne me levaria de volta ao meu universo: e eu veria minha filha mais uma vez. Agora... meu sonho se perdeu. Por que estamos condenados à escuridão, comodoro?

- Isso é o resultado de quem somos... ou de quem fomos até aqui. Chegamos a este ponto, onde tudo parece irrecuperável – onde há quase nada a se fazer e muito a sofrer. Mas o mundo gira, e recomeços são inevitáveis.

- Então, é só esperar que o mundo gire?

- Também giramos o mundo. Não somos um joguete nas mãos do destino, como pensam alguns.

À luz tênue da enfermaria, em meio aos lamentos e às súplicas, Kirk prosseguiu:

- Há uma intenção por trás de tudo... Não estamos aqui por acaso. A partir de nossas escolhas, desempenharemos um papel importante ao lado de David Marcus – e seremos as vozes da razão em uma Terra dominada pelo medo e pela intransigência.

Tasha Yar não escondeu seu espanto:

- Como é que é?

- Não se preocupe. No momento certo, você compreenderá.

- Como pode saber...?

- Estão me fazendo essa pergunta com freqüência... Eu *sei*. E hoje, também entendo que fui guiado através das paralelas para que pudesse descobrir, sozinho, o objetivo de minha existência. Tudo me levou a este momento, e agora posso enxergar claramente o nexo que há entre o que sou e o que devo fazer.

- E o que deve fazer?

Kirk respondeu de forma natural:

- Quando a noite avança, é preciso acender as luzes. Nossa guerra não é

contra a Eternidade, é contra as sombras e os inimigos que estão aqui dentro – Kirk apontou o próprio coração e sorriu – Animah estava certa...

Tasha ficou olhando para o homem com incredulidade. Por fim, perguntou:

- E os inimigos que estão lá fora? E quanto ao Ultradomínio?

- Eles já se encontram nesta paralela. De qualquer forma, por sorte ou por motivos que desconheço, nossos caminhos não irão mais se cruzar. E se a tranqüiliza, posso dizer que a Eternidade e seu exército serão definitivamente derrotados na Guerra dos dez milhões de anos – mas apenas quando esta for conhecida como a Guerra dos treze milhões de anos. A humanidade não tomará parte em nada disso – embora sua participação tenha sido fundamental até agora.

- Eu... não consigo entender.

- Esta é a história de como os pesadelos são urdidos, Tasha. A história de como todas as guerras se iniciam...

IV – O LOBO NO ESPELHO

21

Quando a USS Gagarin foi destruída por uma das naves do Ultradomínio, Paprika já havia escapado para a onirosfera.

Ela não olhou para trás.

Sabia que o capitão Lowell, Balok, Baltar, Seldon e todos os outros já estavam mortos. Sabia que não havia nada a se fazer por eles... e por mais ninguém.

Paprika estava em paz consigo mesma. Aceitara o fim desde que soubera da existência da Eternidade e de seus soldados odiosos. Desde que ela fugira das garras da escuridão, um senso de inevitabilidade havia tomado posse de sua alma. O estoicismo, sem dúvida, era agora parte de quem ela era.

Contemplou os campos do Reino – outrora verdejantes e cheios de vida, agora acinzentados sob um céu de chumbo. Os sonhadores estavam, sem dúvida, interferindo com a paisagem – modificando-a de acordo com a tempestade que enfrentavam quando despertos.

À distância, Paprika enxergou relâmpagos ao redor de imensos tornados de fúria. Ela ouviu os trovões – e então percebeu que não eram trovões, eram os gritos de todos os condenados ecoando em pesadelos.

- Perdemos tudo... Mesmo os sonhos já não representam escape algum – disse para si mesma.

- Não sabe nem da metade, ruiva.

Paprika virou-se rapidamente na direção da voz. Deparou-se com seu pequeno amigo:

- Balok! O que está fazendo aqui? Pensei...

- Que eu estivesse morto? Você está certa: estou morto.

- Mas... isso não é possível. Os mortos não sonham.

- Talvez o inferno já esteja lotado e as almas estejam sendo enviadas para cá – ele sorriu, debochado – Ou, quem sabe, eu não seja Balok. Talvez eu seja fruto de seu inconsciente. Na onirosfera, isso não deve ser difícil de

acontecer...

- Se você é parte do meu inconsciente, deve estar querendo me dizer alguma coisa – algo importante que tenha escapado à minha consciência.

- Garota esperta. Mas não posso dizer o que não sei, Paprika. Posso apenas apontar o caminho que deve seguir: vá para Ctonos.

- A biblioteca infinita? Mas por quê...?

Balok não estava mais à sua frente. Como era de se esperar de uma projeção psíquica, ele sumira sem deixar vestígios. Mas a incômoda pergunta, evidentemente, não iria abandoná-la:

O que havia de importante em Ctonos?

A resposta teria de esperar... porque ela não estava mais sozinha. Um homem que não via há anos a encarava, assustado.

- Capitão Sisko?

- Paprika? Onde estou? – ele parecia completamente desorientado. Olhava para todos os lados, hesitante.

Ele não parecia ser parte de seu inconsciente...

- Capitão, o senhor está sonhando. Fique calmo.

- Sonhando? – ele fixou a palavra em sua mente, procurando encontrar um ponto de equilíbrio. Por fim, conseguiu respirar – Meu último sonho... Sim, você está certa.

- Por que seria seu último sonho?

- Minha nave... foi atacada. Estou morrendo.

- Eu... sinto muito. A Ariadne foi destruída?

- Não sei – Melancólico, Sisko observou o céu carregado sobre suas cabeças – Acho que não tenho muito tempo. Você sabe o que acontece a seguir, Paprika? Quer dizer... depois que morremos?

- O que deseja que aconteça, capitão?

Ele sorriu, desconcertado.

- Eu gostaria de estar com minha mulher novamente. Jennifer. Nem ao menos sei se ela está morta, mas eu daria tudo...

Ben Sisko se dissipou como fumaça no segundo seguinte. Se ele reencontraria ou não seu amor perdido, apenas os mortos saberiam.

22

Ctonos.

Concentrado em um livro, o homem quase não percebeu a jovem se aproximando. Quando a viu, colocou o volume de volta à estante.

- Estava esperando por você, Paprika.

- Esperando por mim? Sabia que eu viria?

- Claro que sim. Estava escrito em um dos livros que eu a receberia exatamente neste momento, nesta sala, e diria exatamente essas palavras...

- Quem é o senhor?

- Sou um humilde estudioso das desventuras humanas, senhorita. Meu nome é Atoz.

O homem, extremamente magro, parecia ter pelo menos noventa anos de idade – mas não passava, em momento algum, a idéia de fragilidade. Era firme nos movimentos e rápido nas palavras.

- Sr. Atoz... Talvez possa ser estranho ouvir isto: não sei o que estou fazendo aqui.

- Você está aqui porque a verdade começa a alcançá-la. Até agora, ela não é mais do que uma sombra em seu coração – Atoz andou até uma das estantes da sala hexagonal e pegou um dos volumes negros. Ofereceu-o à garota – Chegou a hora de jogar uma luz em tudo.

Ela abriu o livro.

Na primeira parte, uma minúscula reação química era representada por um poema epopéico;

Depois, o pensamento monocórdico de um planeta vivo era reproduzido;

A seguir, a colisão de três galáxias era convertida em uma onomatopéia que ocupava trezentas páginas.

Olhou para Atoz, irritada.

- O que isso significa?

- O que viu até agora não tem a menor importância. Vire a página, Paprika...

Foi o que ela fez.

Os olhos do universo

A Grande Máquina foi criada em Altair IV pela avançada civilização Krell. Seu propósito era materializar os pensamentos de seus criadores – dar substância aos sonhos.

Os nativos de Altair IV acreditaram que haviam chegado a um nível tão elevado de desenvolvimento psíquico que seus sonhos estariam sob controle. Os monstros do inconsciente não se importaram com suas presunções e destruíram tudo o que era civilizado e moralmente aceito.

Em apenas uma noite, a civilização Krell desapareceu.

A Grande Máquina esperou por milênios... até que a expedição terrestre chegou ao seu planeta. A pequena tripulação encontrou as formidáveis instalações subterrâneas em que a Máquina estava encerrada – e descobriu sua função. Um cientista chamado Morbius conseguiu compreender os preceitos gerais da estrutura, deixando de lado as peculiaridades destinadas a fornecer a adequada interface entre os nativos e sua criação.

Os humanos foram cautelosos. Sabiam com o que estavam lidando, e compreendiam que o que ocorrera com os Krell poderia muito bem se repetir com eles mesmos. Assim, deixaram Altair IV para nunca mais retornarem. A Grande Máquina continuou dormindo um sono sem sonhos... E Morbius levou suas anotações consigo.

Por anos, ele se dedicou aos estudos e às pesquisas que o levariam a criar uma versão simplificada do notável aparelho: uma máquina que se ligava

diretamente ao inconsciente e estimulava, a partir dos elementos encontrados no id, a formação de sonhos autoconscientes – sonhos que, ainda imateriais, eram capazes de se dissociar de seus criadores. Como se deve supor, o avanço nas áreas da psicologia e da psiquiatria foi imenso. Agora, os pacientes não lidavam de forma indireta com as forças obscuras em suas psiques, mas dialogavam diretamente com figuras autônomas do inconsciente – as quais podiam elaborar, em tempo relativamente curto, discursos altamente sofisticados. A Máquina de Morbius, como ficou conhecida, trouxe possibilidades de interação entre o ego e os subterrâneos da mente nunca antes imaginadas...

No entanto, houve quem enxergasse usos menos nobres para o aparelho – e que passavam ao largo de qualquer terapêutica. Cientistas da Terra Um deram origem a uma variante de horrores da Máquina de Morbius – uma alternativa que poderia ser descrita, simplesmente, como um dispositivo gerador de alucinações. Tal como o engenho de Morbius, o Pesadelo de Munch se vinculava ao inconsciente da vítima – mas seu objetivo era fazer irromper as mais tétricas alterações perceptivas a partir dos conteúdos descobertos no id.

O avatar consciente chamado Paprika portava um destes mecanismos em sua versão virtualizada quando se lançou à paralela conhecida como 2816. Ela o utilizaria como defesa, caso fosse capturada por uma mente hostil – como uma nuvem de fumaça que pudesse acobertar sua fuga.

Não foi o que aconteceu quando ela foi feita prisioneira do inimigo – um fragmento da Eternidade naquele universo. Incapaz de esboçar qualquer reação, Paprika testemunhou, indefesa, a violação de seus próprios pensamentos – até que foi libertada pela entidade Akira e levada a uma cidade-arca.

Antes que eles deixassem, juntos, a paralela 2816, o avatar optou por um ato de vingança fútil: alcançou o Pesadelo de Munch que trazia em seu coração e o deixou, ativado, em meio aos elementos oníricos que

permeavam a estrutura da cidade concebida por Akira. Com esperança de que a escuridão, em sua ânsia por conhecimento, se apropriasse da Máquina de pesadelos, Paprika partiu.

O fragmento da Eternidade não se mostrou interessado no 'presente' deixado para trás. Com as naves do Ultradomínio que haviam cercado a cidade abandonada à beira de um buraco negro, ele se foi.

A singularidade atraiu para suas entranhas a tenebrosa deformação concebida pelos homens. Conduziu-a a outro universo – e por não se tratar de um corredor interdimensional, não havia qualquer relação sincrônica entre as paralelas conectadas: a cidade-arca foi deslocada quinhentos milhões de anos no passado em relação à sua paralela de origem.

Por muito tempo, a Máquina foi acalentada pelas estrelas distantes. Por muito tempo, os pesadelos sem forma ali aglutinados permaneceram imóveis, e suas engrenagens virtuais se mantiveram incólumes e dormentes.

Mas nada dura para sempre: um dia, uma fagulha de improbabilidade desencadeou o evento da evolução. E tal como um animal se livra da casca que o contém, o Pesadelo de Munch se desfez da cidade-arca.

Vagando por uma realidade desprovida de vida, o Pesadelo definiu, depois de eras de meticulosa observação, que a noite silenciosa era sinônimo de beleza e perfeição. E concluiu que havia sido criado para que pudesse ser os olhos do universo orgulhoso de si mesmo: ele era a Eternidade que se envaidecia e se deleitava com a ordenação impecável da existência.

Planetas estéreis, raios cósmicos, estrelas binárias, buracos negros, galáxias múltiplas, corredores interdimensionais, universos paralelos... Escuridão, atemporalidade, útero cósmico... Harmonia.

Mas nada dura para sempre: um dia, a Eternidade descobriu que havia uma desordem aviltante a se difundir como praga em alguns dos outros universos: a vida estava maculando a perfeição do infinito...

A Eternidade reagiu como era de se esperar: acionando sua essência crepuscular, ela deu forma ao pesadelo definitivo. Mais uma vez, os

monstros do inconsciente se tornaram materiais (agora gerados no próprio id da entidade que, com o aumento de sua complexidade, havia se tornado mais extraordinária do que sua ancestral Krell).
Novamente, os primordiais desígnios da Grande Máquina seriam atendidos. Porém, sem que a própria Eternidade desconfiasse, as raízes de seu ódio e de sua intolerância remontavam aos porões sombrios do coração humano...

Paprika largou o livro e deu um passo vacilante para trás. Tremia da cabeça aos pés, tremia sem parar, e acabou caindo de joelhos. Havia um grito em sua boca, mas ela estava muda. Em seus olhos, havia sangue ao invés de lágrimas.
Agora, o mundo tingido de vermelho parecia se curvar sobre ela.
E o horror... o horror a devorava de dentro para fora.
Impassível, Atoz pegou o volume no chão e se encaminhou para a estante em que o retirara. Devolveu-o com cuidado ao seu lugar de sempre.

Epílogo:

Eterno

Cinco milhões de anos depois: o passado, vasto, interminável, todo ele em seu peito. Ecos perdidos entre as estrelas, suas recordações embrulhadas no espesso nevoeiro em seu coração, seus sonhos dispersos na noite eterna – a noite que ele se tornou.

O homem respira fundo, um lamento mudo de árvore seca. O chão à sua volta, cinzento e quebrado, é reflexo do céu de chumbo, sempre a promessa de uma tempestade que nunca chega. Ajoelha-se, o peso da eternidade sobre os ombros. O insustentável peso de uma vida que não se finda.

Eu me lembro de todos.

Eu me lembro de tudo.

Estão todos comigo, guardados em minha memória.

Por quê? Qual o sentido?

Para isso, não havia resposta. Para além deste instante, ele não saberia mais dizer qual seria seu futuro. Pela primeira vez em muito, muito tempo, ele está às cegas.

Por que me foi permitido viver até aqui?

Por que me foi permitido testemunhar tantos inícios e fins e recomeços e lutas e mortes?

Eu vi o amor ser transformado em pó, a esperança ceder lugar ao irrecuperável...

Para quê?

O silêncio de cinzas persiste. Nesta Terra, nesta velha Terra Nova, não resta mais nada. Antes, ela fora o lar dos espectros criados por Akira. Depois, ela fora o lar dos sobreviventes da Terra Um e também de outras paralelas invadidas pelo Ultradomínio. Agora, é um mundo sem vivos ou mortos, um mundo em que as perguntas soltas no deserto vagam sem respostas, eternamente à deriva.

Por quanto tempo mais?

O homem olha para as mãos, os olhos embaçados. Não há mais estrelas, não há mais galáxias em nenhum lugar além. Sua alma havia chegado até o ponto máximo de expansão? Seus olhos já haviam visto tudo o que havia para se ver? Ele espera que sim. James Kirk (há quantos séculos esse nome não é pronunciado?) quer apenas fechar os olhos e não abri-los nunca mais.

Então, como no início de tudo, uma presença ilumina sua mente. E como outrora, sua pergunta é a mesma:

- Por que se importa?

PORQUE ENTENDO SUA DOR. PORQUE SEI QUE VIVER PARA SEMPRE É O MAIOR FARDO QUE ALGUÉM PODE CARREGAR.

Kirk pega um punhado de cinzas e o retém nas mãos.

- Homem algum deveria sobreviver para enxergar seu mundo reduzido a poeira.

A esfera que brilha na mente do homem nada diz. Ele continua:

- Em alguns momentos, fui tudo o que havia entre a vida e o caos. Eu lutei – mesmo sabendo que este dia chegaria. Desempenhei meu papel mesmo sabendo que o futuro seria feito de cinzas e desolação. Porque havia sonhos, e porque valia a pena lutar para que eles tivessem uma chance em meio à escuridão. Mas agora... não há pelo que lutar. Não há mais nada. Então... por que ainda estou vivo? Por que sobrevivi à minha missão, V'ger?

A esfera gira.

PRESSUPÕE QUE SUA MISSÃO TERMINOU APENAS PORQUE NÃO ENXERGA NADA ALÉM. MAS AINDA HÁ MUITO O QUE FAZER, KIRK.

- Eu me lembro desta conversa... Eu me lembro de ter um vislumbre deste momento... milhões de anos atrás. Naquela época, eu não estava tão cansado. Naquela época, eu ainda era forte. Hoje, tudo o que quero... tudo o que preciso...

MORTE NÃO É UMA OPÇÃO. NÃO PARA VOCÊ.

- Por quê?

Subitamente, um vento mais forte sopra as cinzas nas mãos de Kirk. O pó se espalha ao seu redor, turvando sua visão, deixando-o novamente sozinho.

* * *

Ele abriu os olhos, piscando sob a luz da enfermaria. Ao seu lado, Harry Mudd (que havia sido um dos poucos sobreviventes do ataque à Ariadne a escapar sem ferimentos mais sérios) o encarava com curiosidade. Neste mesmo instante, a voz grave de Picard anunciou, através do intercom, que a

Thunderbird acabara de chegar ao ponto de encontro, onde todas as naves remanescentes da Terra Um se reuniriam.

- O que foi, amigão?

- Vi o futuro distante. O futuro até onde sou capaz de enxergar.

- E o que há de novo?

- Não há nada de novo sob sol algum. Nunca há. As histórias que já foram vividas e as que ainda virão possuem as mesmas raízes.

- Bom... Pelo menos estamos vivos, não é?

- Estarei vivo por muitos anos. Não será a melhor coisa do mundo, posso assegurar – Kirk se levantou da cadeira em que estava, olhando para a porta da enfermaria. Ele sabia que alguém estava chegando – Erros que hoje julgamos superados sempre voltarão a nos assombrar, Mudd. Há uma inevitabilidade em tudo isso que me deixa envergonhado de pensar em conceitos como “escolha” e “livre-arbítrio”...

- Há algumas horas, pude ouvir sua conversa com Tasha. Você disse algo como... “A partir de nossas escolhas”...

Kirk deu de ombros, franzindo o cenho.

- Uma mentira. Não creio que as pessoas, de modo geral, estejam dispostas a abandonar a ilusão de que podem alterar ou controlar seu destino.

Mudd fez uma careta, balançando a cabeça. Ficou olhando para Kirk durante alguns instantes, indeciso, então resolveu perguntar:

- Nós... iremos conseguir?

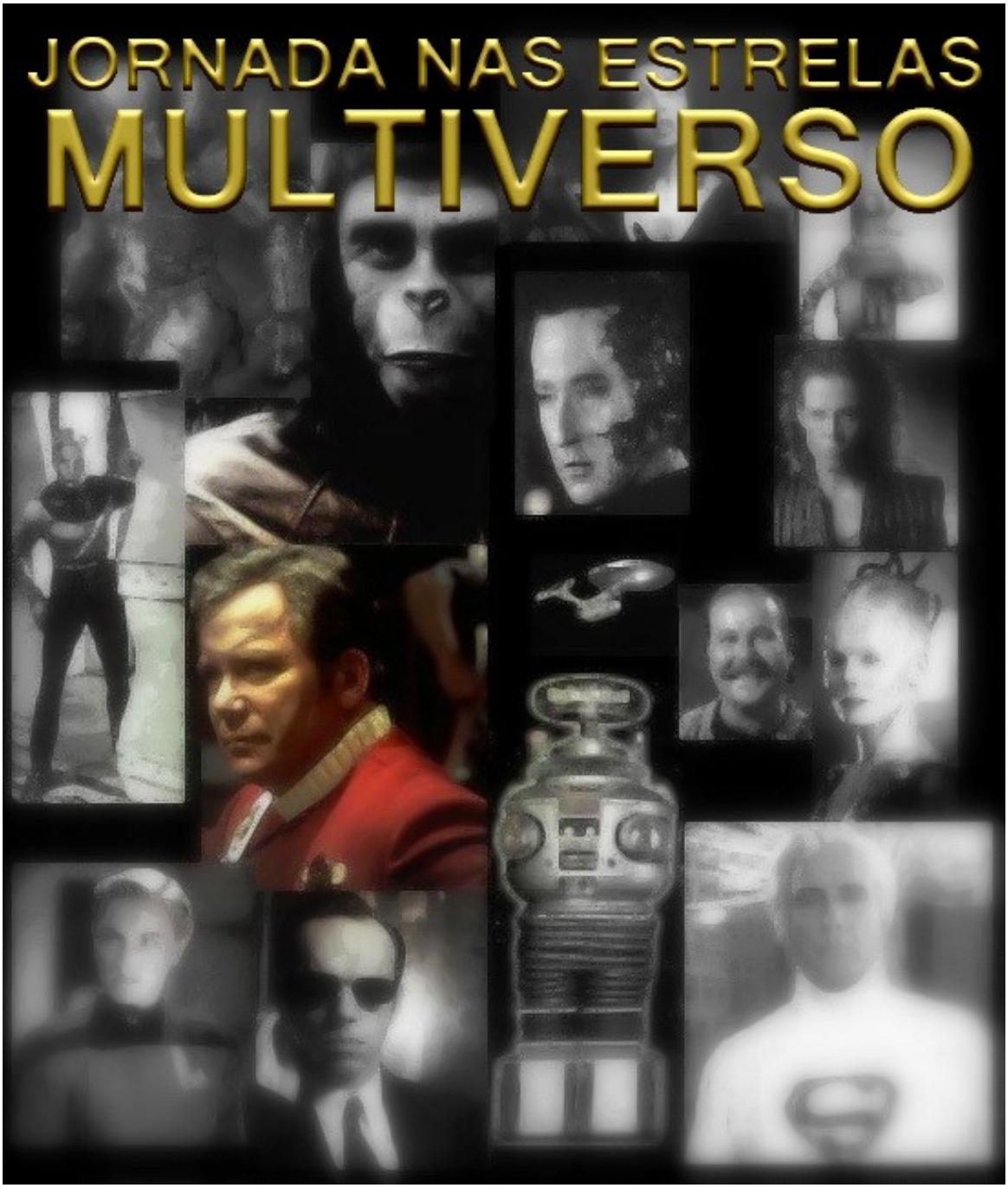
- O quê?

- Você sabe... Depois de tudo o que passamos. Depois de todo o sofrimento. O destino bem que poderia dar uma trégua, não acha?

- Não há tréguas nesse jogo, Mudd. Mas posso dizer que os instantes de felicidade também nos acompanharão em nossa jornada. E são por esses

momentos, às vezes tão breves, às vezes nascidos da dor, que vivemos. São por esses momentos que lutamos.

Como ele esperava, River passou correndo pela porta e se dirigiu ao leito em que Tasha Yar se encontrava. Surpreendida, um sorriso despontando na face ainda abatida, a mulher mais velha não se importou com a dor que sentia e se inclinou em sua cama para abraçar a garota. Ficaram assim, abraçadas e em silêncio, por um longo tempo.



LIVRO TRÊS

O SENHOR DO CAOS

e outras histórias

CARLOS BITTENCOURT



O SENHOR DO CAOS

Outono de uma flor

William Shatner em três tempos

Ferramenta do destino

A chave da Lei

Réquiem para os possíveis mundos

A ponte

William Shatner destrói o multiverso

Inferno

“Em consequência dessa hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração”.

Sigmund Freud – O mal-estar na civilização

Outono de uma flor

[10 T.N.]

Numa improvável paralela jamais explorada pela Frota da Terra Um, havia um pequeno asteróide – conhecido por alguns como B 612. Seus três vulcões estavam extintos há muito tempo, e mesmo o bando de pássaros selvagens que por lá passava já havia desaparecido. Muito raramente, uma ou duas borboletas perdidas passeavam sobre a esfera rochosa, mas nunca se demoravam: pois a última flor que lá vivia não estava mais presente.

1

- Chegamos a este planeta há dez anos. Conseguimos escapar do Ultradomínio e iniciamos uma nova etapa na história de nossa civilização. Mas apenas substituímos um lugar por outro, não foi? Porque os medos que julgávamos superados... os preconceitos que acreditávamos enterrados... nós os trouxemos conosco – David Marcus suspirou, deixando transparecer sua frustração – E agora, tudo o que temos é uma Terra cheia de velhas idéias. Velhos hábitos. Velhos pontos de vista. Este mundo cheira a poeira – uma poeira espessa que carregamos em nossas bagagens, e que mostra que não aprendemos nada com nossos erros. Não aprendemos nada com

nossa dor.

- Onde quer chegar, Marcus? – um dos conselheiros não conseguiu conter a irritação e ergueu sua voz rouca – Quer que voltemos à questão da exploração espacial? É isso o que quer? Se for isso, está perdendo seu tempo. Nós já votamos sobre a matéria há sete anos, se bem me lembro – e decidimos, em caráter perpétuo, a não nos arriscarmos mais no espaço. Você deveria se lembrar – afinal, é bem mais moço do que nós... ao menos em aparência.

- Não quero nada... Mas tenho meus quinze minutos neste Conselho, como de praxe, e irei utilizá-los da forma que bem entender. As senhoras e os senhores também o fazem quando possuem a palavra – e, pelo que ouvi nos últimos tempos, a última coisa relevante aqui discutida se deu já há alguns anos.

Um murmúrio indignado percorreu o Grande Salão, reverberando nas paredes de cristal kryptoniano. David Marcus passou as mãos pelos cabelos loiros e continuou:

- É este o nosso legado para o futuro: medo do desconhecido. O céu agora é a terra maldita, o lugar do qual precisamos nos esconder. Não me surpreenderia se, no amanhã, estivéssemos de volta às cavernas, escondidos da grande e tenebrosa noite sobre nossas cabeças. Não me surpreenderia se nos tornássemos, em algum ponto distante, os morlocks de Wells...

“O medo do desconhecido, do diferente, ainda nos dá um bônus formidável: um preconceito violento contra tudo o que é de fora. Agora mesmo, enquanto estamos neste Conselho de... “sábios”... – a palavra, proferida com ironia, conseguiu irritar ainda mais a audiência – homens, mulheres e crianças que não são provenientes da Terra Um são ameaçados por uma sociedade que se tornou intolerante. Isso sem mencionar os outros, os alienígenas que sempre viveram conosco, e que foram sistematicamente perseguidos, humilhados e mortos nos últimos anos”.

- Temos o direito de nos defender! – gritou um dos membros do conselho. Era uma mulher alta e magra, de cabelos prateados e olhos que brilhavam de ódio – Temos o direito... o dever de buscarmos um mundo mais seguro.
- “Direito de nos defender”... – David sorriu com tristeza – Mesmo que o perigo esteja apenas em nossas cabeças. Vejam... é esse tipo de mentalidade que nos distancia de nossa humanidade e da civilização que um dia idealizamos. É esse tipo de mentalidade que nos aproxima do comportamento esperado de uma matilha.
Não houve tempo para mais indignação. O brilho e o zumbido do teletransporte tomaram conta de todo o salão – e então, como David já esperava, ele estava só. Moveu de forma desanimada e lenta o corpo esguio em direção à saída quando ouviu a voz de Kirk, onipresente e fria como a estrutura de cristal à sua volta:
- Nosso mundo ficará melhor e mais forte sem eles – e após uma pausa – Era inevitável, você sabe.

* * *

Anos mais tarde, quando a Terra Nova não podia mais ser chamada de nova, quando uma confortável – e imposta – sensação de normalidade já havia tomado conta de todo o planeta e estavam todos ocupados com o resto de suas vidas, David Marcus decidiu partir. Estava cansado das pessoas, cansado de tentar impedir que as piores escolhas fossem feitas. Que Kirk continuasse desempenhando o papel que o destino havia atribuído a ele – *inevitável* era apenas mais uma palavra para quem não conhece o futuro.

2

Durante um tempo, perambulou por universos que já visitara – aqueles, evidentemente, que não haviam sido tragados pela insanidade conhecida como Ultradomínio. Sozinho em sua pequena nave exploratória, ficou tentado, ao menos durante os primeiros meses, a não se arriscar muito, a

não se afastar do que julgava conhecido e seguro. Mas não era para isso que ele havia partido. Não era para se portar como um dos antigos membros do Conselho da Terra Nova...

Se era um traço de seu pai despontando em seu espírito, não se importou: iria ao desconhecido, aos mundos dos universos improváveis. E depois, quem sabe? Talvez até tentasse a sorte em algumas das paralelas irracionais – as quais haviam sido visitadas somente por robôs e andróides de sua Terra.

Antes de avançar, no entanto, uma realidade chamou sua atenção. Encontrava-se já nos limites das derradeiras paralelas racionais: um pequenino universo que continha apenas uma estrela, a qual iluminava um diminuto mundo, o qual abrigava uma cidadezinha deserta, a qual se erguia ao redor de uma praça – e em seu centro, havia um banco feito de pedra.

Sentou-se ali durante um momento. Foi o suficiente para que o inverno, a primavera, o verão e o outono fustigassem sua pele. E então, novamente, vieram os minutos de inverno.

- Quem viveu aqui? – perguntou, fascinado, para a primeira brisa da primavera – Como é possível que isso exista?

- Ora, a vida não é feita de pequenos mistérios?

David se ergueu, assustado, olhando para os lados.

- Quem...?

A resposta veio numa voz suave e feminina:

- Olhe para baixo. Aqui, ao lado da árvore.

A princípio, ele não conseguiu acreditar em seus olhos: no interior de uma pequena redoma de vidro transparente, uma bonita flor vermelha o encarava, desafiando as estações e o bom senso.

- Você fala.

- Claro. E não me diga que as flores não falam. Sou muito mais do que perfume.

- Mas... – David se deteve para tomar fôlego e colocar as idéias em ordem –

Ainda estamos na Zona Racional. Você não deveria...

- Existir?

- Isso. Seu lugar é em algum dos mundos improváveis – ou mesmo na Zona Irracional.

- Bom, é inegável que eu existo. Mas, de fato, não sou daqui. Venho de um mundinho ainda menor do que este. Um mundo tão pequeno, mas tão pequeno, que não passa de um asteróide.

- Não há asteróides neste universo. Há apenas...

- Um sol, um planeta, uma cidade deserta, uma praça e um banco. Eu sei. Acho, então, que não pertenço a este universo. Talvez, eu venha de um lugar exterior a essa sua “Zona Racional”.

- E como chegou a este planeta?

Por um instante, David pensou ter visto a flor murchar um pouquinho. De repente, suas pétalas não pareciam mais tão vermelhas e vívidas.

- Em meu asteróide, vivia um príncipe. Ele vivia só, sempre envolvido com seus próprios pensamentos e afazeres – até o momento em que brotei naquele chão arenoso. Do meu jeito, eu o amei – e ele me tornou o centro de seu mundo. Mas ainda éramos jovens demais, e acabamos nos ferindo. Ele partiu, eu fiquei. No fundo, sempre pensei que meu príncipe voltaria para mim.

- Ele jamais voltou, não é?

- Não, nunca. O tempo passou – e então chegou ao asteróide esse viajante das estrelas. Disse que, se eu quisesse, ele me levaria a outros mundos, a lugares magníficos e exóticos. A única condição era de que eu deveria esquecer o príncipe. Aceitei – e, no início, pensei que seria capaz de deixar o meu amor para trás. Mas nem todos os mundos de todos os universos, nem os lugares mais deslumbrantes da criação... – A flor verteu uma lágrima de orvalho – Fui tola em achar que seria diferente. No fim, o viajante das estrelas, desiludido e rancoroso, me deixou neste mundo deserto, condenada a uma eternidade sem sentido no interior desta redoma. Estou

aqui há tanto tempo que já nem percebo mais a passagem das estações – tudo é inverno, cinzento e frio.

- E ninguém mais esteve por aqui? Você sempre esteve só?

- Dois outros viajantes estiveram de passagem. Mas estavam tão envolvidos com seus próprios assuntos que sequer notaram minha presença. Preferi ficar quieta.

David se sentou no chão, próximo à redoma. Queria dizer alguma coisa para confortar a flor, mas não se sentia à altura da tarefa.

- Há algo... alguma coisa que eu possa fazer?

- Talvez. Antes, porém, me diga quem é você e qual o motivo de estar aqui.

- Sou um cientista. Estou aqui quase por acaso: este universo surgiu nos sensores do computador de bordo entre um cochilo e outro, e achei que deveria dar uma olhada antes de seguir em frente.

A flor ficou em silêncio por um inverno e uma primavera inteiros. Enfim, deixando que o calor do verão servisse de moldura para sua irritação, repetiu as perguntas:

- Quem é você? Por que está aqui?

David sorriu sem graça, depois aquiesceu:

- Eu... era um cientista. Hoje, não sei mais. Estou cansado de tentar resolver e consertar tudo. Estou cansado de salvar as pessoas de si mesmas e dos pesadelos que elas mesmas criaram – porque, no final, todos os esforços são em vão. Por isso estou aqui, no limiar da Zona Racional: porque não acredito mais que a razão seja a resposta para tudo.

- Você crê que encontrará o que procura nos mundos improváveis ou irracionais.

- Sim.

A flor sorriu.

- Veja você... temos o mesmo problema: precisamos nos desfazer de nossas redomas para seguirmos adiante.

David olhou para a flor com seriedade.

- Eu posso com isso. Mas você... Você não conseguiria sobreviver às estações deste mundo por mais do que alguns minutos.
- Verdade, eu não sobreviveria. Mas é tudo o que peço: porque sei que meu pequeno príncipe está esperando por mim. Sem minha redoma, eu posso partir.
Nada mais precisou ser dito. David colocou as mãos sobre o vidro e o ergueu com facilidade. E naqueles minutos finais, a flor pareceu mais bela, ainda que suas pétalas fossem arrancadas pelo vento do outono e levadas para longe.

3

Quando David se preparava para partir daquele mundo triste e silencioso, um vulto chamou sua atenção. Por um momento, pensou ter visto algum movimento por trás de um prédio, uma sombra se esgueirando por entre postes de luz que jamais se acendiam. Suspirou, depois acionou o teletransporte da nave.
Tão logo ele se desfez no ar, a sombra se aproximou do banco no centro da praça, seus olhos cinzentos e opacos fixos na redoma de vidro jogada sobre as raízes da árvore. Da flor, restava agora apenas uma haste quebradiça e fina, despida até mesmo dos espinhos de outrora.
O viajante das estrelas se sentou com vagar, sentindo o peso da idade, o peso da vida, o peso de suas escolhas. Estava cansado e não sabia ao certo o que deveria fazer a seguir. Dia após dia, seu cotidiano havia sido preenchido pela visão à distância de sua flor enclausurada. Dia após dia, a ilusão de um amor encerrado numa redoma de vidro o havia nutrido. Agora... o que restava? Viveria para sempre assombrado pelas lembranças? Viveria para sempre assombrado pela memória terrível do dia em que retornara para casa?
O dia em que, já envelhecido e transformado pela dor, percebeu que sua flor

não mais o reconhecia. O dia em que percebeu que não mais poderia ser chamado de “pequeno príncipe”, uma vez que era agora uma das “pessoas grandes”, cheias de medos, tristezas e incertezas.

Pensou que a flor poderia voltar a amá-lo – não se soubesse quem ele era de fato (porque, então, era possível que seus sentimentos se resumissem à compaixão), mas se pudesse esquecer aquilo que um dia ele fora. Se a flor deixasse de amar o pequeno príncipe, ela poderia amar o homem que ele havia se tornado. Quanta arrogância: o que havia para se amar em alguém que extinguira o melhor de si para se tornar uma pessoa “séria” e “socialmente aceitável”?

Ergueu-se sem fazer qualquer barulho, então caminhou até as sombras das quais havia saído, entre os prédios mais velhos e carcomidos ao redor da praça. Entrou em um beco escuro e desapareceu.

William Shatner em três tempos

[154 T.N.]

As medonhas naves disparavam contínuos raios de uma luz negra e mortal. Emmerich se sentou no sofá, prostrado.

- O pesadelo saiu do papel – disse – O Ultradomínio está aqui.

De repente, como se as coisas já não estivessem assustadoras e estranhas o suficiente, um andróide dourado se materializou no camarim.

- Sr. Shatner. Sr. Nimoy. Nós precisamos partir imediatamente – o homem artificial se voltou para Roland Emmerich, que o encarava com olhos esbugalhados – Sinto que não possa vir também, senhor.

- Você... você... – William Shatner tartamudeou, achando que estava começando a ficar louco – Você é o Brent Spiner?

- Quem?

* * *

Quando o andróide passou pela porta da Sala de Audiências, o Imperador foi imediatamente em sua direção. Apertaram as mãos.

- Almirante Data, há quanto tempo.

- Cento e quarenta e quatro anos, trinta e sete dias e nove horas, senhor. Vimo-nos no dia de sua posse como Imperador... – *Uma semana após todo*

o Conselho desaparecer misteriosamente da face do planeta, pensou Data, e preferiu, evidentemente, não dizer essa última frase na presença daquele homem.

- Tanto assim? – Kirk sorriu – Você não mudou nada.

- O senhor também não.

O Imperador fez um gesto, indicando um sofá, e Data se sentou. A Sala de Audiências, ricamente ornada com objetos e tapetes de toda a galáxia, impunha uma formalidade que poderia ser opressora para muitos – para Data, o ambiente se encaixava perfeitamente ao seu modo de ser: gostava da objetividade e do distanciamento comedido que tais lugares inspiravam.

Sentado em outro sofá, o Imperador da galáxia o observou atentamente por alguns instantes.

- Como vão as coisas no espaço, almirante? Soube que assumiu Deep Space 14 há dois anos.

- É um bom lugar. Tivemos, como deve saber, alguns problemas com os renegados klingons, mas tudo foi resolvido rapidamente.

- Sim, sim, eu sei. Acho que não teremos mais escaramuças com eles durante um bom tempo – não depois da surra que levaram.

Kirk balançou a cabeça, passando a mão de forma displicente nas mangas de seu casaco cinza. Ficou em silêncio durante alguns segundos, então retomou a palavra:

- Sabe por que o chamei à Terra Nova, almirante? Sabe por que precisou atravessar quase um terço da galáxia para estar diante de mim, pessoalmente?

- Não faço a menor idéia, senhor – De repente, Data se sentiu desconfortável com o fato de ignorar inteiramente os motivos do Imperador. Há tempos, circulavam no Império boatos de que ele não era apenas imortal – que também era onisciente. Estar diante de um ser que poderia saber de tudo, o passado, o presente e o futuro, suscitava um certo temor – como se o destino, de certa forma, ganhasse um rosto. E James T. Kirk, desde os

primeiros anos na Terra Nova, parecia ser exatamente isto: a personificação do inevitável. Em essência, a personificação da morte.

A possibilidade imediata da cessação da existência não era, mesmo para Data, assunto de fácil digestão. De forma análoga, era bastante inconveniente se sentir um peão no grande jogo que se desenhava na mente do Imperador. Mas que poderia qualquer um fazer a respeito, a não ser se deixar levar pelas diretrizes de um roteiro inflexível?

Claro, eram apenas boatos – e se Kirk fosse humano, não um construto do Nexus, seria mais fácil não dar ouvidos a eles...

- Preciso que volte no tempo, almirante. Preciso que você salve duas pessoas. Dois atores.

Data ficou olhando para Kirk durante um bom tempo, impassível. Finalmente:

- Senhor... se começarmos a fabricar linhas de tempo alternativas de história a nosso bel-prazer... ou se começarmos a alterar eventos já estabelecidos...

O Imperador se recostou em seu sofá com um ar divertido. A pergunta que fez, porém, possuía um leve tom de ameaça:

- Está questionando minha ordem, almirante?

- Sim, senhor – Data já havia passado por isso antes. Ele não alcançara esse ponto de sua carreira sendo um fantoche de superiores – Sei de seu histórico em relação a viagens no tempo, senhor. Sei de sua atitude relativista em relação a elas. Mas não posso ficar em silêncio – mesmo diante do Imperador – quando exigem que eu execute uma ação potencialmente perigosa e desencadeadora de efeitos imprevisíveis na história que conhecemos.

Kirk sorriu, interrompendo Data com um aceno de mão.

- Aprecio sua postura, almirante. Mas não se preocupe: essa é uma daquelas viagens no tempo pré-estabelecidas. Você já esteve no passado e livrou os dois homens da morte certa. Apenas estamos dando os passos para que você cumpra com seu destino.

- Eles já foram salvos?

- Sim. Por você. Portanto, não haverá qualquer perigo para a história – além do mais, não há nenhum futuro para a Terra 422.
- Entendo. Mas... como sabe de tudo isso? – Data estava se arriscando, mas precisava perguntar – Como sabe que sou eu a voltar no tempo, que são aquelas as pessoas que precisam ser salvas? Como sabe da existência desse evento pré-estabelecido, senhor?
- Nada me escapa, almirante. E, de qualquer forma... – Kirk apertou um botão no braço de seu sofá, abrindo uma porta nos fundos da Sala de Audiências, oposta àquela pela qual Data havia entrado. Dois homens adentraram o recinto imediatamente – eles já estão conosco. Chegaram há alguns dias. Analise-os com um tricorder, se o desejar... Verá que não pertencem a este universo e a este período de tempo.
- Eles já estão aqui – o andróide não poderia parecer mais surpreso – Então...
- Você precisa partir para o resgate a fim de evitar qualquer paradoxo, almirante.
- Eu também... Quer dizer, meu futuro eu também está presente?
- Oh, não se preocupe. Você apenas os deixou aqui e me passou todas as instruções e coordenadas temporais de que precisava. Assim, eu as passo para você agora – Kirk entregou a Data um pequeno cristal de dados – Aí está tudo o que precisa saber: o local e o tempo exatos do resgate, o momento em que os deixa sob meus cuidados... e a hora de seu retorno definitivo: que é exatamente daqui a um hora, cinco minutos após você ter partido para cumprir sua missão.
Data se ergueu.
- Então, não há tempo a perder – despediu-se do Imperador com um aperto de mão e, antes de sair, olhou rapidamente para as duas pessoas que haviam entrado na sala: percebeu, admirado, que um deles era quase idêntico a Kirk – e seria de fato, não estivesse um pouco acima do peso. O outro, não fosse pelas orelhas perfeitamente humanas e pelo corte de

cabelo, seria uma cópia exata do comandante Spock...

Quando o andróide saiu, Leonard Nimoy se dirigiu ao Imperador:

- Toda essa história de viagem no tempo me deixa com dor de cabeça. O que aconteceria se ele falhasse? O que aconteceria conosco no caso de um paradoxo?

- Bom... É provável que ambos explodissem como bolhas de sabão. Meu universo, então, se reorganizaria sem a presença de vocês, eliminando até mesmo sua existência das memórias daqueles que os conheceram.

Kirk se aproximou de William Shatner, que não havia conseguido abandonar a expressão de perplexidade desde que chegara.

- Basta um *ploc*! Como bolhas de sabão!

Às gargalhadas, o Imperador os deixou a sós na Sala de Audiências. Shatner se deixou cair no sofá anteriormente ocupado por Data.

- Que sujeito esquisito.

- Ele está se divertindo com você, Bill. Tente parecer menos assustado.

- Não estou assustado. É só que... Tudo mudou de repente, e ninguém nos diz nada do que está realmente acontecendo: por que estamos aqui? Por que nós dois formos salvos daquele inferno, e não outras pessoas quaisquer? Eu não entendo – e não gosto disso.

Nimoy tamborilou com os dedos numa mesa de madeira:

- Estive pensando nisso nos últimos dias. Provavelmente, estamos aqui porque nos parecemos – ou somos idênticos – aos personagens que interpretamos por toda a nossa vida. Aos personagens que, neste lugar, são reais.

- Eu não sou parecido com Kirk.

- Você é igual a ele.

- Mesmo?

- Com uma pequena dieta, não haverá como distingui-los.

- É. Reparei que ele precisa emagrecer.

- *Você* precisa emagrecer.

- Ok. Essa é a sua opinião. Agora, me diga: o que eles pretendem com dois dublês de Kirk e Spock?

Nimoy ergueu uma das sobrancelhas:

- Talvez, queiram exatamente isto: que sejamos dublês – ou substitutos – de duas figuras históricas.

- Ou, talvez, esse megalomaníaco se ame tanto que queira uma cópia para ficar admirando.

- Estamos chegando perto de alguma verdade. Eu só espero...

- O quê?

- Espero que não passe disso. Que tudo não passe de uma espécie de paródia de *O príncipe e o mendigo*. Se for apenas isso, a sorte estará do nosso lado.

- E se não for?

- Você se lembra de *Firefly*?

- A série de TV? Claro. Ela não durou muito... ah. Entendi.

* * *

Uma hora depois, Data chegava ao hangar principal do Palácio, manobrando a crononave cedida pelo Império. Sua contraparte do passado já havia se deslocado rumo à paralela 422 há cinco minutos. O círculo estava, enfim, fechado.

- Bom trabalho, almirante – na companhia de dois seguranças, o Imperador o recebeu com um sorriso constrangido. Então, Data concluiu, ele sabia! O tempo todo, ele sabia!

- Depois que os deixei aqui, fui ao futuro, Imperador. O futuro da Terra Nova. Eu vi o que ele fez – o que ele fará. Como pode permitir...

- Não cabe a mim decidir a história, Data. Ninguém é capaz de alterar o que já está escrito.

- Arrisque-se com um paradoxo! Mate-o! Eu mesmo posso fazê-lo – o

andróide parecia completamente fora de si – Eu posso fazê-lo!

- Sei que pode. Sei que seria a primeira coisa que tentaria, ainda que eu o advertisse para jamais se aproximar dele – Kirk sacou um pequeno phaser do cinto e o apontou para Data – E isso é algo que não posso permitir. Sinto muito, almirante. Admiro-o desde que o conheci a bordo da Cassiopéia, e realmente gostaria que houvesse uma outra maneira.

- Ele não destruiu apenas uma cidade... Ele não destruiu apenas um planeta... Ele sequer se contentou com um universo... William Shatner destruiu o multiverso!

- “Destruirá”, almirante. “Destruirá”.

- Que seja! Você pode impedi-lo.

- Ninguém pode. Sei que é algo terrível de se dizer, mas a verdade é que eu realmente não me importo. Quando se conhece o futuro e se percebe que não há livre-arbítrio ou escolha alguma, também se descobre que não é possível perder a própria alma: porque não há nenhuma para se perder – Kirk destravou o phaser, fazendo com que este emitisse um leve silvo – Deve ser triste para você, que sempre desejou ser membro da humanidade: mas nós não somos, nunca fomos diferentes em nada. Não passamos de máquinas programadas para cumprir determinado objetivo. Nada mais que isso.

Sob o olhar incrédulo de Data, a arma foi disparada, abrindo um rombo fumegante do tamanho de uma bola de tênis na fronte do andróide. Com o cérebro positrônico destroçado, o corpo foi ao chão pesadamente, rígido como um manequim.

- Limpem essa bagunça – Kirk ordenou aos seguranças.

Ferramenta do destino

“Eu me tornei o destruidor de mundos”.

Verso 32 do capítulo 11 do Bhagavad Gita

Cinco milhões de anos após a detonação da Bomba, nos estertores do multiverso moribundo, poucos acreditariam que o derradeiro flagelo teve início de forma tão constrangedora.

Evidentemente, cinco milhões de anos após a detonação da Bomba, não havia mais ninguém vivo no multiverso – exceto por dois seres extraordinários que, de qualquer forma, não se importavam com as memórias embaraçosas do evento. Para eles, a lembrança nada mais era do que a confirmação da ausência de sentido da existência.

Ausência de sentido, porém, não significa ausência de propósito. Como qualquer um poderá compreender, há forças ocultas que se valem, basicamente, do sistema de “tentativa e erro” em suas manipulações. Vejamos:

O fim – a destruição da superestrutura conhecida como Multiverso.

O meio – a utilização da unidade conhecida como “Cientista Louco”.

O problema – o indivíduo destinado a encarnar o papel de Cientista Louco é único, absolutamente insubstituível. Requer, de maneira inequívoca, um "afinamento" em relação ao fim supracitado.

A solução para o problema – infinitas variações do indivíduo levam à versão apropriada que deverá se incumbir de dar o primeiro passo rumo à extinção do Multiverso.

Infinitas tentativas.

Infinitos erros.

Um único acerto – mas é o que basta.

Terra 411

- Vamos supor que eu tenha criado a arma definitiva.

Edward Wood sorriu amavelmente para o ancião, que estava de pé junto a uma pequena coluna de rolos de filme. Sentia-se em paz consigo mesmo desde... desde muito tempo. Provavelmente, era a primeira vez em sua vida que seu coração batia sereno no peito.

- Ah, Bela... Você não poderia sequer imaginar que minha mente abissal me levaria a lugares tão formidáveis! – o homem subiu em uma cadeira e abriu os braços, agradecendo pelos aplausos imaginários. Depois, olhou novamente para o velho – Eu tenho a ideia certa para meu filme!

Desconfortável, Bela Lugosi deu uma rápida olhada ao redor. Grandes câmeras surgiam das sombras, vigilantes e desengonçadas. Suspensos no teto, holofotes desligados pendiam sobre a escuridão do vasto e insondável estúdio.

- Tem certeza, Ed?

- O filme está todo em minha cabeça, meu amigo. Tudo gira em torno da

Solarbonite! A arma definitiva que os humanos estão prestes a construir... E é claro que os alienígenas tentarão impedir que cheguemos a esse nível tecnológico... E é claro que eles enviarão zumbis para fazer seu trabalho sujo...

Bela Lugosi sorriu.

- É claro que enviarão. Mas no final...

- No final, tudo vai ficar bem – porque somos humanos. Somos nós os heróis, sempre o seremos.

Terra 412

- Eles estão por todos os lados, Bela! Os mortos! Os mortos andam! Como eu havia previsto em meus pesadelos!

O ancião, encolhido numa poltrona puída, se curvou para frente, nauseado. As mãos esquálidas amparavam debilmente a cabeça.

- O que foi que nós fizemos para merecer... O que foi que nós fizemos...

- Nós pensamos, Bela! Nós imaginamos! Por isso, os alienígenas nos temem! Eles sabem de nosso potencial para a destruição!

- Do que... Do que diabos está falando?

Ed Wood deu de ombros.

- Eu não sei. É só uma suposição...

De repente, um baque: a porta da instituição para doentes mentais foi arrombada. Um rosnado furioso, cheio de ódio e nojo, chegou aos seus ouvidos.

- Eles estão aqui – os olhos de Ed Wood se arregalaram, transformando seu rosto numa máscara contorcida de pavor absoluto. Seu coração era uma

bomba prestes a explodir no peito – Eles estão aqui! Oh, meu Deus... Eu ainda não fiz nada da vida... Tantas obras-primas que ainda não criei...

Sem escutar suas lamentações, um grupo de cadáveres errantes o cercou. Dentes apodrecidos e garras infeccionadas laceraram sua carne, quebraram seus ossos, desmembraram seu corpo.

Perante o tétrico espetáculo de sangue, Bela Lugosi sussurrou, aterrorizado:

- Eles não podem matar o que já está morto... Eu sou o senhor das trevas... Eu sou Drácula... Tudo vai ficar bem...

Terra 413

- Vamos supor que eu tenha criado a arma definitiva. Vamos supor que eu tenha construído o Nulificador Total, o destruidor de realidades. O que você faria? Você me mataria antes que eu pudesse fazer uso do dispositivo? E se você não pudesse me matar por ser fraco demais, velho demais, debilitado demais?

Edward Wood sorriu amavelmente para o ancião na cadeira de rodas. Sentia-se em paz consigo mesmo desde... desde muito tempo. Provavelmente, era a primeira vez em sua vida que seu coração batia sereno no peito.

- Ah, Bela... Você não faz ideia, não é? Não poderia sequer imaginar que seus filmes – e todos os outros – serviriam de inspiração para minha obra máxima. Minha obra-prima! – o homem subiu em uma cadeira e abriu os braços, agradecendo pelos aplausos imaginários. Depois, olhou novamente para o velho – Vamos parar de supor. Vamos parar de fingir que a vida é a mesma de ontem.

Desconfortável, Bela Lugosi deu uma rápida olhada ao redor. Grandes canhões de raios da morte brotavam das paredes rochosas e úmidas – frias

flores de aço sussurrando segredos de apocalipse. Imensas bobinas de Tesla faziam estalar seu poder elétrico, iluminando, aqui e ali, as entranhas do vasto e insondável laboratório.

- O que você fez, Ed? – a voz arrastada era quase inaudível – Nós nos conhecemos há tanto tempo, você nunca escondeu nada de mim. Sempre fomos amigos.

- Amigos, não, Bela. Para mim, você sempre foi um ícone, um símbolo... Por isso, eu o ajudei em seus momentos mais difíceis. Por isso, estive presente – porque o mundo inteiro parece ter se esquecido de quem você era, do que você representava.

- O que você fez? – repetiu a pergunta, agora num tom mais grave.

Ed Wood desceu da cadeira, sorrindo com condescendência para Lugosi. Pegou um cigarro e acendeu-o. Após uma baforada:

- Estamos cercados pelo mal, Bela. É isso o que os filmes de terror nos dizem o tempo inteiro. É isso o que nos comunicam com sua lógica sangrenta, com sua estética da brutalidade. A vida é um breve lamento na escuridão... um sussurro rápido e depois, o interminável silêncio. O que fazemos com o tempo que nos é dado? O que fazemos de bom? Leia os jornais, ouça as notícias de guerras e atrocidades cotidianas. Nós dedicamos nosso tempo com a arte da destruição.

Outra baforada, um longo silêncio. Agora, seus olhos pareciam perdidos em algum lugar distante e sem vida.

- Somos escravos de nossa natureza selvagem. Escravos do terror. Resolvi que é hora de colocar um fim em tudo isso. Há muita confusão... e, de outra forma, não consigo encontrar nenhum alívio.

O cientista se aproximou da esfera prateada ao lado de uma comprida mesa de aço, amparada por uma base cilíndrica de alumínio. Não possuía mais do que sessenta centímetros de diâmetro.

- O que eu fiz, Bela? O que eu fiz... Veja bem: o revestimento externo é uma película reticular composta por uma liga de titânio e berílio; a segunda camada é a zona de dispersão do elemento-onda solarbonite, que se organiza pela disposição simétrica de táquions imaginários; a terceira e última camada é o indutor entrópico trans-warp. É o que eu fiz, Bela: o Nulificador Total. O aumento da entropia em efeito dominó. Cada universo, uma bolha prestes a estourar...

- Eu... Eu não entendo.

- Sim, eu sei que não pode entender. Veja, aqui na superfície... Pode enxergar?

O velho estreitou os olhos.

- Um teclado numérico.

- Basta digitar a sequência correta.

Bela Lugosi se retesou ao ouvir as palavras.

- Isso... é uma bomba?

- Uma bomba para acabar com todo o terror... – Ed Wood começou a pressionar as teclas na superfície da esfera – Uma bomba para acabar com todo o sofrimento...

Então, ele se deteve. Afastou-se do Nulificador lentamente e, enfim, caiu no chão. Havia uma mancha vermelha em seu avental, à altura do peito, que aumentava pouco a pouco. Abriu a boca, mas a voz não veio. Estava morto.

Um homem com uma espécie de pistola na mão caminhou lentamente até o Nulificador. Olhou para o pasmo ancião, depois sussurrou algo como se houvesse mais alguém ao seu lado.

- Não queria que ele saísse por aí espalhando a sequência de ativação – disse a seguir, se permitindo um sorriso – Agora, ninguém mais sabe.

- Você... Você nos salvou? Tudo vai ficar bem?

- Não há motivo para comemorações. Apenas não era o destino dele.

Como se fosse fruto de uma imaginação delirante, o homem se dissipou no ar no instante seguinte. O Nulificador Total também desapareceu.

Bela Lugosi permaneceu quieto, encarando o corpo inerte do cientista. Enfim, conseguiu resmungar:

- Mortos, ainda deixamos nossos rastros...

* * *

Na crononave, Kirk observou a esfera prateada por um tempo. Então, este pequeno mecanismo será responsável pela destruição de todo o multiverso... O que duraria trilhões de anos será devastado em pouco mais de cinco milhões de anos...

- Missão cumprida, senhor? – o piloto da nave, um jovem borg apartado da coletividade, tentava se mostrar interessado, mas falhava miseravelmente.

O Imperador se recostou no sofá, sentindo-se esgotado. Através de uma pequena janela, olhou para as estrelas que cercavam a crononave. Houve um tempo... houve um tempo em que elas ainda não o encaravam com desprezo.

- Deveria me sentir culpado, Hugh? Porque eu quase não me vejo como responsável por meus atos. Há apenas este... *script* em minha cabeça... a memória de um futuro imutável.

O borg ficou em silêncio durante um instante. Quando falou, sua voz parecia mais fria do que de costume:

- Eu fui peça de um vasto maquinário cujo objetivo, em essência, era destruir vidas. Naquela época, em algum lugar distante dentro da minha mente, talvez eu sentisse algum remorso. Mas se eu não estivesse lá, haveria outro

para desempenhar as mesmas funções... uma outra ferramenta a serviço da grande estrutura – Hugh sorriu de forma débil: um pálido sorriso no rosto cadavérico – O todo se realiza, independente dos fragmentos que o formam. A estrutura persevera.

Kirk se afundou ainda mais no sofá.

- Estarei vivo pelo menos por mais cinco milhões de anos, Hugh. Cinco milhões de anos servindo como testemunha da morte lenta do multiverso... E depois disso, simplesmente não sei o que acontece. Sabe o que isso significa?

- Não, senhor.

- Significa – Kirk alcançou uma pequena garrafa de Warp 10 que trazia num dos bolsos do casaco – que é hora de tentar esquecer o todo, a estrutura e o maldito futuro – Tomou um gole da bebida e arquejou dolorosamente, como se o ar faltasse – Preciso me esquecer do futuro... e de todas as mortes.

- Isso é possível, senhor?

O Imperador derramou outro gole e limpou os lábios com a mão. Deixando-se levar pela embriaguez, sorriu com ironia:

- Tudo vai ficar bem...

Terra 414

O homem de gravata borboleta e terno azul se aproximou devagar, com seu costumeiro olhar assustado:

- Bela está morto. Não era o destino dele participar deste filme...

- Sei que ele está morto, Criswell – Ed Wood riu para si mesmo – No entanto, ao contrário de você, não acredito em destino. Posso, em nome da arte, reescrever a história, reescrever o futuro. Veja, eu conheço um sujeito que é

a cara de Bela... Pelo menos, de longe... Com o rosto parcialmente coberto...

- Um dublê? Acha que o público vai engolir?

- Mais do que ninguém, deveria saber que não tenho medo do ridículo, Criswell. E, de qualquer forma, estamos sempre atrás de um pouco de magia – Ed Wood estalou os dedos – No cinema... apenas no cinema... Bela Lugosi estará vivo. Então, tudo vai ficar bem: porque meus sonhos são feitos de grandes monstros, mortos que andam e sombras que lamentam. A realidade... eu não quero saber da realidade.

A chave da Lei

Era um universo cheio de graça
Não tinha estrela, nem tinha praça
Ninguém podia fazer um traço
Porque no universo não tinha espaço
Ninguém podia ouvir o vento
Porque no universo não tinha tempo
Ninguém podia construir um castelo
Porque ali não havia martelo
Mas era um universo de imaginação
- a paralela dos sem-noção

Era apenas uma homenagem bem-humorada aos divertidos universos improváveis do multiverso. Alguém escrevera poesia parecida em algum lugar? David Marcus não sabia. E não se importava, de qualquer forma. Deixando o caderno e o lápis sobre a mesa, foi ver o planeta pela janela de sua nave outra vez – como que para se certificar de que seus olhos não o enganavam: uma Terra cinza, perdida, irremediavelmente condenada. O que havia acontecido a ela? Por que estava morta? As cidades, vazias; os campos, desertos; a noite, tão fria. Mundos improváveis não costumavam acabar assim. Eram lugares, via de regra, mais felizes do que os planetas do lado racional...

Meio a contragosto, decidiu descer e investigar.

No interior de um Brasil feito de poeira e silêncio, David andou e andou. Sem

saber ao certo para onde ir, deixou que o destino conduzisse seus passos. Ele andou e andou... sempre à procura de alguma coisa. O que seria? O que buscava? A música, talvez? As cores, o espírito, uma centelha de esperança... Mas não, não havia nada: tudo quieto, nem mesmo um pio dos pássaros. Apenas morros e vales queimados, cadáveres ressequidos nas beiras das estradas, os restos mortais de um país.

David andou e andou... até que se deparou, ainda sem o saber, com o que estava procurando.

Na casa isolada, assombrada pelos uivos do vento, encontrou uma boneca de pano. Desbotada, jogada num canto da sala em ruínas, ela o olhava com os olhos vítreos dos mortos.

- O que aconteceu? – perguntou à boneca – O que aconteceu ao seu mundo?

- Eu aconteci – ela disse.

Porque não esperava por uma resposta, David se assustou – mas não tanto. Estava há um bom tempo, afinal, na Zona Improvável, onde as Terras não eram regidas pelas forças convencionais da natureza. Havia magia naquele lugar – e David estava cada vez mais propenso a aceitá-la em sua vida.

- Por que diz isso, bonequinha? O que foi que você fez?

- Não me chame de “bonequinha”. Meu nome é Emília.

- O que você fez, Emília?

- Havia uma grande guerra... Porque muitos estavam sofrendo e morrendo, resolvi que era hora de acabar com ela. Decidi ir até a Casa das chaves... Para desligar a chave da guerra, sabe? Era o jeito mais rápido de colocar um ponto final na loucura. Naquele momento, parecia o *único* jeito de resolver as coisas.

- Uma chave para acabar com a guerra...? Como se fosse um interruptor de luz?

- Há uma chave para tudo... Haveria de ter uma chave para a guerra, não acha? Mas eu não sabia qual era a chave certa, porque todas (bilhões delas) são iguais... Arrisquei tudo e escolhi uma – acreditando que meu desejo seria o melhor guia.

- Qual chave você desligou?

Ela desviou o olhar, envergonhada.

- Pelos resultados obtidos, só pode ter sido a chave da Lei. Quando voltei, não restava muita coisa no mundo: para meu horror, os homens já haviam se destruído uns aos outros. Todos se tornaram feras enlouquecidas pela liberdade súbita... Cada pessoa se tornou um tirano à caça de prazer, cada pessoa considerou o próximo um obstáculo à satisfação de suas vontades – um obstáculo a ser eliminado sem culpas ou receios... A civilização se foi, desprovida de toda a humanidade, e não havia mais tempo para retornar à Casa das chaves e desfazer meu erro.

Lágrimas correram pela face da boneca. Escondeu o rosto nas mãos e ficou repetindo para si as palavras, como um brinquedo estragado: *Não havia mais tempo... Não havia mais tempo...*

David saiu da casa sem nada dizer. Lá fora, o Brasil árido o encarou: onde havia gente triste e gente feliz, agora só restava aquela mudez sem fronteiras; onde havia matas, onde havia rios, agora se estendia a perder de vista aquele deserto.

Desolado, regressou à nave e se desfez de sua poesia infantil.

Réquiem para os possíveis mundos

Terra 1976

CAPÍTULO MCMLXXXIV

DA SUPRESSÃO DE DIREITOS INDIVIDUAIS E COLETIVOS

Art. 1001º Todas as pessoas, sem distinção de qualquer natureza, serão classificadas como “não-culpadas” ou “culpadas”;

I – Os culpados serão condenados sem a necessidade de processo legal;

II – Aos culpados não será assegurado o direito de defesa;

III – Os culpados deverão ser imediatamente conduzidos aos Centros de Exclusão;

IV – As penas adotadas contra os culpados serão as seguintes:

a) privação da liberdade em caráter perpétuo;

b) suspensão de direitos;

Parágrafo único. Os critérios utilizados para a classificação de “não-culpados” e “culpados” jamais serão divulgados.

Das memórias do Culpado # 216.783.915:

No início, os Centros de Exclusão não passavam de simples galpões. No entanto, com o número crescente de culpados, cidades inteiras foram convertidas em presídios... E não demorou muito para que países de proporções continentais se transformassem em complexos sistemas de contenção.

Chegou o dia em que quase toda a humanidade foi classificada como “culpada”. Os poucos não-culpados remanescentes acabaram expostos nos circos como aberrações.

Agora, cada país-presídio possui leis específicas – e sua própria classificação arbitrária de culpados.

Em alguns lugares, a culpa não é uma maldição, mas um importante legado social. No meu país, por exemplo, os culpados mais tradicionais são diretamente responsáveis pela doutrinação da culpa aos inocentes.

Em outras paragens, a culpa possui graus de intensidade, variando conforme sexo, raça, religião ou classe econômica. Há países, por exemplo, em que os culpados de pele escura são considerados mais culpados do que aqueles de pele clara.

Tenho a impressão de que, no futuro distante, os arqueólogos acharão intrigantes os nossos extratos sobrepostos de culpa.

Terra 1981

Tanta gente, meu Deus.

Sua existência furiosa, desesperada, um desafio ao próprio universo... Mas as ruas estão vazias, as casas, destruídas. A cidade, antes uma fortaleza erguida para a eternidade, agora não passa de um interminável cemitério.

Na memória, incontáveis pessoas mortas continuam a viver, a sorrir e a chorar. A superpopulação de outrora preenche meu peito com o furor das recentes explosões.

Por que sobrevivi ao fim do mundo? Por que fui deixado para trás, perdido nesta terra de sangue e fuligem? Por que fiquei aqui, neste silêncio terrível, nesta ausência insuportável?

Tanta gente! Antes do fim, não suportava os seres humanos, não suportava a ideia de ser parte do tumulto! A humanidade, como eu a detestava em

segredo! Agora, que ironia, sinto falta de todas aquelas pessoas... O que não daria para trocar a multidão de minhas lembranças por gente de carne e osso!

Antes eu pudesse eliminar o que sinto para que as pessoas dentro de mim desaparecessem, para que todos os fantasmas deixassem de me assombrar. Por que me agraciaram com estas emoções? Por que não me construíram como um robô igual a todos os outros, limitado pelo oceano lógico da pura inteligência artificial?

Aqui e ali, vejo os robôs convencionais que sobreviveram: suas carcaças comumente retorcidas, mas ainda funcionais, vagando pelas montanhas de entulho e cadáveres, buscando algum sentido que justifique a energia acumulada em suas baterias. Para eles, o extermínio da humanidade constitui um evento como qualquer outro – um fato que demanda a necessária criação de novos comportamentos e a irrestrita extinção dos obsoletos.

Se pudesse, arrancaria com minhas mãos esta dor que corrompe meus circuitos! Se pudesse... não, não fui programado para erradicar minha existência. Após o fim do mundo, tudo o que me resta é um sentir que não se esgota... um destino ao qual não posso me furtar.

Terra 2012

O calendário grudado na parede engordurada mostra um julho de dois anos atrás. Sobre a cômoda ao lado do colchão, o relógio congelou as sete e trinta e cinco de uma outra manhã qualquer perdida em minha vida.

Tudo bem: acendo um cigarro e me misturo à fumaça.

Na mesa da cozinha, jaz a manchete de um jornal da semana passada:



Outra guerra para dar vazão ao nosso medo sem fim.

Tudo bem: quando o mundo acabar, talvez eu consiga largar o cigarro.

*

Na manhã seguinte, o mundo vira de pernas para o ar: há um garoto gordinho e assustado me olhando de dentro do espelho.

Tenho onze anos outra vez. No entanto, minha mente é a mesma da noite passada: ainda sou o homem em pedaços de ontem. A manchete de um jornal imaginário me assalta:



Meus pais estão dormindo em seu quarto, alheios ao fato de que seu filho pré-adolescente enlouqueceu. Ou alheios, talvez, ao fato de que não estão lá. É que seu filho de trinta e seis anos começou a sofrer alucinações.

Eu me aproximo deles lentamente. Tanto tempo...

Minha mãe se vira e sorri para mim. Estou confuso e não sei por onde começar.

- Eu voltei, mãe.

Ela fica me olhando por alguns instantes, então seu espírito parece compreender:

- Não se esqueça do mais importante.

*

Como um garoto de onze anos pode mudar a história de todo o planeta? Como posso impedir que o mundo inteiro vá pelos ares nos próximos vinte e cinco anos? Porque é exatamente o que vai acontecer se eu não fizer nada. Minha segunda chance é também a segunda chance de toda a humanidade.

Eu sei o que está por vir. Sei o que nos espera.

*

A professora de História me olha com indiferença, esperando pela resposta à sua perguntinha inútil. Meus colegas de sala de aula se voltam para mim, apreensivos ou simplesmente querendo se divertir às minhas custas.

Eles não sabem quem eu sou.



A mulher fica desconfortável com minha calma. Provavelmente, esperava uma tentativa débil de resposta – ou que eu me encolhesse em minha carteira, envergonhado como de costume. Eu não abaixo a cabeça, não desvio o olhar.

- Sua história é passado. Há uma outra à nossa espera – e ela não será escrita pelos vitoriosos. Não restará ninguém para segurar a caneta.

“Somos os responsáveis pelas guerras e atrocidades que virão – porque estaremos ocupados demais fingindo nossas vidas medíocres... e porque estaremos longe demais uns dos outros. Precisamos acordar”.

*

Acordo: da janela do quarto, vejo que as bombas finalmente começaram a atingir a cidade. Muitas pessoas estão nas ruas, silenciosas estátuas sob o céu avermelhado, buscando forças para enfrentar o pesadelo. Outras, em suas casas, reunidas com as famílias, trocam os últimos abraços, os últimos olhares.

Na cozinha, a manchete do jornal é a mesma ossada:



De volta ao fim do mundo, percorro mais uma vez as sombras da casa. Crucificado, o julho de um outro tempo sangra dias que não voltarão. Dias que preenchi com sonhos e delírios.

No passado, o menino que eu fui acaba de perceber que é tarde para o

mundo.

Tudo o que me resta é o mais importante: vinte e cinco anos atrás, abraço e beijo meus pais – e transformo a fantasia no derradeiro refúgio de minha alma.

* * *

Após a detonação do Nulificador, o aumento da entropia se irradiou rapidamente pelo multiverso. Horrores e apocalipses inesperados despontaram em mundos antes estáveis e pacíficos.

O que os habitantes desses mundos não conseguiriam compreender (pois não sabiam dos eventos similares em outras paralelas) era o fato de que não havia absolutamente nada que pudessem fazer. O que experienciavam como a derrota de sua própria espécie era, na verdade, a ruína de todo o multiverso. A decadência na qual soçobravam não fazia parte de qualquer ciclo histórico local – era a morte vagarosa e definitiva da existência.

Como palavras que se apagam no meio de um livro, deixando o restante de suas folhas em branco, o fim implacável se precipitou sobre universos racionais, improváveis e irracionais sem esperar pelo futuro...

Quanto aos que causaram a extinção da realidade – quanto aos homens e sua fome mal dissimulada pela destruição... Que suas sombras desapareçam na longa noite. Que sejam esquecidos.

E que descansem em paz.

Parênteses:

(Na Terra 870, há sombras em profusão. Guerras estúpidas, mortes estúpidas, gente estúpida. É um mundo feito de sangue e lágrimas, onde muitos estão cegos e os que possuem clarividência são poucos demais.

Na Terra 870, há cidades cobertas por uma fumaça negra e asfixiante. Há governos e corporações que almejam o controle total do indivíduo – e o fazem secretamente, sem que ninguém perceba. Há assassinatos e há atrocidades, e os mais fortes se orgulham de seu poder, e se enlevam com sua capacidade de matar.

Na Terra 870, animais são trucidados para alimentar os homens, e homens são trucidados para alimentar o horror. E o horror se farta com os sonhos perdidos, com a insanidade sistematizada, com a tristeza que, cedo ou tarde, se tornará o câncer.

Há sombras demais na Terra 870... Eu queria que ela fosse um mundo de alguma ficção terrível, e que pudesse ser esquecida numa pilha de livros, sob o peso de histórias melhores. Mas isso não é possível, porque este é o meu mundo. Esta é nossa Terra.

Se procuramos por personagens e situações que existem tão somente em nossas imaginações, e se nos ocupamos de contar e ouvir histórias que nos afastam, ao menos durante um instante, da escuridão, quem poderá nos culpar? Somos os filhos do desencanto – e nossas frustrações constroem vastos impérios, galáxias distantes de um outro tempo, mundos alternativos que visitamos no silêncio da noite. Audaciosamente, sonhamos.

As sombras persistem e nos toldam a visão – mas nos recusamos a esquecer a luz. E, às vezes, a luz nos alcança...)

A ponte

A Cassiopéia, como todos os outros cruzadores pesados da Frota, não resistiu à investida do Ultradomínio. No interior da última nau auxiliar a abandonar o que restava da grande nave, Data se sentou ao lado de Bender, chefe da equipe de manutenção.

- Ela se foi – disse, inconsolável. O chip de emoções, obviamente, estava em ação.

- Não se preocupe, capitão – Bender deu um tapinha em suas costas – Já era uma lata velha, de qualquer forma. Vamos substituí-la por alguma gatinha curvilínea e tudo ficará bem.

- O quê?

- Ela estava enferrujada, com parafusos a menos. Todo mundo sabia disso. Evidente que iremos sentir sua falta, mas...

- Não estava falando de Dot Matrix, Bender.

- Não?

- A oficial de comunicações está a dois metros de nós, olhando fixamente para você. Parece que ela sobreviveu.

Bender voltou o cilindro prateado que fazia as vezes de sua cabeça para o lado e se deparou com o olhar gelado da robô.

- Dot boneca! Estávamos falando de você agora mesmo!

1

[156 T.N.]

- É, ela continua perdendo os parafusos por aí – Bender bebeu mais um gole de cerveja e olhou para a tela do monitor interdimensional, onde um homem

de óculos, metido num avental branco, o encarava – Não sei mais o que fazer, chefia... A lata velha já está começando a me irritar.

Deixando o console do piloto, Dot Matrix se aproximou de Bender e se inclinou para beijá-lo. Como sempre, seu beijo fez um enorme

CLANG!

que ecoou por toda a nave.

- Espero que não esteja falando de mim, amor.

- É esta maldita espaçonave caindo aos pedaços. Já estou apelando para o dr. Bunsen. Não vejo como vamos tocar em frente a Multiverse Express com esta carroça.

- Olá, dr. Bunsen – Dot acenou para a tela, e o muppet de cabeça redonda como uma bola de futebol a cumprimentou.

- Olá, minha cara. Agora, Bender, vejamos... Já pensou em adquirir uma nova ferramenta de trabalho?

- Uma nova ferramenta...?

- Uma espaçonave zero ano-luz.

- Está louco? Isso custa dinheiro! Nós não temos dinheiro – Bender voltou o olhar para o rosto dourado de Dot – Temos?

- Não, querido. Felizmente, não somos humanos e não precisamos de comida. Caso contrário...

- Viu? Não temos dinheiro. E a nave está se tornando um perigo... Em nossa última missão entre paralelas, fomos parar no meio de uma batalha na Guerra dos dez milhões de anos. E nós havíamos programado esta banheira para fazer uma entrega na Terra dos Cavaleiros que dizem *Ni*.

- Bom... Passe por aqui, então. Verei o que posso fazer.

- Beleza, cara – Bender cortou a comunicação imediatamente – Sabia que podia contar com o bom e velho Bunsen. Vamos lá, Dot boneca, direto para a Terra dos Muppets!

2

Eles jamais chegaram ao seu destino. Com o motor engasgando sem tréguas, a espaçonave foi arremessada aleatoriamente por diversos universos – até que, finalmente, se viram à deriva na derradeira paralela de sua jornada.

- Bom, acho que é isso... A nave pifou de vez. Vamos ter de enviar um pedido de resgate, querida.

- Eu... bem que gostaria, Bender. Nada funciona. Estamos sem comunicação.

- O quê? Estamos presos aqui?

- É o que parece.

- Bom... – Bender foi até a janela de proa da nave e olhou para as trevas que os circundavam – E onde é “aqui”?

- Uma paralela não catalogada. Não há como saber em que zona do multiverso nos encontramos.

- Diabos. Que jeito de se aposentar.

Dot Matrix suspirou, então se sentou em sua cadeira. Desanimada, olhou vagamente para os sensores do console.

- Acho... acho que temos alguma capacidade de dobra. Nada que vá durar muito, mas poderemos tentar chegar a algum planeta.

- Melhor do que ficar encalhado no meio do nada. Vamos lá, garota. Vamos tentar a sorte.

A robô ficou um bom tempo analisando o que os sensores de longo alcance captavam do universo ao seu redor. As leituras eram as mais bizarras que já tinha visto.

- Não encontrei nenhum sistema solar para o qual possamos nos dirigir. Mas há algo... alguma coisa estranha por aqui.

Bender, que não fumava há alguns anos, começou a sentir falta de um

charuto. Estava ficando impaciente.

- É claro que estou ficando impaciente. O que está vendo em seus sensores, Dot?

- Há coisas... formas gigantescas se movendo nesta galáxia.

- Quão grandes?

- Uma delas não está longe. Em dobra um, teremos contato visual em duas horas.

Bender se aproximou de Dot e encarou seus olhos redondos e metálicos.

- De que tamanho essas coisas são, mulher?

- Cada uma possui cerca de oito bilhões de quilômetros de comprimento...

O robô ficou parado, tentando se decidir sobre o que fazer com aquele número.

- Ok... Você sabe que não entendo muito disso. Compare com alguma coisa familiar.

- O diâmetro do Sol é de um milhão e quatrocentos mil quilômetros. A distância da Terra ao Sol é de, aproximadamente, cento e cinquenta milhões de quilômetros.

- Oh. Então, estamos falando de coisas realmente enormes.

- Eu disse.

3

A criatura era um verme túmido que se arrastava no espaço, devorando lentamente as estrelas e os planetas que surgiam à sua frente, deixando apenas o vazio por onde passava. Seu corpo segmentado, dividido por anéis inchados, se retorcia a cada segundo, perturbando a órbita de estrelas distantes.

Após rasgar os sóis e consumi-los por inteiro, o verme se detinha por um momento – e então regurgitava, através da bocarra pútrida, diversos globos luminosos que desapareciam ou se apagavam quase que imediatamente. O

monstro, ao perpetrar o massacre de proporções cósmicas, parecia se movimentar mais rápido durante alguns minutos: decerto, a extraordinária energia consumida fornecia ao colossal organismo um alento...

Bender e Dot ficaram muito tempo em silêncio, boquiabertos. Finalmente, o robô conseguiu se expressar:

- Essa é a maior minhoca que eu já vi.

- Isso... Isso é terrível.

- Poderia ser pior.

Dot olhou para Bender, estupefata.

- Como poderia ser pior?

- Pulgas. Pulgas gigantes pulando de um lado para o outro.

- Bender! Isso é sério! E não é só porque estamos presos neste inferno!

- Não?

- Apenas neste quadrante da galáxia, há seis outros monstros iguais a este. E ainda há mais nos outros quadrantes e nas galáxias vizinhas. Provavelmente, estão espalhados por todo este universo, como uma praga... Bilhões deles.

- Isso é ruim.

- Não acaba aí. Veja o que os sensores captaram nos últimos minutos – Dot passou a Bender um pad com os dados – Planetas classe M. Habitados. Vida inteligente.

Atônito, o robô se ateve aos dados na tela do pad por um instante.

- O monstro agora se dirige para um sistema solar com um desses planetas – disse.

- Exato. O que vamos fazer?

- O que há para se fazer?

- Não vamos ficar parados enquanto a criatura ceifa a vida de bilhões de pessoas...

Bender olhou para o verme se movendo no espaço, grotesco, invencível. Incrédulo, fitou os olhos de Dot mais uma vez.

- Ok. Qual é o plano?
- Podemos ver se a nave alcança dobra dois, assim chegaremos ao planeta em menos de um dia. Depois disso, os motores não irão servir para mais nada – e não importa. Na atual velocidade, o verme só chegará lá em um mês. Teremos tempo para alertar as pessoas. Com sorte, será uma civilização que possui rudimentos da tecnologia de dobra. Alguns poderão ser salvos...

Bender pegou uma cerveja em seu abdome-bar.

- Plano bacana. Muito bom, mesmo. Eu tenho outro.
- Basicamente, envolve se sentar, tomar uma cerveja e não fazer nada?
- Basicamente, sim.

Com o costumeiro

CLANG!,

Dot beijou Bender.

- Ânimo, tolinho. Vamos dar uma rasteira nesse maldito verme do espaço.

4

Quando chegaram ao planeta, ficaram arrasados. Todos os habitantes eram lavradores, fazendeiros, gente simples do campo. Suas cidades pertenciam ao que, na história das Terras, poderia ser chamada de Idade Média. Porcos, galinhas e cães completavam o quadro campestre.

- Não me parece que eles saibam o que é uma dobra espacial, Dot.
- Provavelmente, não.
- Acho que ainda nem inventaram a roda.
- Não há nada que possamos fazer... E avisá-los seria negar a eles seus últimos dias de paz.
- Mas ainda podemos voltar à nave, não é?

- Sim, Bender. Para quê?

- Ora, para dar o fora daqui.

- A nave não suportará mais do que algumas horas em dobra um. Então, o que teremos? Um punhado de estrelas condenadas à nossa volta, e só. Neste lugar, ainda temos alguns dias pela frente. E campos verdes, e um céu azul. Melhor esperar aqui do que confinados àquela banheira, não acha?

Bender olhou mais atentamente ao redor. Perto de uma pequena casa feita de tijolos, uma criança rolava na lama, brincando com um leitão.

- Não acha, Bender?

- Estou pensando.

- Precisamos procurar por um lugar afastado. Essa gente nunca viu um robô na vida. Se isso acontecer...

Bender riu alto.

- O que foi?

- Tarde demais.

Dot se virou e percebeu que havia, não muito longe de onde estavam, uma meia dúzia de pessoas olhando para eles.

- O que a gente faz, Bender?

- Um deles está vindo em nossa direção. Vamos manter a calma e ouvir o que ele tem a dizer.

O homem, de poucos cabelos grisalhos e a face bastante envelhecida, tinha a expressão séria.

- Bem-vindos, meus filhos.

Bender olhou para Dot, perplexo.

- Hã... Não se importa com nossa aparência, senhor?

- Vocês são robôs, nós sabemos.

- Vocês sabem?

- Somos organianos. *Nós sabemos*.

- Organianos... – De repente, Dot se lembrou do que se tratava – Organianos! Eles também existem em outras paralelas, Bender! São seres

que evoluíram além de suas fronteiras biológicas... Tudo o que vemos à nossa volta são projeções criadas por eles para que possamos ter alguma referência. São tão poderosos quanto as entidades Q...

- De fato, criamos este mundo para que vocês se sentissem mais à vontade.

- Vocês sabem das criaturas? – a voz de Dot se tornou mais seca – É claro que sabem... Mas não fazem nada a respeito. Os vermes estão destruindo esta galáxia, este universo... Por que não interferem?

- Nós criamos os vermes, minha filha. Somos os responsáveis pelo que chama de “destruição”.

Dot mal podia acreditar no que tinha acabado de ouvir.

- Eles estão dizimando estrelas... Acabando com vidas...

- Não permitimos que avancem contra sistemas solares que possuem ou que venham a possuir vida no futuro. O planeta em que estão agora foi gerado apenas para que vocês viessem a nós de forma espontânea... e para que não fossem interpelados de maneira rude.

- Vocês querem algo de nós?

- Sim. Você e sua namorada foram trazidos para nosso universo porque precisamos de ajuda. Precisamos da *sua* ajuda, Bender.

- Vocês nos trouxeram...?

- Graças às falhas existentes em sua nave, sim. Foram várias tentativas, e não foi nada fácil.

- O que querem de mim? – Bender perguntou de forma brusca.

O homem falou calmamente – como se suas palavras fossem triviais ou menos do que inacreditáveis:

- Vejam, meus filhos: este universo não é uma paralela qualquer. Vocês estão no Universo Primordial – o mais antigo do multiverso. Aqui, nós fabricamos a realidade: tanto os mundos materializados dos quais os humanos fazem parte e que começam a explorar, quanto os mundos imateriais do multiverso etéreo, os quais ainda são desconhecidos dos homens.

“Mas como fabricamos o real? Através dos 'vermes', como vocês os conhecem. Eles são os próprios deuses da criação. Os corpos luminosos que produzem, resultado de um intrincado processo digestivo, são proto-universos. Tão logo são expelidos, esses “ovos” cósmicos adentram nos corredores interdimensionais e, no momento oportuno, cada um deles eclode, gerando a explosão que conhecem como o Big Bang.

“Uma vez, e apenas uma vez em toda a existência, um desses corpos luminosos não explodiu. Ao invés de se expandir e de se transformar em estrelas, planetas e seres vivos, o proto-universo se estendeu para dentro de si mesmo e se tornou consciente. Ele mudou – e se converteu no primeiro proto-multiverso.

“Vocês o encontraram. Há algum tempo, a nave Ariadne se deparou com o fenômeno no interior de um corredor interdimensional. Seus cientistas o descreveram como *'um sistema de paralelas-informações estruturadas e mantidas pelos filamentos de mensagens intercambiáveis que as conectam'*. Mas seus cientistas foram incapazes de perceber que se tratava de um organismo vivo, consciente... Incapazes de perceber que, também eles, estavam sendo observados, estudados. E, principalmente, os humanos não conseguiram enxergar que estavam diante de uma grande ameaça.

“Pois o proto-multiverso, neste exato instante, está alterando toda a realidade, manipulando a história de forma a destruir o multiverso num período relativamente curto. Assim, ele poderá se libertar, tomando o lugar da atual superestrutura. Alguns de vocês estão sendo utilizados como as marionetes facilitadoras do juízo final – um deles é aquele que conhecem como Kirk. Seu Imperador, não sem razão, sente que o livre-arbítrio inexiste – ainda que o perceba como uma ideia nostálgica e distante... um membro fantasma no lugar do que foi removido.

“Nós não temos poder sobre a criatura, não podemos intervir. Mas ela pode ser destruída. Há uma arma... uma bomba construída para acabar com o multiverso – o Nulificador Total. Se a bomba for detonada no interior do

proto-multiverso, seu efeito se limitará à estrutura que a cerca. Colocando de forma que possam compreender: seria como um vírus de computador destruindo um sistema operacional virtualizado, enquanto o sistema anfitrião não é afetado.

“Antes que isso possa ser feito, porém, há outro problema: graças aos nossos esforços, o único universo não manipulado é este em que nos encontramos. Os outros, sem exceção, possuem sua linha histórica comprometida. Dessa forma, qualquer tentativa de sair do “script” será anulada e reescrita de imediato. Tomem como exemplo o próprio narrador desta história, habitante da Terra 870: o que ele escreveu até o momento foi amplamente corrompido pelas maquinações do proto-multiverso. Tudo parece irremediavelmente preestabelecido, e sua “ficção” aponta para um final imutável. Mas as coisas não precisam terminar dessa forma. Há uma maneira de restaurar o livre-arbítrio... Se lograrmos êxito, as possibilidades estarão novamente em aberto – e então, teremos a chance de aniquilar nosso nêmese.

“Por isso, precisamos de você, Bender. E acredite: sua simples presença aqui já é o suficiente”.

O robô nada disse – pois não era necessário. Sob a luz rósea da tarde projetada pelos organianos, o autômato metálico aceitou humildemente seu destino. Qualquer que fosse seu fado, ele...

- Ei, ei! “Aceitou humildemente” o cacete! – Bender rugiu – O narrador da história pode estar comprometido pelo proto-multiverso, não eu – Pegou uma cerveja e se voltou para o homem à sua frente – Agora, meu chapa, me explique tudo de novo, porque eu não entendi bulhufas...

- Você pode ouvir o narrador, não é?

- Essa voz se intrometendo a cada instante, descrevendo o que fazemos e o que supostamente pensamos? Claro que sim.

- Que voz? – Dot estava totalmente perdida.

- Aí! Viu? O narrador disse que você está perdidona.

- Pode apostar que sim! Desde quando escuta essa voz?

- Ora, desde sempre. Todo mundo a ouve... – Bender olhou do organiano para Dot, então novamente para aquele – Não ouve?

- Trata-se de um fenômeno raro. Nós não ouvimos a voz de nosso narrador, ela não é para aqueles que fazem parte de sua narrativa... Pode compreender, Bender? Pode compreender como sua presença em nossos domínios é da máxima importância? Você é a ponte.

- A ponte?

- Entre o único universo livre e o narrador. As palavras que pode ouvir diminuem o abismo entre nós e ele como um buraco-de-minhoca, como um corredor interdimensional. E palavras... palavras são mágicas.

Um clarão cegante, e o mundo que eu conhecia desapareceu sob meus pés. Estava ficando louco? Estava perdendo o controle sobre a fronteira entre o real e o imaginário? Tranquilo, o organiano sorriu para mim:

- Carlos Bittencourt, eu presumo. Bem-vindo aos mundos que existem além de sua imaginação...



WILLIAM SHATNER DESTRÓI O MULTIVERSO

Anteriormente...

Começou cinco milhões de anos depois de amanhã. Com suas memórias do futuro, o construto do Nexus chamado James T. Kirk compreendeu que era uma das peças de um jogo de cartas marcadas, onde a destruição total era o caminho inevitável e único a ser seguido.

O antigo multiverso deveria dar lugar ao novo – e, portanto, precisaria ser varrido da existência. Tudo foi planejado nos mínimos detalhes pelo proto-multiverso: os artífices da destruição foram escolhidos, a arma definitiva foi concebida, a hora e o local exatos da detonação foram selecionados. Os peões do destino agiam conforme os desígnios do proto-multiverso, garantindo o futuro já escrito, emoldurado pelas palavras do narrador-marionete. Mesmo os Organianos Primordiais, responsáveis pela construção do multiverso, estavam isolados em seu universo-ilha, incapazes de qualquer ação.

No entanto, a despeito da suposta inevitabilidade da história contada, ainda havia uma pequena chance de impedir que o William Shatner da Terra 422 desempenhasse seu papel e destruísse o multiverso...

Em





PARTE UM: ROCKET MEN

- Ka-pow! Ka-pow! – Nas suas mãos, a nave avançava por entre as estrelas, mais rápida que a própria luz! Atirava contra os inimigos, escapava de explosões cósmicas, seguindo pelo infinito espaço sideral...

- Ei, Will, o que você vai ser quando crescer?

O menino tirou os olhos de seu brinquedo e se voltou para a tia com espanto. Ninguém havia feito aquela pergunta para ele antes. Deveria saber a resposta? Diabos, ele só tinha seis anos de idade...

- O que eu quero ser? – Will largou o foguete espacial de plástico num canto da sala e ficou pensando durante um tempo – Eu acho que... hum... ainda não sei.

A mulher rechonchuda e de bochechas vermelhas sorriu.

- Quem sabe você quer ser bombeiro? Ou policial? Todo garoto da sua idade quer ser policial.

Will pensou mais um pouco. Bombeiro? Policial? Não, ele não iria ser nada disso. Então, de repente, ele descobriu exatamente o que iria ser quando crescer – e era como se já soubesse há muito tempo:

- Vou ser ator.

- Ator?

- É. Ator.

A resposta era tão séria que a mulher, quase sem o perceber, se deixou levar pela realidade:

- Mas atores não ganham dinheiro no Canadá... Largue isso. Você pode ser economista!

Will não arredou pé: estava decidido.

- Vou ser ator. Vou fazer sucesso nos Estados Unidos. E depois que estiver bem rico, vou viajar por aí. Talvez eu tenha até minha própria nave espacial de verdade, porque já será o futuro quando eu for grande...

I

O futuro

Picture yourself in a boat on a river
With tangerine trees and marmalade skies...

Entre as estrelas. Mais rápidos que a própria luz!

Somebody calls you, you answer quite slowly
A girl with kaleidoscope eyes...

Ele foi ator, cantor, diretor de cinema e tv, escritor, cavaleiro. Mas isso foi há muito tempo.

Follow her down to a bridge by a fountain
Where rocking horse people eat marshmallow pies...
Everyone smiles as you drift past the flowers
That grow so incredibly high...

Hoje, ele está à frente da Enterprise.

Lucy in the sky with diamonds...
Lucy in the sky with diamonds...

Hoje, William Shatner é exatamente quem ele gostaria de ser. Quem tem essa chance? Quem consegue realizar plenamente seus sonhos de infância? Não há nada mais difícil, e todos precisam fazer concessões durante a vida. Todos precisam deixar para trás um pedaço ou outro do sonho.

Todos, exceto William Shatner. Ele conseguiu. Ele escalou a grande montanha e chegou ao cume, num ponto onde só se vêem as estrelas...

Lucy in the sky with diamonds...

- Cantando, Bill?

Ao seu lado na ponte de comando, Leonard Nimoy o encarava com um olhar irritado. Seu amigo não estava no melhor dos humores.

- É, sei que não se espera isso do capitão de uma nave estelar. Mas eu simplesmente não posso evitar – Shatner sorriu.

- Imagino que não. Mas você sabe que não é, de fato, o capitão da Enterprise, não é? Ou já se esqueceu de novo?

- Estou sentado no centro da ponte. Quem se senta no centro da ponte?

Nimoy encolheu os ombros e suspirou.

- O capitão.

Shatner riu alto.

- Deus, isso é divertido.

- Não, não é.

- Claro que é! Veja só você, com essas orelhas vulcanas postiças! Eu não consigo parar de rir só de olhar para isso!

À frente dos dois homens, o piloto e o navegador acabaram acompanhando Shatner com alguns risinhos. Nimoy bufou:

- Já estamos nisso há dois anos. Não se sente incomodado?

- Somos a inspiração para uma Terra arredia em relação à exploração espacial. Os “verdadeiros” Kirk e Spock que todos precisam ter como modelos... como espelhos. Não, eu não me sinto incomodado. Na verdade, faria isso para o resto da vida.

Nimoy se sentou na cadeira destinada ao comandante da nave e ficou encarando a tela da ponte por um tempo.

- Marionetes, Jim. Manipulados pelo Imperador, viajando através da galáxia para encenar um embuste... Para quê? Estamos seguindo para onde? Qual será o nosso verdadeiro destino?

Shatner deu outra risada sonora.

- Qual é a graça, agora?

- Você acabou de me chamar de “Jim”!

O homem com as orelhas vulcanas se afundou em sua cadeira.

- Dois anos sem interrupções, Bill. Dois anos dentro do personagem. É uma surpresa que você ainda não tenha gritado “Khaaan” em algum momento.

Shatner piscou:

- Estou esperando pela hora certa.

Nesse instante, a porta que dava acesso à ponte deslizou para o lado. O andróide foi até Shatner com um ar indiferente.

- Pode me dar licença, senhor?

- O quê? Ah, sim – Shatner se levantou da cadeira imediatamente. Ele fazia uso dela apenas em eventos ou ocasiões especiais – Para onde estamos indo agora, capitão?

Lore não se sentou. Ficou imóvel ao lado dos atores, aparentemente mais entediado do que de costume. Finalmente, respondeu:

- Bom... Estávamos indo a uma solenidade no quadrante Beta, mas os planos foram alterados. Parece que haverá uma festa em sua... em homenagem ao capitão Kirk e ao sr. Spock que vocês representam. Estamos voltando para a Terra Nova.

- Uma festa – disse Nimoy, quase tão anestesiado quanto Lore – Parece fascinante.

O andróide sorriu palidamente.

- Estamos em uma nave chamada Enterprise. Antigamente, o nome significava alguma coisa... Isso quase me dá vontade de retornar às minhas atividades menos honrosas de anos passados. Pelo menos, havia alguma diversão.

Shatner balançou a cabeça, reprovando os dois homens.

- Quanta negatividade. Nós somos importantes. E a Enterprise é mais necessária do que nunca.

Lore gargalhou.

- Uma nave da classe Defiant! Pequena, robusta, extremamente veloz. E o que ela faz além de desperdiçar seu potencial? O que fazemos com ela? Às vezes... eu me questiono sobre a sanidade do Imperador.

- Eu também – disse Shatner.

- Mesmo? – Lore pareceu surpreso.

- Na verdade, não me questiono. Eu sei que Kirk está louco – mas isso não importa.

- Não?

- Claro que não. O que importa é que Nimoy e eu somos reverenciados em toda a galáxia, homenageados, festejados, condecorados e mais uma porção de outros '*ados*'...

O capitão da Enterprise olhou para o “vulcano”, incrédulo. Nimoy deu de

ombros:

- Somos apenas humanos, Lore. Esperar que Bill não acentue seus traços egocêntricos numa situação como a que nos encontramos é pedir demais.

- Não somos apenas humanos. Somos atores... – Shatner voltou a se sentar na cadeira do capitão, se esquecendo completamente do pedido de Lore – Vamos dançar conforme a música, certo, sr. robô?



A USS Enterprise sob o comando do capitão Lore

Na porta do quarto, Carol observava a criança em silêncio. David Marcus não sabia que sua mãe estava lá.

- Não tem a menor chance contra meu Atomicanhão, capitão Spectrum!

- Nem tente, General Terror! Minha nave está equipada com o Mega-Escudo!

- Sua nave, sim. Mas e o mundo que você jurou proteger? Há escudo suficiente para todos, capitão Spectrum?



Após a gargalhada sinistra, o menino se calou, a espaçonave imóvel nas mãos. Atenta, Carol observou as feições do filho: os olhos fixos em algum ponto à frente de suas mãos, os lábios entreabertos, a expressão muito séria. Ele não prestava atenção em mais nada ao seu redor – tudo o que importava neste momento era derrotar o General Terror...

Finalmente, após alguns segundos de suspense, o tempo voltou ao normal:

- Meu raio encolhedor acaba de miniaturizar a Terra, General Terror! Agora, todos estão sob minha proteção!

- Maldito capitão Spectrum!

Carol sorriu. David sempre dava um jeito de resolver as armadilhas de suas brincadeiras (mais ou menos como seu pai faz na vida real, ela completou com certa preocupação).

- Eu voltarei, Spectrum! Um dia, você não terá respostas para minha ameaça! Um dia, eu serei a tempestade e você... você será uma folha colhida pela enxurrada!

II

Porta, Luz, Poesia

Não desças os degraus do sonho
Para não despertar os monstros.

em *Os Degraus*, Mário Quintana

Olhou para o céu nublado sobre sua cabeça: as nuvens escuras estavam baixas demais, rápidas demais. Um raio iluminou todo o horizonte, como o prenúncio de uma grande tempestade. Era um sonho – claro. Geralmente, David Marcus sabia que estava sonhando dentro de seus próprios sonhos – e agora não era diferente.

- O monstro está vindo! – gritou alguém, e desapareceu num dos becos da cidadela. As ruas estavam desertas, silenciosas. Dentro das casas ensombrecidas, homens, mulheres e crianças choravam e rezavam por suas vidas.

David não correu. Ele não estava assustado. E ele sabia exatamente o que fazer para impedir que o monstro continuasse a aterrorizar a cidade. Evidentemente, o monstro não poderia ser combatido diretamente. Ninguém seria capaz de derrotá-lo de maneira convencional.

O monstro chegou com a tempestade e fez as vítimas do dia. Dilacerou a carne dos assassinados e sorveu as lágrimas dos sobreviventes, como sempre, e depois desapareceu. As nuvens se dispersaram e o céu se tornou azul novamente – e assim permaneceria até que o massacre se repetisse no dia seguinte.

David Marcus prometeu a si mesmo que não haveria uma próxima vez. Reuniu a população na praça da cidade e falou:

- O monstro não será derrotado com armas ou com o desejo de vingança. O monstro não será vencido com as falas vazias dos políticos ou com as falsas promessas das religiões. Não se enganem, a civilização não sobreviverá à sua cegueira!

- E o que sugere, forasteiro?

- O que há para se fazer?

- Suas falas são vazias, forasteiro! O que vai prometer?

David Marcus sorriu.

- Sem promessas para um futuro distante. Vou mostrar a vocês agora mesmo.

Sob o olhar atônito do povo, David Marcus mostrou as três ferramentas que tirariam do monstro seu poder.

- Suas casas não possuem portas. Sem portas, o mal entrará sem pedir licença.

- O que são “portas”?

David Marcus mostrou como se fabricar uma. Instalou-a na entrada de uma casa.

- Suas casas não possuem luz. Sem a luz, o mal continuará se aproveitando da escuridão para atacá-los.

- Mas a luz sempre se apaga...

David Marcus mostrou como se fazer um lampião, permitindo que a luz durasse por mais tempo.

- Vocês não possuem poesia. Sem a poesia, o mal se instalará em seus corações.

- Como fazer uma poesia?

David Marcus pensou durante muito tempo. Parecia que ele se esquecera:

era como se algo faltasse à sua alma... mas o que seria?

- Como criar uma poesia?

David Marcus fechou os olhos e buscou a resposta dentro de si. Finalmente, a encontrou:

- É preciso ser livre. Ninguém se perde, se encontra ou ama sem ser livre.

- Nós somos livres?

- Não mais. Há algum tempo, alguma coisa nos tomou a liberdade. Alguém... desligou a chave do livre-arbítrio.

- E você sabe como ligar a chave do livre-arbítrio novamente?

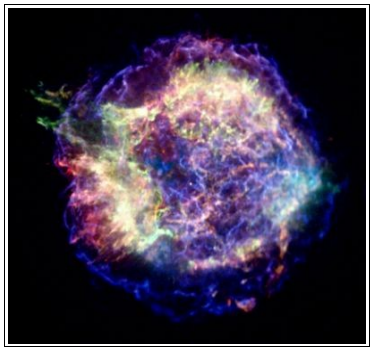
David Marcus abriu os olhos. De volta à sua nave, se sentou à beira da cama, perplexo. Respirou fundo: a sensação poderosa de que havia descoberto algo muito importante sobre si mesmo percorreu todo o seu corpo. Levantou-se, andou até a janela da cabine. Emoldurado pelas estrelas, seu reflexo o encarou.

- Então, é por isso que tudo parece condenado.

- Alguém *(o monstro)* fez o impensável.

- Você saberá como ligar a chave do livre-arbítrio? Saberá qual é a chave?

- Não. Mas é o que nos resta... É tarde para não descer os degraus do sonho: o monstro já está desperto.



O monstro... também conhecido como o Proto-Multiverso

VUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUSH.
VUUUUUUUUUUSH.

Nave veloz no espaço. Ela faz um barulho engraçado...

VUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUSH.

Possuo uma nave com a forma de minha mão...

VUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUSH.

Eu penso. Meu cérebro positrônico sussurra os comandos necessários. A nave – minha mão – obedece.
Não estou preso a nenhuma forma previamente estabelecida – meus pensamentos são vagos, livres, não se vinculam a quaisquer conceitos formais. Para tristeza de meu pai (ele não sabe, mas posso ouvir seus lamentos).
Eu sinto por ele – mas não posso mudar o que sou.

VUUUUUUUUUUUUUUUUSH.

Meu pai, o Dr. Noonian Soong, começa a trabalhar em outro de pele dourada, parecido comigo. Meu irmão?
Ele acredita que conseguirá evitar minhas falhas no próximo modelo.
Meu nome é B-4. Eu venho antes. Eu partirei antes. Uma nave perdida entre as estrelas sem que ninguém saiba de sua existência.
É o meu destino.
E tudo passa tão rápido...

VUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUSH.

III

O inocente

É o meu destino – Data diria no futuro próximo. Por conta de algum defeito no capacitor de fluxo quântico, sua voz viajou para o passado e soou na cabine de controle da crononave no instante que todos conhecemos como o presente (e ao ouvir a si mesmo, ao ouvir o som que ele ainda não articulara, o andróide não deixou de experimentar a estranha sensação de que um fantasma mecânico o observava atentamente).

Tendo em vista o pequeno problema (a sincronia de tempos não sincrônicos no interior de uma crononave não chega a ser fato raro), Data começou a testar alguns dos instrumentos de bordo que não eram utilizados na atual travessia. Acabara de deixar os atores na coordenada especificada no cristal de dados, e agora seguia rumo ao ponto final de sua jornada.

Não fosse o eco vindo do futuro, Data jamais teria entrado em contato com os insólitos eventos que se tramavam e que se estendiam no tempo-espaço. Seria o seu destino sobreposto às maquinações que moldavam os acontecimentos? Seria um acaso não previsto pelo proto-multiverso?

De qualquer forma, o andróide acionou os sensores mnemônicos de longo alcance da crononave – e eles captaram o distúrbio na superestrutura do multiverso. Data viu o aumento progressivo da entropia devorando a realidade, destruindo grandes civilizações e mundos sem fim, corroendo o próprio tempo. Nas telas de sua nave, Data testemunhou guerras sem sentido e catástrofes inexplicáveis drenando a força de povos antes destinados às estrelas. Não haveria possibilidades de novas escolhas e novos futuros: o amanhã seria apenas um longo corredor escuro, sem portas.

- É possível determinar um ponto inicial para a crise?

- Defina “crise” – demandou o computador da nave.

- A destruição generalizada e rápida do *status quo*, captada pelos sensores mnemônicos. A súbita decadência que parece permear o futuro de todas as paralelas do multiverso.

Alguns segundos se passaram. Finalmente, os dados surgiram numa das telas:

Terra Nova. São Francisco. Palácio Imperial. Salão de Festas. Ano 156 da ocupação. Dia 4 de outubro, 23 horas, 42 minutos, 42 segundos.

- O que causou o fenômeno? – perguntou, mas já sabia a resposta. Havia apenas uma arma em todo o multiverso capaz de causar o fim da própria realidade.

- O Nulificador Total.

Sem se alterar, Data se debruçou sobre o console de navegação e alterou as coordenadas de sua viagem.

- Dois anos em meu futuro... mas chego lá em segundos. Computador, quem acionou a bomba?

- William Shatner.

Os olhos de Data se arregalaram e ele se ergueu de sua cadeira. Incapaz de impedir que o chip de emoções entrasse em funcionamento, o andróide gaguejou:

- O mesmo... o mesmo que acabamos de resgatar?

- Correto.

- Mas como... Por quê?

- Dados insuficientes.

Por algum tempo, o andróide nada disse. E aos poucos, sua rede neural detalhou a missão que ele precisaria cumprir.

- Computador... Minha contraparte do futuro estará no evento em que o Nulificador foi acionado?

- Negativo.

Com ar resoluto, Data foi até o depósito de armas da cabine de controle e retirou de lá um phaser. Então, com calma e habilidade, removeu o chip de emoções da parte posterior de seu crânio. Agora, ele precisaria de toda objetividade possível. Agora, indo na contramão de todos os seus princípios, ele precisaria ser menos humano e mais máquina. Data se tornaria um assassino.

- É o meu destino – disse para si mesmo, e também para o inocente de alguns minutos atrás.



O capacitor de fluxo quântico

PARTE DOIS: “UM ANDROIDE, UM CIENTISTA E UM ATOR FAMOSO...”

IV

O assassino

Phaser em punho, Data se teleportou diretamente para os aposentos de William Shatner, no Palácio Imperial. Eram dezenove horas de um gélido quatro de outubro, ano 156 de ocupação da Terra Nova. O homem estava deitado em sua cama, lendo alguma revista, e não percebeu o andróide apontando a arma em sua direção.

Feito o serviço, Data voltou à crononave. De imediato, ligou os sensores mnemônicos de longo alcance para se certificar de que o futuro estava a salvo. Para sua surpresa, nada havia se modificado: o multiverso seguia em seu curso rumo à destruição.

- Outra pessoa soube como acionar o Nulificador?

- Negativo. William Shatner está vivo – o computador respondeu.

- Acabei de matá-lo.

- O alvo foi um holograma do ator.

- Um holograma? Nossos sensores saberiam diferenciar entre um organismo e um simulacro. Eu sequer teria me teleportado para lá...

Data meneou a cabeça lentamente.

- Estava fácil demais. Ao que parece, ele estava esperando por isso. Utilizou alguma tecnologia que desconhecemos para enganar nossos instrumentos. Computador, fomos detectados por alguma outra nave?

- Negativo.

- Ótimo. Vamos sair daqui antes que aconteça.

- Destino?

- Uma hora no futuro.

Às vinte horas e sete minutos, após uma observação mais rigorosa através de seus sensores, Data finalmente conseguiu localizar o verdadeiro William Shatner. Estava em uma saleta na companhia de outros dois homens – um era seu colega ator, Leonard Nimoy; o outro era ninguém menos do que o próprio Imperador.

Kirk saberia o que estava havendo? Saberia o que Shatner estava prestes a fazer? Se sim, por que não o impedia? Mais: como o Nulificador Total havia chegado ao Palácio Imperial? Como isso escapara ao homem que sabia tudo?

- Computador, há alguma anomalia energética no Palácio que possa nos ajudar a localizar o Nulificador?

- Negativo.

Data estreitou os olhos e encarou a figura de Jim Kirk em seu monitor durante alguns instantes – e por um breve momento, teve a nítida sensação de que o Imperador olhou diretamente para ele.

- Trave as coordenadas do teletransporte em Shatner. Vamos fazer com que ele venha a nós... Não, melhor: teletransporte-o para o vácuo lunar.

- Um campo de energia foi erguido ao redor de todo o Palácio, impedindo qualquer teletransporte.

- Uma medida que só é tomada em tempos de guerra... – Data ergueu uma sobrancelha – Deixe-me adivinhar: o campo foi erguido na última hora, após a primeira tentativa de assassinato.

- Afirmativo.

- Muito bem. Vamos voltar quatro horas no tempo.

Dezesseis horas:

- Onde ele está agora?

- A bordo da USS Enterprise. Está prestes a chegar à Terra Nova.

- Enterprise... Quem é o capitão?

- Para a mídia e o público em geral, o James Kirk de uma das paralelas invadida pelo Ultradomínio – interpretado por William Shatner.

- Quem é o *verdadeiro* capitão?

- Lore.

Os olhos do andróide brilharam.

- Tão logo esteja ao alcance, poderei me conectar com meu irmão através da rede positrônica que desenvolvemos. Direi a ele o que está prestes a acontecer. Ele saberá o que fazer.

- A Enterprise sairá de dobra em um minuto e trinta e oito segundos.

- Meu irmão está morto há dois anos, após seu cérebro positrônico ter sido irremediavelmente avariado pelo mau funcionamento do capacitor de fluxo quântico da crononave. Em termos humanos, poderíamos dizer que ele ficou insano... Então, quem é... o que é você?

Data olhou para os lados, desorientado. Havia se esquecido de dar uma olhada no capacitor, e agora, novamente, uma voz do futuro chegava até ele. Quando a Enterprise saiu de dobra, ele criou o elo com a mente de Lore – e ouviu novamente as palavras que questionavam sua identidade.

- B-4? É você? – continuou Lore – Pensei que havia sido desmantelado há décadas.

- Eu não sou B-4, isso não é uma conspiração. Estamos realmente à beira de uma catástrofe de proporções inimagináveis... Você precisa matar William Shatner antes que ele cumpra seu destino.

Lore ignorou por completo a fala de Data.

- A não ser que você seja realmente quem diz ser. Ainda não voltou ao seu tempo original, não é?

- É isso mesmo. Finalmente, começou a pensar.

- Data, a insanidade já está afetando suas decisões. Deixe-me assumir o controle da crononave e enviá-lo para casa. Talvez ainda haja um jeito de...

Data cortou a conexão, sabendo que aquilo seria inútil. Apesar de todas as melhorias éticas que havia implementado na programação de Lore, seu irmão continuava um obstinado. Evidentemente, tudo o que dissera acabaria sendo um complicador para si mesmo – o holograma no quarto do ator, decerto, seria planejado levando-se em conta o que acabara de acontecer.

- Vamos sair daqui, computador. Vamos para vinte e duas horas.

Quando a crononave desapareceu, Shatner e Nimoy entraram ao mesmo tempo na ponte da Enterprise.

- O que aconteceu aqui?

- A verdade, sr. Shatner? – Lore parecia desnorteado – Aparentemente, meu irmão quer matá-lo.

- Como é que é? Por quê?

- O senhor não vai acreditar...

Uma hora e quarenta e dois minutos antes que William Shatner decretasse o fim de todos os universos. Data estava indignado: ele não estava em uma paralela pró-histórica, aquele não era um universo linear... O que significava que os fatos de sua história eram maleáveis, sujeitos à intervenção de ocasionais viajantes do tempo. Então, por que parecia impossível alterar aqueles eventos? Tratava-se de uma anomalia pontual no tempo-espaço da Terra Nova? Tratava-se (*e mais uma vez esta palavra se embrenhava em sua mente*) de destino?

- Onde está Shatner?

- No salão de festas.

- Podemos alvejá-lo com nossos torpedos?

- O Palácio agora está protegido por um campo defensivo.

- Claro que está – Data suspirou e sorriu amargamente. Havia acabado de colocar de volta o chip de emoções: de certa forma, achava que deveria enfrentar aquilo como um homem, não como um amontoado inteligente de circuitos.

- Não sinto Lore nas imediações. Pode localizá-lo?

- Negativo.

Neste mesmo instante, a Enterprise entrou no espaço normal a apenas algumas centenas de metros da crononave, e a aprisionou com o raio trator. Um forte solavanco fez com que Data perdesse o equilíbrio e caísse ao chão.

- Você está preso em nome do Imperador – disse Lore, surgindo na tela principal da cabine – Projetamos um campo de força que o impedirá de se aproximar dos controles de navegação. Agora, abaixe seus escudos para que possamos entrar em sua nave.

Data podia não alcançar o console de navegação – mas, como era um de seus velhos hábitos, havia dado total acesso ao computador.

- Vinte e quatro horas no passado! – ordenou.

A crononave desapareceu imediatamente, e o raio trator da Enterprise se dispersou no vazio.

- Ele sabe de nossas coordenadas. A classe Defiant não é construída para se deslocar no tempo, mas nada impede que Lore tente a manobra de circunavegação solar. Tire-nos daqui, computador. Vamos para... – Data encolheu os ombros – Vamos para 154 T.N., nosso destino original. Terei tempo de sobra para planejar. Encontrarei uma maneira de salvar o multiverso... mesmo que desencadeie uma série infinita de paradoxos.

O computador se permitiu uma sugestão:

- Se paradoxos são inevitáveis, a eliminação da unidade Shatner-422 poderia

se dar antes de seu nascimento. O assassinato de seu avô quando jovem deverá ser suficiente para impedir o futuro indesejável.

- Já pensei nisso. E parece mesmo uma boa idéia. No entanto, provavelmente Shatner não é o único que pode acionar o Nulificador. Com o tempo, a realidade trataria de substituí-lo por outra peça – e foi por isso que tentei matá-lo tão próximo da conclusão do evento: a fim de dificultar ao máximo a sua reposição...

Data ficou em silêncio durante alguns segundos. E então, mais uma vez, uma voz de seu futuro o alcançou:

- Ninguém é capaz de alterar o que já está escrito.

Era quase um sussurro, e parecia ter vindo de fora da cabine de controle – talvez do hangar do Palácio, pensou o andróide.

- Isso, Imperador, nós veremos – disse, em desafio.

Minutos mais tarde, no hangar:

- Quando se conhece o futuro e se percebe que não há livre-arbítrio ou escolha alguma, também se descobre que não é possível perder a própria alma: porque não há nenhuma para se perder – Kirk destravou o phaser, fazendo com que este emitisse um leve silvo – Deve ser triste para você, que sempre desejou ser membro da humanidade: mas nós não somos, nunca fomos diferentes em nada. Não passamos de máquinas programadas para cumprir determinado objetivo. Nada mais que isso.

A arma foi disparada – e no último milissegundo antes que o raio destroçasse seu cérebro, Data se desprendeu dos circuitos que o mantinham integrado àquela forma, alçando um vôo invisível, indetectável, através das estruturas materiais do mundo à sua volta. Sua consciência, projetada para o corpo inanimado de B-4, despertou quase que de imediato: o processo de atualização de memória e o download de processos anímicos se completaram em segundos.

Estava nos Laboratórios Soong, a trinta quilômetros do Palácio Imperial. Com alguma dificuldade, abriu os próprios olhos e conseguiu enxergar Lal, atônita, ao seu lado. Numa tentativa de acalmá-la, sorriu:

- Quem disse que não temos alma?

A andróide permaneceu imóvel por um tempo. Enfim, conseguiu formular a pergunta:

- O que aconteceu ao seu outro corpo, pai?

- Aquela unidade está perdida. Mas não importa – Data se ergueu do casulo que protegia o novo invólucro de seu ser – Agora, vamos sair daqui enquanto ainda temos tempo. Vamos fugir deste planeta, deste universo... Duvido que o Imperador não saiba o que aconteceu.

- O Imperador?

- Nós acabamos de nos tornar fugitivos, Lal. Teremos de ficar longe de Kirk nos próximos dois anos... e nesse período, iremos nos preparar.

- Para quê?

- Para matar um homem que não pode ser morto...



Data faz alterações secretas num dos modelos construídos pelo Dr. Soong (2377 – Terra Um)

V

A Casa das chaves

Havia apenas uma forma de se chegar ao que alguns chamavam de “o último dos mundos”. Se Ctonos só poderia ser alcançado através dos sonhos, a passagem para a dimensão da Casa das chaves se dava somente através de um poderoso alucinógeno – conhecido em diversas Terras improváveis pelo pitoresco nome de “pó de pirlimpimpim”.

Numa Terra em que a geração Paz e Amor tomou o poder e se tornou a ordem vigente, David Marcus encontrou fácil acesso ao pó: era vendido em bancas, farmácias e lojas de cigarros, sem nenhuma restrição.

- Este é do bom, parceiro – disse o farmacêutico, um homem baixo de olhos vermelhos e cabelos despenteados – Enquanto nosso mundo gira, você gira em outros mundos... Quaisquer mundos que desejar...

- Basta desejar?

- Tipo... Você sabe... Tem de querer com força.

- Eu preciso chegar ao último dos mundos.

O farmacêutico arregalou os olhos.

- A Casa das chaves?

- A Casa das chaves.

- Vai precisar do super-pó, parceiro – ele alcançou um pacotinho azul sobre o balcão – É mais caro, evidentemente.

David havia teletransportado uma pequena quantia de um banco – leve transgressão que, ele esperava, seria compensada pelo bem maior. Passou rapidamente o dinheiro ao homem, que o guardou num dos bolsos de sua camisa com estampa florida.

- Certo. Então... tipo... esse negócio especial vai te levar longe.

- Até a Casa das chaves.

- Isso.
- Mas... hã... Como faço para...
- Usar o negócio?
- Exato.
- Parceiro, você não é deste planeta. Uma pitadinha vai bastar. Visualize seu destino, então jogue o pó sobre si mesmo...
- Só isso?
- E não se esqueça de levar um pouco do pó em sua viagem. Para a volta.
- Não basta esperar que o efeito passe?
O homem riu alto.
- Você não é mesmo deste planeta...
Sem compreender a verdadeira natureza do pó, David tratou logo de voltar à sua nave. Aquela Terra – com sua abundância de flores exóticas, perfumes intoxicantes, cores intensas e fumaça adocicada – causava-lhe forte enjôo...
David se sentou no chão da cabine de controle, olhando fixamente para o pacote em suas mãos. Fechou os olhos e visualizou o que imaginava ser a Casa das chaves.
Seus quartos sem fim.
Seus longos corredores iluminados por estrelas distantes.
A miríade de chaves enfileiradas nas paredes brancas...
- Espere.
Levantou-se, foi até um pequeno armário próximo ao console de navegação e tirou de lá um tricorder. Se a jornada envolvia também o seu deslocamento físico, talvez fosse importante ter em mãos um instrumento que o ajudasse a se orientar no último dos mundos.
Novamente, David cerrou os olhos.
Novamente, visualizou seu destino.
Então, retirou do pacote uma pequeníssima quantidade do pó.
- Certo. Vamos fazer isso – disse, e deixou que algumas partículas caíssem sobre sua cabeça.

Ele não sentiu nada. Esperava experimentar alguma sensação de movimento, qualquer coisa que indicasse que ele não se achava mais em sua pequena nave em órbita geoestacionária... Frustrado, voltou a abrir os olhos.

Era uma casa muito engraçada...

Lá estava ele.
- Eu... consegui?
- Claro que conseguiu. Você usou o pó, não foi?
- Usei – David sorriu – Você não deveria estar falando, deveria?
- Eu sou a Casa das chaves. Faço o que quiser.
Era toda branca, e suas duas janelas entreabertas fitavam o visitante.
- Como se chama?
- David Marcus.
- O que deseja, David?
- Preciso encontrar a chave do livre-arbítrio. Alguém a desligou.
A porta da casa se abriu e se fechou várias vezes, num riso infantil.
- Como sabe que alguém a desligou?
- Isso explicaria muita coisa. As pessoas não são mais as mesmas. Algumas, acredito, sequer conseguem controlar os próprios atos.
- Mas você veio por vontade própria?
- Sim...
- Como explica isso? Você é livre ou é apenas o seu destino estar aqui?
- Eu tive um sonho. Uma revelação.
- E o sonho o libertou?
David ainda não havia pensado muito sobre isso. Estava realmente livre? Poderia intervir de fato nos eventos que moldavam os mundos?
- Espero que sim. Pelo menos, quero acreditar nisso.
- Mas a quem interessaria que a chave do livre-arbítrio fosse desligada?

- Eu não sei. Você poderia me dizer.

- Não, não poderia – a casa deixou sua porta aberta – Entre. Procure por sua chave.

David olhou ao redor. A casa ficava em uma vasta planície, sobre um tapete de grama verde. No alto, o céu azul possuía um pequeno sol alaranjado, que o observava com curiosidade.

- Não há nenhum sol olhando para mim, não é? E você não está falando. São apenas efeitos do pó.

A casa piscou uma janela.

- Não se preocupe: cada um me percebe dentro de suas próprias limitações.

Antes de seguir em frente, David checou seu tricorder. Estava funcionando como deveria. Num dos bolsos de seu casaco, sentiu o pacote com o pó, guardado para seu retorno.

- Muito bem. Estou pronto – E como não custava tentar: – Sabe qual é a chave do livre-arbítrio?

A casa nada disse. Agora, se parecia com uma casinha comum: muda, perdida no meio daquela imensidão verde e azul.

David entrou, e a porta se fechou atrás dele.

O primeiro cômodo da casa era uma grande sala hexagonal com seis portas, exatamente como eram as células que formavam a Biblioteca Infinita, em Ctonos. Aqui, no entanto, não havia estantes de livros, mas chaves dispostas umas ao lado das outras – formando, em cada parede do hexágono, uma fila em linha reta situada a um metro e cinquenta centímetros do chão, e a dois metros e vinte centímetros do teto. David presumiu que estavam todas ligadas, com suas alavancas posicionadas para cima.

Eram todas iguais. Não havia uma identificação, nada que associasse cada chave à sua respectiva função. Acionou o tricorder:

- O que você quer?

- Hã... Agora você também fala?

- Eu sou o sr. Tricorder. Faço o que quiser.

- Muito bem. Diga-me, sr. Tricorder, há alguma assinatura não visível ao olho humano nessas chaves? Algo que as diferencie umas das outras?

- Você nunca me deu um abraço.

David começou a se exasperar.

- Você é um tricorder! Eu não abraço tricorders! Faça seu trabalho!

- Vai bancar o mal educado? Pois não vou fazer nada.

- Olha... Desculpe.

O sr. Tricorder piscou algumas luzinhas em seu display.

- Tudo bem... Mas você precisa me dar um abraço.

Reunindo toda a paciência que lhe restava, o homem envolveu o aparelho em seus braços e o apertou rapidamente contra o peito.

- Viu? Sabia que você se importava comigo.

- Claro que me importo – David ainda conseguiu falsificar um sorriso – Agora, sr. Tricorder, poderia me dizer...

- Não há como diferenciá-las. Mas há algo que escapou à sua percepção. A despeito do que você acredita, as chaves não estão em posição *on*. Olhe novamente.

De fato, as alavancas agora estavam centralizadas, num ponto em que não se poderia afirmar que as chaves estavam ligadas ou desligadas.

- Mas elas não estavam assim há alguns segundos.

- Porque você acreditou que elas, por padrão, estariam todas ligadas. Sua visão afetou o sistema, mas não chegou a modificar a realidade.

O gato de Schrödinger veio à mente de David de imediato.

- As chaves estão ligadas e desligadas ao mesmo tempo?

- Sem qualquer intervenção, elas permanecerão assim. O que garante o livre-arbítrio não é que sua chave esteja ligada – mas que exista a possibilidade de que ela esteja ligada.

- Através da interferência direta – continuou David –, as possibilidades paralelas entram em colapso, e resta uma única realidade: aquela em que a chave está somente desligada – ou somente ligada...

- Correto. Então, estamos procurando...
- … um campo quântico colapsado.
- Muito bem! Acho até que mereço outro abraço.
- Não force a barra.
- Certo.
- Ainda temos um problema... No decorrer de sua história, a Casa das chaves recebeu vários visitantes – e sofreu diversas intervenções. Provavelmente, existem muitos campos colapsados neste lugar. Pode localizá-los?
- Nesta sala, há um. Meus sensores não podem ler o que há nos hexágonos adjacentes.

David suspirou.

- Isso pode demorar.
- São infinitos hexágonos. Infinitas chaves. Talvez não demore tanto.
- Não seja sarcástico. Agora, qual chave está fora de sua posição original na sala?
- Está à sua frente. A terceira à esquerda da porta.

Apenas quando se aproximou, David percebeu que aquela chave tinha sua alavanca posicionada para baixo.

- Como vou saber que é a chave do livre-arbítrio? Como saber que minha missão terminou? Esta pode ser a chave da Lei, a chave do tamanho, a chave da comédia...

Com cuidado, deixou a alavanca no centro e esperou. Nada aconteceu.

- É isso?
- O que esperava? Um show pirotécnico?
- Eu não sei... Vamos em frente.

De repente, David se deteve. Olhou para o sr. Tricorder e sorriu.

- Acabo de descobrir qual chave acabamos de religar.
- Mesmo? E qual é?
- A chave da Visão Além do Alcance.

- A chave da...?

- A chave da *minha* Visão Além do Alcance. A Casa das chaves não nos enviou a este hexágono em particular por acaso – Gritou para as paredes, como se fossem capaz de ouvi-lo: – Obrigado!

- Suponho que a maioria das pessoas possua sua própria Visão Além do Alcance exclusivamente em *off*... E agora?

- Agora, eu *sei* exatamente onde se encontra nossa chave. E posso ver todas as implicações imediatas...

- Simples assim?

- Não temos tempo a perder. A Batalha de Proxima Centauri está prestes a começar... Droga, por que tudo tem de ser em cima da hora? Precisamos correr!

Com ar decidido, David avançou em direção à próxima sala. Ele se sentia forte, como se nada fosse capaz de pará-lo.

- Sabe o que faremos depois?

- Surpreenda-me.

- Vamos atrás da chave da guerra – seus olhos brilharam – Sei que já tentaram antes, sem sucesso. Mas eu posso achá-la...



David Marcus e o sr. Tricorder, pouco antes de entrarem na Casa das chaves

VI

A verdade

I miss the earth so much
I miss my wife
It's lonely out in space
On such a timeless flight

em *Rocket Man,* Elton John

- Um androide, um cientista e um ator famoso se encontram.
“Meu cérebro positrônico é insuperável. Posso tomar milhões de decisões corretas em um segundo, gabou-se o androide.
“Tudo bem, disse o cientista, mas fui eu quem criou seu cérebro. Isso faz de mim seu superior.
“O ator deu um risinho:
“Não preciso ser o mais inteligente – mas posso fingir que sou. E antes que percebam, vocês acreditarão que são dois oligofrênicos diante de um gênio”.

Nimoy ficou olhando para Shatner, sem saber o que fazer com aquilo.
- É uma piada?
- Uma tentativa. Ainda preciso trabalhar nela.
- Com certeza.
- Mas ela diz alguma coisa sobre ser ator. Sobre como fingimos tão bem que, não raro, nós mesmos acreditamos em nossas mentiras. Acreditamos que somos capazes de esquecer a verdade... Mas, no fim das contas, não é assim que funciona.
“Às vezes... eu não gosto muito de pensar sobre isso... às vezes, sinto falta do mundo que perdemos. Daquelas pessoas. Daquela vida. Da minha família”.

No pequeno bar a bordo da Enterprise, Shatner tomou mais um gole de cerveja romulana. Ao seu lado, igualmente debruçado sobre o balcão, Nimoy concordou em silêncio. Naquele momento, não havia mais ninguém no lugar – exceção feita ao barman.

- Aqui, quando não estamos sob os holofotes, você começa a pensar... Tudo isso se parece com um sonho, não? Nada parece fazer muito sentido, e você quer acordar, sair deste mundo de faz de conta...

- Sinto isso o tempo inteiro, Bill.

- Sei que sim. Eu tento me convencer de que tiramos a sorte grande, que chegamos ao ápice de nossas vidas... Mas não é assim que me sinto, na verdade.

Shatner abaixou a cabeça.

- Sinto saudade da minha mulher. Das minhas filhas. O fato de que nunca mais poderei abraçá-las me destrói por dentro, um pouco a cada dia. Mas ao menos é uma coisa real. Isso que vivemos nos últimos dois anos...

- Acho que está chegando a hora de termos uma conversa com o Imperador – Nimoy parecia decidido – É tempo de nos aposentarmos. Ele que arrume outros atores para seu teatro.

Shatner riu, sem jeito.

- Eu pensava que havia algo de mim em Kirk. E há, mas apenas no capitão que interpreto. O verdadeiro Kirk – o que nos meteu nesta farsa – é muito diferente. Ele não se importa com nada. Com ninguém.

- Talvez, ele seja vítima de uma outra farsa, e se sinta usado e manipulado mais ou menos como nós nos sentimos. Eu não sei.

- Tudo o que sei é que você tem razão: depois da festa no Palácio, conversaremos com Kirk. Precisamos sair disso.

De repente, eles se voltaram para a janela panorâmica. A Enterprise acabara de sair de dobra, e agora uma pequena nave estava à sua frente.

- O que está acontecendo? O que aquela nave está fazendo lá fora? – Shatner perguntou ao barman.

O homem, um telarita atarracado e ar de poucos amigos, parecia genuinamente surpreso:

- É a crononave do Imperador. Uma máquina impressionante...

Shatner e Nimoy trocaram olhares.

- Será a mesma que nos resgatou?

- Há apenas uma crononave no Império, Bill – Nimoy se afastou do balcão, em direção à saída – Vamos para a ponte.

- Acha que há algo errado?

- Estamos vivos graças à intervenção da crononave. E agora, sem motivo aparente, ela surge entre a Enterprise e a Terra Nova. Não me surpreenderia em descobrir que o próprio Data está no interior daquela nave.

- Data está morto há dois anos... – Shatner sequer piscou antes de prosseguir – A não ser que ele tenha vindo aqui antes de regressar ao seu próprio tempo.

- Exato. E por que ele teria vindo?

- Algo a ver com nós dois?

- Vamos descobrir.

No mesmo momento em que os dois homens entraram na ponte de comando, a crononave tremeluziu, então desapareceu diante de suas vistas. A expressão no rosto de Lore indicava que havia, de fato, algum imprevisto.

- O que aconteceu aqui?

- A verdade, sr. Shatner?



PARTE TRÊS: A ÚLTIMA NOITE

VII

O vôo da Phoenix



A Phoenix durante a Batalha de Proxima Centauri

Enquanto um aborrecido William Shatner perambulava pelo salão de festas do Palácio Imperial, mais de duas mil vidas foram perdidas no sangrento embate que ficou conhecido como a Batalha de Proxima Centauri. De um lado, a flotilha capitaneada por Data – composta por doze naves da classe Defiant –, cujo objetivo era chegar ao Setor 001; do outro, a frota do Imperador Kirk – dezesseis naves da classe Intrepid, oito da classe New Galaxy, além do Cruzador Imperial Leviatã (um monstro com mais de seis quilômetros de comprimento e três quilômetros de envergadura) –, que se configurava como um obstáculo praticamente intransponível.

A bordo da Phoenix, Data praguejou. Sabia que Kirk estaria à sua espera, evidentemente: não havia como surpreender o homem que enxergava tudo. Sabia também que um desequilíbrio de forças seria inevitável: ele e seu grupo haviam, num arriscado movimento, roubado aquelas poucas naves de um universo em que a Frota Estelar estava muito preocupada em se armar fortemente – embora não houvesse nenhuma ameaça no horizonte. Kirk, por sua vez, era dono de uma frota gigantesca, e empregaria quantas naves fossem necessárias para permanecer numa posição confortável.

O problema era a presença da Leviatã. Ele conhecia aquela nave, presenciou parte de sua construção. Ele sabia do que ela era capaz: toda a sua estrutura, negra como o espaço, era coberta por canhões phaser de grande porte; havia, literalmente, milhares de torpedos quânticos dispostos em centenas de câmaras adjacentes aos tubos de lançamento; em seu grande hangar, havia mais de duzentos caças equipados com torpedos fotônicos e canhões phaser de pequeno porte; seus escudos defensivos, regenerativos e capazes de suportar grandes impactos simultâneos em setores diversos (diferente dos escudos padrão, que se recalibravam para proteger uma área mais afetada, deixando outros setores desprotegidos), a tornavam virtualmente invulnerável.

- Olá, Data – a voz de Kirk ressoou na ponte da Phoenix – Como eu, você tem a mania de permanecer vivo quando deveria estar morto. Uma qualidade que admiro, sem dúvida.

- Ele está a bordo da Leviatã – informou Lal, do posto tático. Sua filha, a andróide que ele mesmo construíra há tanto tempo, estava visivelmente tensa. Os outros tripulantes – mercenários ou descontentes com os rumos da Terra Nova – sequer piscavam, emudecidos. A visão da Leviatã através da tela da ponte não deixava espaço para outras reações. Mesmo os bynarios que ocupavam os postos de piloto e navegador na Phoenix se mostraram espantados, arregalando os olhos negros e sacudindo as grandes cabeças calvas:

- Essa

- é uma

- nave

- bem grande.

- Seremos

- destruídos.

- Ou não.

- 10111 e 101010, por favor, fiquem quietos – pediu Data.

- Sim

- senhor.

- Agora, Kirk... Saia do nosso caminho. Nós estamos preparados para morrer. Vocês estão? – a voz de Data, seca, autoritária, pareceu ter um efeito calmante em sua tripulação. De repente, eles não estavam mais assustados ou intimidados: se era possível falar desse jeito com o próprio Imperador... então, diabos, eles poderiam fazer qualquer coisa!

- Vamos começar – foi a resposta.

- Quatro grupos! Galaxy é o alvo! – disse Data, e as naves sob seu comando formaram trios instantaneamente. Cada grupo atacou ferozmente uma nave da classe New Galaxy, depois os trios voltaram a se agrupar em doze. O ataque repentino, quando se esperava uma postura defensiva por parte das naves Defiant, foi sentido pela frota de Kirk. Por alguns segundos, nenhuma nave ousou um contra-ataque.

Mas ele veio: as quatro naves New Galaxy atingidas formaram um grupo de retaguarda, enquanto dez Intrepids tomaram a frente e avançaram contra as forças de Data, disparando uma saraivada de torpedos quânticos.

- Teletransportes! – gritou Data – Pontes de comando!

As doze naves Defiant concentraram feixes de teletransporte nos torpedos que se aproximavam. Todos desapareceram imediatamente, apenas para ressurgir (ainda em movimento graças à inércia) sobre as respectivas naves que os dispararam. Com a mesma frequência dos escudos defensivos, eles os ultrapassaram sem qualquer resistência, atingindo com força máxima as pontes de comando. Subitamente, dez naves Intrepid ficaram à deriva...

- Já usei essa tática antes, embora não tenha sido tão mortal – disse Kirk – Eles tiveram dois anos para se preparar... e estão se saindo muito bem.

No posto tático da Leviatã, Deaviat, uma jovem e esguia vulcana de olhar sisudo, começou a ficar impaciente.

- Quando entraremos em ação?

- Em alguns minutos – Kirk se sentou na cadeira no centro da ponte,

relaxado como se nada estivesse acontecendo – Não perca a calma, tenente. Você terá o seu quinhão da batalha.

Agora, as naves de Data estavam divididas em dois grupos de seis, cada qual investindo um poderoso ataque com torpedos contra duas das naves New Galaxy. Ao mesmo tempo, as Intrepids restantes concentravam seus phasers na Phoenix.

- Escudos em trinta por cento! – Lal informou – Estão tentando cortar a cabeça do dragão...

Sem que Data ordenasse, cinco naves Defiant se colocaram entre a Phoenix e o inimigo, e passaram a contra-atacar.

- Almirante! – um experiente klingon surgiu na tela da Phoenix. Era o capitão da Spartan, uma das naves de Data – Nossos escudos estão em dez por cento e nossas armas não funcionam mais. Tenho permissão para ataque Corbomite?

- Concedida, Mordak – e antes de fechar a comunicação: – Suas mortes não serão em vão.

No momento em que a Spartan definiu seu alvo – a New Galaxy mais próxima –, as outras onze naves Defiant deram meia-volta e se afastaram o mais rápido possível.

Enquanto o computador da Spartan fazia a contagem regressiva, Mordak gargalhou:

- Um bom dia para morrer!

- Colisão em três... dois... um!

A nave acertou em cheio o casco secundário da New Galaxy – e a destruição que se seguiu foi muito maior do que se poderia esperar. As seis Intrepids e a outra New Galaxy foram destruídas numa explosão devastadora, cuja onda de choque atingiu com violência todas as outras naves da batalha – ainda que estivessem a uma boa distância do local.

- O que foi isso? – Deaviat estava visivelmente assustada.

- As naves de Data possuem corbomite – sua versão real, claro. Hora de

entrarmos no jogo. Piloto, siga com a Leviatã até que o inimigo esteja em nosso raio de alcance.

As New Galaxy restantes se colocaram a estibordo e a bombordo do Cruzador Imperial, e passaram a usar os canhões posicionados na parte inferior dos cascos primários – agora, seus capitães não precisavam se preocupar em atingir, por engano, um aliado: a maior parte de sua frota já estava destruída ou fora de ação. Os poderosos phasers atingiram em cheio três das naves Defiant, drenando seus escudos e obliterando todos os seus recursos táticos. Sem permitir que as naves avariadas pudessem se preparar para um ataque suicida, a Leviatã disparou três rajadas phaser certeiras.

- Perdemos Gilgamesh, Amazon e Fury – Lal se voltou para Data, pronta para sugerir que, talvez, fosse a hora de salvarem as próprias vidas. Então, ela viu seus olhos – e entendeu que não havia retorno. Não havia outra opção, a não ser continuar lutando.

- Eles não se aproximarão mais para que não utilizemos o corbomite, e também não farão mais uso dos torpedos – Data cerrou os punhos – Nossas opções estão se esgotando. Deve haver um jeito...

De repente, a Razorback saiu da formação. A voz de seu capitão chegou a Data:

- Foi uma boa tentativa. Mas temos um limite.

- Capitão Lars? – claramente, Data não esperava por isso – Ainda podemos...

- Estamos sem escudos, nossas armas estão inoperantes... E não há mais milagres que possamos fabricar, almirante. Não irei condenar minha tripulação à morte. Estamos voltando para casa.

Afastando-se e passando ao largo das naves que ainda restavam da flotilha, a Razorback ativou seus motores e entrou em dobra. E como era de se esperar, todas as outras – exceção feita à Phoenix – seguiram o mesmo caminho.

Data esmurrou um dos braços de sua cadeira.

- Dois anos! Dois anos mostrando a eles o que estava em jogo! Dois malditos anos!

A imagem de Kirk surgiu na tela da Phoenix. O Imperador sorriu – mas não havia malícia em seu sorriso. Por trás de seus gestos e de suas palavras, havia tristeza e dor quase palpáveis. O desespero mudo de um boneco consciente de que está sendo manipulado por um titereiro insano.

- É o bastante, Data? Podemos dar por encerrada nossa... discussão?

O andróide nada respondeu.

- Pode compreender que sei exatamente o que acontecerá a seguir? Consegue perceber a inutilidade de tudo isso? Você... todos em sua nave... irão morrer.

- Ou não – completou 101010. Mas nem 10111 enxergava essa possibilidade.

- Não sei como as coisas chegaram a esse ponto. E não sei de que inferno você saiu... Mas eu sei que há algo de errado com a realidade. Sei que há algo por trás de tudo isso, controlando nossos destinos. Mesmo assim, não vou desistir – Data elevou sua voz – Não vou desistir!

- Não entendo as forças que nos movem, Data. Mas o que resta...

- É nossa dignidade. É aquele mísero pedaço de nós mesmos que não se quebra – Data olhou para cada tripulante em sua ponte de comando e repetiu pausadamente: – Não vou desistir.

Lal se levantou de sua cadeira:

- Eu não vou desistir.

E então, cada pessoa na ponte se colocou de pé:

- Eu não vou desistir!

- Eu não

- vou desistir.

- Vai?

- Não. E você?

- Também não.

- Muito bem. Vamos acabar com isso – Cortada a comunicação, Kirk se voltou para o posto tático – Srta. Deaviat, coloque a Phoenix na mira de nossos canhões phaser. Dispare ao meu comando...
- Senhor, a Phoenix está se afastando rapidamente.
- Claro que está. Eles darão meia-volta em seis segundos. Espere até que comecem a usar seus torpedos... até que se aproximem...
A Phoenix se voltou rapidamente, disparando os torpedos que explodiram contra a proa da Leviatã.
- Sem danos. Os escudos absorveram todo o impacto – informou Deaviat.
- Fogo – Kirk deu a ordem.
A Phoenix foi atingida violentamente pelos phasers, ficando sem controle durante alguns instantes. Na ponte, os tripulantes se seguraram firmemente em suas cadeiras, resignados.
- Nossos escudos caíram – disse Lal – Rompimento de casco a estibordo.
- Vamos colocar algum espaço entre a Leviatã e a Phoenix – Data ordenou, e cerrou os punhos mais uma vez. *Deve haver um jeito...*

Neste exato momento, na Casa das chaves, após longa e solitária jornada através das salas hexagonais, David Marcus finalmente se deparou com a chave do livre-arbítrio. Em desafio aos pesadelos que haviam se apropriado do destino de todos os possíveis mundos, ele quebrou o silêncio de uma noite que não parecia ter fim:
- Não somos números em uma equação. Não somos peças em um tabuleiro. Nós somos livres. Nós não estamos mortos!
E religou a chave.

Mais uma vez, a voz de Kirk chegou à Phoenix.
- Agora, vocês morrem. Sinto muito.

A Leviatã disparou contra a nave de Data, iluminando a noite com seis lanças de brilho azul e mortal.

- Os torpedos nos atingirão em dez segundos – Lal respirou fundo – Ainda podemos entrar em dobra...

O que ganharíamos com isso? Se fôssemos em direção à Terra Nova, eles nos alcançariam em instantes, seriam as últimas palavras de Data – e os torpedos atravessariam o casco da Phoenix, destroçando toda a nave...

Então, contra todas as possibilidades, ele decidiu que ainda havia uma luta a ser travada.

Nós não estamos mortos!

- Temos a dobra! – Com velocidade sobre-humana, Data foi até o console de navegação e digitou no painel suas coordenadas. Olhou para o piloto com um sorriso insano nos lábios – Entre em dobra, 10111... Agora!

No último segundo, a Phoenix saiu do espaço normal, deixando que os torpedos atravessassem o vazio.

Na ponte de comando da Leviatã, lágrimas vieram aos olhos de Kirk. Ele estava maravilhado:

- Não era para ser assim...

De repente, um grande estrondo se fez ouvir em toda a nave. Ondas de choque fizeram com que as paredes e o chão ondulassem como se não fossem mais sólidos. A Leviatã rugiu e se debateu como um animal ferido.

Kirk olhou para seus monitores, incrédulo.

- O que foi isso? Eles nos atingiram?

- Eles não fugiram! – Deaviat gritou – Eles não fugiram! Estão no hangar! Eles saíram de dobra dentro de nossa nave!

- Fogo! – furiosa, a voz de Data ressoou como um trovão na ponte da Phoenix, elevando-se acima do caos – Fogo!

Agora, a Phoenix estava disparando tudo o que tinha... dentro da Leviatã.

- Eles vão nos reduzir a pó! – Deaviat, geralmente uma mulher fria e contida, estava de pé, completamente histérica.

Kirk foi objetivo:

- Quero falar com Data!

O oficial de comunicações tentou estabelecer contato, mas não havia sinal. Todos os recursos da grande nave estavam irremediavelmente comprometidos.

- Para os módulos de fuga! – Kirk precisou gritar para se fazer ouvir entre as explosões – Agora!

Cada torpedo, cada disparo de phaser destruía parte considerável das entranhas do monstro. Em meio às chamas, a Phoenix sobrevoava o grande ventre de duranium, abrindo caminho com o guincho colérico de suas armas. Por fim, os torpedos alcançaram a engenharia e romperam seu coração pulsante, deixando que a energia ali contida jorrasse sem contenções. Enquanto centenas de módulos de fuga ganhavam o espaço ao lado dos escombros da batalha, o reator de anti-matéria explodiu, liberando energia suficiente para despedaçar a Leviatã e as seis naves New Galaxy remanescentes. No derradeiro segundo antes da devastação, a Phoenix entrou novamente em dobra: como a ave mitológica ressurgindo das chamas, a nave retomou seu curso em direção ao setor 001.

Na ponte de comando, todos olhavam para Data, atordoados, incapazes de acreditar que ainda estavam vivos.

- Algum dia,
- chamarão
- o que acabou
- de acontecer
- de Manobra Phoenix.
- Ou não.

10111 e 101010 sorriram e balançaram suas cabeças, aquiescendo com as próprias palavras.

- Isso é tudo – disse o andróide, simplesmente – São vinte e três horas e dezesseis minutos em São Francisco. Em dobra máxima, chegaremos em

dezenove minutos. Isso nos dará sete minutos para agir.

- A Enterprise não fez parte da frota de Kirk – disse Lal – Ela provavelmente estará nas imediações.

- Provavelmente – Data concordou – Estamos contando com isso. Agora, quero relatórios sobre os danos sofridos pela Phoenix.



A bordo da Phoenix (156 – Terra Nova)

VIII

Imagens do abismo

David Marcus se voltou para o sr. Tricorder.

- Você tinha razão: eu esperava alguns fogos de artifício...

- Grandes vitórias, às vezes, são alcançadas em segredo.

- Grandes encrencas também surgem na escuridão e no silêncio. Por exemplo, quem teria sido o responsável direto por desligar a chave do livre-arbítrio? Ele não poderia simplesmente voltar? Não poderia estar por perto, apenas aguardando o momento certo de desligar novamente a chave?

- Utilize sua Visão Além do Alcance. O que vê?

De olhos fechados, David esperou que a imagem surgisse em sua mente: no início, uma silhueta trêmula, um vulto de muito longe... Depois, a visão se aproximou, e finalmente foi possível reconhecer a figura do Imperador – sua vontade desarticulada, seus passos vacilantes ecoando nas salas hexagonais da Casa das chaves.

- Kirk? Mas como...? Se a chave ainda estava em sua posição original, como ele foi impelido a vir?

- James T. Kirk foi acionado para cumprir sua missão após a destruição da Ariadne. Até aquele momento, ele ainda era uma pessoa livre, e agia conforme o molde original de seu ser. Depois, o proto-multiverso assumiu as rédeas – e o lançou num pesadelo que já dura mais de cento e cinquenta anos.

- O proto-multiverso? Então, é ele quem está por trás disso?

- Sim. Na mente do proto-multiverso – que muitos de vocês conhecem como o Nexus –, foi gerado aquele que hoje é o Imperador da Terra Nova. Kirk, a despeito de suas próprias interpretações sobre o significado de sua existência, foi concebido para ser utilizado como um agente do caos.

David assoviou, perplexo.

- Nem mesmo V'ger suspeitou de nada?

- Há muitas coisas que escapam a V'ger...

- Mas não muitas que escapam a você, sr. Tricorder – o homem piscou ironicamente – Impressionante...

O instrumento acendeu algumas luzes – o que poderia ser visto, com um pouco de imaginação, como o pigarrear de um neurótico frente a uma situação embaraçosa – e nada respondeu.

- Bom, vamos em frente.

O tricorder emitiu um *bip* de preocupação.

- Quer mesmo desligar a chave da guerra?

- Não vejo problema algum. Ainda que o ator condene o multiverso, não precisaremos nos preocupar com as guerras...

- Há um problema, sim.

- Mesmo?

- Antes de continuarmos, e para deixarmos as coisas bem claras... Você percebe que não sou, de fato, um tricorder, não?

David assentiu.

- Não sou idiota. Se não é um delírio provocado pelo pó, você provavelmente é uma manifestação da própria Casa das chaves.

- Exatamente. Exceto pelo negócio do abraço. Aquilo foi um delírio.

- Muito bem... Agora, sr. Tricorder – posso chamá-lo assim, certo? –, seria interessante me explicar o que é a Casa das chaves.

- Assim como a Biblioteca Infinita, e assim como algumas outras estruturas espalhadas pelo multiverso, ela é uma das sombras projetadas pelos Primordiais.

- E quem seriam os Primordiais?

- Eles são os pastores dos deuses da criação... Foram eles, através das palavras do narrador desta história, que o alcançaram em seu sonho. Foram eles que o guiaram até estes hexágonos.

- Narrador? Que narrador?

- Cada evento ocorrido em um universo possui uma representação especular em outro universo – às vezes, de forma simultânea. Aqui, você conversa comigo; na Terra 870, este mesmo diálogo é reproduzido em uma ficção.

- Intrigante. Entrelaçamento entre universos...

- O princípio da Não-localidade aplicado ao multiverso. Correto.

- E os Primordiais... Foram eles que me mostraram que a poesia estava morta.

- Sim. E sua missão está encerrada, David. A chave da guerra está além de seus limites.

- Por quê?

- Ela está associada a uma chave distinta. Para desligá-la, você precisaria deixar esta em *off.*

- De qual chave estamos falando...? – Antes de terminar a pergunta, David já sabia a resposta: – A própria chave do livre-arbítrio?

- Veja... A paz deve ser uma escolha. Você pode apagar as guerras da existência, mas estará impedindo também que as pessoas tenham consciência de suas decisões. E como bem disse há pouco...

- Nós não somos peças em um tabuleiro...

- Exato.

David se sentiu subitamente cansado. Queria que as coisas fossem diferentes, que fossem mais simples... Mas a vida nunca era assim.

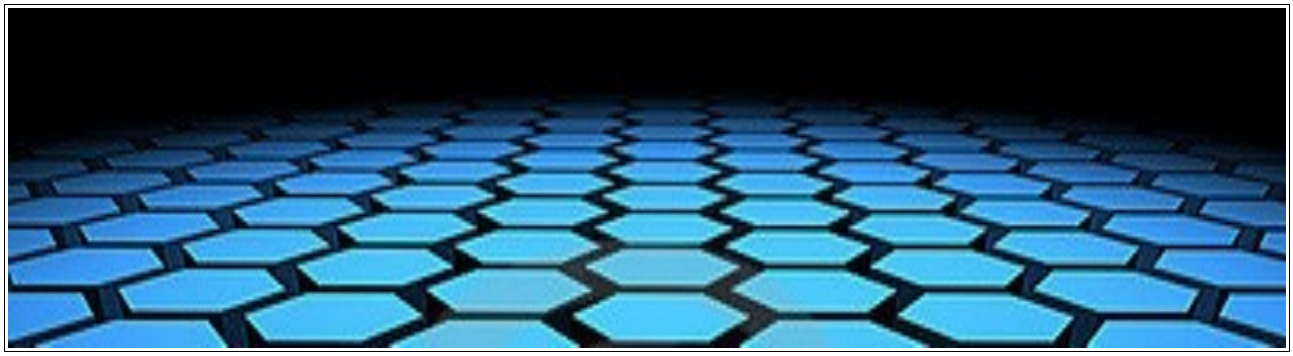
- Antes de partir, desligarei a chave da minha Visão Além do Alcance. Não creio que esteja preparado para viver enxergando além de minhas fronteiras. As linhas de possibilidades, os caminhos convergentes, as probabilidades se alterando a cada segundo...

- Sua espécie estará preparada para alcançar a Visão um dia... Se os eventos de hoje permitirem. Se o caos não se apoderar do amanhã.

O homem balançou a cabeça, frustrado. Agora, diferente de alguns minutos atrás, era difícil enxergar o que estava por vir. O futuro não se resumia mais

a uma linha reta, e as possibilidades pareciam explodir em sua mente, deixando-o confuso – mas duas figuras se sobressaíam, brilhando de forma tênue no abismo...

- Tudo depende das ações de dois homens. Devolvemos a eles o livre-arbítrio – e agora, William Shatner e Data decidirão o destino de todos nós.



Representação do interior da Casa das chaves

IX

William Shatner destrói o multiverso... ou não

20:07

- Ainda acha que há motivos para uma festa? – A expressão no rosto de Shatner era de verdadeiro pânico. Ao seu lado, Nimoy procurava se manter o mais sereno possível – Aquele andróide quer me matar, Kirk! E ele acha que vou destruir o multiverso! Eu não quero destruir nada!

O Imperador sorriu, então olhou para cima – como se estivesse enxergando além das paredes da saleta em que se achavam.

- Ouça suas próprias palavras, Will. Como alguém poderia destruir o multiverso inteiro? Percebe o absurdo? Infelizmente, as ações de Data foram afetadas pelo mau funcionamento do capacitor. Ele está completamente fora de si... Mas não se preocupe: tudo está sob controle. Nós teremos nossa festa. Agora, vá para o salão e desempenhe seu papel, faça com que acreditem que um Kirk mortal, humano, permanece de pé, firme e forte.

- Será a última vez, Imperador – a voz de Nimoy, rouca e severa, finalmente se fez ouvir. Definitivamente, ele não gostava de falar na presença de Kirk – Precisará arrumar outros atores para seguir em frente com sua farsa.

Kirk concordou de imediato, para surpresa dos dois homens.

- Está muito bem. Vocês fizeram o que tinham de fazer... Depois de hoje à noite, estarão livres. Façam o que bem quiserem de suas vidas.

Antes de se afastar, o Imperador ainda se voltou uma última vez para Shatner:

- Há uma grande surpresa preparada para hoje, Will. Não se sinta acanhado quando chegar a hora. Pense nos números que quiser... e seja feliz.

Com um leve estalido, as portas se fecharam atrás de Kirk. Seria a última

vez que o veriam.

- O que ele quis dizer com “Pense nos números que quiser”?

Conferindo suas orelhas sintéticas, Nimoy conseguiu esboçar um sorriso.

- Quem se importa? Deve ser algum jogo de azar alienígena. O que importa é que hoje é a última noite. A última! Então... vamos comemorar!

21:25

O lugar estava lotado. Havia gente de todos os cantos – não apenas da Terra Nova, mas também de outros mundos e universos. Ao que tudo indicava, Shatner pensou, aquela festa tinha um significado diferente para Kirk. Ele não havia poupado esforços para reunir as mais variadas personalidades no mais amplo salão do Palácio.

As pessoas circulavam com seus sorrisos cheios de dentes, seus copos de vinho, suas conversas evasivas – e, a despeito de suas afetações, lhe dirigiam cumprimentos quase calorosos demais: como se ele fosse um totem no centro das atenções de uma tribo selvagem. Sempre próximo, Nimoy procurava se comportar como o vulcano que estava habituado a encarnar – embora, vez ou outra, não conseguisse disfarçar um sorrisinho satisfeito. Pela primeira vez em muito tempo, Shatner percebia uma réstia de alegria em seu amigo.

- Ei, capitão... É uma honra conhecê-lo!

Em meio ao burburinho, Shatner mal conseguira ouvir a voz. Virou a cabeça, tentando não derrubar o salgado de suas mãos, e a princípio não viu quem o chamara. Então, sentiu seu casaco sendo puxado, e olhou para baixo.

Ali estava ele, todo coberto por uma pelagem castanha, o focinho se movendo freneticamente. Seus olhos negros eram perspicazes e brilhantes, e pareciam atraídos por todas as bandejas, pratos e mesas em que havia

comida.

- Oh... Eu o conheço.

- Conhece? – o alienígena jogou o topete para um lado, surpreso. Aproximou-se ainda mais de Shatner e acabou gritando para se fazer ouvir: – Já esteve sob o sol púrpura de Melmac?

- Hã... Não. Mas já ouvi falar de você.

- Isso é incrível. Acho até que já posso considerá-lo um amigo... Ei, amigão, vai terminar esse salgado?

- Não... – Incerto sobre o que fazer, Shatner acabou dando o salgado ao alienígena – Pode ficar.

- Valeu, capitão. Mas não é a mesma coisa que um guisado de gato, você sabe.

- Eu não saberia dizer, Alf. Agora, se me der licença...

- Tá limpo.

Nimoy comentou baixinho, enquanto se afastavam do melmaciano:

- A realidade da ficção nunca deixa de nos surpreender, hein?

- O mais engraçado – disse Shatner com um tom melancólico – é que me sinto menos real do que essa figura que acabamos de encontrar... Eu realmente não vejo a hora de deixar tudo isso para trás.

22:48

William Adama, comandante da Battlestar Galactica, estava completamente bêbado, e já havia abraçado Shatner efusivamente pelo menos três vezes. Desgrenhados, seus cabelos grisalhos eram um contraste com a roupa de gala, o peito coberto por medalhas.

- Eu não sei que diabos... que porcaria estamos comemorando, Kirk?

- Não faço ideia, Adama. Vou descobrir, e volto para informá-lo...

Adama não permitiu que Shatner se desvencilhasse de seus braços, mantendo-o ao seu lado. De repente, suas feições se fecharam numa máscara de raiva.

- Como ousam comemorar alguma coisa...? Meu mundo foi destruído pelos cylons, perdi quase toda a frota tentando encontrar uma Terra que não existia... E finalmente fomos resgatados por vocês, bando de arruaceiros interdimensionais...! Como ousam comemorar...? Por que não nos deixaram para morrer, desgraçados?

Shatner olhou de um lado para o outro, procurando por um segurança – mas não havia nenhum por perto. Nem mesmo Nimoy prestava atenção neles: estava falando animadamente com um cientista chamado Walter Bishop, esquecido do que estava à sua volta.

- Era minha casa, Kirk – com olhos marejados de lágrimas, Adama, enfim, permitiu que Shatner ficasse livre – Minha casa, meu universo... Eu daria tudo para voltar. Tudo para ficar longe de vocês, malditos hipócritas...

- Eu sei... sei como se sente, comandante. E sinto muito.

- Sabe? – com a tez avermelhada pelo ódio, Adama se aproximou e cochichou ao ouvido de Shatner: – Não, não sabe. Você ganhou o status de herói, de salvador. Quanto a mim, quanto ao resto de nós... somos apenas um bando de párias, e tudo o que possuímos são as memórias daqueles que amamos. Daqueles que ficaram pra trás. Você não sabe de nada, Kirk. É apenas uma mentira... Uma das fraudes fabricadas para que este mundo não comece a ruir sob o peso do horror.

23:33

As luzes no salão de festas diminuíram sua intensidade, deixando tudo com um aspecto fantasmagórico. A música, antes num volume bastante alto, foi reduzida a um fiapo de som. Surpreendidas, as pessoas se calaram imediatamente, à espera do que quer que fosse.

Quando um certo desconforto começou a se espalhar entre todos, a imagem holográfica do Imperador surgiu próxima ao teto. Era apenas seu rosto – e ocupava boa parte da face superior do salão, projetado assim de forma a inspirar temor, pensou Shatner. Ele se aproximou de Nimoy, que ainda conversava com Walter Bishop.

- O que vem agora? – perguntou com irritação. Sentia-se miserável desde o desagradável encontro com Adama, e não via a hora de sair daquele lugar.

- Lembra-se da surpresa que o Imperador mencionou? Talvez seja isso.

- Surpresa? Adoro surpresas, Belly! – comemorou Walter. O velho cientista, metido num terno que não parecia se ajustar bem ao seu corpo, tinha algumas balas coloridas de alcaçuz nas mãos.

- Já disse, Walter, eu não sou Bell.

- Ah, sim – Aproximou-se de Shatner com um sorriso tímido – Não é incrível que Spock seja a cara do meu amigo William Bell? É quase como se fossem a mesma pessoa...

- Incrível, mesmo – respondeu Shatner, sem entusiasmo algum – Eu não me surpreenderia se fossem – completou, mal humorado.

- Amigos – a voz do Imperador ressoou por todo o salão –, sinto não poder estar presente nesta ocasião especial. Infelizmente, assuntos de última hora precisaram de minha atenção e de meus cuidados. De qualquer forma, estarei de volta antes que o homenageado da noite se retire – O imperador sorriu com confiança: – É uma promessa.

“E falando em promessas: há algumas horas, prometi ao nosso estimado capitão Kirk que haveria uma surpresa nesta festa. Trata-se de uma descoberta impressionante, uma peça que muitos de vocês nunca ouviram falar. É tempo de revelá-la”.

As luzes voltaram, e a esfera prateada se materializou no centro do salão, sobre um cilindro aluminizado com cerca de um metro e vinte de altura. As pessoas mais próximas recuaram instintivamente, ainda que o objeto não fosse particularmente extravagante ou digno de maiores exclamações.

- Contemplem, senhoras e senhores, a Esfera do Desejo – a versão real da Lâmpada de Aladim. Ela espera há gerações, e guarda em seu interior o sonho de quem decifrar seu segredo. Evidentemente, não será preciso esfregá-la para libertar o gênio... Vejam que há um pequeno teclado em sua superfície. Basta que alguém acerte a sequência numérica correta, e a realidade se moldará ao grande desejo dessa pessoa.

Um murmúrio tomou conta de todo o salão, e muitos começaram a se aproximar da esfera, criando um pequeno tumulto. Shatner permaneceu quieto em seu lugar – mas, pela primeira vez naquela noite, ele se sentiu em paz. Porque o foco das atenções, para variar, não era ele – e porque sabia, em seu íntimo, o que o aguardava.

Pense nos números que quiser... e seja feliz.

- Agora vem a parte engraçada da história – continuou o Imperador – Como alguns de vocês sabem, conheço o futuro como se ele fizesse parte de minha memória. Eu sei o que vai acontecer: cada pormenor, cada grande evento... E sei que, nesta noite, um homem saberá quais teclas apertar para transformar seu maior desejo em realidade.

Sinto saudade da minha mulher. Das minhas filhas. O fato de que nunca mais poderei abraçá-las me destrói por dentro, um pouco a cada dia.

- Aproxime-se da esfera, capitão Kirk – disse o Imperador, e no mesmo instante Shatner voltou a ser o centro das atenções – Os diamantes no céu não são reais, as grandes aventuras e as maiores homenagens não são mais do que pequenas compensações por suas perdas... Mas agora é hora de reparar tudo isso. A Excalibur o aguarda, Arthur...

Emudecidas, as pessoas formaram um corredor entre Shatner e a esfera, incapazes de esboçar quaisquer reações. Ele se sentiu como se estivesse em alguma cerimônia religiosa – como se fosse levar àquele altar não apenas o seu desejo, mas uma parte das esperanças de todos os que se achavam ali.

- Aproxime-se, Kirk. Faça o seu destino. Crie o seu mundo.

Com essas últimas palavras, o holograma finalmente desapareceu – mas poucas foram as pessoas que prestaram atenção nisso.

23:35

A Phoenix entrou no espaço normal com um estrondo – seus motores de dobra, ora incapacitados, haviam sido forçados ao limite nos últimos minutos. Para alívio de Data, a Terra Nova estava próxima, e ocupava boa parte da tela da ponte.

- Algum sinal da Enterprise? – perguntou.

- Não consegue sentir minha presença, irmão? Estou bem aqui – a voz de Lore se fez ouvir de imediato – É claro que, desde nosso último encontro,

desmantelei a rede positrônica que nos ligava. Nada de você se infiltrando em minha cabeça, certo?

- Estão sob camuflagem – sussurrou Lal. Imediatamente, ela se voltou para os monitores em seu console, procurando por rastros que pudessem indicar a localização da Enterprise. O sucesso de sua missão dependia disso.

- Sob seu ponto de vista, uma precaução necessária – concordou Data.

- Claro que sim. Mas não deixa de ser uma surpresa vê-los, já que o Imperador não me informou sobre essa possibilidade... Ele jamais se engana sobre o futuro.

- Kirk se enganou dessa vez. Ou, por conta do resultado desfavorável, não quis mencionar o que iria acontecer.

- É provável, irmão. Agora, vejamos o que meus sensores tem a dizer sobre sua brava e teimosa nave – uma breve pausa, então Lore voltou a falar: – Vocês possuem apenas cinco torpedos à disposição, um banco phaser em boas condições, escudos praticamente inexistentes... e, sim, capacidade de teletransporte reduzida para uma pessoa por vez. O que me diz, Data, de se renderem agora mesmo, antes que alguém se machuque?

- Não tenho tempo para isso, Lore. Assim, irei direto ao ponto. Seu último contato comigo foi há uma hora e trinta e cinco minutos: eu estava a bordo da crononave e acabei voltando ao meu tempo original, como bem sabe. Então, diferente de você, tive dois anos para me preparar para este momento. Eu sei tudo sobre sua Enterprise – os olhos de Data se estreitaram, emprestando às feições do androide um ar sombrio – Deixe-me passar.

- Ou o quê? – subitamente, a voz de Lore se elevou – Vão atirar pedras em nós?

- Rendam-se. Já.

Como Data esperava, a nave da Terra Nova se tornou visível naquele

momento: encontrava-se à sua frente e a pouco mais de dois quilômetros de distância. Era exatamente o que queria: enxergar o inimigo antes que ele estivesse pronto para atacar. O orgulho e a irritabilidade de Lore, que Data tão bem conhecia, eram pontos fracos a explorar tão importantes quanto quaisquer vulnerabilidades que a Enterprise possuísse.

Com um rifle phaser a tiracolo, Data se dirigiu rapidamente para a cabine individual de teletransporte localizada na ponte. Sorriu para Lal, que já estava sentada na cadeira do capitão – mas ela não olhou para ele.

- Rota de colisão, motores de impulso ao máximo – disse.

- Estão vindo direto para nós! – gritou o piloto da Enterprise, um cardassiano que não costumava se valer de exclamações.

O movimento pegou Lore desprevenido – mas ele ainda era capaz de se recuperar. Sabia que não poderia abrir fogo à queima-roupa: àquela distância, se a Phoenix fosse destruída, a Enterprise certamente seria atingida pela explosão. Voltou-se para o posto tático, onde um jovem oficial, aparentemente paralisado pelo medo, fitava a tela da ponte e a rápida aproximação da Phoenix.

- Acorde, tenente Aymany! Acione e trave o raio trator com força de repulsão naquela nave!

- Muito próxima! Muito próxima! – as mãos do rapaz voavam sobre o console, acionando a série de comandos necessários para atingir seu objetivo. E ele não conseguia parar de repetir: – Muito próxima!

O raio trator foi disparado quando a Phoenix estava somente a dez metros de distância, impedindo o choque.

- Merecerá uma medalha por isso, Aymany – Lore sorriu para seu subordinado, aliviado.

O homem fez um não com a cabeça:

- Não consegui, senhor... É o raio trator deles quem está em ação.

O capitão da Enterprise olhou para a tela: a proa da nave de Data havia avançado o suficiente para ultrapassar o campo defensivo de sua nave. Agora, nada impedia que a Phoenix disparasse seus torpedos diretamente em sua ponte de comando ou, simplesmente, que o teletransporte fosse utilizado...

Data surgiu ao seu lado: o rifle em punho, apontado para sua cabeça.

- Estou disposto a arriscar tudo, irmão.

Lore não demonstrou qualquer surpresa, tentando manter a compostura. Seus tripulantes pareciam pregados em suas cadeiras, e não esboçavam reação.

- O que vai fazer agora, Data? Uma série de medidas redundantes foram tomadas: o Palácio está cercado por um campo de força, Shatner e a Esfera do Desejo foram protegidos por inibidores de teletransporte...

- “Esfera do Desejo”?

- O objeto que você pensa que é o Nulificador. O próprio Imperador...

- Cale a boca – Data aproximou o rifle ainda mais do rosto de Lore – Quero o código de acesso para me teletransportar para o salão de festas. Um capitão certamente possui acesso ao local.

- Eu não...

O rifle foi disparado. A orelha esquerda de Lore desapareceu, e em seu lugar surgiu um rombo fumegante no qual se podia ver parte dos circuitos que permeavam seu crânio.

- O código de acesso, irmão. Agora.

23:41

Já há algum tempo, Shatner estava parado diante da esfera prateada, os olhos fechados. Ao seu redor, a multidão esperava, sem saber ao certo o que aconteceria quando tudo terminasse. Quando o desejo fosse realizado, o homem desapareceria? O mundo em que estavam se tornaria diferente? Seriam eles capazes de perceber as mudanças?

Em silêncio, William Adama se amaldiçoava por não ter sido ele o escolhido pelo destino. Amaldiçoava-se por não ser ele a ter a oportunidade de reparar os próprios erros, a própria vida.

Em silêncio, Leonard Nimoy se perguntava se aquilo não era mais um embuste criado pelo Imperador. Perguntava-se se todos não estavam às portas de uma grande catástrofe: por que ninguém questionava as palavras de Kirk?

Em silêncio, Walter Bishop se lembrava de uma outra esfera, que havia visto em um dos universos que visitara a serviço da Divisão Fringe, muitos anos atrás. Impossível, dizia para si mesmo: aquela outra era um protótipo malsucedido do destruidor de realidades, conhecido como o Nulificador Total; a que estava no salão era algo totalmente diferente. Afinal, por que o Imperador iria mentir?

William Shatner abriu os olhos. Hora de realizar o sonho, disse para si mesmo, e começou a pressionar os botões do teclado. A sequência – aquela que primeiro veio à sua cabeça – era conhecida em seu mundo graças a uma série de TV: e agora era óbvio que ela não havia sido criada por acaso.

4... 8... 15... 16...

23:42

O clarão do teletransporte fez com que Shatner se interrompesse antes de completar a sequência. Diante de seus olhos, a menos de dois metros de distância, Data empunhava o rifle phaser – apontado em sua direção.

- Afaste-se! – o androide gritou. No salão, muitas pessoas começaram a gritar e a correr, enquanto outras permaneciam como Shatner: imóveis, quase hipnotizadas pela súbita aparição do homem dourado.

Apenas uma tecla, o ator pensou, enquanto seu dedo indicador pairava a poucos centímetros do teclado. *Apenas uma tecla... Que se danem seus mundos de ficção, seus robôs assassinos, suas naves implausíveis...*

- Não sei o que Kirk disse, mas a esfera não é o que você pensa. Se acionar a máquina, estará condenando a todos nós. Estará destruindo todo o futuro.

- O Nulificador... – sussurrou Walter Bishop, pasmo.

- Você está louco.

- Não, não estou – mas o mesmo não pode ser dito do Imperador. Você foi manipulado, Shatner. Está sendo levado a fazer algo que não deveria sequer sonhar em fazer. Mas não precisa ser assim... Não precisa ser o seu destino.

- Está me dizendo, então, que tenho uma escolha.

- Sim: afaste-se ou faça a sua jogada. Aposto que posso acertá-lo antes que alcance o teclado.

Uma tecla... Mas e se Kirk estiver mentindo? E se Data estiver falando a verdade? E se eu desperdiçar minha última chance de mudar a realidade? A última chance de estar com minha família...

Suspirou. Naquele momento, era como se o peso do mundo estivesse sobre seus ombros. E por mais que detestasse admitir, Data tinha razão ao menos

numa coisa: era preciso se decidir. Não poderia ficar assim para sempre.

- No final das contas – disse –, toda aposta tem um limite. E como já foi dito em algum lugar, o futuro de todos se sobrepõe às necessidades de um só...

Com passos trôpegos, a expressão fatigada, William Shatner se afastou lentamente do Nulificador Total.



X

Depois daquela noite

Enquanto escrevo estas linhas, ainda me impressiono com o que ocorreu. Pergunto-me se tudo foi mesmo verdade, ou se não passou de uma mentira que se levou muito a sério...

No universo dos Organianos Primordiais, pouco antes de partir para a Terra Nova, Bender pareceu compreender o que eu estava sentindo. O robô se aproximou e disse algo que jamais esquecerei: “Você não precisa acreditar em nada disso, narrador. Nós também não acreditamos em você”.

E assim, em meio à irrealidade de tudo, em meio à impossibilidade de se negar o que aconteceu, é preciso falar sobre algumas coisas que vieram após aquele 4 de outubro. Pois os mundos continuaram a girar e as histórias seguiram seu curso...

Tão logo se soube dos lamentáveis eventos ocorridos em Proxima Centauri, uma flotilha foi enviada para o resgate de sobreviventes. Nas poucas naves à deriva, encontraram-se muitos feridos – e essa era a boa notícia. Das centenas de módulos de fuga que haviam escapado da Leviatã antes de sua destruição, apenas uma dezena estava longe o suficiente e não foi destroçada pela onda de choque.

James T. Kirk, primeiro e último Imperador da Terra Nova, não foi encontrado.

Dois dias mais tarde, os robôs Bender e Dot Matrix chegaram, e logo a seguir apareceu David Marcus. Veio a público, então, toda a história da ameaça personificada pelo proto-multiverso – corroborada, ainda, pelas análises feitas pela equipe do dr. Walter Bishop, que provaram que a esfera era, de fato, o Nulificador Total.

De uma hora para outra, os robôs da Multiverse Express, primeiros a travar

contato com os Primordiais, se tornaram celebridades. David Marcus e William Shatner ganharam projeção ainda maior: aquele, por sua argúcia e presença de espírito demonstradas no interior da Casa das chaves; este, por sua decisão final, e por tudo o que ela representou em termos de abnegação (que ele ajudara a enganar meia galáxia ao personificar Kirk acabou sendo esquecido – e mesmo perdoado – pela própria mídia). Data, por sua vez, seria elevado à condição de lenda. Seus esforços e a capacidade ilimitada de driblar o fracasso e a morte cativaram e arrebataram as multidões, e o transformaram (contra sua vontade, é fato) no modelo definitivo do herói moderno: um androide à imagem e semelhança não do homem, mas de seu ideal...

Seguindo as orientações dos Primordiais, o Nulificador foi teletransportado para as profundezas do proto-multiverso e então acionado remotamente: os números malditos foram digitados pelo próprio William Shatner a uma distância segura, a bordo da Enterprise. Sem qualquer explosão ou efeito espetacular (para a mais pura irritação dos repórteres presentes), o proto-multiverso simplesmente diminuiu de tamanho, desaparecendo por completo em poucos segundos. Alguns viram aí uma curiosa similaridade entre a morte da entidade e a imagem do oroboro, da serpente que devora a si mesma.

Mais tarde, chegou-se a questionar a aparente falta de lógica que levou o Imperador a impedir que o próprio criador da Bomba a acionasse. Muitas conjecturas foram feitas – mas a melhor resposta foi encontrada por Walter Bishop, quando ele descobriu que, a bordo da Phoenix, havia quantidade razoável de um material raro conhecido como corbomite – o qual não existe no universo da Terra Nova.

- Se o elemento-onda solarbonite entrasse em contato com o corbomite em seus primeiros momentos de expansão – explicou o cientista –, haveria uma catálise que levaria o multiverso a se degradar não em cinco milhões, mas

em mil anos.

Ao que tudo indica, o proto-multiverso havia levado em consideração a chance do retorno do livre-arbítrio: assim, haveria a pequeníssima possibilidade de que Data conseguisse passar pela Leviatã e levasse à Terra Nova o corbomite... Havia sido uma aposta, evidentemente.

Portanto, não fomos salvos, num primeiro instante, graças aos esforços hercúleos de heróis improváveis... O proto-multiverso (ou Nexus, como bem queiram), ao capturar alguns exemplares da espécie humana com suas sondas – as chamejantes faixas de energia que singravam diversos universos –, provavelmente acabou por assimilar uma das máculas de nossa natureza: quem diria que a impaciência um dia nos seria útil?



O BIG PLOC

Cinco milhões de anos no futuro: os últimos sobreviventes do multiverso caminham à frente dos portões oníricos de Ctonos. Kirk – o homem gerado pelo proto-multiverso – e V'ger – a entidade gerada no interior da própria Biblioteca Infinita – falam sobre o que virá a seguir:

MORTE NÃO É UMA OPÇÃO. NÃO PARA VOCÊ.

- Por quê? O que estou fazendo aqui?

O MULTIVERSO IRÁ SE APAGAR EM POUCO TEMPO. É HORA DO NOVO TOMAR O SEU LUGAR. MAS ALGUMAS COISAS DEVERÃO SER PRESERVADAS. ALGUMAS HISTÓRIAS NÃO DEVEM DESAPARECER – PARA ISSO, A BIBLIOTECA PRECISARÁ DE UM BIBLIOTECÁRIO: DE ALGUÉM QUE POSSA SERVIR DE TESTEMUNHA...

- E quanto a você?

FICAREI PARA TRÁS – E SEREI CONSUMIDO PELO GRANDE VAZIO. MINHA VIDA TERMINA AQUI... ADEUS.

Sob a forma humana de Decker, V'ger fecha os olhos. Fica parado durante um bom tempo, à espera do fim.

ADEUS...

- V'ger?

SIM, KIRK?

- Você continua aqui.

A entidade olha de um lado para o outro, sem compreender.

É ESTRANHO. NÃO DEVERIA SER ASSIM...

No chão, Kirk repara, milhares de folhas de jornal se espalham a perder de vista, empurradas por um vento morno e assobiante. Ele se abaixa e pega

uma página que chamou sua atenção – e diante de seus olhos, vê a manchete do jornal se transformar: onde havia um assustador *COMEÇA A GUERRA*, agora se lê



- Ora, veja só: o multiverso está se reescrevendo... A história não é mais a mesma – sorrindo, passa o jornal para o outro – Prepare-se, V'ger...

PARA O QUÊ?

- A qualquer instante, iremos estourar feito bolhas de sabão. Nossa realidade será apagada da existência... Rapaz, isso é excitante!

NÃO SEJA RIDÍCULO. NÓS NÃO IREMOS EST...



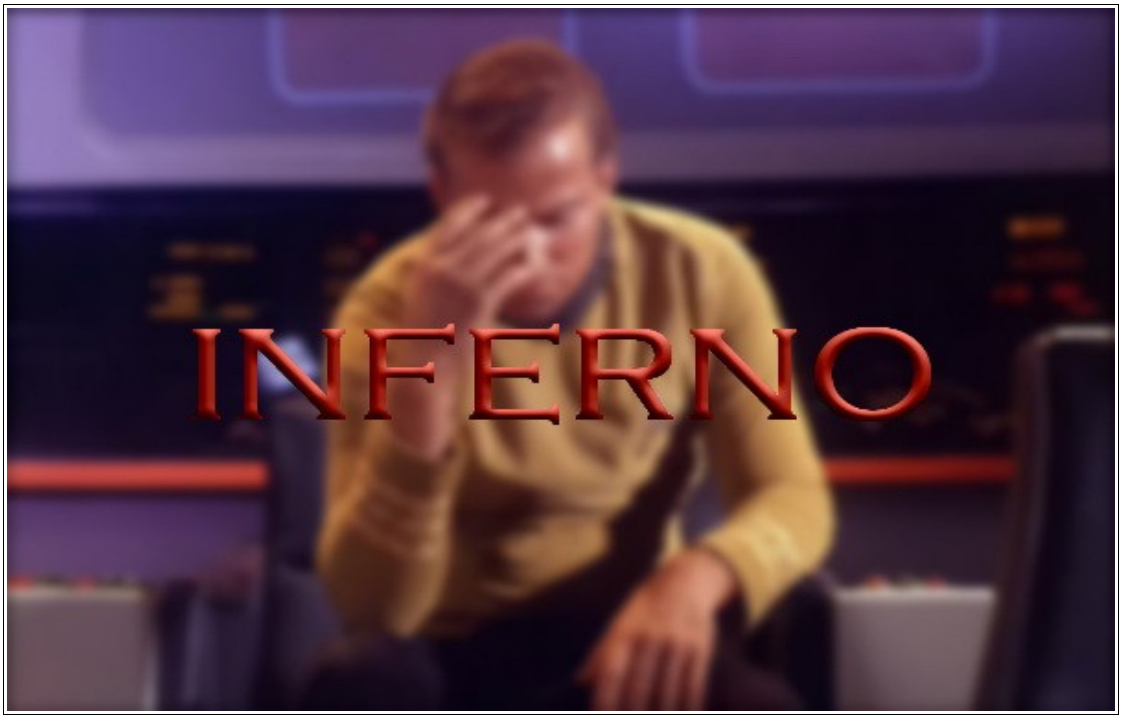
Agora que o livre-arbítrio foi restaurado – agora que nossas ações não são mais manipuladas e o amanhã está a salvo, encerro esta história voltando ao seu início, dando a ela o seu verdadeiro título:



WILLIAM SHATNER
SALVA O MULTIVERSO!

O próprio Shatner, através da Multiverse Express, me enviou a sugestão...

Epílogo:



“A vida é uma sombra que passa, um mau ator que gasta sua pompa pelo palco e não se escuta mais. É uma história contada por um louco, cheia de som e fúria, significando nada”.

Macbeth, de William Shakespeare (tradução de Millôr Fernandes)

O cigarro na mão, ainda uma promessa. Ele apenas escuta as palavras – e tenta afastar a inquietante sensação de reconhecimento. Depois, com uma simples pergunta, procura restabelecer a ordem:

- Você compreende que não há nenhum multiverso? Ao menos, não como o que sua imaginação pinta...

O velho psiquiatra, de cabelos grisalhos e curtos, olhar de águia, sequer pisca – então acende o cigarro. Suas mãos ressequidas tentam dissipar a fumaça, num gesto automático, repetido há décadas. No relógio sobre a mesa atrás do sofá destinado aos pacientes, são seis e meia da tarde. Ao lado da mesa, a única janela do consultório se abre para o pequeno jardim da casa e para o céu avermelhado do crepúsculo.

- O senhor não entende... Eu estava lá... E era tão real quanto agora.

- E você era o capitão... Não, não apenas o capitão... Em dado momento, pelo que me disse, você chegou a ser o Imperador.

Kirk se recosta no sofá.

- Sei o que está pensando. Não é uma compensação por algum complexo de inferioridade.

- Certo. E como é sua vida hoje?

- Sou funcionário público, como sabe. Ganho pouco. Meu casamento é um

campo de batalhas. Meu filho se refugiou em sua loucura. Em linhas gerais, minha vida “é uma sombra que passa”...

- “... cheia de som e fúria, e não significa nada”.

- Exato.

- Sua atual mulher, já o ouvi dizer, se sente constantemente ameaçada pelo mundo masculino. Você e todos os homens são os inimigos, as feras que devem ser derrotadas... A Ellen Ripley de sua fantasia é bem semelhante à Ellen Ripley com a qual você está casado, não? Seu filho, David, agora vive num estado de completa alienação – e não era um dos objetivos do David Marcus do “lado de lá” chegar a uma tal “zona irracional”? Percebe que sua ficção científica é uma vestimenta que mal consegue cobrir a nudez da realidade?

Kirk nada responde, olha para os lados como se procurasse por alguma coisa.

- Em nenhum momento de seu dia, você se sente como um capitão, o senhor de seu próprio destino. E do lado de lá, você era controlado por alguma entidade cósmica, incapaz de escolher seu caminho.

- Era real nos mínimos detalhes... Não me parecia uma alegoria. Hoje acordei lembrando de tudo, e foi como se eu tivesse morrido por lá e viesse acordar aqui, de repente. Como se... – Kirk se detém e abaixa a cabeça.

- “Como se...”?

- Como se este mundo fosse o inferno.

- É assim que se sente?

- Do lado de lá, ao menos havia as estrelas. Tiraram o melhor da minha vida e me abandonaram aqui, preso ao chão.

Uma baforada. Um ensaio de neblina no consultório, e um silêncio que se prolonga por um minuto.

- Em sua outra vida, você sequer era um ser original... Era cópia de um outro Kirk, engendrado por uma mente alienígena. Você não era um capitão, mas a cópia de um capitão. Depois, não era um imperador, mas a marionete disfarçada de imperador.

- É verdade.

- Preciso perguntar, Kirk: o que você quer da sua vida? Já tem mais de quarenta anos, e o mundo – este mesmo que você chama de *inferno* – está girando. O que quer da sua vida?

- Eu não sei. Talvez... Quero de volta o que perdi...

- Chega de falar sobre que perdeu! – o psiquiatra apaga o cigarro no cinzeiro, irritado – Porque o espaço sideral continuará inalcançável, e o chão é o que você tem. O que vai fazer neste mundo, James Kirk? Vai continuar sonhando com jornadas nas estrelas? Vai continuar agindo como um escravo do destino, assumindo que não é capaz de mudar sua vida?

- Eu... hum... Espero que não.

- Bom! – o psiquiatra sorri – Semana que vem, no mesmo horário?

Kirk se levanta do sofá, ajeita o casaco, dá alguns passos: a tristeza o acompanha como uma segunda pele.

- Mesmo horário. Posso fazer uma pergunta?

- Pois não?

- Não há mesmo a menor possibilidade de que essas memórias... De que tudo isso tenha sido real?

O psiquiatra vai até a porta e a abre. Em silêncio.

Após a saída de Kirk, ele caminha calmamente até sua mesa. Sob o vidro colocado sobre o móvel de madeira, seu antigo diploma, agora amarelecido pelo tempo, o encara. Uma das âncoras da realidade construída à sua volta: um lembrete de que este é o mundo que lhe resta.

- Não, não há possibilidade de que o mundo de lá seja real. Caso contrário, estaríamos falando de uma dimensão além daquelas que conhecemos. Uma dimensão entre a luz e a sombra, entre a ciência e a fé. Um lugar situado no que poderíamos chamar de zona do crepúsculo...

Nesse outro universo, agora tão apagado, quase um sussurro em suas empoeiradas lembranças, ele não era um psiquiatra. Nessa realidade além da imaginação, Rod Serling era um criador de sonhos e pesadelos...

- Besteira – diz para si mesmo.

E segue em frente: porque o chão é tudo o que ele tem.

OUTRAS HISTÓRIAS

Lembre-se

Um sol para as manhãs de chuva

O enigma de Möbius

Antes que a noite chegue

Lembre-se

É sabido que a sonda Voyager da paralela 13 se adentrou nos domínios da Biblioteca Infinita. Provavelmente, sua memória e programação foram alteradas por um bibliotecário – o que acarretou a drástica transformação do objeto: sua essência passou a incorporar (na devida proporção de seus limites) os preceitos e a forma da estrutura bibliotecal. Sondas Voyager de outras paralelas passaram por experiências dessemelhantes, travando contato com variações de um Planeta Máquina.

De repente, levantou os olhos do livro e percebeu que havia uma criança na sala.

- Onde estou?

- Você está sonhando, pequenino.

- Não foi isso que perguntei.

- Claro que não. Se eu quisesse responder, já o teria feito.

- Oh! Mas que sujeitinho insolente você é! Como se chama?

- “Sujeitinho”?

- Ora, veja só você! Não tem mais do que trinta centímetros de altura!

- É porque estou longe. Você está numa ponta do hexágono, eu estou em outra, oposta. Chegue mais perto e verá.

A criança se aproximou e viu que o homem era, de fato, bem alto, e que a observava de cima para baixo.

- Tudo bem, você não é, como eu pensava, um sujeitinho... Mas bem que poderia responder à minha questão.

- Você está na Biblioteca Infinita.

O menino deu uma risada.

- “Infinita”? Como pode algo ser infinito e caber dentro do universo, que já está ocupado com outras coisas como imensos espaços vazios, galáxias, estrelas, planetas...?

- É complicado de entender. Eu mesmo ainda não sei ao certo se compreendi como tudo isso aqui é possível.

- E quem é você?

- Pode me chamar de V´ger.

- *V'ger...* Nome engraçado. Quer dizer... Desculpe, não quis ofender.

- O que está fazendo aqui, Nemo?

- Como sabe meu nome?

- Eu sei porque é importante que eu saiba das coisas. Agora, me diga, por que está aqui?

- Não sei... Parecia que era importante que eu viesse... Como se alguém... alguém muito querido estivesse aqui.

- Sente saudades de Paprika?

Os olhos de Nemo se arregalaram. Ele se lembrou exatamente do que precisava fazer naquele lugar.

- Paprika! Onde ela está?

- Além de nossa ajuda. Além de qualquer ajuda. Sinto muito.

- Você nunca responde o que eu pergunto.

- Sim, eu sei. Mas você não precisa de todas as respostas.

O menino começou a ficar irritado. Andou de um lado para o outro, ao longo de duas das estantes abarrotadas com os livros de capa negra – os quais não possuíam qualquer identificação... Eram todos do mesmo tamanho, perfilados perfeitamente nas prateleiras.

- E você, V'ger? O que faz aqui?

O homem, com seu jeito formal, se permitiu um sorriso:

- De vez em quando, volto à Biblioteca para me atualizar sobre um ou outro assunto. Eu sei de muita coisa – mas apenas os livros guardados aqui em

Ctonos possuem a totalidade do conhecimento.

- “Ctonos”?

- É o nome que deram ao mundo que abriga a Biblioteca. Mais um para sua coleção de nomes “engraçados”, eu suponho.

- Com certeza!

Mais animado, Nemo percorreu todas as estantes da sala hexagonal – sem mexer em nenhum livro, e sempre atento, com o canto dos olhos, aos movimentos de V'ger. O homem agora estava com a atenção novamente voltada para o volume que tinha em mãos.

- O que está fazendo?

- Lendo.

Nemo torceu um botão da camisa de seu pijama.

- Um livro?

- É. Um livro.

- Ah. E é sobre o quê?

- Sobre o passado. O presente. O futuro. Como todos os outros livros que aqui se encontram.

- Pode ler para mim?

V'ger respirou fundo. Definitivamente, não sabia lidar com crianças.

- Não. Você não entenderia nada.

- Aposto que entenderia, sim. Sou como você: sei de muita coisa.

- Mesmo?

- Por exemplo: sei que gosta daqui. Sempre que pode, você volta. Talvez Ctonos seja o que você considere como casa.

- Ora – V'ger anuiu com a cabeça – Está certo. E o que mais você sabe?

- Sei que está triste por algum motivo. Não é nada do que disse, mas a forma como olha para tudo à sua volta. Como se ainda não conseguisse se conformar por alguma coisa que perdeu.

- Eu sou V'ger – sua expressão voltou a se enrijecer – Tristeza ou quaisquer outros estados de espírito não se aplicam ao meu ser. As coisas são como

são: somos todos movidos pela História, e não há nada que alguém possa fazer para mudar isso.

- Você não faz idéia, não é? Sua racionalidade o apartou da melhor parte da sua vida, e você sequer se lembra dos seus sonhos.

Nemo se aproximou e pegou a mão do homem.

- Está tudo bem. Agora, você pode se lembrar.

- Você... Você não sabe de nada...

- Sei que a amava. Sei que vai amá-la para sempre.

V'ger se ajoelhou em frente à criança, lágrimas nos olhos. Era como ver um prédio desmoronar.

- Oh, Deus, eu não quero me lembrar...

Com delicadeza, Nemo passou a mão nos cabelos do homem.

- Precisa aceitar que ela se foi.

- Mas ela era tudo o que eu tinha. Era tudo o que me ligava à minha humanidade. Sem Paprika...

- Ela era o tempero da nossa vida. Perto dela, você voltava a ser criança... Porque se sentia feliz, mas também porque tinha medo de perdê-la. Tinha medo de que ela não o amasse como você a amava.

- Deus... – V'ger secou as lágrimas e fitou o garoto – Era você?

- Éramos nós. Não é inusitado que mesmo um ser poderoso como você possua pontos cegos? V'ger deveria saber de tudo – e apesar disso, há tanto em sua própria alma que não consegue enxergar... Projeções inconscientes das quais não se dá conta, sombras que desenha às cegas... Mas não se preocupe: é isso o que faz de você um ser humano. É isso o que faz de você *Will Decker*.

Nemo o abraçou com força – e então se dissipou no ar com uma risada infantil.

O homem se levantou lentamente do chão, aprumando-se. Sentia-se... Sentia-se triste, mas também alegre: como se se libertasse de um grande peso em seus ombros.

Voltou a ler o livro que segurava. E só após um certo tempo percebeu que, numa das páginas que não conhecia, havia uma poesia dedicada a Paprika. Uma poesia de amor – desajeitada e terna – que ainda seria escrita por ele mesmo.



Quando Nemo despertou, os olhos turvos de sono, ficou em dúvida: havia sonhado com o homem na biblioteca ou seria o contrário – o homem na biblioteca estaria ainda sonhando com ele? Por que sabia de tantas coisas quando estava dormindo e agora, quando aparentemente estava acordado, não conseguia se lembrar de nada?

De repente, sua cama começou a cavalgar pelo quarto, saltando sobre os brinquedos esparramados pelo chão. Fazia um barulho dos diabos, dava coices no ar, relinchava! Nemo se segurou com força nos lençóis.

- Eia! Não vá tão rápido! Calma, rapaz!

- Consegue se lembrar agora? – a cama perguntou, e sua voz era a mesma de Will Decker.

- Consigo! – respondeu o menino, sorrindo.

Um sol para as manhãs de chuva

Terra 2439.

Há uma tempestade se formando em algum lugar – disso, não resta a menor dúvida. Com esse pensamento sombrio, Thomas Wayne se levantou da cama e se preparou para mais um dia. *Não há descanso para o homem que governa o mundo.*

Aproximou-se da grande janela do quarto e contemplou os arredores em silêncio. Havia relâmpagos em seus olhos. *A tempestade está vindo para cá. Dessa vez, não há nada que eu possa fazer.*

Lá fora, a manhã estava linda e azul.

1

- Cidade do Cabo?

- O último movimento pró-apartheid foi esmagado há quatro meses. Desde então, tudo está quieto. Tudo em ordem.

- Rio de Janeiro?

- O principal grupo de traficantes foi exterminado há seis meses. Tudo em

paz nos morros.

- Bagdá?

- A força de ocupação internacional foi varrida há três meses. O exército americano e seus ingleses amestrados não deram mais as caras. Os iraquianos são donos de seu próprio destino.

- Cidade do México?

- Os atravessadores de fronteira foram sistematicamente caçados nos últimos dois anos. Não restam muitos.

- Roma?

- O primeiro-ministro está devidamente afastado. Agora, os italianos esperam pela liderança de um profissional. Estamos providenciando uma boa peça de reposição.

- Pequim?

- O presidente chinês concordou em rever sua política de direitos humanos. Evidentemente, precisamos utilizar a força para que ele revisse seus conceitos.

- Los Angeles?

- Desde o mês passado, controlamos o capital dos maiores estúdios de Hollywood. Nos próximos anos, o percentual de filmes irrisórios cairá drasticamente.

- São Paulo?

- Não conseguimos impedir que a chuva continuasse caindo.

Thomas Wayne tirou os olhos dos papéis sobre sua mesa e encarou a figura elegante e altiva de Lucius Fox. Permitiu que o anel de Oa brilhasse durante alguns segundos – e a centelha esmeralda foi suficiente para que seu funcionário perdesse o ar confiante.

- Desculpe, senhor. Apenas uma brincadeira.

- A próxima pode custar mais do que seu emprego.

Hora de mudar de assunto, pensou Lucius.

- Senhor, percebeu que nosso trabalho se tornou mais dinâmico sem a

presença dos heróis? Especialmente, sem os pesos pesados: Diana e Caçador de Marte.

- Você se esquece de Jor-El.

- O kryptoniano? A despeito de seus poderes, ele não me parecia devidamente motivado.

- Ele era um cientista brilhante, Lucius – o que o tornava imprevisível. Mas o que mais me preocupava era sua biografia: um homem que perde a mulher amada e seu filho é capaz de muitas coisas. Você tem idéia das deformações que sua psique pode ter sofrido desde então? Eu desconfio. Passei pelo que ele passou. O pobre diabo sequer imaginava que eu o entendia melhor do que qualquer um... Sua raiva exposta em todos aqueles livros baratos... Sua impotência transformada em ódio silencioso, capaz de nublar toda a razão... Acredite, não havia entre nós ninguém mais perigoso do que o último filho de Krypton.

Thomas Wayne se levantou e se dirigiu para a porta de seu escritório.

- Sobre as prostitutas...

- As duas já estão à sua espera.

- Ótimo. Agora, enquanto satisfaço as necessidades deste corpo, quero que prepare um relatório detalhado sobre Serra Leoa. Uma estratégia de intervenção deve ser elaborada por sua equipe em três dias.

- Considere feito.

Antes de se retirar, Thomas Wayne se deteve em frente à janela do recinto e olhou para fora.

- Pode sentir, Lucius? Pode perceber que algo está para acontecer?

- Senhor?

- Ninguém mais se dá conta? – Por um instante, Lucius Fox pensou ter visto o homem fraquejar: como se estivesse de volta à casca desgastada e frágil de seu antigo corpo. Então, quase de imediato, viu-o retomar o controle do receptáculo jovem e atlético que sua mente agora ocupava – Não importa. Tudo será como deve ser.

- Tenho certeza de que sempre nos sairemos bem, senhor. Estamos no controle da situação.

Wayne se voltou com um sorriso irônico nos lábios.

- *A luz que hoje nos ilumina não é uma certeza. Amanhã, ela poderá fazer parte apenas de nossas lembranças: um raio de sol guardado em nossos corações como um tesouro enterrado nas profundezas da terra.*

Nada é certo. Tudo é passageiro, sonho, ilusão.

- Buda?

- Jor-El.

* * *

Naquele mesmo dia, o sol desapareceu do céu.

Sem aviso. Sem alarde. A chama de uma vela que se apaga com um sopro.

Um negrume intransponível, sufocante, se apoderou do mundo, não permitindo que nenhuma luz, por mais intensa, sobrevivesse ao véu espesso. Homens gritaram por suas vidas, mulheres gritaram por seus filhos, mas mesmo suas súplicas eram abafadas, corroídas pelo medo.

Então, o frio devastou o que ainda restava de sanidade. E o gelo que sobreveio destruiu o que ainda restava de vida: o sangue paralisado em artérias de vidro quebradiço, o ar em lâminas perfurando pulmões petrificados. O horror congelado da vida extinta, capturada entre o agora e o nunca mais.

Os planetas do sistema, sem sua referência, perderam a estabilidade de suas órbitas. Como crianças pequenas que se percebem subitamente privadas da presença dos pais, deixaram-se arrastar pelo tumulto, enlouquecidos, irremediavelmente condenados.

Num derradeiro abraço, a Terra e seu satélite se chocaram: a lua se partiu em três blocos pálidos de rocha; o planeta outrora azul, agora apenas carvão em brasa, foi arremessado na direção de Júpiter – iniciando aquela que seria

sua última jornada no espaço.
Protegido pelo poder alienígena do anel, Thomas Wayne foi a testemunha solitária do fim de seu mundo. Seu coração ainda batia, seus olhos ainda enxergavam – mas sua mente não mais se prendia a qualquer idéia ou juízo; seu espírito já havia partido.
Astrônomos de planetas remotos se ocupariam por anos com a visão estarrecedora de um sistema desagregado, cuja estrela, sem qualquer causa aparente, havia sumido. E se perguntariam, sem jamais obter a resposta, sobre a natureza daquele tênue brilho esverdeado que se distinguia sobre o gigante gasoso – como a chama inextinguível de um túmulo cósmico.

2

Uma Terra de super-heróis. Não catalogada.

- Existe um benfeitor que não está nos gibis – disse Valete Audaz com os olhos úmidos. O mais amado super-herói de seu mundo encarava a multidão na Praça dos Discursos Heróicos com uma alegria incontida. Sob o céu chuvoso daquela manhã de outubro, as cerca de duzentas mil pessoas presentes se espremiam não apenas para ver seu maior ídolo, mas também para homenagear o grande homem que viera do espaço. Um cientista sábio e bondoso, um benfeitor cuja genialidade não possuía paralelos.
- Ele nos ensinou a construir cidades cristalinas na lua – continuou Valete Audaz – Ele nos deu a tecnologia para a fabricação de naves transdimensionais. Ele nos auxiliou a achar a cura para todas as doenças que nos afligiam. Ele nos trouxe de volta, justamente quando mais precisávamos, a fantasia e o deslumbramento com o futuro. Senhoras e senhores, aqui está aquele que se tornou uma lenda entre as lendas: o homem do amanhã, Jor-El!
Saindo dos fundos do palco armado na praça, Jor-El se mostrou para a

multidão: o aplauso que se seguiu durou mais de dez minutos.

- Obrigado – disse, enfim – Obrigado à Liga da Decência e ao Valete Audaz por confiarem tão prontamente em um forasteiro... Obrigado aos Homens-X-da-Questão, obrigado à Trinca Tonelada, obrigado... a todos os super-heróis deste mundo. Sem vocês, não valeria a pena lutar pelo futuro.

Mais uma explosão de aplausos. A unanimidade, pensou Jor-El enquanto a calorosa manifestação não arrefecia, a unanimidade é tão viciante quanto qualquer droga. Ele se sentia feliz.

- Desde que cheguei ao seu mundo, exilado por um homem inescrupuloso, percebi que o destino não era, afinal de contas, um jogo de azar. Por que, de todos os mundos da criação, fui enviado exatamente para cá? Não há aleatoriedade. Não há acaso. Estou aqui para me redimir... para pagar por meus erros... para compensá-los por todo o sofrimento...

Havia falado demais? As pessoas na praça estavam quietas, tentando encontrar um sentido naquelas últimas palavras. Confuso, Valete Audaz olhava de um lado para o outro, sem saber ao certo o que estava acontecendo.

- Para compensá-los por todo o sofrimento... causado pelos malditos vilões!

Valete Audaz respirou aliviado. Mais aplausos se seguiram. Os sorrisos voltaram, e mais uma vez os títeres se sentiram seguros de que o “bem” estava em seu devido lugar: em completa oposição ao “mal”. Nada de tons cinzas, nada de sombras. Jor-El estava ao lado dos anjos!

- Nesse dia de comemorações, eu ofereço a vocês uma dádiva – imediatamente, uma menininha com seus seis ou sete anos caminhou até Jor-El carregando um cubo metálico nas mãos. Ele o pegou e o ergueu para que todos o vissem. Depois, com cuidado, abriu uma portinhola no cubo – e o milagre se fez: as nuvens escuras sobre a cidade desapareceram na mesma hora, e o céu abriu um azul acolhedor, iluminado pelos raios dourados que pareciam sair das mãos do cientista. Uma arco-íris se formou sobre a praça, arrancando suspiros da multidão embevecida.

- Retirei esta estrela de um sistema que não sentirá sua falta e a contive, reduzida, nesta caixinha especial. É um presente que vocês poderão utilizar quando os dias estiverem mais cinzentos, quando as manhãs estiverem chuvosas por muito tempo. Um sol de verão para os invernos mais rigorosos. Uma nova estrela para nos guiar.

Em meio ao regozijo geral, a garotinha puxou a manga da camisa de Jor-El. Seus olhinhos brilhavam.

- O senhor é Deus? – perguntou, a voz baixa, titubeante.

Os lábios do kryptoniano se estreitaram sutilmente, mas ele não sorriu.

- Por que pergunta?

- Minha mãe disse que Deus é muito poderoso e que faz coisas boas. Como o senhor.

- Sua mãe disse isso?

- Ela disse também que Deus pode até fazer coisas ruins, mas só as faz para punir as pessoas más.

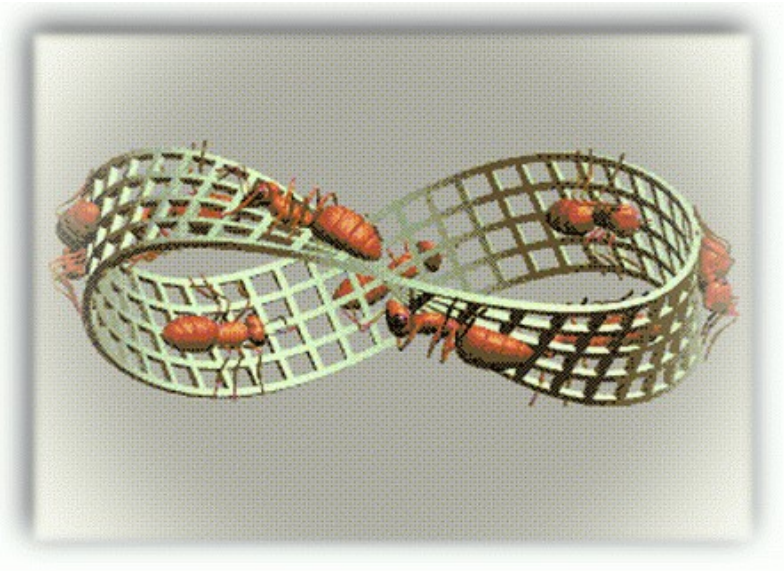
Jor-El se abaixou e olhou para a criança com uma expressão severa.

- Então, é melhor que vocês continuem sendo bonzinhos, certo?

Ela fez que sim com a cabeça, meio assustada, e se afastou depressa.

O enigma de Möbius

[12 T.N.]



- Quando um enigma não pode ser resolvido?

Penélope olhou para Picard de soslaio, sem se preocupar em responder. Já estava voltando à sua leitura quando o capitão da Thunderbird repetiu a questão.

- Eu não sei, Jean-Luc. Diga-me você – disse, mal humorada.

- Quando ninguém sabe que há um enigma. Você tem uma vasta coleção de respostas prontas, mas sabe que nenhuma delas se encaixará à pergunta que ainda desconhece. À pergunta que realmente importa...

- O que isso quer dizer? – Penélope deixou o *pad* na cômoda ao lado da cama e se cobriu com o lençol – Está tão entediado assim?

- Não é nada... Apenas algo assombrando minha mente. Você se lembra das palavras de Kirk? “O passado sempre volta – e vocês terão de se haver com

ele”.

- Já são mais de dez anos... Eu nem pensava mais nisso.

- Pois elas se repetem em minha cabeça a cada momento. Não há um inimigo que fiz, Penélope... não há uma ameaça em potencial que não esteja sob meu olhar. Ninguém de meu passado se aproxima de minha nave sem que eu saiba.

- Você tem mesmo agido de forma paranóica nos últimos tempos. Mas não acho que precisa se preocupar tanto... Se o futuro que Kirk pode enxergar é inevitável, o que poderia ser feito? Talvez seja melhor aproveitar a vida enquanto pode.

Picard meneou a cabeça negativamente:

- Não sou homem de me entregar ao destino, Penélope. Até que se prove o contrário, controlo minha vida e tudo o que acontece a ela.

- Mas você teme pelo amanhã, Jean-Luc. Não está seguro de si o suficiente para se sentir confortável – porque não é possível controlar todas as variáveis, não é possível estar sempre um passo à frente do que o aguarda, seja lá o que for.

- Exato. Não é possível... – Picard piscou, sorrindo – Não é possível dar a resposta certa a um enigma que ainda não foi apresentado.

De repente, o intercom ao lado da cama soou.

- Sim, Jarok?

- Capitão, a anomalia no tecido espaço-tempo é maior do que julgávamos. Talvez a Thunderbird esteja próxima demais da zona de influência.

- Algum perigo imediato?

- De acordo com nossos cálculos, não – mas seria prudente que nos afastássemos da Faixa de Möbius. Vinte minutos-luz bastariam.

- Faça-o agora mesmo.

- Sim, senhor. Ah... Capitão?

- Mais alguma coisa, Jarok?

- Nossos sensores captaram uma presença na Faixa... Mas não estamos bem certos em relação a isso.

- Uma “presença”?

- A princípio, parecia uma nave. Tentamos estabelecer uma comunicação com ela, mas não houve qualquer resposta. A tenente Linara especulou que não é nada mais do que um reflexo da própria Thunderbird.

- Interessante. Estou indo para a ponte.

Picard se levantou da cama e vestiu o uniforme da Frota. Lançou um olhar divertido para Penélope:

- Por isso, aceitei fazer parte da frota comandada por Kirk. Pelo prazer de me tornar, novamente, um explorador. Estamos à beira de um fenômeno inexplicável no tecido do universo... Não é magnífico?

- Uma Faixa de Möbius?

- Foi como a oficial de ciências o chamou há algumas horas, quando nos deparamos com ele – se o termo é equivocado ou não, ainda não sabemos. É uma deformação do espaço-tempo com mais de um ano-luz de comprimento, resultando numa superfície não-orientável bastante semelhante ao espaço topológico que conhecemos como Faixa de Möbius.

- Parece inusitado o bastante para fazê-lo se esquecer das *profecias* de Kirk.

Picard beijou a mulher:

- Talvez... Talvez seja um proto-modelo do próprio multiverso, embora seja cedo para afirmar qualquer coisa.

Quando entrou na ponte, Picard foi abordado imediatamente pelo comandante:

- Ainda não conseguimos nos afastar da anomalia. Ao que parece... estamos

dentro do fenômeno. Presos.

O capitão ficou imóvel durante um tempo, os olhos fixos no experiente romulano. Por um segundo, experimentou uma incômoda sensação de déjà vu, mas conseguiu se recompor rapidamente.

- Estamos na superfície da Faixa, Jarok?

- Nossos instrumentos não se mostraram confiáveis. A zona de influência é bem mais ampla do que supúnhamos.

- Bom... Agora, o que acontece?

A oficial de ciências, uma jovem e esguia cardassiana, respondeu:

- Estamos sendo arrastados por algo similar à correnteza escura... Impelidos a seguir em frente a uma velocidade considerável.

Picard se aproximou do posto da oficial de ciências e observou os monitores. Sua expressão era desanimadora.

- Quando completaremos uma volta pela Faixa, Linara?

- Em instantes. Adentramos pela face externa, depois passamos pelo mesmo ponto na face interna e, agora, estamos quase alcançando o local em que iniciamos nossa jornada.

Desgostoso, Picard balançou a cabeça.

- “O passado sempre volta” – dirigiu o olhar para Jarok, que não havia compreendido o sentido daquelas palavras – Um *loop* infinito no espaço... e no tempo. O desgraçado tinha razão. O desgraçado...

- Senhor! – o oficial de comunicações, um telarita quase tão veterano quanto Jarok, chegou a saltar de sua cadeira – Estamos sendo contactados por outra nave... Pela Thunderbird!

Picard não ficou surpreso.

- Somos nós mesmos, há alguns minutos. Já estávamos presos, mas ainda não tínhamos consciência disso. Não responda, tenente. Mantenha o

silêncio.

Linara arregalou os olhos. Debruçou-se sobre os monitores e enxergou a matemática da enrascada em que haviam se metido. Enxergou todas as implicações.

- Como resolveremos isso?

O francês caminhou até a cadeira no centro da ponte de comando e se sentou. Quando falou, sua voz era quase um sussurro:

- Quando um enigma não pode ser resolvido?

Penélope olhou para Picard de soslaio, sem se preocupar em responder. Já estava voltando à sua leitura quando o capitão da Thunderbird repetiu a questão.

- Eu não sei, Jean-Luc. Diga-me você – disse, mal humorada.

- Quando ninguém sabe que há um enigma. Você tem uma vasta coleção de respostas prontas, mas sabe que nenhuma delas se encaixará à pergunta que ainda desconhece. À pergunta que realmente importa...

[1.000.000 T.N.]

Antes que a noite chegue

Mãe... Mãe, onde você está?

Acordou com essas palavras na cabeça, como um eco, um sonho ruim que não se dissipava. Ficou quieta por um tempo, procurando se encontrar. Tentando se lembrar... Ela não conseguia se lembrar do próprio nome.

Que lugar era aquele? Nervosa, procurou por um espelho: não conhecia aquele rosto que se mirava, aquela face de olhos assustados. Pensou num repente, quase como se tentasse agredir a estranha no espelho: *não gosto de você.*

Puxou os compridos cabelos negros, beliscou a pele alva do braço, arranhou de leve o colo dos seios – testando a realidade de sua própria existência. Olhou para o quarto, para a cama de solteiro, a janela entreaberta deixando a luz da manhã entrar, o carpete branco e limpo sob seus pés. Olhou para o quadro sobre a cabeceira da cama, um barco no azul de um lago tranquilo, destacando-se no entardecer.

Na cômoda à sua frente, além do espelho havia uma bolsa e uma escova de cabelo. Abriu a bolsa, sentindo-se tola por não ter pensado nisso antes. Haveria de encontrar um documento com seu nome em algum lugar. Achou apenas um caderno com as folhas em branco. Procurou em gavetas pelo

presumido documento que revelaria toda a verdade a seu respeito, mas nada viu.

Enfim, encarou a porta fechada do quarto. O que haveria lá fora? Caminhou até a porta, levou a mão à maçaneta. Ficou assim, parada durante um tempo, incerta sobre o que fazer, incerta sobre tudo. O que descobriria a respeito de si mesma lá fora? Voltou para a cama e se cobriu por inteiro com os lençóis.

A porta se abriu e ela pulou da cama imediatamente, pronta para tudo.

Ao ver a garotinha vindo em sua direção, as pernas trêmulas se dobraram e ela caiu de joelhos. Evidentemente, não estava pronta para *aquilo*.

- O que foi, mamãe? Ainda tá doente?

A criança, que não devia ter mais do que quatro anos, a encarava com ar preocupado.

- Não, eu... Não, está tudo bem.

- A dor de cabeça melhorou?

- Dor de cabeça... Sim, estou melhor, querida – estendeu o braço e tocou de leve o rosto da menina.

- A senhora disse que nunca teve dor de cabeça daquele tamanho.

- Sim, foi... Querida, vamos brincar?

- Vamos!

- Eu aponto alguma coisa, então você me dá o nome dessa coisa. Depois é sua vez.

A menina fez uma careta.

- Isso é brincadeira de neném.

- Só um pouquinho – apontou para a escova de cabelo.

- Escova...

- Muito bem, agora é você.

- Ali – ela apontou para os chinelos ao lado da cama.

- Meus chinelos. Agora, minha vez – levou o dedo até o próprio nariz – Quem é a dona deste nariz?

- A mamãe – a menina riu.
- Mas tem que dizer o nome da mamãe.
- River...

Ficou em silêncio por alguns instantes, esperando que o nome despertasse alguma memória. Nada. Levou o dedo até o nariz da criança.

- E quem é a dona desse narizinho?
- Maria... Mas era a minha vez, mamãe.

River se sentou na beirada da cama e ficou olhando para sua filha. Queria poder se lembrar...

- Maria, você me dá um abraço? Por favor?

A menina se aproximou com os bracinhos abertos.

* * *

Elas viviam em uma pequena casa no campo. Construída no meio de um vale, havia uma cidade próxima – mas River só ia lá uma vez ou duas por semana para passear com a filha. Os sintetizadores de alimentos dispensavam as compras e a necessidade de armazenar comida.

Os poucos habitantes da cidade eram extremamente pacatos e, de forma até surpreendente, muito simpáticos. O prefeito da cidade, um senhor bonachão e risonho, adorava Maria. Sempre que a via, oferecia uma bala ou um chocolate.

- Está crescendo rápido, essa garotinha.
- Está. E como é que se diz, Maria? Você acabou de ganhar um chocolate.
- 'Brigada.

Os dias iam e vinham, tranquilos e agradáveis. O inverno não era muito frio, o verão jamais era quente em demasia. A vida seguia seu rumo, e as primaveras pareciam não ter fim.

Quando River se deparou com alguns fios de cabelo branco, levou um susto. Era o primeiro indício de que o tempo, mesmo a passos miúdos, estava

realmente passando.

Não demorou a perceber que, na verdade, seus cabelos brancos eram o *único* indício da passagem do tempo. Os habitantes da cidade continuavam os mesmos, presos à rotina dos dias imutáveis, incapazes sequer de envelhecer.

- Está crescendo rápido, essa garotinha.

River olhou do prefeito para Maria. Ainda nos seus quatro anos de idade, mesmo depois de tanto tempo. Abaixou-se e fitou os olhos da criança.

- O que foi, mamãe?

- Nada... – abraçou a filha com força – Eu só quero que você não seja apenas um sonho.

* * *

Acordou e, lentamente, foi até o espelho.

Os anos haviam deixado suas marcas. Seus cabelos, agora alvos como neve, emolduravam um rosto cansado, coberto de rugas. As mãos nodosas, um pouco trêmulas, buscaram a escova de cabelo. Antes que a alcançasse, a porta do quarto se abriu.

- Oi, mamãe.

Maria sorria seu doce sorriso, a infância congelada no tempo. A esta hora, River sabia, os habitantes da cidade saíam de suas casas e faziam as mesmas coisas de todos os dias: varriam as calçadas, limpavam as vitrines das lojas, alimentavam os animais. Como figuras em uma foto, como o barco imóvel no lago sobre sua cama.

Passou a mão nos cabelos da criança, negros como haviam sido os seus.

- Está chegando a hora, Maria. Posso sentir...

A menina se sentou no chão, a cara chorosa.

- Por que precisa ser assim? Por que a senhora tem de morrer? Por que não pode viver para sempre? Por que não pode ser como eu e todo mundo?

- Eu não sei... Mas foi assim que as coisas foram feitas. E isso agora não importa mais, Maria. O que importa é que, enquanto pude, estive ao seu lado. E meu amor por você... meu amor vai durar para sempre.

* * *

Na manhã seguinte, River não se levantou mais. Maria abriu a porta e andou devagarinho até a cama, onde a mãe jazia, imóvel. Beijou de leve seus cabelos, depois foi até a janela e a abriu para que a luz do sol entrasse. Com os olhinhos cerrados, Maria ouviu o silêncio no quarto – e ele era do tamanho do mundo.

Bem mais tarde, caminhou sozinha até a cidade. Andou pelas ruas desertas por um bom tempo, até que se deparou com o prefeito. Como sempre, ele lhe ofereceu um doce.

- Está crescendo rápido, essa garotinha – disse, automático.

Maria agradeceu, então o viu dar meia-volta para desaparecer numa casa próxima. A noite – talvez a mais longa – estava chegando.

* * *

Quando, séculos depois, encontraram a nave, depararam-se tão somente com o corpo de River. O holodeck em que ela se achava não era mais alimentado por nenhuma energia, e apenas as paredes negras cercavam seus restos mortais.

Como descobririam mais tarde, a mulher, uma poderosa telepata, havia se utilizado de um Neuroformatador para apagar a própria memória. Ela estava cansada de ser quem era. Cansada de bloquear as mentes de todos à sua volta, aqueles pensamentos em torvelinhos invadindo sua cabeça... Exilando-se nas estrelas, River buscou a companhia de pessoas cujas mentes ela não poderia ler: personagens de um ambiente criado pelo

holodeck, elaborado a partir de suas diretrizes.

Na ânsia por começar uma nova vida, River cometeu um erro, no entanto: ela não programou suas criações de forma que pudessem envelhecer como ela envelheceria.

Mesmo assim, ela conseguiu ser feliz. Mesmo rodeada por elementos estagnados e artificiais de uma fantasia... porque um desses elementos deixou de ser, de alguma forma, estagnado e artificial.

Agora, nada mais a ser feito, eles já estavam de saída. Apenas o capitão Hyu Kyn e a alferes Hanna Stamos continuavam a bordo da pequena nave. O corpo de River já havia sido transferido para a USS Jaspers.

- Havia este programa rodando no holodeck... “Phantasos”.

O capitão Kyn se aproximou da alferes, curioso.

- Como sabe?

- Transmiti um pouco da energia de meu tricorder para o arco de controle, senhor – ela olhou para o oficial superior com ar vacilante – Eu poderia acionar o programa por alguns segundos para vermos o que havia por aqui.

Kyn sorriu com tristeza.

- Acho que veríamos apenas fantasmas, Hanna. Talvez seja melhor... O que foi?

Os olhos da alferes haviam se arregalado, e ela deu um passo para trás. O capitão se virou rapidamente – e viu, incrédulo, a garotinha de cabelos negros e expressão severa estendendo uma das mãos em sua direção. Sua voz era um sussurro, um vento frio assobiando na escuridão:

- Minha mãe... Traga minha mãe de volta.

Carlos Bittencourt 2007 - 2011

Deus ex machina e Ariadne:

Jornada nas Estrelas, Jornada nas Estrelas – A Nova Geração, Jornada nas Estrelas – Deep Space Nine e Jornada nas Estrelas – Voyager são da Paramount Pictures.

Alien, Futurama, Perdidos no espaço, Planeta dos macacos e Duro de matar são da 20th Century Fox.

Planeta Proibido, Babylon 5, Matrix, 2001 – Uma odisséia no espaço, THX 1138, Agente 86 e Scooby-Doo são da Warner Bros.

Watchmen (Comediante), Pacificador, Sandman, Superman, Batman, Lanterna Verde, Caçador de Marte, Flash e personagens relacionados são da DC Comics.

Galactus e Logan são da Marvel Comics.

Spaceballs (Dot Matrix) pertence à MGM.

Battlestar Galactica (Cylons, Gaius Baltar), Serenity (River), Corrida silenciosa (Freeman Lowell) e Army of darkness (Ash) são da Universal.

Incal é propriedade de Les Humanoïdes Associés Ltda.

Chapolin Colorado é da Televisa.

Lost (4 8 15 16 23 42) é propriedade da Walt Disney Company.

Os Muppets (Pigs in Space, Dr. Bunsen) foram criados por Jim Henson e hoje são propriedade da Walt Disney Company.

Galaxy Quest (A NSEA Protector e sua tripulação) é da DreamWorks.

Paprika, criada por Yasutaka Tsutsui, é propriedade da Sony Pictures.

Akira é criação de Katsuhiro Otomo.

Star Wars é de George Lucas.

O Porviroscópio é invenção de Monteiro Lobato.

The Langoliers é de Stephen King.

Fundação (Hari Seldon) e as três leis da Robótica são criações de Isaac Asimov.

O Guia do Mochileiro das Galáxias (Marvin, Coração de Ouro, Gerador de improbabilidade infinita) é criação de Douglas Adams.

Little Nemo é uma criação de Winsor McCay.

Capitão 7 é criação de Rubem Biáfora e Ayres Campos.

Spectreman é de Sagisu Tomio.

National Kid foi criado por Daiji Kazumine.

Ultraman é criação de Eiji Tsuburaya.

Plan 9 from outer space: criado por Ed Wood.

O dia dos mortos (Bub) é de George Romero.

Flash Gordon foi concebido por Alex Raymond.

Godzilla é criação de Tomoyuki Tanaka e Ishiro Honda.

Mothra, Ghidorah, Rodan: E. Tsuburaya e I. Honda.

Os Thunderbirds (Lady Penélope, Jeff Tracy) foram criados por Gerry e Sylvia Anderson.

A Biblioteca de Babel é criação de Jorge Luis Borges.

Dr. Who (TARDIS) é propriedade da BBC.

Os “neuroformatadores” são equivalentes aos “neuralysers” de Homens de Preto (Columbia Pictures).

O Senhor do Caos:

O pequeno príncipe: criação de Antoine de Saint-Exupéry

A casa – Vinicius de Moraes

Emília e a Casa das chaves são criações de Monteiro Lobato (Ver A Chave do tamanho)

Fringe (Walter Bishop) é propriedade da Warner Bros.

BSG (William Adama) é da Universal.

Alf foi criado para a série homônima da NBC.

De volta para o futuro (Capacitor de fluxo) é da Universal.

Os direitos de Além da imaginação pertencem, em grande parte, à Warner Bros.

A "Visão além do alcance" é um dos poderes da espada de Lion-O, de ThunderCats (Warner Bros.)

Rocket Man foi composta por Elton John e Bernie Taupin. Em 1978, William Shatner interpretou a canção de forma bastante peculiar.

Lucy in the sky with diamonds, escrita por Lennon/McCartney, também foi homenageada por Shatner em 1968, no álbum The Transformed Man.

A casa – Vinicius de Moraes

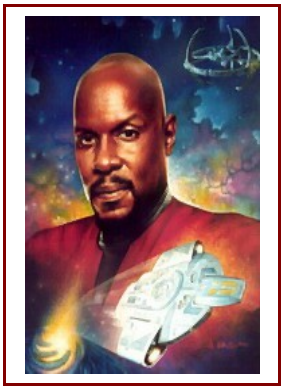
Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto, não tinha nada
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não tinha chão
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não tinha parede
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não tinha ali
Mas era feita com muito esmero
na rua dos bobos número zero

► Todos foram utilizados sem autorização. Apenas as histórias e as idéias que as alicerçam pertencem ao autor.

Não há qualquer fim lucrativo envolvendo a concepção e/ou a distribuição de *Jornada nas Estrelas – Multiverso*.

Contato: multiverso1701@gmail.com





Detalhes das ilustrações originais que serviram de base para a capa de *Jornada nas estrelas – Multiverso*.